



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Monique Ribeiro Montilha

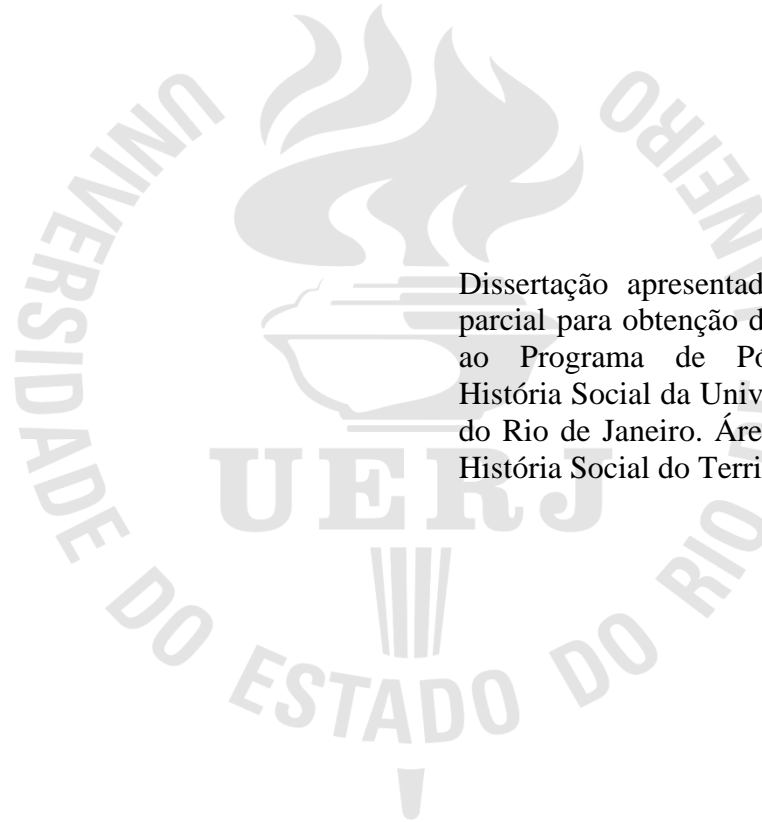
**Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras  
(1852 – 1855)**

São Gonçalo

2015

Monique Ribeiro Montilha

**Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Teresa Villela Bandeira de Mello

São Gonçalo

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

M792 Montilha, Monique Ribeiro.  
Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras  
(1852 – 1855) / Monique Ribeiro Montilha. – 2015.  
280f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Mulher – História – Teses. 2. Romantismo – Teses. 3. Movimentos  
sociais – Teses I. Quelhas, Iza Terezinha Gonçalves. II. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 396(091)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Monique Ribeiro Montilha

**Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 24 de março de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Teresa Villela Bandeira de Mello (Coorientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Maria de Silva de Oliveira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este estudo às pessoas que com toda paciência compreenderam minhas ausências e contribuíram para a realização desta jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que por uma loteria biológica me permitiu nascer na família que nasci, onde pude experimentar as coisas que experimentei e me apaixonar pelas coisas que me apaixonei, uma delas é a História.

Agradeço à minha família, destacando a colaboração da minha tia–dindinha (Dirce Maria), que me presenteou com vários livros durante toda trajetória e muitas outras coisas e ao meu marido Thiago Montilha, que com sua inteligência e “estilo” me doou sua paciência e ouvidos.

Por fim, quero agradecer as professoras: Iza Terezinha Gonçalves Quelhas, pela dedicada orientação; à Maria Teresa Villela Bandeira de Mello, pela coorientação, à Márcia de Almeida Gonçalves e a Cláudia Maria de Silva de Oliveira, por gentilmente terem aceitado participar da minha Banca Examinadora e ao Professor Emilio Maciel Eigenher, pela oportunidade de “aprender com os mortos” e pelas tardes de café com biscoitos, acompanhadas por longas conversas em sua casa.

A todos os companheiros: Avante!

## RESUMO

MONTILHA, Monique Ribeiro. *Imagens do feminino nos romances de folhetim do Jornal das Senhoras (1852 – 1855)*. 2015. 280f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

A presente pesquisa tem como objetivos analisar as imagens<sup>1</sup> do feminino nos romances de folhetim veiculadas no periódico carioca *O Jornal das Senhoras*, refletir sobre o lento processo de redefinição das funções sociais das mulheres, visando colaborar para a composição dos estudos históricos que tratam das questões de gênero, do romance na forma de folhetim e da Imprensa Feminina brasileira no século XIX. Nos utilizaremos da História da Literatura brasileira para contextualizar as publicações românticas folhetinescas, que são o objeto de nosso estudo. Em seguida nos dedicaremos a apresentar o *Jornal das Senhoras*, para posteriormente alcançar nossa proposta de análise concluindo que, as narrativas históricas e narrativas literária cooperam questionando-se e iluminando-se reciprocamente, criando uma teia de informações onde os elementos, históricos e literários, reais ou fictícios, vividos pelos indivíduos, ou criados pela imaginação dos narradores, oferecem ao historiador interpretações e explicações sobre o social onde estão inseridos.

Palavras-chave: Romantismo. História das Mulheres. Jornal das Senhoras. Folhetim.

---

<sup>1</sup> O uso das aspas se justifica pela intenção de dar à palavra imagens a ideia de representação.

## ABSTRACT

MONTILHA, Monique Ribeiro. *Female's images in serial novels of the Jornal das Senhoras (1952 – 1955)*. 2015. 280f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

This research aims to analyze the feminine images in the serial novels conveyed in carioca's journal *Jornal das Senhoras*, reflect on the slow process of redefinition of the social functions of women, aiming to contribute to the composition of historical studies dealing with issues of genre of the novel in the form of serial and Brazilian Women's Press in the nineteenth century. We will use the history of Brazilian literature to contextualize the serial novels, which are the object of our study. Then we will be dedicated to present the *Jornal das Senhoras*, and later reach our proposed analysis concluding that the historical narrative and literary narrative cooperate questioning up and enlightening one another, creating a web of information where the elements, historical and literary, real or fictitious, experienced by individuals, or created by the imagination of the narrators, offer the historian interpretations and explanations of the social where they live.

Keywords: Romanticism. History of Women. Jornal das Senhoras. Serial.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Receita de remédico contra a tosse convulsa das crianças .....	94
Figura 2 –	Lira do Jornal das Senhoras .....	96
Figura 3 –	Anais da Biblioteca Nacional .....	105
Figura 4 –	Divulgação da peça de Joanna Paula M. de Noronha .....	106
Figura 5 –	Poema em Frances escrito por Adele Toussaint .....	107
Figura 6 –	Anúncio da publicação da valsa Candinha, de Francisco Sá Noronha..	108
Figura 7 –	Valsa Candinha .....	108
Figura 8 –	Dedicatória a S. M. A Imperatriz .....	111
Figura 9 –	Nota de falecimento da irmã de D. Pedro II .....	111
Figura 10 –	O 1º exemplar .....	112
Figura 11 –	Advertência para as assinantes .....	113
Figura 12 –	Anúncio Vianna e C. Ouvidor 154 .....	113
Figura 13 –	Condições do Jornal das Senhoras .....	113
Figura 14 –	Aviso sobre dívida .....	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Principais publicações femininas brasileiras no século XIX .....	99
Tabela 2 –	Conteúdo do Jornal das Senhoras .....	114

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>ROMANTISMO, ROMANCE E FOLHETIM</b> .....	19
1.1	<b>O Romantismo enquanto fenômeno</b> .....	19
1.2	<b>O Romantismo no Brasil do século XIX</b> .....	25
1.2.1	<u>A função do Romantismo no Brasil</u> .....	32
1.3	<b>A importância dos periódicos no movimento cultural, literário e político ..</b>	42
1.4	<b>O folhetim</b> .....	50
2	<b>TRAJETÓRIAS FEMINAS: DO LAR PARA A ESCOLA, DA ESCOLA PARA A REDAÇÃO</b> .....	63
2.1	<b>Educação da mulher no século XIX</b> .....	76
2.2	<b>Literatura e escrita feminina como ofício</b> .....	83
3	<b>O JORNAL DAS SENHORAS</b> .....	104
3.1	<b>Emancipação moral da Mulher</b> .....	115
3.2	<b>Educação no Jornal das Senhoras</b> .....	130
3.3	<b>Os romances de folhetim do Jornal das Senhoras</b> .....	140
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	187
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	198
	<b>APÊNDICE A – Lista dos Folhetins</b> .....	204
	<b>APÊNDICE B – Dia a dia do Jornal das Senhoras</b> .....	205

## INTRODUÇÃO

O século XIX foi o século dos romances. Pouco a pouco os entrecos mitológicos, as lendas ou as fontes literárias do passado foram saindo de cena e dando lugar a enredos contemporâneos com novos argumentos. As tramas passaram então a envolver pessoas específicas em condições particulares e não mais tipos humanos genéricos atuando em cenários determinados pela convenção literária. Para tal realização o estilo romântico passou a incorporar vocábulos de uso cotidiano e cada romance passou a se debruçar sobre uma entidade individualizada e, por isso mesmo, particularizada para cada momento histórico (TELLES, 2009, p. 402). Foi também o século em que o público leitor se tornou maior e as mulheres burguesas faziam parte deste grupo. Na nova figuração que definiu o indivíduo como o entendemos hoje, foi definido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não europeu e de outras culturas. A mulher tem acentuada a função de subordinação ao homem, sua principal função é a de educadora dos filhos: um ser de virtude. É importante perceber que esta mulher reconfigurada aos moldes da modernidade estava inserida na lógica burguesa de compreensão de mundo e que, por isso, a percepção da mulher está fundada nos binarismos comuns a esta lógica.

O discurso sobre o feminino se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher enquanto delicada e maternal, como uma força do bem, mas quando se colocavam a realizar atividades que não eram culturalmente consideradas suas, eram tidas como usurpadoras. Este discurso naturalizou o feminino e colocou a mulher além ou aquém da cultura.

Neste contexto surge o romancista criando o mundo e nomeando as coisas. As mulheres criadas pelas linhas destes autores ou encarnavam o extremo desta alteridade da mulher misteriosa e intransigente para os limites dos padrões vigentes até então, ou a mulher assumia o papel gracioso de anjo do lar. No entanto é comum nestes romances caber à mulher os dois estereótipos, demônio ou anjo do lar, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido.

Não podemos esquecer que as mulheres pertencentes a este universo da leitura de romances, embebidas das linhas inovadoras ou conservadoras, passaram também a escrever. Naquela época surgiu um maior número de mulheres que começaram a escrever e a publicar, tanto na Europa quanto nas Américas (TELLES, 2009, p. 403).

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e, até mesmo,

impedidas ao acesso à educação superior, as mulheres do século XIX eram tanto musas inspiradoras, quanto criaturas destituídas de vontade própria, como pareciam querer as sociedades patriarcais. Para tornarem-se criadoras, a mulher teria que matar o anjo do lar, a doce criatura geradora da prole e enfrentar a sombra, o outro lado do anjo do lar, o monstro da rebeldia e da desobediência. Ou seja, coube às mulheres uma jornada penosa para que conquistassem o espaço de sua personalidade e de sua capacidade de criar, isto é, escrever, na sociedade.

A conquista do território da escrita, da carreira das letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. O romance, por mais inocente que fosse, era ainda um gênero literário de apreciação restrita, mal visto e tido como pernicioso para as mulheres. Entretanto foram várias as mulheres que não se detiveram pela maneira com que o romance era visto e liberaram suas penas para escrever romances, poemas, enigmas, charadas, cadernos de receitas e outros gêneros explorados pela escrita feminina. No Brasil do século XIX, várias mulheres fundaram jornais visando esclarecer as leitoras, dando-lhes informação, chegando a fazer também reivindicações objetivas. Comumente estes jornais pertenciam a mulheres de classe média, algumas investiam neles ou nessas publicações todos os seus recursos.

Temos no século XIX, em especial nas décadas de 40 e 50, um grande número de mulheres que começaram a escrever e publicar, não só na Europa, mas também nas Américas, não apenas nas capitais, mas também no interior do Brasil. Inicialmente, estas mulheres tiveram que aderir à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada a educação superior<sup>2</sup> ou qualquer educação a não ser a das prendas domésticas. Tais mulheres tiveram que ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. De um modo ou de outro, tiveram que rever o que sobre a mulher se dizia e rever a sua própria socialização. Esta revisão de sua própria condição de mulher foi a empreitada inicial das mulheres autoras do XIX, tanto as que se dedicavam aos romances, quanto as que se dedicavam a qualquer outro tipo de escrita.

A subordinação da mulher brasileira ao homem, admitida como absoluta e universal em nosso passado histórico foi uma ideia repetida sem maiores preocupações. No entanto, as próprias mulheres do século XIX, com todas as limitações impostas à sua educação, já tinham feito considerações altamente significativas analisando suas causas e verificando seus efeitos. Ao constatarem a aceitação pela mulher brasileira de um papel subalterno, protestaram e

---

<sup>2</sup> O ensino superior para as mulheres inicia em 19 de abril de 1879, inicialmente para os cursos de medicina (ginecologia e obstetrícia), farmácia e cirurgia dentária.

apresentaram esquemas de ação contrária. Desta forma, observamos a reação feminina, isto é, uma ação no sentido inverso das imposições da sociedade.

Vale ressaltar que a cidade carioca constituía-se como epicentro no que se refere tanto à circulação de ideias como a atuação, onde contribuíram para tal, fatores como a localização em seus limites das principais instituições políticas e educacionais e a posse de pujante produção cultural e econômica.

A vigorosa divulgação destas novas ideias encontrava-se aliada a outro fator inerente: o surgimento da grande imprensa, que cumpriu um significativo papel de divulgação. Através de tiragens significativas, a imprensa carioca, sob a modernização de suas oficinas, abordava temáticas diversas e as colocavam acessíveis aos cidadãos que soubessem ler.

Tendo realizado breve contextualização histórica abordando os pontos que entendemos como mais importantes que introduzem nossa proposta investigativa, é hora de esclarecermos a nossa proposta de investigação. Resumidamente, pretendemos analisar quais são as possíveis imagens do feminino nos romances de folhetim publicados no periódico *O Jornal das Senhoras*, que circulou na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos 1852 a 1855. Analisaremos também neste trabalho, além do movimento literário e cultural denominado Romantismo, o tema da educação feminina no século XIX, visando compreender o caminho percorrido por algumas mulheres até a redação de periódicos para finalmente nos dedicarmos a analisar as possíveis imagens femininas manifestadas nos romances de folhetim encontradas neste periódico.

O recorte cronológico é o período compreendido entre 1852 e 1855, e tal recorte cronológico se justifica pelo fato de que corresponde ao período de circulação do periódico na cidade do Rio de Janeiro.

Quanto aos principais tópicos que compõem nossa análise, estas são: o Romantismo e o Romantismo no Brasil, por acreditarmos que nos romances encontramos indícios de tempo vivido e manifestações do espírito da época; a Educação feminina, pois pretendemos compreender o caminho percorrido pelas mulheres até os jornais e como conseguiram criar um lugar para elas; como continuidade do tema anterior trataremos da Imprensa Feminina, abrindo caminho para a análise dos romances de folhetim<sup>3</sup> do periódico acima mencionado

---

<sup>3</sup> Os romances que serão analisados não são todos de nacionalidade brasileira. Alguns são extraídos de fonte desconhecida, pois a redação do periódico optou apenas por informar que se trata de obra extraída, porém sem citar o original. Em outros casos se trata de obra traduzida, cuja redação do periódico optou também por não informar o autor original, sendo estas obras traduzidas por colaboradoras do periódico. Acreditamos que a presença de tais obras extraídas ou traduzidas de autores por nós desconhecidos, demonstra uma determinada linha de raciocínio e afinidade, além de identificar o caminho por onde as responsáveis pelo periódico

bem como das cartas dos leitores nele publicado. Temos a cidade do Rio de Janeiro como lugar de análise, pois foi onde o periódico circulou e onde acreditamos ter sido o epicentro das ideias da época.

Acreditamos aqui, que o contexto histórico, no qual nossa análise se insere, manifesta modificações em variados sentidos para o universo feminino. A investigação que aqui propomos pretende contribuir para o preenchimento de algumas lacunas existentes nos estudos sobre questões de gênero. Outra motivação que encontramos para nossa investigação está em crermos que, na contemporaneidade, novamente o espaço da mulher vem passando por momento de transformação, o que nos motiva a olhar para trás.

Temos como objetivos: analisar as imagens do feminino nos romances de folhetim veiculadas no periódico *O Jornal das Senhoras*, refletir sobre o lento processo de redefinição das funções sociais das mulheres no mundo e fundamentalmente no Brasil visando colaborar para a composição dos estudos históricos que tratam das questões de gênero, do romantismo e da Imprensa Feminina brasileira no século XIX, além de dar continuidade às reflexões iniciadas durante a confecção da monografia<sup>4</sup>.

No que se refere às hipóteses, apontamos para a interpretação de que as imagens do feminino, nos romances de folhetim oriundas do periódico selecionado, atendam a representações plurais que nos garantem indícios históricos de um processo que consideramos uma gradual redefinição das funções sociais da mulher brasileira ao longo do século XIX, processo heterogêneo, repleto de avanços e retrocessos.

O corpus documental que fundamenta a nossa proposta compõe-se de um conjunto de romances publicados no *Jornal das Senhoras* (1852 – 1855). Periódico carioca de publicação semanal, aos domingos, exceto seu primeiro número, que foi publicado em uma quinta-feira, e que conta com muitas publicações apócrifas. O periódico selecionado se encontra legível, totalmente microfilmado pela FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, além de se encontrar inteiramente disponível para consulta no site da HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA<sup>5</sup>.

---

acreditavam que a literatura brasileira deveria seguir. Ou seja, não é sem motivos que determinada obra fora selecionada para compor a redação do periódico.

<sup>4</sup> A monografia que deu início ao interesse pelo assunto foi apresentada como exigência parcial para conclusão de graduação se dedicou às representações do feminino veiculadas pelo romance *Úrsula*, de autoria da maranhense Maria Firmina dos Reis, primeiramente publicado pela Tipografia Progresso, em São Luís (Maranhão) no ano de 1859 sob a autoria de ‘uma romancista’.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br>>

Com a finalidade de contextualizarmos as produções literárias e o conceito de *romantismo* para o século XIX, serão utilizados os trabalhos de Bernardo Ricupero, *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil* (2004); Jacó Guinsburg, *O Romantismo* (2005) e Manoel Luís Salgado Guimarães (1988), *Nação e civilização nos trópicos: o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO* e o projeto de uma história nacional, como referenciais importantes na medida em que nos garantem uma análise do romantismo como conceito empregado para afirmar a nacionalidade, tal utilização se prolongou pelo século XIX por homens de letras desejosos por alinhar o país com as nações industrializadas.

A obra *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil* (1830-1870) nos situa em relação à particularidade do caso brasileiro, pois, para o autor, o cenário do romantismo é o momento posterior à independência, no qual existiu a preocupação em se completar a obra de emancipação política, dotando a Nação de autonomia cultural. Sendo esta a missão do romantismo: definir e dar forma ao Brasil independente em caráter cultural. No mesmo sentido, a obra *Nação e civilização nos trópicos: o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO* e o projeto de uma história nacional (1988) se faz especialmente importante, pois é neste contexto de busca pelas definições culturais e geográficas que se encontra o movimento romântico.

Por outro lado, a obra *O Romantismo*, de Jacó Guinsburg, nos importa em especial por oferecer uma conceituação de romantismo como fenômeno da humanidade ocidental, que se manifestou posteriormente ao Século das Luzes. Segundo o autor, um corte epistemológico para o Ocidente. Corte este que mudou a visão de mundo e a visão de ser no mundo, “(...) o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente” (J. GUINSBURG, 2005, p. 14).

Desta forma, o conceito de Romantismo, em suas perspectivas de gênero literário e conceito historiográfico são necessários para a elaboração desta dissertação, pois está relacionado ao surgimento do Romantismo como um marco na literatura brasileira. Tais elementos são referenciais importantes na medida em que nos garantem uma análise do romantismo como conceito empregado para afirmar a nacionalidade, tal utilização se prolongou pelo Segundo Reinado por intelectuais desejosos por alinhar o país com as nações industrializadas.

Compondo a linha de raciocínio, as obras *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990) e *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes* (2002), do historiador Roger Chartier, nos garantem a análise das questões ligadas à representação.



Nicola Abbagnano, em seu *Dicionário de filosofia* (2007) indica que representação significa imagem ou ideia ou ambas as coisas. Além desta consideração, nos informa também que este termo foi usado pelos escolásticos para se referir ao conhecimento como “semelhança” ao objeto, sendo desta forma que, no presente projeto, pretendemos trabalhar com as palavras imagem e representação.

Para aperfeiçoar a compreensão do conceito de representação, destaca-se o trabalho desenvolvido por Roger Chartier em sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990), que nos apresenta e contextualiza o conceito de representações sociais, na qual afirma que se trata de um processo de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Sendo, portanto, neste contexto que as representações sociais são inseridas.

Para o autor a compreensão das representações se dá a partir de três noções: representações, práticas e apropriações. A representação mostra duas possibilidades de sentido; uma que exhibe um objeto ausente e que é substituído por uma imagem capaz de reconstruir na memória e outra na qual a representação exhibe uma presença, como a representação pública de algo ou alguém (CHARTIER, 1990, p. 20). Já as práticas pertencem à outra natureza. O historiador escreve sobre as práticas do passado, existindo uma distância entre as práticas e os discursos. Por fim, as apropriações se refeririam aos modos como um texto, um pensamento, ou uma imagem se transforma e é dada a ler.

No que se refere ao trabalho com periódico, utilizaremos os estudos realizados por Tania Regina de Luca, na obra *Fontes Históricas* (2005) e o trabalho com *folhetins*, tomar-se-á como base para nossas reflexões a obra *Folhetim: uma história* (1996), escrita por Marlyse Meyer. Já no que tange à pesquisa com periódicos considerados exclusivamente femininos, recorreremos aos esforços investigativos realizados por Dulcília Schoeder Buittoni, em *Imprensa Feminina* (1990) e Norma Telles presentes na obra *História das mulheres no Brasil* (2009).

Para o conceito de gênero, recorreremos aos estudos da historiadora Joan Scott em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995) e às reflexões presentes na obra *A escrita da História: novas perspectivas* (1995). Além destas produções, utilizaremos a obra *A dominação masculina* (2010) de Pierre Bourdieu e o capítulo *História das Mulheres*, da historiadora Rachel Sohiet, presente nas obras *Domínios da História: ensaios de teorias e metodologias* (1997).

Feita a apresentação de nossa proposta investigativa, é hora de detalharmos os capítulos que compõem esta dissertação. No primeiro, elaboramos uma contextualização histórica destacando o Romantismo enquanto fenômeno da humanidade do Ocidente, que se apresentou posteriormente a movimentos sociais que promoveram profunda mudança na leitura de mundo em diversos aspectos.

Neste capítulo teremos a pretensão de informar aspectos do Romantismo como manifestações de ideais que marcaram, sobretudo, os séculos XIX e XX. Analisaremos as relações existentes entre História e o Romantismo, no qual se integram o estudo do desenvolvimento dos povos, de suas culturas eruditas, de seu saber popular e de sua personalidade coletiva nas linhas de um tempo cada vez menos mítico ou idealizado cuja História no seu todo fica submetida à temporalidade, que dá significação às suas ocorrências.

A história na perspectiva do Romantismo indica a trajetória de cada povo, país ou nação sua existência intrínseca a um sentimento de ser-do-grupo e do ser-em grupo. Pode-se dizer que um dos momentos propulsores do imaginário romântico nasceu da tomada de consciência dos processos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, sendo estes então processos de ruptura e de contestação por vários artistas românticos que viam, principalmente, no processo de diminuição do valor da imaginação e de industrialização razões para um descontentamento intenso. A ansiedade e as expectativas geradas pela combinação destas mudanças excederam as transformações do próprio movimento revolucionário, ocasionando uma tomada de consciência dos homens. “O Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente” (GUINSBURG, 2005, p. 14).

Desta forma faremos uma contextualização das ideias comuns à época em relação ao recorte cronológico ao qual nos propomos investigar. Finalizando este capítulo, buscaremos identificar como se popularizou a leitura de romances, bem como se deu o incentivo a escrevê-los, já que escrever, o que quer que fosse escrito, nos mais variados gêneros estilísticos: poesia, história, levantamentos topográficos, romances crônicas, dissertações etnográficas etc., contribuiria de alguma forma para que o objetivo visado pelos que conduziam o IHGB, no qual qualquer escrito que fosse considerado útil contribuiria de alguma forma para desenhar os contornos de uma imagem de Brasil cuja literatura tinha muito a oferecer (GUIMARÃES, 1988); neste ponto, refletiremos sobre o romance de folhetim.

No segundo capítulo, nos dedicaremos à questão da mulher no Rio de Janeiro, à educação das mulheres e ao lugar da mulher na produção literária. As modificações

econômicas implicaram em modificações estruturais nas famílias proprietárias de terras, principalmente com o advento da urbanização. Desta forma há uma reestruturação da família bem como da atuação de seus membros, pois passa a existir uma atuação das mães sobre a organização do consumo e da dieta alimentar entre famílias urbanas. A partir dessa atuação se pode perceber a construção e definição da mulher enquanto patroa e enquanto empregada no espaço doméstico e sobre o significado das relações e rituais de parentesco.

As opiniões, no que diziam respeito às mulheres no XIX, eram diversificadas. O acesso à educação não se dava de forma não homogênea, ou seja, homens e mulheres pertencentes a uma mesma família abastada tinham acesso diferenciado à educação. Considera-se importante refletir sobre a questão da educação formal feminina, pois o fato de existirem poucas escolas que ofereciam educação para as mulheres, não era o único impeditivo ao acesso feminino a educação formal.

Após termos realizado análise sobre o Romantismo como movimento de ideias e suas funções, levando a coincidência cronológica destas questões e tendo nos dedicado ao público leitor destas manifestações românticas, enfocando o público leitor feminino, nos aproximaremos mais objetivamente do que é objeto deste esforço investigativo: romances de folhetim do *Jornal das Senhoras*.

A imprensa foi veículo de divulgação de novas ideias de progresso, tendo em vista, mediante um discurso pedagógico, colocar a nação rumo ao processo civilizador. Desta forma, concluiremos o segundo capítulo caracterizando a Imprensa Feminina carioca do século XIX, realizando levantamento de jornais femininos e questionando as mudanças e permanências na história das mulheres e das relações de gênero na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro.

Finalmente, no terceiro e último capítulo apresentaremos as ideias presentes no *Jornal das Senhoras* sobre a “Emancipação moral da mulher”, ideia apresentada e retomada repetidamente durante todos os anos de publicação deste periódico, que se refletem nas escolhas dos romances publicados. Em seguida, refletiremos sobre a questão da Educação Feminina presente neste jornal. Esta questão se faz igualmente presente durante todos os anos de publicação e infere diretamente sobre os romances e sobre a missão que as redatoras em chefe acreditavam estar cumprido.

Nosso último e maior esforço investigativo será apresentado ao final, no terceiro capítulo, e consiste em apresentar os romances de folhetim presentes nos *Jornal das Senhoras*, identificando e comentando o perfil de todas as personagens femininas presentes nos romances, pois acreditamos que as personagens, e os comentários inseridos pelas

redatoras manifestam um ideal feminino, da mesma forma que a pluralidade destas mesmas personagens nos indica indícios de possíveis redefinições sociais.

Concluiremos apontando para as contribuições da literatura para a compreensão da história, demonstrando que na literatura encontramos indícios de tempo vivido.

Pode-se dizer que a história é tão necessária para uma completa apreciação literária, quanto à literatura para um completo conhecimento histórico, para sentir e julgar as relações humanas e sociais, as relações de classe, os costumes, os romances e novelas são instrumentos literários indispensáveis ao historiador. (BERNARDES, 1989, p. 43).

## 1 ROMANTISMO, ROMANCE E FOLHETIM

### 1.1 O Romantismo enquanto fenômeno

É a partir de 1848, quando a Primavera dos Povos marca o fim da onda revolucionária que varreu a Europa, que o questionamento sobre as relações entre literatura e política estimula o surgimento do escritor, cuja grande função é a experiência com a linguagem. É importante destacar que aqui se acredita que é por meio da linguagem que o escritor se apropria do mundo e constrói a sua própria realidade. Outro fator importante é o crescimento da imprensa jornalística e do mercado editorial no decorrer do século XIX, quando muitos escritores se tornaram profissionais, ou seja, conquistaram o reconhecimento da profissão de escritor. Desta forma, muitas obras eram acompanhadas por seus leitores e o sucesso comercial do que estes autores escreviam dependia de sua capacidade de “atrair” os leitores. Portanto, o processo de criação era, em grande medida, determinado pela necessidade de agradar a um público leitor (FACINA, 2004, p. 7-8).

Entre estas variadas formas temos o fato de que seus autores são considerados escritores, ou seja, um tipo específico de intelectual cujo trabalho envolve necessariamente a preocupação estética com a linguagem. Sendo este ou não um defensor da “arte pela arte”, mais preocupado com a experimentação formal do que com a transformação da sociedade, ou um autor comprometido, que vê na sua obra um instrumento de mudança, o que nos importa aqui é que ambos veiculam ideias, valores e opiniões através de um tipo de escrita em que forma e conteúdo são indissociáveis (FACINA, 2004, p.8).

Embora simplificada, esta visão é útil para pensar a obra como uma criação. Estamos lidando com um fenômeno que é marcado por certa aura de sacralidade, pois muitos autores ficaram canonizados como gênios e suas obras consideradas clássicas, produtos de talentos individuais. É bem verdade que há um senso comum que tende a naturalizar os critérios que ajudaram a consagrar determinados autores e obras, ou ajudaram a condenar tantos outros ao esquecimento. Nesse sentido, é necessário para os que pesquisam este tema historicizar seu objeto. Cada obra é fruto de seu tempo e, portanto, é historicamente situada. Por mais que ela tenha muito a nos dizer e nos pareça atual.

Além dos escritos serem produtos de uma época, assim também o são seus escritores. Então, mesmo autores consagrados, dotados de um talento especial que chega a destacá-los

dos demais seres humanos, é um indivíduo que está sujeito aos condicionamentos que seu pertencimento social e os processos históricos do qual é parte lhe impõem. Ou seja, a capacidade de escrever é algo que trabalha de certa forma com a criação e com as visões, representações e apropriações particulares de mundo, desenvolvendo assim um campo de possibilidades que afetam e são afetadas mutuamente. Nesta perspectiva, a afirmativa “tal escritor estava à frente de seu tempo”, faz pouco sentido, pois ainda que não seja compreendida ou admirada em sua época e só ganhe a consagração posteriormente, toda criação resulta de um processo histórico, produzido em uma sociedade específica, por um indivíduo que está inserido nesta sociedade por meio de múltiplos pertencimentos. Cada ponto de vista, cada interpretação de mundo é fruto de um processo de construção individual que se dá inserido em um conjunto. E, são as experiências vividas que dão forma a uma maneira de se comportar nas linhas de um escritor (FACINA, 2004, P. 10).

É preciso assim dessacralizar a criação, o que já vinha sendo feito pelos efeitos do processo de industrialização, principalmente na Europa, destacando as suas dimensões históricas e sociológicas, rejeitando a perspectiva idealista que a vê como uma esfera da atividade humana autônoma em relação às condições materiais de sua produção. Não se trata de negar a existência do talento, ou do gênio, mas sim considerá-la parte da dinâmica social, portanto, passível de ser analisada racionalmente (FACINA, 2004, p. 10).

Na segunda metade do século XIX, os intelectuais brasileiros se esforçaram para estabelecer os fundamentos, características e especificidades da nação brasileira. Nesta busca temos como palavra comum para quem se dedica a estudar as manifestações artísticas e as ideias que as alimentaram, sobretudo no século XIX, o Romantismo. Desta forma é como se tudo o que foi criado neste período, em termos de arte - literatura, pintura, teatro, escultura, arquitetura etc. - surgisse da amálgama formada por este, que desafiou o consagrado, o estabelecido, o modelado, aparentemente desde e para todo o sempre, efetuando assim uma revolução fundamental na conceituação e na realização de todas as artes.

Enfim o que é Romantismo? Pode-se dizer que o Romantismo consegue ser ao mesmo tempo e também separadamente uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico e um estado de espírito, como afirma J. Guinsburg em *O Romantismo* (2005). O Romantismo pode ser apresentado como uma dentre uma série de denominações como Classicismo, Barroco, Maneirismo, pelos quais denominamos os vários grupamentos de formas e peculiaridades que são os estilos, os modos de formar, e que traduzem qualidades e estruturas da obra de arte (GUINSBURG, 1978, p. 14). No entanto o Romantismo manifesta uma emergência histórica, sendo um evento sócio – cultural e que não pode ser considerado

apenas uma configuração estilística. É também uma escola historicamente definida, que surgiu em um dado momento em condições concretas e com respostas características frente a situações que foram apresentadas.

É necessário resgatar da memória que o Romantismo foi precedido pelo Século das Luzes, que abandonou uma visão teocêntrica e teológica judaico-cristã, que concebia a História como um ciclo de revelação do poder divino através de seus atos de vontade. O século de Voltaire e Diderot submeteu à crítica da Razão as peripécias da História Sagrada, minando o que era consenso e, com isso, os fundamentos de instituições religiosas, sociais e políticas que pareciam dadas para a eternidade.

No Romantismo a História se faz “realidade”<sup>6</sup>, integrando historiograficamente o estudo do desenvolvimento dos povos, de suas culturas eruditas e de seu saber popular, de sua personalidade coletiva, de suas práticas jurídicas e políticas, seus modos de produção material e espiritual, nas linhas de um tempo menos mítico e idealizado. A História no seu todo fica submetida à temporalidade, que dá significação aos eventos. A história romântica traça na trajetória de cada povo, país ou nação sua existência intrínseca a um sentimento de ser-do-grupo e do ser-em-grupo (ROUANET, 1999, p. 16).

A ideia de que indivíduos distintos sintam-se como parte integrante de um grupo de iguais resulta de um processo de formação, ou seja, de construção. E esta construção se fez, e continua a se fazer, através de diversos instrumentos socioculturais. Entre estes, os mais importantes foram, a escrita em geral e a História em particular, instrumentos privilegiados dentro deste sistema de concepções que costumamos denominar pensamento ocidental (ROUANET, 1999, p. 16).

Existem varias perspectivas sobre a criação de uma literatura que se defina como nacional. O resultado final deste processo de criação poderia ser fruto da vontade de alguns homens, mas que, no entanto, precisou produzir base material e social na realidade. Sendo esta a situação que torna possível detectar diferentes posturas normativas. De qualquer forma, o projeto que defendia a criação de uma literatura brasileira unia nossos escritores românticos em prol de um mesmo objetivo: o de que o Brasil tivesse uma literatura própria e que representasse uma nação independente.

Ao nos determos no termo romantismo e sua historicidade, destaca-se sua utilização meta-histórica, pois tal termo se difundiu de tal maneira que podemos usá-lo em relação à determinada obra de arte ou determinada situação também na linguagem corrente

---

<sup>6</sup> Uso das aspas para relativizar a ideia de *realidade*, não a considerando algo único e compartilhado por todos, mas a tomando como uma das principais questões da Filosofia.

(D'ANGELO, 1998, p. 12). Sua história tem início por volta de meados do século XVII na Inglaterra,

“onde o adjetivo <<*romantick*>> tem o sentido de << à maneira dos velhos romances>>. Mas por <<romance>> é preciso entender, como a afinidade entre as duas palavras deixa aliás intuir, aquilo que os ingleses chamam *romance*, ou seja, uma narração fantástica, geralmente de assunto cavaleiresco, não o *novel*, ou seja, o romance realista que trata de acontecimentos contemporâneos ao escritor. Por isso, o sentido da palavra romântico ir-se-á definindo como <<imaginado, inventado como um romance>>. Um tal significado, inicialmente pejorativo, vai assumindo um valor cada vez mais positivo no decorrer do século XVIII, como termo referido a paisagens ou edifícios. Um castelo, uma ruína, um lugar selvagem ou solitário começam a ser definidos, cada vez com maior frequência, como <<romântico>>. (D'ANGELO, 1998, p. 22).

Por muito tempo se pensou que os frutos autenticamente especulativos do romantismo tinham sido colhidos pelo idealismo e que, portando, os elementos vitais da estética romântica deviam ser procurados não tanto nos protagonistas do romantismo, mas nos filósofos do idealismo alemão (D'ANGELO, 1998, p. 11). Tal situação teve sua mudança iniciada no decorrer do século XX, mediante aperfeiçoamento do conhecimento dos autores do romantismo, dos quais muitos escritos permaneciam inéditos, o que não permitia uma adequada compreensão da sua densidade teórica. Esta posição se alterou nas últimas décadas, na qual foi dada aos protagonistas do romantismo uma dimensão filosófica autônoma.

O romantismo não pode ser visto somente como o nascimento de uma nova sensibilidade, como uma nova atenção para formas expressivas de um novo tipo ou a aceitação de uma nova gama sentimental que se distinguia da tradicional. Foi também uma filosofia e, conseqüentemente, uma estética, um esforço no sentido de uma compreensão teórica e elaboração conceitual (D'ANGELO, 1998, p. 12).

Paolo d'Angelo afirma que,

Entretanto será preciso sublinhar sem demora que o romantismo não foi apenas um fenômeno relativo à esfera da literatura, das artes, do gosto e da estética, afinal, mas uma tendência que abrangeu e modificou radicalmente toda a cultura europeia. Religião, política, ciência foram igualmente influenciadas pela revolução romântica. No campo filosófico não houve apenas uma estética romântica, mas também uma filosofia da história, uma filosofia da natureza, uma ética e uma filosofia da religião orientadas pelo romantismo, que penetrou profundamente nas disciplinas históricas nascentes, acompanhando e condicionando radicalmente o estudo histórico da linguagem, do direito, das religiões e das mitologias. (D'ANGELO, 1998, p. 13).

Em muitos países europeus é possível fazer uma periodização relativamente segura no caso da estética, pois a teoria estética romântica se desenvolveu em muitos destes países a partir do que se virá a conhecer da riquíssima reflexão estética do caso alemão, que por sua



vez representa uma fisionomia que, apesar da variedade das tendências e das personalidades, permite uma reconstrução com alguma precisão. Para se fazer uma história do legado Romantismo, inevitavelmente esta acabaria se coincidindo, em grade medida, com a história da estética do século XIX. (D'ANGELO, 1998, p. 34).

O caráter autônomo produtivo da imaginação traz para o primeiro plano a atividade criadora e não reprodutora ou espelhar de elementos dados, traz para o primeiro plano a capacidade de produzir do artista e faz da arte algo pensado como uma livre produção do sujeito, transpondo assim a imitação. Desta forma se pensa a arte como projeção a partir da subjetividade. A arte não é imitação. “O poeta é um homem que sente mais vivamente que os outros homens, possuindo uma sensibilidade mais ampla, e que tem, sobretudo, uma maior capacidade de exprimir os pensamentos e os sentimentos que se produzem nele” (D'ANGELO, 1998, p. 124).

As teses dos românticos sobre o caráter expressivo da arte nos permite voltar ao que se dizia acerca da impossibilidade de reduzir o romantismo a mera exaltação da subjetividade e do sentimento, e sobre a necessidade de não subvalorização dos componentes intelectuais, conscientes da produção artística, ponto importante de muitas poéticas românticas (D'ANGELO, 1998, p. 126).

Romantismo é palavra comum para quem se dedica a estudar as manifestações artísticas e as ideias que as alimentaram, sobretudo, os séculos XIX e XX e pode ser apresentado como uma dentre uma série de denominações como Classicismo, Barroco, Maneirismo, pelos quais denominamos os vários grupamentos de formas e peculiaridades que são os estilos, os modos de formar, e que traduzem qualidades e estruturas da obra de arte (GUINSBURG, 2005.p. 14). No entanto o Romantismo, assim como outras manifestações artísticas, manifesta uma emergência histórica, um evento sociocultural, não podendo ser considerado apenas uma configuração estilística. É também uma escola historicamente definida, que surgiu em um dado momento em condições concretas e com respostas características frente a situações que foram apresentadas.

Como uma resposta a situações dadas, o Romantismo se insere não apenas no processo real da história europeia e ocidental, o que evidentemente não exclui a existência de traços romantizantes ou, uma tendência mais definida. O Romantismo se manifestou de diferentes formas e em diferentes culturas que de alguma forma entraram em contato. No entanto todas as formas de romantismo correspondem a uma matriz original de manifestação romântica.

Já disse alguém que houve tantos romantismos quantos românticos, o que seria, por outro lado a máxima concreção do Romantismo no seu caráter individualista, essencialização que por seu turno, implica uma redução sub espécie clássica... Seja como for, o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É pois uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente. (GUINSBURG, 2005, p. 14)

O Romantismo tirou de cena não apenas as concepções judaico-cristãs, mas também a concepção clássica de História, por que no século XVIII, embora já se falasse em uma história natural das instituições, o pensamento dominante ainda era aquele que considera a História um produto das vidas ilustres, do sábio inalcançável, ainda que às vezes banhados pelas paixões humanas e pagando por estas falhas trágicas, o preço heroico, iluminavam e melhoravam o homem produzindo o aperfeiçoamento ou progresso nas suas instituições.

Com efeito, a noção de progresso começa a instalar-se na arena histórica e filosófica e com isso se aproxima da realidade terrena, dentro de um tempo histórico, mediante a atuação humana, a possibilidade de um mundo melhor. O Século das Luzes embora ideologicamente perto, ainda se encontrava distante das realizações concretas específicas ou positivas na ordem das atribuições causais sobre as origens e motores históricos, de concepções de ideias como nação, povo, massa, opinião pública, classe, e outros agentes históricos, políticos, sociológicos, econômicos, culturais e ideológicos que são tidos como fontes dos processos, dos dinamismos, dos movimentos, das consciências, dos espíritos e das vontades coletivas que surgira em praças públicas com a Revolução Francesa e, mais especificadamente, com o Romantismo.

De fato, a Ilustração acredita no poder da razão natural “não é à toa que, metafisicamente exaltada ou cientificamente contida, projeta o cosmo como uma harmonia universal operada por leis e funções mecânico - matemáticas de um Deus não intervencionista ou de uma máquina mundo” (GUINSBURG, 1978, p. 15). Importa-nos aqui salientar que tais concepções ideológicas sobre o ser no mundo geram alterações no discurso histórico que acaba por sofrer alterações revolucionárias deixando de ser repetitivo e descritivo, para se tornar interpretativo. Isto posto, temos que:

[...] é a História que produz a civilização. Mas não a História, e sim as Histórias. Suas fontes propulsoras estão menos na ação isolada do homem abstrato, singularizado na sua *ratio*, do que, de um lado, no indivíduo, fantasioso, imprevisível, de alta complexidade psicológica, centrado na sua imaginação e sensibilidade, gênio intuitivo investido de missão por lance do destino ou impulso inerente à sua personalidade, que é o herói romântico, encarnação de uma vontade antes social do que pessoal, apesar da forma caprichosamente subjetiva de seus motivos e decisões, e, de outro lado, num ser ou organismo coletivo dotado de corpo

e alma, de alma mais do que de corpo, cujo espírito é o centro nevrálgico e alimentador de uma existência conjunta. Procedendo a uma espécie de 'onticização' fenomenológica das características e das expressões grupais, o Romantismo, na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros. (GUINSBURG, 1978, p. 15)

Assim, no Romantismo a História se faz realidade, integrando historiograficamente o estudo do desenvolvimento dos povos, de suas culturas eruditas e de seu saber popular, de sua personalidade coletiva, de suas práticas jurídicas e políticas, seus modos de produção material e espiritual, cada vez mais nas linhas de um tempo cada vez menos mítico ou idealizado. A História no seu todo fica submetida à temporalidade, que dá significação às suas ocorrências. A história romântica traça a trajetória de cada povo, país ou nação sua existência intrínseca a um sentimento de ser-do-grupo e do ser-em-grupo.

Podemos dizer que o imaginário romântico nasceu da tomada de consciência dos processos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, sendo estes então processos de ruptura. A ansiedade e as expectativas geradas pela combinação destas mudanças excederam as transformações do próprio movimento revolucionário, ocasionando uma nova tomada de consciência dos homens. O impacto destas mudanças alcançou diferentes formas em diferentes sociedades, muito embora existam traços comuns.

## 1.2 O Romantismo no Brasil do século XIX

As influências das ideias iluministas que culminaram com a Revolução Francesa (1789) e do ainda incipiente Romantismo vindo da Europa alcançaram a intelectualidade brasileira.

Maria Helena Rouanet demonstrou em *Introdução ao Romantismo* (1999) que, entre as diversas afirmações ou caracterizações encontradas para definir o Romantismo, a estreita relação existente entre esse movimento artístico e a questão da nacionalidade brasileira, merece relativo destaque. Para a autora esta relação é privilegiada em função da coincidência cronológica entre o surgimento da chamada Escola Romântica e a independência política do país que, ao deixar de fazer parte do Reino de Portugal, assumia o seu lugar como nação no mundo ocidental. (ROUANET, 1999, p. 9).

No entanto a produção artística Romântica e a ideia de nacionalidade não são privilégios do Brasil. Como reflexão sobre a relação existente entre Nacionalidade e o movimento Romântico, Maria H. Rouanet propõe dois caminhos interrogativos: a própria ideia de Nacional e a participação do Movimento Romântico na busca da nacionalidade (ROUANET, 1999, p. 11).

A ideia de nação, relacionada à concepção de um Estado organizado em termos políticos, com fronteiras territoriais bem definidas, é bastante recente em termos históricos, datando do século XVIII. No entanto a ideia de nação foi rapidamente consolidada e ganhou força, apesar de haver, ainda em fins do século XIX, muita discussão acerca de sua definição.

A própria ideia de nacionalidade, ou seja, a ideia de que indivíduos distintos sintam – se como parte integrante de um grupo de iguais resulta de um processo de formação, ou seja, de construção. E esta construção se fez, e continua a se fazer, através de diversos instrumentos socioculturais. Entre estes, os mais importantes foram, a escrita em geral e a História em particular, instrumentos privilegiados dentro deste sistema de concepções que costumamos denominar pensamento ocidental.

No caso do Brasil, este foi o objetivo da fundação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico. A proposta de criar um instituto histórico é veiculada no interior da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), criada em 1827, com a marca do espírito iluminista presente em instituições semelhantes que brotaram no interior do continente europeu durante os séculos XVII e XVIII, com a proposta de incentivar o progresso e desenvolvimento brasileiro. A SAIN e posteriormente o IHGB vinculam-se a projetos de natureza global, de forma a integrar as diferentes regiões do Brasil, ou melhor, de forma a viabilizar efetivamente a existência de uma totalidade coesa que sustente o que se entendia como nacionalidade.

No interior da SAIN são os militares: Raimundo José da Cunha Matos, como primeiro secretário, e o cônego Januário da Cunha Barbosa aqueles que irão empreender os primeiros passos no sentido de viabilizar um instituto histórico. Em 18 de agosto de 1838, apresentaram ao conselho da Sociedade Auxiliadora o projeto do IHGB, que foi aprovado em outubro do mesmo ano, sendo a instalação definitiva do IHGB na SAIN em 21 de outubro de 1837 (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

As diretrizes centrais para o projeto do IHGB ficam evidenciadas na afirmativa de Januário da Cunha Barbosa e Raimundo José da Cunha Matos no trecho intitulado: “Breve Notícia sobre a criação do IHGB”: “[...] as letras, além de correrem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza de seus alicerces [...]” (apud ROUANET, 1999,

p. 16). Usando as palavras de Manoel Salgado Guimarães, tratava-se de um “projeto” que tinha por alvo “o desenho dos contornos que se quer definir para a Nação brasileira” (1988, p. 7).

No mesmo ano da fundação do IHGB, mais precisamente no dia 25 de novembro, Januário da Cunha Barbosa apresentou, em discurso de caráter programático, os estatutos da recém-criada instituição, definindo duas diretrizes centrais para o desenvolvimento dos trabalhos: a coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil e o incentivo ao ensino público de estudos de natureza histórica. É importante salientar que nestes primeiros estatutos havia a pretensão do IHGB em manter relações com instituições congêneres, nacionais ou internacionais, e em constituir-se em sua centralidade na capital do Império, que, incentivando a criação de institutos históricos provinciais, canalizasse de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre as diferentes regiões do Brasil. Segundo Manoel Luís Salgado Guimarães, a semelhança com o modelo francês é evidente. Da mesma forma que as academias literárias e científicas provinciais francesas do século XVIII articulavam-se na teia mais ampla do processo de centralização levado a cabo pelo Estado, sediado em Paris. As *luzes* deveriam emanar do Rio de Janeiro para as províncias integrando-as ao projeto de centralização do Estado e criando os suportes necessários para a construção da Nação Brasileira.

Embora criado por iniciativa da SAIN, o IHGB era administrado independentemente daquela instituição, e, em 1º de dezembro de 1838, o IHGB encontrava-se sob a proteção do imperador, proteção esta que significa uma expressiva ajuda financeira, que a cada ano compõe uma parcela maior do orçamento da instituição. Cinco anos após a data de fundação, as verbas do Estado Imperial já representavam 75% do orçamento do IHGB (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

Para Maria Helena Rouanet (1999), é possível pensar que as ambições do IHGB eram muito bem definidas. De um lado, estariam as *letras*, como adorno da sociedade, e do outro lado estariam aquelas que consolidariam os seus alicerces, a História e a Geografia. Desta forma, teríamos a literatura, durante muito tempo denominada belas-letas e a escrita da História e/ou da Geografia que fazem parte da própria denominação do IHGB. No entanto, tal distinção entre as modalidades para a formação da Nação se dificulta, ao passo que a literatura tomou parte neste projeto de construção da Nacionalidade e desempenhou função efetiva, deixando de ser considerada mero adorno, como afirma:

[...] diversos membros do Instituto Histórico – como Joaquim Manuel de Macedo, que foi seu Secretário – circulavam indiferentemente pela escrita da história e do romance, da poesia ou do teatro. Ou porque um conhecido autor da época, Araújo Porto Alegre, não escondia o seu contentamento ao constatar a importância e o apadrinhamento que o próprio Imperador fazia questão de conceder ao IHGB. Para Porto Alegre, isto era a prova de que ‘ao literato já não pertenc [ia] [uma] existência secundária na ordem social. (ROUANET, 1999, p. 17)

O que quer que fosse escrito, nos mais variados gêneros da poesia, da história, levantamentos topográficos, romances, crônicas, dissertações etnográficas, entre tantos outros, contribuiria de alguma forma para se atingir o objetivo visado: a construção da nacionalidade brasileira. Havendo, no entanto uma condição: fazia-se necessário que, de alguma forma, o que quer que tivesse sido escrito pudesse ser considerado útil. Pode-se aqui considerar como útil àqueles escritos que contribuíssem para definir os contornos de uma imagem de Brasil.

Neste ponto, a literatura tinha muito a oferecer. Pelo menos era nisto que muitos acreditavam e não apenas no século XIX, também no século XX. Como podemos observar no trecho: “Um povo sem literatura seria, [...] um povo mudo, sem tradições e sem passado, [...]. De todas as artes é a da palavra, [...] aquela que exerce uma influencia mais penetrante, um papel mais saliente na formação da nacionalidade [...]” (ROUANET, 1999, p. 18).

A História e a Geografia eram úteis como instrumentos de constituição da ideia de unidade nacional à medida que traçavam a biografia do próprio país e davam aos que aqui nasciam um retrato físico do território em que viviam. Vale lembrar a importância dos dicionários em atribuir definição ao termo Nação. Como escreveu Gonçalves de Magalhães, em seu *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*, era tarefa da História “reunir todos os títulos de [...] existência [da nação], [...] como o nobre recolhe pergaminhos da sua genealogia” (apud ROUANET, 1999, p. 18).

Ou seja, com as contribuições da História e da Geografia é que se pode definir no dicionário o que é *Nação*. Com a Geografia, a fotografia, o mapa, se conhece o físico e com a História, a genealogia comum, a origem, as tradições, os costumes, etc. Por que a História se encarregou de recolhê-las e de ensiná-las a todos que nasceram dentro daquelas fronteiras então conhecidas através dos mapas.

Não se deve esquecer que a Geografia não se limita a parte física. O traçado do território ocupado por uma nação se dá por meio de decisões políticas, invasões e acordos, da mesma forma que a História não se limita a uma narrativa de episódios de modo a formar um todo coerente. Sendo exatamente por meio deste encadeamento de episódios que a história começa a fazer algum sentido. Aquilo que é narrado, no caso de uma História Nacional, é selecionado de forma a atender a uma ideia política dessa nação.

Ocorre que, no século XIX, diversos países estavam se constituindo enquanto nação (ideia que surgiu nos Setecentos), pois todos os países da América estavam se tornando independentes de suas respectivas metrópoles coloniais. Enquanto que na Europa, à medida que surgiam novos países, simultaneamente, Portugal e Espanha perdiam partes consideráveis de seus territórios e com isso perdiam poder. A França derrubava séculos de monarquia e em poucos anos se via na condição de Império com Napoleão Bonaparte. A Alemanha trabalhava sistematicamente sua unificação. Ou seja, os países tidos como relevantes no cenário internacional precisavam reestruturar ou criar a imagem de unidade cara à ideia de Nacionalidade.

Esta unidade, tão cara à ideia de nacionalidade, é o projeto ao qual se refere Manoel Luiz Salgado Guimarães. Projeto que teve a literatura como poderosa aliada. Difundir os elementos que passariam a ser considerados um patrimônio comum a todo um grupo era tarefa da literatura. Esta tarefa estava presente de modo mais visível nos periódicos, meio de circulação de informação mais acessível e comum do que o livro. Aos periódicos coube realizar um trabalho que nem a História e nem a Geografia foram capazes de realizar: socializar o conhecimento de fatos e dados para todos aqueles que deveriam partilhar esse patrimônio.

Foi pela capacidade de tornar visível o que ainda não o era, que a literatura foi convidada a participar do projeto de construção da nacionalidade. E é neste contexto que a palavra natureza, comum à literatura da época, deve ser interpretada. O Romantismo privilegiou, talvez mais do que qualquer outro tema, a contemplação da natureza, assumindo diferentes feições e funções nos diversos movimentos e gerações ditos românticos. Por vezes, a natureza aparece como o que o escritor usa para tomar consciência de seu próprio universo interior. Em outros momentos, como representação simbólica das “verdades inquestionáveis” da existência humana, como a inevitabilidade da morte etc. Em trabalhos mais elaborados, a natureza aparece como um ideal, sendo neste ponto que os brasileiros encontraram eco para inserir a literatura no projeto de constituição da nacionalidade, afinal, a natureza exuberante havia sido elevada a traço característico do continente americano. Marcar esta natureza nos periódicos com maior circulação permitia a afirmação de uma identidade, mediante a sua diferenciação ao outro.

Para exemplificar tal proposição, Maria Helena Rouanet utilizou versos da *Canção de Exílio*, que expressam tal manifestação ideológica: “Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas tem mais flores, / Nossos bosques tem mais vida, / Nossa vida mais amores”. Tais versos foram parafrazeados por vários românticos brasileiros, por expressarem a ideia de

diferenciação por meio da exaltação da natureza, assim como se institucionalizaram na letra do Hino Nacional. Tais versos distinguem o *Novo Mundo* do *Velho Mundo*, que é feita pela comparação, valorizando aquilo que só ela possui e que faltaria à Europa. É importante salientar que a repetição sistemática do pronome *nosso* acaba fazendo com que seja registrado ou conduza à apropriação na consciência de todos que o leem. Outros exemplos possíveis são: Capistrano de Abreu com a sua obra *O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*<sup>7</sup>, na qual afirma: “Logo que os europeus chegaram ao Brasil colheram de envolta com muitas informações verdadeiras os lineamentos de uma geografia fantástica” (apud GUILLEN, 2002, p. 105). José de Alencar com a máxima: “Sobretudo compreender os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo” (apud RICUPERO, 2004, p. 85).

O período que corresponde à formação dos estados independentes nas diversas regiões da América colonizada pelo povo europeu, entre os séculos XVI e XVIII, foi de incertezas. Construir identidade para países jovens era uma missão e um compromisso político comum também à construção e consolidação do império do Brasil, no curso da primeira metade do século XIX, época na qual os que dominavam a arte da palavra, sofrendo ou não os impactos resultante da independência, formularam reflexões e projetos sobre a experiência que viviam no meio social.

Aqueles que se dedicavam à arte de escrever buscavam representar o que seria genuinamente brasileiro. Sendo assim, elaboravam e manifestavam, em diversos campos, o desejo de autonomia da então nascente cultura brasileira. Buscava-se assim expressar e constituir o homem e a mulher brasileiros não como o outro em relação ao colonizador português apenas, mas nas suas marcas identitárias. É para responder também a este apelo que surgem os romances, peças teatrais e musicais, biografias, autobiografias, memórias, textos e pinturas históricas que exploravam a língua falada e escrita, da crítica das letras e rates, nasciam referências às terras de cá como pátria e nação.

Márcia de Almeida Gonçalves (2009) nos diz,

Na escavação que empreendemos, cumpre situar as ideias em suas ambiências e, no caso de que aqui nos ocupamos, elas nos remetem ao momento em que algumas

---

<sup>7</sup> Com este trabalho Capistrano de Abreu foi aprovado como professor do Colégio Pedro II em 1880.



concepções, como essa que agrega biografia/história/nação, se espalharam sob os ventos do romantismo.

É comum associarem-se as práticas de criação dos pertencimentos nacionais aos valores do movimento romântico, tanto nas sociedades europeias como em regiões americanas. Sem menosprezar essa associação e buscando em certa medida problematizá-la, nossa perspectiva de análise procurará entender o romantismo para além do seu lugar de manancial de referência sobre a nação.

Em cada uma das sociedades em que o romantismo veio a se manifestar como movimento estético, filosófico e cultural, suas significações foram múltiplas e profundamente impregnadas por especificidades regionais (GONÇALVES, 2009, p. 431).

O adjetivo romântico adquiriu variações semânticas em diversas localidades e periodizações. O que nos permite falar em – romantismos – conferindo a particularidade necessária a cada geração de autores num determinado país. Desta forma, se instaurou no campo da teoria e da historiografia sobre o Romantismo, abordagens que centram o foco no uso de delimitação geográfica e política de nação. Sendo assim, fala-se nos casos alemão, inglês, francês, italiano, português, brasileiro e tantos outros.

Embora existam íntimas relações entre os conceitos nação e romantismo, faz-se necessário deslocar a própria história de um em relação ao outro conceito. Tais conceitos, que ainda afetam as sociedades ocidentais, remontam à modernidade que se instaurou,  *grosso modo*, entre meados do século XVIII e meados do século XIX (GONÇALVES, 2009, p. 431). A tomada de consciência que caracteriza o novo frente ao que foi interpretado como tradição, demarca o curso da temporalidade caracterizada como romântica, definindo assim uma atitude uma forma de ver o mundo.

A atitude romântica tematizou o lugar de cada um, individualmente, e os situou numa comunidade, numa ordem cultural. As incertezas que caracterizavam a passagem o século XVIII para o século XIX, tanto na Europa quanto na América, aguçavam o conhecimento que pudesse dar sentido ao que existia e que daria conhecimento ao que viesse a existir.

Poderíamos dizer que a atitude e a visão de mundo romântica se quiseram numa espécie de consciência crítica, em alguns casos, atormentada, das transformações em curso. Compreende-se assim, em alguma medida, o diálogo, às vezes tenso, entre as formulações associadas à ilustração e à filosofia iluminista e aquelas características dos romantismos. Nesse aspecto, o valor e os sentidos da história, como experiência e conhecimento, tão fulcral para os propositores da  *Enciclopédia*, não só foram reificados pelos românticos como subvertidos e amplificados. (GONÇALVES, p. 433).

Os brasileiros souberam aproveitar as oportunidades que lhes foram oferecidas pelas concepções literárias que dominavam o mundo ocidental durante a primeira metade do século XIX. A natureza exuberante vista como tipicamente brasileira representava, acima de tudo, a

possibilidade de fazer uma literatura que fosse Nacional, já que exaltava as qualidades de sua fauna e flora, embora esta fosse produzida na língua do colonizador. Acreditou-se, então, que desta forma os brasileiros não estavam reproduzindo a literatura portuguesa, mas sim fazendo algo original. E desta forma o indivíduo possui certas características e se caracteriza como natural de, ou melhor, distingue-se por sua naturalidade.

### 1.2.1 A função do Romantismo no Brasil

Antonio Soares Amora, em *O Romantismo* (1967), define o Brasil do Romantismo, compreendido entre os anos de 1830 a 1880, que é também o Brasil da construção dos alicerces da nova nacionalidade. No entanto, para os brasileiros que viveram o Brasil romântico e em processo de gestação nacional, a realidade da jovem e promissora pátria se consubstanciava numas tantas verdades, que tinha de ser conscientizada, condição para que se definisse e vigorasse num sentido patriótico (AMORA, 1976, p. 35).

Amora (1976) destaca oito mitos nacionais do Brasil romântico que, para o autor, estão explícitos na obra *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, seriam eles: o mito da grandeza territorial; o mito da majestade e da opulência da natureza brasileira; o mito da igualdade; o mito da benevolência do povo brasileiro; o mito das grandes virtudes de nossos costumes patriarcais; o mito das nunca vulgares mulheres brasileiras; o mito do alto padrão da civilização brasileira e por fim, o mito da privilegiada paz. (AMORA, 1967, p. 36 – 37).

O Romantismo no Brasil, em sua amplitude histórica e na complexidade de seus fenômenos literários, foi gestado entre os meados do século XVIII até o fim do primeiro quartel do século XIX. A partir de meados do século XVIII as literaturas românticas, no Ocidente, de um modo amplo, promoveram um profundo movimento de renovação. Esta renovação constituiu no regresso às fontes primárias do Classicismo, da qual haviam se afastado, e na atualização deste mesmo Classicismo retomado, promovida pelo culto da originalidade. Buscou-se, naquele período iniciado no século XVIII, retomar o Classicismo e atualizá-lo, abrindo para novas perspectivas até que, no fim do primeiro quartel do século XIX, acontece a completa superação do Clássico pelo Romântico. Amora destaca que tal esquema de compreensão da literatura do mundo latino, de 1750 a 1850, é uma simplificação útil da realidade, com reservas peculiares ao modo como em cada país esta passagem se deu.

Para Amora (1967), no caso brasileiro, o termo Pré-Romantismo não deve ser empregado, pois, diferentemente do que aconteceu em países como França e Inglaterra, no Brasil, o gosto pela literatura clássica o aproxima mais de uma renovação do Classicismo. Ao fim deste processo com vistas em uma Renovação do Classicismo, o autor delimita que a primeira manifestação da consciência romântica veio com a *Carta de 1833*, de Gonçalves de Magalhães para o seu amigo Cândido Borges Monteiro. Antonio Soares Amora divide a gênese do Romantismo brasileiro em dois momentos: a Renovação do Classicismo seguida pela eclosão do Romantismo. O autor destaca que a divisão histórica que faz destes momentos não dá por uma relação de causa e efeito, mas por reconhecer as relações de contrastes vividas pelos primeiros românticos, Magalhães (a partir de 1833), Porto Alegre, Martins Pena, Joaquim Norberto e outros jovens da mesma geração. O autor de *O Romantismo* (1967) faz ainda outra distinção, separando o movimento que considera como a eclosão do nosso Romantismo, ocorrida entre os anos de 1833 e 1838, da literatura romântica, que segundo o autor teria se dado no decênio de 1840 ao decênio de 1870 (AMORA, 1967, p. 44).

As primeiras experiências românticas, em matéria de ficção, se deram a adaptações do romance europeu. Tais como romances de Walter Scott e Vítor Hugo, que começaram a serem vulgarizados no Brasil nos anos de 1830 pelos folhetins de jornal, que criaram no público brasileiro o gosto pelo gênero da ficção, os escritores brasileiros procuraram daí corresponder a este gosto. No fim deste decênio, os escritores brasileiros tentaram criar um romance nacional, indispensável a um movimento que já havia definido uma poesia, um teatro e uma historiografia nacionais e que pretendia desenvolver no País uma nova escola literária, romântica e nacional. Sobre os primeiros passos no sentido da criação de um romance brasileiro, Amora (1967) destaca as obras *Os Assassinos Misteriosos* (1839) e *As Duas Órfãs* (1840), de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e o romance histórico *Jerônimo Côrte Real* (1840), de seu irmão Pereira da Silva, com estes autores se deu duas das principais tendências de nossa ficção romântica: o romance histórico e o romance da atualidade. Um passo mais largo para a maturidade romântica brasileira se deu com o romance *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manoel Macedo, e as modificações do romance brasileiro se deram até que se definisse o Realismo e o Naturalismo, em 1881.

Teixeira e Souza desenvolveu uma série de obras seguindo os moldes europeu e americano de romance histórico, tais como *O filho do pescador* (1843), *Tardes de um pintor* (1847), *Gonzaga* (1848 – 1851), *A providencia* (1854), *As Fatalidades de dois Jovens* (1856) e *Maria ou A Menina roubada* (1852 0 1853). Entretanto, segundo Amora (1967) os esforços de Teixeira e Souza não possuem um sentido realmente nacional, o que significa que ainda

estavam longe de se comparar com o que eram, nos respectivos países, os seus moldes. Em 1857 surge *O Guarani*, de José de Alencar, que elevou o gênero a uma literatura de qualidade e significação nacional (AMORA, 1967, p. 194).

O romance histórico brasileiro foi, sobretudo, a busca de uma interpretação da história nacional, focando um episódio que, pelo essencial de seu espírito, dos objetivos de sua ação, do caráter dos seus protagonistas, valesse como símbolo da formação histórica da nacionalidade.

A *Moreninha* (1844) foi um romance de perfis femininos. Neste romance de um lado figurava a Corte e a alta sociedade carioca, de outro lado figurava uma história de amor vivida por uma menina ao gosto da sociedade carioca, que evidenciava a psicologia, as peculiaridades físicas e morais de um tipo nacional. Esta intenção se demonstrou em outros romances do mesmo autor publicados até 1855, que foram consumidos com entusiasmo por um público que veio a ser o primeiro grande público da nascente nova escola literária nacional (AMORA, 1967, p. 196).

O que alimentava estes romances era a realidade, o que acontecia e pode-se dizer *passava em frente às janelas abertas de qualquer casa*. Os tipos humanos, as moças e os moços, o que estava na alta do interesse de todos, natural que nessa realidade se procedesse também uma prospecção histórica que revelasse o que de mais autêntico e curioso havia na vida do Rio, por força da invasão dos estrangeiros, sobretudo franceses, e do esnobismo da chamada sociedade da Corte. Tais ingredientes constituíam o tempero dos romances de Joaquim Manoel de Macedo. Foi em 1855 quando Macedo publicou *O Forasteiro* e Manuel Antônio de Almeida publicou o segundo volume das *Memórias de um sargento de Milícias*, que foi criado um romance urbano que privilegiava a cidade do Rio de Janeiro, uma criação brasileira incontestavelmente original.

A esta altura, José de Alencar buscou alcançar a onda destes dois romancistas. Por outro lado a sua pena havia alcançado o romance europeu, o que permitiu que Alencar modificasse os padrões românticos postos em moda por Macedo. E assim, diferentes de *Rosas* ou *Vincentina*, resultaram logo os romances de estreia do escritor, *Cinco Minutos* e *Viuvinha*, publicados no fim de 1856 e começo de 1857, em folhetins do *Diário do Rio de Janeiro*.

As novas fórmulas para os romances foram então definidas com Alencar em 1856/1857. Apareceram novos quadros da sociedade, traçado por um romance de dramas passionais intensos, com crítica social, sociedade esta não mais pitoresca, mas uma sociedade elevada pelo dinheiro e por ele corrompida. Além deste, apareceram também novos perfis femininos, melhor delineados e agora não mais apareciam mocinhas adoráveis e interessantes, com

caráter voluntarioso, surgiam jovens casadas, de caráter singular e forte, dando abertura para uma psicologia moderna e exigente.

Este novo padrão para o romance posto em voga por Alencar sofreu a resistência de alguns críticos e de um público conservador, em que viam um realismo áspero e monstruosidades do caráter. E assim se deram os últimos dois decênios do Romantismo, com os romances *Lucíola*, 1862; *Diva*, 1864; *A Pata da Gazeta*, 1870; *Sonho d'Ouro*, 1872 e *Senhora*, 1875 de José de Alencar, acompanhado pelos primeiros romances de Machado de Assis, *Ressurreição*, 1872; *A mão e a Luva*, 1874; *Helena*, 1876 e *Iaiá Garcia*, 1878 (AMORA, 1967, p. 198).

Os romances das duas últimas décadas do romantismo se diferenciaram em muito daquele romance proposto por Joaquim Manoel de Macedo e se aproximavam dos padrões do gênero da Europa, além de estarem a par das ideias sociais e da ciência psicológica do período. Estes romances eram mais exigentes no que diz respeito ao estudo das características, em matéria de retrato da sociedade carioca e mais audaciosos na denuncia dos erros morais dessa sociedade (AMORA, 1967, p. 198 – 199). A empreitada de José de Alencar que, dentro dos quadros do Romantismo superou o romance de atualidade de Macedo e deu a ele mais realismo, profundidade e modernidade fez com que em 1881 se definisse o Realismo e o Naturalismo no Brasil.

Outra tendência da ficção romântica brasileira foi o romance indianista. A descoberta da significação moral, histórica e literária das civilizações indígenas das Américas, que seria o bom selvagem. Ao dar início, nos anos 1839, ao desenvolvimento do País, acolhemos a ideia de simpatia e valorização do índio, porém continuando um abstrato da etnia e da cultura brasileira. A literatura indianista brasileira teve início quando Gonçalves de Magalhães iniciou a elaboração da *À Confederação dos Tamoios* (1856) e do drama *Itaminda ou o Guerreiro Tupã* (1839) de Martins Pena e se manteve em suas características até o fim do Romantismo.

Sobre a poesia indianista, Antonio Soares Amora afirma que foram as poesias de Gonçalves Dias, publicadas de 1846 a 1851 que marcaram o ponto mais alto de nossa poesia indianista. Foi Gonçalves Dias que criou, em volta da literatura indianista, com *A Confederação dos Tamoios* (1856), e a polemica que seguiu, provocada por José de Alencar, um movimento de interesse de proporções realmente nacionais. Se por um lado foi a poesia que iniciou a categorização artística da literatura indianista e na conquista do gosto público para os seus assuntos, por outro lado foi no romance de Alencar que esta ganhou alta qualidade estética com *Iracema* (1865). Este romance penetrou na sensibilidade do público

nacional, a perenidade de seu interesse para os leitores brasileiros e até sua projeção, além-fronteiras, por força da ópera que o romance *O Guarani* (1857) inspirou a Carlos Gomes.

José de Alencar desenvolveu o nosso romance indianista em três sentidos. Primeiramente com *O Guarani* (1857), um romance histórico que expressasse enquanto epopeia fluminense e nacional os aspectos essenciais da formação da nacionalidade, trazendo a questão dos relacionamentos possíveis entre índios e portugueses. Outro sentido do romance indianista foi definido com *Iracema* (1865), ainda empenhado em realizar um romance que interpretasse a formação da nacionalidade, trazendo para a luz as lendas existentes por aqui. Já na última década do Romantismo, a temática indianista ressurgiu, mas agora com ares de tratamento etnográfico, *Ubirajara – Lendas Tupi* (1874), contudo este último não superou o que o mesmo autor produziu anteriormente.

O romance regionalista foi uma das últimas tendências da ficção romântica brasileira. A ideia estava em um romance que estudasse o homem do interior do Brasil, seus usos e costumes, sua vida social e o ambiente que condicionava essa realidade, reforçando a crença de que no interior poderíamos encontrar o brasileiro. O oficial tenente Taunay, nos anos de 65 a 70, nas campanhas militares contra o Paraguai, a conhecer o Brasil central, viu o homem do interior, seus costumes e a paisagem desta região. Taunay encontrou nesta região que as campanhas militares o levaram a conhecer, o seu romance *Inocência* (1872), o resultado foi que este romance revelava aos brasileiros um Brasil desconhecido no litoral, um Brasil interessante em matéria de natureza e tipos humanos (AMORA, 1967, p. 201). Alfredo Taunay sugeriu um novo rumo ao estilo da ficção brasileira, sugestão até certo ponto acolhida por Bernardo Guimarães em *O índio Afonso* (1873) e por Alencar em *O Sertanejo* (1876).

Antes do fim do Romantismo, aconteceu a tentativa de renovação do romance brasileiro, abrindo para ele a perspectiva de uma novidade sugestiva e significativa como aspecto da realidade brasileira, ao mesmo tempo em que uma postura oposta ao idealismo era adotada. O resultado da tentativa inicial renovação do romantismo foi um sucesso, *Inocência* foi uma obra interessante e encantadora, no entanto, nem seu próprio autor, nem os que responderam às suas sugestões, conseguiram levar aos novos rumos da ficção brasileira resultados melhores do que a obra de Alfredo Taunay. Em 1881, com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo e das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a reforma da ficção brasileira se definiu em termos de Realismo e Naturalismo (AMORA, 1967, p. 202).

Os anos posteriores à independência foram aqueles em que a necessidade em se afirmar as particularidades brasileiras foram mais latente, não por acaso esta era a tarefa do

romantismo no Brasil. Completar a obra de emancipação política, dando a nação maior autonomia cultural, era tarefa imposta aos homens da época: a emancipação cultural, ou melhor, a emancipação mental. Bernardo Ricupero em, *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830 - 1870)* (2004), apresenta a seguinte afirmativa de Benedito Nunes:

[...] pode-se afirmar que os românticos criaram a historiografia literária no Brasil, ao mesmo tempo que a historiografia literária, impregnada pela mesma ideologia com a qual a historiografia nacional apoiava a nascente monarquia, criou a literatura dando origem à identidade brasileira que a legitimava. (NUNES apud RICUPERO, 2004, p. 85).

As caracterizações econômicas e sociais se fazem necessárias, pois o econômico e o social caminham paralelamente. Temos neste momento um Brasil escravista, inserido nas lógicas liberais e burguesas e que por isso, se monta com as lógicas binárias comuns aquela ideologia.

A classe fundadora do Império consolidava suas prerrogativas econômicas e políticas. Ou seja: economia, comércio, produção escravista, compra de terra. Política: eleições indiretas e censitárias. Às vezes tais eleições garantiam algum conteúdo concreto ao seu liberalismo. Que se tornou por diferenciação e por extensão grupal, o fundo do ideário corrente nos anos 40 e 50 (BOSI, 1992, p. 200).

O Nacionalismo brasileiro se construiu na lógica liberal, que para acontecer, dependia da defesa da Nação e seus anseios e é nesta lógica que o nacionalismo era clamado. O Romantismo surge como voz que proclamava o nacional, o brasileiro.

O professor de Língua e Literatura Alemãs Georg Otte, na apresentação da obra *O Romantismo europeu: antologia bilíngue* (2013), organizado por Anna Palma, Ana Maria Chiarini e Maria Julia Gambogi, afirma que o romantismo europeu foi um movimento que resgatou as raízes europeias e que ganhou força na América do Sul como impulso para a autoafirmação e a busca por construção de identidade nacional<sup>8</sup>.

O paradoxo de um movimento de origem europeia contribuir par um distanciamento da Europa tem sua origem na própria Europa: colonizada pelo passado imediato do Iluminismo, ou seja, por uma razão universalizante, chegava o momento de afirmar as particularidades individuais mediante um passado anterior, a Idade Média. No entanto, a metáfora da raiz, emprestada da natureza, não esconde o fato de se tratar de mito de fundação para legitimar uma postura afirmativa no presente (OTTE, 2013, não paginado).

---

<sup>8</sup> Sabemos que este um processo longo que se estende ao longo dos séculos XIX e XX e vai se modificando com o passar dos anos entorno da questão central da nacionalidade.

Diversos esforços se fundem no objetivo de criar a nação brasileira. Em verdade, é a nação o projeto político deliberado estabelecido sob a égide da casa dos Bragança que explica os outros momentos literários, historiográficos etc. da busca romântica. Ao mesmo tempo em que, na Europa, o predomínio das ideias das luzes passará a contar com o instrumental intelectual mais favorável ao estabelecimento da literatura e historiografia nacionais. A elite intelectual do Segundo Reinado era impregnada das ideias românticas, desta forma considerava que para existir nação fazia-se necessário que existissem literatura e historiografia brasileiras.

No caso da literatura, os românticos se empenham para estabelecer um cânone nacional. Ou melhor, acreditava-se que antes dos românticos havia literatura feita no Brasil, por escritores nascidos no Brasil, mas não uma literatura propriamente brasileira como algo consciente de sua particularidade e de sua diferenciação em relação ao outro. Antonio Candido, em sua obra *Formação da Literatura brasileira* (2009), explicita que, para que a literatura venha a existir como sistema, é preciso que haja produtores e consumidores literários que utilizem a mesma linguagem, o que para vir a existir passa pelo crivo da vontade de certos intelectuais em produzir e consumir. No entanto, Bernardo Ricupero faz a observação de que a historiografia romântica brasileira bem como a crítica literária brasileira é fundada por estrangeiros. Para o autor seriam eles: o francês Ferdinand Denis; os ingleses Robert Southey e John Armitage; e o bávaro Karl Friedrich Von Martius. Ou seja, contraditoriamente, o movimento literário que insiste para a autonomia intelectual brasileira, não foi iniciado no Brasil.

Martius, em seu trabalho que resulta de um concurso promovido pelo IHGB, justamente sobre “Como se deve escrever a história do Brasil” assume o desconforto gerado por tentar propor um caminho para a escrita da história do Brasil, sendo ele alemão. A relação de intelectuais como Denis com o Brasil demonstra que, apesar da independência, a intelectualidade brasileira continuou a buscar legitimação cultural fora do país. O francês, que residiu no Brasil entre 1816 e 1818, foi durante a maior parte da sua vida Conservador e Administrador da Biblioteca de Sainte Geneviève, em Paris. Quando residiu no Brasil, foi procurado por brasileiros como especialista em nossas coisas, uma espécie de brasilianista, o fato de ser europeu colaborava para a sua reputação de erudito. De qualquer forma, já em 1826 (quatro anos após a independência), Denis atentou para a necessidade em se realizar a independência literária do Brasil, problema que preocupou quase todos os intelectuais brasileiros do pós-independência. Desta forma o problema pioneiro do nosso Romantismo já



está presente em Denis, ou seja, realizada a independência política, restava adequar a cultura brasileira à nova condição.

Antes o Brasil (e toda a América) seria fornecedor de riquezas, não partilhando das glórias das metrópoles, e agora, enquanto nação independente se fazia necessária a superação mental da época da colônia. A literatura teria que se tornar original. Para tal, Denis sugeriu a inspiração nos povos exterminados pelos europeus, sob a fórmula de fábulas misteriosas e poéticas. Com isso, Denis sugeriu o programa indianista que tanto marcou o romantismo brasileiro. Ferdinand Denis assinalou que já havia no Brasil um processo de autonomização da nossa literatura, processo este que teria se intensificado a partir do século XVIII. Entre os escritores desse século, destacou José Basílio da Gama, *O Uruguai* e José de Santa Rita Durão, *Caramuru*, ambos os poemas épicos com temática indianista, para o bibliotecário parisiense nestes poemas já se sentia o caráter nacional brasileiro (RICUPERO, 2004, p. 88).

Destacou ainda que aquilo que é mais particular ao Brasil é o fato de o Brasil ser o resultado da combinação de diferentes raças. Com isso, cada raça teria encontrado o seu espaço em nosso meio natural, resultando deste consórcio um povo com caráter original. O negro, com sua viva imaginação, se deixaria levar pelo sobrenatural; o português, por ser orgulhoso de suas tradições, ao mesmo tempo em que as conservaria, criaria novas e adaptadas tradições; enquanto que o indígena teria quase por instinto, a liberdade. O mulato, tanto na cor quanto no comportamento, lembraria o árabe, fruto do cruzamento do africano com o português.

Para Bernardo Ricupero, pesquisador do romantismo brasileiro, a independência intelectual brasileira ocorreu efetivamente apenas em 1836, com a publicação da *Niterói, revista brasiliense de ciências, letras e artes*, com o patrocínio de Manoel Moreira Neves. Para Ricupero, a independência intelectual é dada, não no Brasil, mas em Paris. Tal afirmativa se refere ao fato de a revista ter sido publicada por um grupo de jovens, dentre os quais se encontravam Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manoel Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem. Bernardo Ricupero cita a epígrafe da revista, que, para o autor, esta evidencia a intenção da mesma: “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”. (apud RICUPERO, 2004, p. 89).

Embora publicada fora do Brasil, a *Niterói*, encontra um contexto brasileiro bem diferente daquele das iniciativas pioneiras e isoladas de literatos estrangeiros em favor de nossa emancipação mental. Em 1831, o primeiro imperador brasileiro, Dom Pedro I, foi obrigado a abdicar. A oposição a sua figura havia sido impulsionada pelo que foi percebido como as tendências absolutistas do monarca, apoiadas pelo seu círculo íntimo em sua maioria

lusitano. Além do mais, havia a suspeita de que com a morte de seu pai, Dom João VI, o imperado ainda envolvido com a política portuguesa, desejasse sucedê-lo no trono da antiga metrópole. Consequentemente, se considerava que a independência brasileira corria grande perigo.

Mais grave era a situação do comércio brasileiro que ainda era controlado em grande parte pelos portugueses, o que, em uma condição de abastecimento deficiente, estimulava sentimentos antilusitanos. Com a notícia de que o rei da França, Carlos X, havia sido deposto por uma revolução liberal, noticia esta que se propagou rapidamente pelo Rio de Janeiro, criando ambiente favorável à abdicação de Dom Pedro I, ocorrida em 7 de abril de 1831. Muitos questionam ter sido este um marco da real independência brasileira, no entanto é inquestionável o fato de que a abdicação ao trono reflete desavenças e as coisas brasileiras passam a ser valorizadas como reação às portuguesas.

Para Bernardo Ricupero (2009) os introdutores do romantismo no Brasil foram Magalhães, nascido em 1811, Torres Homem, em 1812 e Porto Alegre, em 1806, nasceram no período da vinda da família real para o Brasil e foram influenciados por este clima de opinião. Seus protetores, como o livreiro e jornalista Evaristo da Veiga e o frei capuchinho e grande orador Monte Alverne, estiveram diretamente envolvidos no movimento contra Dom Pedro I. A saber, sobre Porto Alegre e Torres Homem, Bernardo Ricupero, em nota, oferece a informação de que Evaristo da Veiga chegou a auxiliar a estes financeiramente para a realização de suas viagens a Paris, onde mais tarde foi publicada a revista *Niterói* (RICUPERO, 2004, p. 90).

Além de reagirem ao antigo domínio lusitano, Magalhães, Torres Homem, e Porto Alegre, desde 1827 no Rio de Janeiro, souberam estabelecer relações na Corte que ajudaram no restante de suas vidas e carreira. Essas relações se desenvolveriam na Academia Imperial de Belas Artes, lugar de efervescência cultural da capital, frequentada pelas três figuras e onde o pintor rio-grandense iniciou com Jean Baptiste Debret o aprendizado de seu ofício, no Colégio Médico-Cirúrgico da Santa Casa; ou ainda no Seminário Episcopal de São José, onde Magalhães assistia às aulas ministradas por Monte Alverne (RICUPERO, 2004, p. 91).

Os contatos feitos no Brasil facilitaram a vida em Paris, onde encontraram Debret e conheceram franceses e portugueses ligados ao Brasil, como Eugène Gray de Monglave, secretário perpétuo do Instituto Histórico de Paris (IHP), desta forma os moços se tornaram sócios do IHP. A partir daí, as relações com este instituto foram frutíferas, o próprio Dom Pedro II chegou a participar, entre 1834 e 1850 da agremiação do instituto. O que nos importa

aqui, principalmente, é salientar que tal relacionamento influenciou na criação do IHGB. Ou seja, o IHP, serviu como modelo ao IHGB, fundado pouco depois.

Para estes jovens brasileiros, estar em Paris, a capital intelectual do mundo<sup>9</sup>, era a oportunidade de entrar em contato com as novas ideias europeias. Entretanto, Bernardo Ricupero demonstra que o encontro com essas ideias criou problemas para Magalhães e Torres Homem. Estes tiveram atritos com seu chefe, Luís Moutinho, que os afastou da carreira diplomática, o que acarretou o fim da revista *Niterói*, onde eram publicados estudos sobre economia política, ciências, literatura nacional e artes. Infelizmente, a revista *Niterói* teve seu fim apenas em seu segundo número. Ela se insere em um quadro maior das publicações que, tanto antes, quanto depois dela, procuraram usar a cultura como um objetivo prático de promoção do progresso nacional.

Nossos primeiros românticos foram leitores, segundo Bernardo Ricupero, das obras de autores como Madame de Stael, Chateaubriand, Benjamin Constant, Victor Hugo, economistas políticos como Jean Baptiste Say, e filósofos, como Royer-Collard e Victor Cousin. A principal ideia da revista *Niterói* estava em, primeiro, realizar a independência política e depois nos colocar na mesma condição daqueles países tidos como mais adiantados em amplas questões políticas, ciências, econômicas etc. Predominava então a concepção de nação nova. A escola romântica ensinava que a nação não seria sempre a mesma, ao contrário, apresentaria características novas e variadas em diferentes países. Portanto, nos tornarmos civilizados era uma necessidade, mas deveríamos assim nos fazer, à nossa maneira, desenvolvendo uma cultura própria. Desta forma a revista *Niterói* propunha um programa liberal, favorável ao livre comércio, incentivo à agricultura, o equilíbrio fiscal e o fim da escravidão. Tanto que, Torres Homem, a saber, mulato, escreveu um dos primeiros trabalhos brasileiros contra a escravidão, *Considerações econômicas sobre a escravatura*. Onde baseou seu argumento na análise comparativa dos efeitos do trabalho servil em diferentes sociedades, defendendo a ideia de que a escravidão possuiria efeitos deletérios para o país (RICUPERO, 2004, p. 92 - 93).

Já Magalhães, apresentou uma espécie de manifesto do romantismo brasileiro, sob o título, *Ensaio sobre a História da literatura no Brasil*. Baseando seus argumentos na ideia de que cada povo teria a sua própria literatura, entretanto, em seguida faz uma exceção para os povos cuja civilização é reflexo da civilização de outro povo. Desta forma o pensamento que foi denominado *culturas reflexas*, marcou o pensamento brasileiro, se iniciando no mesmo

---

<sup>9</sup> No Brasil dos séculos XVIII e XIX, a França era um modelo a ser seguido, principalmente em assuntos, ditos, intelectuais, por isso era conhecida como a “a capital intelectual do mundo”.

momento que surgiu a crítica literária brasileira. O pensamento central estava em acreditar que cada época e cada povo possuíam um determinado espírito que seria o sintetizador dos diferentes elementos presentes nos variados contextos históricos e sociais. No entanto libertar-se do legado colonial não seria fácil, desta forma Magalhães seria um grande crítico ao classicismo, marcado pelas influências lusitanas. Considerando que se conhecessem os cânticos indígenas, eles certamente influenciariam a poesia brasileira.

Ou seja, o autor de *Suspiros poéticos e saudade: ensaio sobre a história da literatura brasileira* (1836), não considerava que os índios eram aqueles que seriam capazes de captar os sentimentos da realidade brasileira. Desta forma o neoclassicismo, fundamentalmente estrangeiro, não seria a escola literária mais adequada ao Brasil independente. Contrastando com esta escola, o Romantismo tinha como principal preocupação, expressar as particularidades da experiência de diferentes grupos humanos e, mais especificadamente, daqueles que, tinham se tornado nações. Magalhães sugere que o romantismo seria a arte mais adequada à nova situação política do Brasil, devendo ter a finalidade de recuperar as experiências dos nativos com a terra. Em suma, os fundamentos do romantismo brasileiro para Magalhães eram: o meio, representado pela natureza exuberante, habitado pelo índio, portador da singularidade brasileira, devendo seus significados ser apreendidos pela sensibilidade do artista.

### 1.3 A importância dos periódicos no movimento cultural, literário e político

Em 1843, surgiu no Rio de Janeiro uma nova revista literária chamada, *Minerva Brasiliense* com as mesmas propostas de Magalhães, a publicação desta foi facilitada pela participação dos seus autores na Associação de Literatos e se incorporaram à revista outros nomes como, Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto Sousa e Silva e Emílio Adet (RICUPERO, 2004, p. 97).

De uma forma ou de outra a revista *Minerva Brasiliense*, manteve as mesmas preocupações que a revista *Niterói*, trazendo temas literários, políticos, filosóficos e de costumes, além de publicar poemas e romances. Bernardo Ricupero destaca duas questões que, para ele, não deixavam de estar relacionadas: a modernização do país e o estatuto da literatura brasileira. Para o autor, já no primeiro número da *Minerva Brasiliense*, ficaram claras as suas intenções modernizadoras. Para ratificar sua afirmativa Ricupero cita um artigo

de Torres Homem que foi publicado como introdução do primeiro número da revista, intitulado *Progresso do século atual* onde questiona, “quem pode prever aonde irão os resultados da perfectibilidade da espécie humana?” (RICUPERO, 2004, p. 97). No mesmo artigo, Torres Homem narra os avanços materiais, intelectuais e artísticos do século XIX. Isto depois de falar da imprensa, ferrovias, máquinas e navio a vapor, dos progressos do governo representativo, economia política e da nova escola romântica (RICUPERO, 2004, p. 97).

Nos exemplares posteriores da revista o tema da Educação apareceu, tema este que tem importância especial neste trabalho. Outro tema que se fez presente nos exemplares posteriores foi o tema da escravidão e sua substituição pelo trabalho livre. Os exemplares seguintes trouxeram trabalhos de autores como Torres Homem e Silvestre Pinheiro Ferreira, onde se discutiu especificadamente a colonização, já que a discussão estava em se incentivar a vinda de imigrantes europeus para o Brasil como solução para a crise ocasionada pela proibição do tráfico de escravos. Tratava-se, pois, da transição da indústria servil para a indústria livre, fazendo uso da expressão utilizada por Bernardo Ricupero (2004, p. 97).

Entretanto, na *Minerva Brasileira*, são os artigos sobre literatura brasileira os que chamaram mais atenção. Tais artigos discutiam questões como literatura no Brasil durante o século XVII, a existência ou não de uma literatura e de um drama brasileiros e outros temas que de alguma forma se relacionavam, como a nacionalidade da literatura, a situação da literatura na Argentina, etc.

Bernardo Ricupero, ainda na obra já citada, demonstra que Joaquim Norberto foi o responsável por periodizar a história da literatura brasileira, dividindo-a em três épocas. Desta forma, repete a argumentação de Denis e outros, sugerindo que a guerra contra os holandeses equivaleria à Idade Média brasileira e a Independência abriria uma nova época para as letras. Sobre Nunes Ribeiro, demonstrou que este desenvolveu uma argumentação para defender a tese de que existia sim, literatura nacional no Brasil, justificando a opinião de que com ela, a crítica romântica atingiu seu ponto culminante. Apoiando-se em Hegel, baseou seu argumento na distinção entre influências externas e inspiração. Ou seja, o meio físico e o contexto social constituiriam a fonte principal das influências que, de fora, agiriam sobre os indivíduos, em especial os artistas, que poderia modificar-lhes a inspiração. Nunes Ribeiro fez a seguinte reflexão: se os fatores externos (naturais ou sociais) agiam de forma a influenciar a produção artística, o fato de existir o Brasil, em condições sociais e ambientais tão diferentes das da metrópole, implica em si em existir uma literatura brasileira, mesmo que a língua utilizada para expressar tal realidade fosse a legada pela antiga metrópole. Com isso a argumentação de Nunes Ribeiro se diferencia da argumentação de Magalhães (RICUPERO, 2004, p. 99).

Da mesma forma como ocorreu com a *Minerva Brasileira*, a revista *Guanabara*, também foi publicada pelos primeiros românticos a partir de 1849. Dirigiam a associação de literatos que publicava a revista: Araújo Porto Alegre, romancista professor de História e de Geografia do colégio Pedro II; Joaquim Manoel de Macedo; e, o poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias. Bernardo Ricupero destacou que o público alvo da revista fica claro na apresentação da mesma com o seguinte trecho:

dedicado ao recreio das famílias, à mocidade das escolas, ao comércio e às artes, algumas vezes não se tornará indigno do filósofo e do especialista; pois, com a mistura de assuntos graves e obras amenas e variadas, procurará satisfazer da melhor maneira que for possível as curtas promessas que agora fiz. (RICUPERO, 2004, p. 99).

O título da revista faz referencia ao nome primitivo da cidade, o que deixou claro as intenções políticas da nova publicação. A revista *Guanabara* se identificava com o projeto de direção saquarema, que propunha um retorno ao projeto de organização política da constituição de 1824 na íntegra, eliminando as modificações que foram implementadas durante o período regencial. Desta forma a revista *Guanabara* pretendia forjar, a partir do Rio de Janeiro, uma literatura que unificasse as diferentes experiências e sensibilidades.

Um pouco depois, os editores da revista declararam uma nova missão para a revista, que chamaram de missão conservadora. Para Bernardo Ricupero, a conclusão que se tira é que depois da Revolução de 1848 na França e das revoltas sucessivas que se encerraram no Brasil com a Praieira, se tem uma tendência a retomada do passado, que seria mais seguro, daí é que se terá uma aproximação ao Partido Conservador. Assim, apesar de haver certo continuísmo entre a *Guanabara*, a *Niterói* e a *Minerva Brasiliense*, ela surge em um novo contexto.

Na revista *Guanabara* apareceram vozes que destoam em relação aos objetivos originais. Por exemplo, o deputado liberal Joaquim Manoel de Macedo em um artigo intitulado *Costumes campestres do Brasil*, afirma que uma cidade não pode ter nada de menos nacional do que sua capital, pois seria ali o lugar de circulação de ideias vindas de outros lugares. Numa linha que antecipou os romances sertanejos de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Afonso Taunay e o clássico de Euclides da Cunha sobre Canudos, sugeriu que a verdade sobre um país, o original, se encontraria no interior do país, não em sua capital.

Gonçalves Dias, em anonimato, publicou na revista em 1849, o poema *Mediação*. Em tom bíblico este foi seu trabalho mais profundo sobre escravidão. Entretanto a maior parte dos empreendimentos culturais do Império eram vinculados com a Coroa. O que fica evidenciado em 1855 quando a revista *Guanabara* reaparece graças ao apoio de Dom Pedro II, com direito

a agradecimento solene dos redatores da revista a Vossa Majestade Imperial. Apesar do apoio imperial, no ano seguinte a revista *Guanabara* deixa de existir.

A vacilação diante de como se posicionar em relação à questão da escravidão é traço marcante, como também é traço marcante de toda a primeira geração de românticos. É o que fica evidente no poema épico *Os Palmares* (1851), de Joaquim Norberto, se por um lado o escravo se revolta contra a senzala, chora saudoso o antigo cativo.

Ainda no que se refere à iniciativa de criar revistas literárias, em 1859, foi criada a *Revista Popular*, que teve a duração de três anos. Destacaram-se entre seus colaboradores os já conhecidos Fernandes Pinheiro e Joaquim Norberto. Com o enredo próximo ao dos periódicos anteriores, tratava de temas variados: notícia, ciência, indústria, história, literatura, artistas, anedotas etc. Para Bernardo Ricupero a *Revista Popular*, teve a característica de se pretender divertida, buscando ao mesmo tempo educar. Além destas características, tinha também uma perspectiva feminina, ao passo que oferecia em suas páginas artigos sobre costura, moda e economia doméstica.

Mantendo a vinculação com o Rio de Janeiro das revistas anteriores, a *Revista Popular* trazia em sua capa uma gravura da Baía da Guanabara. Havia nela um grande número de artigos traduzidos, mais do que nos outros empreendimentos românticos, o que, segundo Bernardo Ricupero, já reflete a decadência da escola literária no Brasil. Editada nos primeiros anos do desgaste político do império, a *Revista Popular* também se diferenciou em seu caráter apertado.

É aqui necessário destacar um elemento da *Revista Popular*: suas páginas continham queixas contra a situação do homem de letras. A revista identificava a causa principal do fracasso no país de empreendimentos editoriais. Na época em que a *Revista Popular* apareceu, os intelectuais brasileiros já demonstram ter certa consciência de sua situação no interior da sociedade. No entanto a maneira de se relacionar com a sociedade em seu entorno, continuava a buscar apadrinhamento.

Da mesma forma que nas outras revistas românticas, há na *Revista Popular* artigos sobre educação e colonização, o que revela uma preocupação modernizante. Estiveram presentes na revista, artigos que insistiram na educação como algo mais importante do que a instrução e traduziram-se artigos sobre a colonização. Artigos estes que apontavam a necessidade em se garantir a liberdade religiosa, a fim de estimular a vinda de estrangeiros não católicos para o Brasil e artigos que apontavam os impedimentos oferecidos pelo predomínio da grande propriedade no país e além de refletir sobre a questão da escravidão.

Os artigos de maior destaque serão novamente aqueles dedicados a literatura. Homem de Melo e Antonio Joaquim Macedo Soares são exemplos dos que notaram que, diante da preocupação com a organização política do país, ainda não havia um espaço para a literatura. Entre os artigos sobre literatura brasileira se destacaram os de Joaquim Norberto, por se esforçar em narrar o passado da literatura brasileira. O trabalho do crítico fluminense tem a vantagem de expressar o pensamento médio de nossos românticos, onde a intenção de se exaltar as coisas brasileiras como a natureza exuberante, a independência política e a criação das obras literárias se expressa claramente. Os índios detinham viva imaginação, língua harmoniosa e lendas inspiradas.

Norberto, em sua obra *Emulações poéticas* (1841) descreve a presença de seis épocas na história da literatura brasileira: séculos XVI e XVII, influenciados pelos jesuítas; primeira metade do século XVIII, embrião de uma literatura nacional quando se assistiu o aparecimento das primeiras sociedades literárias; segunda metade do século XVIII, desenvolvimento da literatura nacional por meio da Arcádia; começo do século XIX, predomínio da poesia religiosa; de 1822, em diante, quando, juntamente com a reforma política, teria aparecido a reforma das letras. Mais especificadamente, a história do Brasil se dividiria em três épocas principais: a antiga, antes da chegada dos portugueses; média, período colonial; e a moderna, dataria da independência. Para Norberto, da mesma forma que para Nunes Ribeiro, se a literatura produzida no Brasil refletia a realidade brasileira, o fato de ser escrita na língua herdada não impedia que esta fosse uma literatura caracteristicamente brasileira.

Os literatos reunidos em torno da figura de Gonçalves de Magalhães são amplamente dominantes na cultura brasileira do segundo quartel do XIX, a distância da corte se revelava como um fator que facilitava uma postura mais independente. Particularmente no caso dos estudantes de direito da província de São Paulo, apareceu a poesia ultrarromântica de Manoel Antonio Álvares de Azevedo, Aureliano José Lessa e Luís Nicolau Fagundes Varela e mesmo a abolicionista de Paula Eiró. Nesses autores a preocupação com as temáticas indianista e nacional, foram menos presentes, o que pode ser reflexo de um desgosto com a política do momento.

Em um aspecto literário, algumas vezes a atitude de Álvares de Azevedo será cosmopolita, defendendo que em tempos de colônia, a literatura brasileira não estava separada da portuguesa, já que as instituições, costumes e língua dos dois países eram os mesmos. Já em outras será nacionalista, elogiando a exaltação americana encontrada na poesia de Gonçalves Dias.



Entre os jovens colaboradores da revista do *Ensaio Filosófico*, em 1950, associação fundada por Álvares de Azevedo estiveram presentes alguns dos primeiros a questionarem a posição da poesia de Gonçalves de Magalhães em nossas letras. A *Revista Mensal do Ensaio Filosófico* teve Macedo Soares como principal colaborador. Para ele, que posteriormente se tornou ministro do Supremo Tribunal, a poesia indianista é superficial, se detendo mais ao vocabulário do que às ideias que animavam os primeiros habitantes da América. Macedo Soares insistiu na necessidade de se criar uma literatura nacional, que deveria usar temas indígenas como recordação. Para Bernardo Ricupero, antecipou assim, de certa forma, a tese de Machado de Assis, que acreditava ser o mais importante na literatura nacional, certo sentimento de reconhecimento íntimo, notando ser a grande vantagem da poesia de Gonçalves Dias em relação à de Magalhães, a preferência pela descrição. Neste sentido, os versos do escritor maranhense contrastariam com a exterioridade e artificialidade da poesia do autor de *Suspiros poéticos e saudades* (1836). Ainda para Macedo Soares, no aspecto político, não seria possível haver uma literatura brasileira que não tratasse de alguma forma do problema da escravidão.

De qualquer modo, os românticos brasileiros se esforçavam para dotar o Brasil de autonomia cultural através de outras formas que não apenas a criação de revistas. Dedicavam-se também a organização de ontologias literárias, que procuravam estabelecer um cânone brasileiro, para tal reuniam obras que melhor exprimiriam as ideias e sentimentos associados ao país. Em 1828, o cônego Januário Barbosa, publicou o *Parnaso brasileiro*, que, em linguagem neoclássica foi marcado pelas preocupações da independência, destacou a necessidade de divulgar internacionalmente a produção cultural do país. Em 1843, J. M. Pereira da Silva publicou outro livro com o mesmo título, onde, na apresentação, da mesma forma que Magalhães, julga que a natureza faz dos brasileiros espontaneamente poetas, mas diferentemente do introdutor do romantismo no Brasil, acredita que os índios não teriam como expressar-se através da literatura.

O político conservador considerava que, no século XVIII, a literatura teria características fortemente francesas, e desta forma, nada teria de nacional, se não o nome e a nacionalidade de seus escritores. Já Nunes Ribeiro e Joaquim Norberto, argumentavam que embora nossos poetas tivessem como molde os portugueses, que por sua vez também não eram originais, refletiam as circunstâncias dos costumes de portugueses da metrópole e da colônia e, desta forma, já havia uma consciência da especificidade da América.

Francisco Adolfo de Varnhagem, no seu *Florilégio da poesia brasileira* (1850), considera que nossa literatura tinha que se declarar independente de Portugal. Neste esforço,

utilizou em sua ontologia autores nascidos no Brasil, pois para ele estes saberiam expressar uma sensibilidade brasileira. Entretanto, a ideia que o historiador sorocabano tem de independência é bastante diferente da usual, a poesia deveria ser original, captando as particularidades brasileiras ao mesmo tempo em que estivesse de acordo com o padrão europeu. Ou seja, ao se criar uma poesia brasileira, fazia-se necessário basear-se nas regras literárias legadas da Europa, sob o risco de cair na barbárie (CANDIDO, 1957, p. 635 - 670).

A postura do cônego Fernandes Pinheiro, era ainda mais próxima de Portugal e de toda a Europa. Em seu *Curso de literatura nacional* (1862) dedicou poucas páginas de toda a sua obra à literatura brasileira, por que acreditava não existir literatura brasileira antes da independência. Cabendo ao Brasil a fatia de apenas 40 anos de literatura em toda sua obra. Segundo Bernardo Ricupero, algo aproximado de 30 das 520 páginas de sua obra.

No mesmo ano (1862), o trabalho mais sistemático sobre a literatura brasileira foi publicado. Sob a encomenda de Dom Pedro II, o austríaco Ferdinand Wolf, em *O Brasil literário*, iniciou a crítica romântica da literatura brasileira. A principal intenção da obra parece ter sido a de fazer uma espécie de propaganda do Brasil no exterior, não à toa a publicação ganhou uma versão em francês, onde considera que a literatura brasileira e o Brasil podem atrair as demais literaturas e nações civilizadas por suas diferenças em relação aos demais.

Para além das revistas e ontologias, o último passo do romantismo na busca da autonomia cultural é defender a diferenciação da língua falada no Brasil daquela utilizada em Portugal. E quem fez isso foi José de Alencar, quando reagiu às críticas ao seu estilo. No posfácio de *Iracema*, se colocando contrário ao argumento de Pinheiro Chagas de que o corpo de uma língua seria imutável, sendo a sua transformação possível apenas ao longo do tempo e pela soberania do povo, sustentando assim a influência de bons escritores na mudança da maneira de se expressar sentimentos e ideias. Desta forma, o principal veículo para a mudança seria o influxo e a mestiçagem de raças, tradições e das línguas. Ou seja, a língua se desenvolveria em meio diverso do original de forma própria. Sofrendo, principalmente no Brasil, a influência da mestiçagem, racial, cultural e linguística.

Entretanto, as transformações da língua não teriam acontecido apenas na América, pelo contrário teriam acontecido também nos países anglo e hispano-americanos. Apesar de as literaturas americanas terem procurado inicialmente imitar as produções vindas da metrópole, em seu novo ambiente acabaram por assumir características próprias, ao mesmo tempo em que passaram a se apresentar de forma original.

Os críticos literários românticos, a partir do projeto de busca da independência literária, chegaram a defender a diferenciação da língua falada no Brasil da de Portugal. Visando a realização de tais objetivos, literatos, em situação social pouco confortável, utilizaram diferentes instrumentos sociais, dentre os quais, se destacam a publicação de revistas e a organização de ontologias literárias.

Se por um lado os românticos brasileiros estavam preocupados quanto à emancipação mental do país, divergiam no que dizia respeito a como se devia narrar a história desta emancipação. De sorte que, duas linhas de interpretação se consolidaram: Gonçalves de Magalhães sugerindo que a independência coincide com a política e Nunes Ribeiro, afirmando que a individualização da literatura brasileira antecede à formação do Estado no Brasil, já que refletia as condições particulares do país. Tais divergências fazem com que se possa falar em histórias da literatura brasileira, dado que a periodização será diversa de acordo com a vertente do pensamento historiográfico sobre a literatura no Brasil.

Em favor da linha de pensamento adotada por Nunes Ribeiro, é possível argumentar que a conscientização da literatura brasileira enquanto algo distinto da portuguesa se deu de forma gradual e, desta forma, não pode ser marcada por uma data, 7 de setembro de 1822. Por outro lado, os defensores da abordagem de Magalhães contra-argumentam que condições materiais e sociais particulares originam consciências específicas.

O fato é que, a identidade nacional, se relaciona com a independência, mas não coincide inteiramente com ela. A autonomização de interesses e estilos de vida entre americanos e europeus, se inicia na colônia, se impulsiona com a emancipação política, mas não tem nela seu fim.

A construção de uma nação é algo que permite várias interpretações, fruto da vontade de alguns homens, mas que, no entanto precisou encontrar base material e social na realidade. Sendo esta a situação que tornou possível detectar diferentes posturas normativas. Magalhães defendia a realização ampla da independência. Já Varnhagem, insistiu numa espécie de evolução lenta, onde a independência com a antiga metrópole fosse feita de forma gradual.

De qualquer forma, o projeto que defendia a criação de uma literatura brasileira, unia nossos românticos em prol de um mesmo objetivo: o de que o Brasil tivesse uma literatura própria, que existisse como nação independente.

Após refletirmos sobre o que alguns intelectuais escreveram, podemos perceber que a colaboração feminina para a construção de uma identidade brasileira é pouco mencionada. As páginas das revistas que se dedicavam de alguma maneira à mulher, não raro, apresentavam temas como costura, culinária, economia doméstica etc. Como o caso da *Revista Popular*

(1859), já citado, não querendo supor que tais temas são de pouca importância para a história dos costumes no Brasil, pelo contrário, tais temas são de grande importância. Se para a literatura foi necessário assumir um molde brasileiro, o mesmo se deu com a moda, os costumes, a culinária, entre outros.

No entanto, o que merece destaque é o fato de que tais temas eram dedicados às mulheres, já temas de política, aos homens. Atualmente, devemos desconfiar desta postura passiva da parte feminina da sociedade. Como se todas as mulheres, com raríssimas exceções, não tivessem, de alguma forma, adotado alguma postura sobre a questão da nacionalidade brasileira na literatura. Contraditoriamente, a imagem da mulher doce, de longos cabelos trançados, sentada em uma varanda lendo um livro, também não traz nenhuma novidade. É uma imagem bem aceita e quase que inquestionável. Desta forma, algo parece estranho. Se as mulheres quem consumiam literatura, nos periódicos ou em livros, é possível supor que tinham alguma opinião sobre o que liam. As obras românticas, e não apenas estas, mas qualquer obra artística carrega manifestações do espírito de toda uma época. Manifestações estas que podem ser políticas, sociais, religiosas e identitárias.

#### 1.4 O folhetim

Embora tenhamos a consciência de que neste tópico teremos o foco nas questões relacionadas ao romance de folhetim no Brasil e sua importância como propagador de novas ideias relacionadas ao feminino, é importante mencionar, mesmo em linhas gerais, como se deu o processo de aceitação dos periódicos como objeto e fonte histórica.

Os esforços investigativos de Tania Regina de Luca (2005) nos auxiliam a compreender o caminho trilhado pelos historiadores até a aceitação de periódicos como objeto e fonte de pesquisa histórica.

No Brasil, já na década de 1970, era raro o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento histórico. Reconhecia-se a importância em conservar os impressos de periódicos, o que justifica a constatação da existência de numerosas publicações e difusão da imprensa no país, além do fato de que as trajetórias de jornais e jornalistas já contavam com bibliografia significativa, além de se aproximarem das edições fac-símile e dos catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional. Além de se conservarem os impressos, também se

admitia a importância de se escrever a história da imprensa, entretanto se relutava em admitir a possibilidade de realizar a escrita da História por meio da imprensa.

Não era sem motivos que se relutava em escrever História por meio de periódicos. Vários fatores explicam esta relutância, que não era uma exclusividade do Brasil. Havia até então uma tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX que associava o ideal da busca pela verdade dos fatos, julgando ser possível alcançá-la por meio de documentos, de natureza relevante, justificado pela crença nos documentos “oficiais”. Acreditava-se então nestes documentos e não se enxergava a possibilidade de que estes mesmos pudessem ser forjados.

Para trazer da escuridão e do silêncio o acontecido cabia ao historiador daquele tempo, dominando os métodos e práticas do ofício, valer-se de fontes definidas pela objetividade e credibilidade. Havia mais uma valorização hierárquica no que diz respeito à diversidade de documentos, por isso a demora em se aceitar os periódicos como documento histórico frente a registros e certidões, que eram então mais aceitos no que diz respeito à garantia de veracidade do documento. Os periódicos pareciam pouco confiáveis e não adequados para o processo de recuperação do passado, pois continham registros fragmentários de um presente que se apresentava de modo gradual e sob o influxo de interesses e paixões, fornecendo imagens parciais, distorcidas ou subjetivas.

Bem sabemos que a *Escola dos Annales*<sup>10</sup> inaugurou outro momento na historiografia, no que diz respeito à abertura em relação às fontes, entretanto, a crítica realizada já na década de 1930, não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa.

Nas décadas finais do século XX, a prática historiográfica alterou bastante. Na França, a terceira geração dos *Annales*<sup>11</sup> realizou deslocamentos que propunham novos objetos, novos problemas e novas abordagens. A aproximação com outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica incentivaram a interdisciplinaridade e trouxeram contribuições metodológicas importantes, merecendo o reconhecimento de expressivos grupos de historiadores, levando-os a refletir sobre as fronteiras de sua própria disciplina.

---

<sup>10</sup> Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, a chamada escola dos Annales é um movimento historiográfico que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História.

<sup>11</sup> Após o afastamento por aposentadoria de Fernand Braudel, em 1972, a *Terceira Geração dos Annales* compõe-se por uma plêiade de historiadores, dentre os quais podemos destacar os nomes de Jacques Le Goff, Pierre Nora, François Furet e Georges Duby. (Cf. BURKE, 2010).

Temáticas até então ausentes nas pesquisas históricas como mitos, mentalidades, práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, as crianças, as mulheres e etc. emergem em pesquisas que alcançam notoriedade pela credibilidade que aponta para um evidente processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores. Outro processo, talvez de percepção mais acanhada naquele momento, apontava para a passagem de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial, para uma História que focalizava os sistemas culturais. Tais mudanças alteraram a própria concepção de documento e sua crítica.

Após termos compreendido que houve uma abertura da história para novas questões, problemas e fontes com a terceira geração dos *Annales*, foi esta virada que trouxe o uso de jornais e revistas para o cenário das fontes históricas, mas permanece a questão: qual o lugar que a historiografia brasileira tem reservado à imprensa?

No Brasil, aos poucos, os pesquisadores ligados à História, principalmente, diminuíram seus questionamentos em relação ao uso dos periódicos como fonte confiável por falta de objetividade – a saber, nenhum vestígio do passado pode ostentar objetividade –, pretendia-se alertar para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas de acordo com os interesses do pesquisador, quando se orientava para só se atreverem a utilizar periódicos como fonte, na falta absoluta de outras fontes mais confiáveis. Tais restrições devem-se ao fato de que vários historiadores e especialistas no assunto consideravam a imprensa instância subordinada às classes dominantes.

No que diz respeito à trajetória brasileira até a tomada da imprensa como objeto de pesquisa, se destacou o trabalho realizado pelo pesquisador Nelson Werneck Sodré (1966), um dos poucos a abordar a história da imprensa brasileira desde os seus primórdios até os anos de 1960 (LUCA, 2005, p. 117). Ao lado deste, se destacam também a tese de doutoramento do pesquisador Arnaldo Contier, “Imprensa e Ideologia em São Paulo” (1973), e, em outra perspectiva, as dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1972), que foram fundidas na obra intitulada *O bravo matutino* (1980), por demarcarem o momento no qual a imprensa vira fonte.

Sobre as revistas, extensivo aos jornais, o historiador Jean-François Sirinelli (1996) observa que “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação efetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 1996, p. 249). É consensual que jornais e revistas não são obras solitárias, mas sim empreendimentos que reúnem indivíduos, o que os

torna projetos coletivos, porque agregam pessoas em torno de ideias, crenças, valores, que são difundidos por meio da palavra escrita. E que por isso podem ser caracterizados como “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum” (PLET-DESPATIN apud LUCA, 2005, p. 126), daí a importância em se identificar cuidadosamente, destaca a pesquisadora Tania Regina de Luca (2005), “o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos” (LUCA, 2005, p. 140), pois, para a autora, tais elementos dão conta de avaliar as intenções e conjecturas para o futuro, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de expectativas sobre de futuro compartilhados por seus membros, colaboradores e leitores. Tania Regina de Luca (2005) defende também que igualmente importante é inquirir sobre as ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, é preciso acrescentar a análise da materialidade e de conteúdo aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas dos impressos.

Os textos dos periódicos podem ser encarados como espaço aglutinador de diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste. Pretendemos com as reflexões feitas até então, apontar para um tipo de utilização da imprensa que faça análise circunstancial do seu lugar de inserção e demarcar uma abordagem que faz dos impressos, de uma só vez, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, inseridos na crítica competente.

Após refletir sobre como os historiadores podem se valer de periódicos, como objeto e como fonte para a produção historiográfica, destaca-se a importância da tipologia textual específica presente nos periódicos, o folhetim, que alcançou às páginas da imprensa brasileira por volta do ano de 1838.

Marlyse Meyer (1996) e Nelson Werneck Sodré (1966) nos informam que o termo folhetim é originário da palavra francesa *feuilleton*, criada pelo jornalista Émile Girardin, tendo aparecido pela primeira vez em 1830, no periódico francês *La Presse*. O termo folhetim indicava inicialmente o nome do espaço específico ao qual se destinavam as publicações de variedades, miscelâneas, resenhas literárias, dramáticas ou artísticas e misturas de variados textos literários e de igualmente variada autoria, o rodapé do jornal (MEYER, 1996, p. 55).

Criar um espaço no jornal destinado à publicação de textos que visava o entretenimento do público leitor foi uma estratégia formulada pelo jornalista Émile Girardin, com o objetivo principal de estimular o aumento das vendas e número de leitores, a esta estratégia se soma o baixo custo da venda do jornal. Aos poucos, o tipo de texto publicado no

espaço denominado *folhetim*, se tornou cada vez mais específico com a publicação de romances ficcionais. Parte desses romances eram obras prontas, que foram sendo publicados em capítulos no jornal, mais uma estratégia encontrada para manter a boa vendagem do periódico (MEYER, 1996, p. 30).

A curiosidade do leitor que desejava saber a continuação das histórias dos romances era aguçada, o que garantia a volta do leitor para adquirir as edições seguintes. Com o sucesso da publicação dos romances aos pedaços, se criou uma nova fórmula de publicação desse tipo de texto. Novos romances começaram a ser produzidos aos poucos, ou seja, os escritores iam produzindo romances para serem publicados no jornal e, à medida que as histórias eram publicadas, era possível verificar a resposta do público e a continuação das histórias dependia do gosto dos leitores.

Como os romances iam sendo escritos aos poucos, era possível testar a aprovação dos leitores. Neste trecho que é parte do folhetim *Um amor de mulher*, encontrado no *Jornal das Senhoras* lê-se, “Perdão, minhas leitoras, é porque eu não sei nada do romance, e quero entreter-vos com alguma coisa, que talvez estareis dizendo que dispensais de boa vontade” (JORNAL DAS SENHOAS, 22 de janeiro de 1854, 28). O autor ganhar tempo com “diálogos” autor/leitor, fazendo com que o leitor se sentisse de certa forma participando da autoria do romance, sendo cada vez mais cativado pela história. Em outro trecho do folhetim *Um amor de mulher* encontrou a seguinte passagem, “Indo ontem à casa de uma família, encontrei em cima da mesa da sala de visitas o *Jornal das Senhoras*: folheando-o, deparei com um artigo” (JORNAL DAS SENHORAS, 29 de janeiro de 1954, p. 34), nestas linhas temos que, até as personagens dos romances liam o periódico ao qual o romance fazia parte, era uma.

Antonio Gramsci (1986) afirma que “Os folhetins, tanto na intenção do diretor do jornal quanto na intenção do folhetinista, foram produzidos sob a inspiração do gosto do público e não do gosto dos autores.” (GRAMSCI, 1986, p. 124). Desta forma, o rótulo *folhetim* passou a adotar a própria noção de uma modalidade textual – o *romance folhetim*, modalidade textual que possui características particulares, tais como narrativa com presença de diálogos; suspense de um episódio para o outro (o que provoca a curiosidade do leitor); presença da figura do herói – um homem de gênio superior, solitário entre os medíocres, que triunfa entre os vencidos. Este herói se move em mundos antagônicos, como a alta sociedade e seu oposto e está sempre em máxima tensão e as oposições binárias, bem x mal, felicidade x amargura, felicidade x mesquinhez etc. são resolvidas por sua ação heroica de uma individualidade poderosa.



Até a primeira metade do século XIX, o Brasil vivia um período de certa censura que, além de inibir o seu próprio desenvolvimento literário e cultural, proibia a importação de algumas obras estrangeiras, mas que, no entanto, doava maior atenção para temas de política e economia. Mas a censura não conseguia vigiar as pessoas que viajavam e liam romances em outro idioma e os traduziam e repassam de forma clandestina. Levando em consideração o grande número de analfabetos quem figuravam na sociedade oitocentista, não eram raras as leituras feitas oralmente e coletivamente entre os membros da família.

Com o desenvolvimento da imprensa brasileira e a abertura, a produção cultural do país encontrou condições para prosseguir, sendo comum a esta época o aumento da produção de material impresso. O acesso aos livros era limitado, pois os preços eram altos. Desta forma, os periódicos em muito contribuíram para a divulgação e expansão do material literário e para a construção de um público leitor sólido, pois seu preço era acessível em relação ao livro. Temos no folhetim um dos elementos que contribuíram para a popularização da leitura.

A formação do público leitor apresentou dificuldades para se estabelecer com o público leitor feminino esta dificuldade foi ainda maior. E o folhetim trouxe o romance para as casas das moças de família menos abastadas e incentivou o desejo pela leitura.

Antonio Candido (1976, p. 100) nos informa que a necessidade em agradar ao público feminino influenciou os autores na criação de suas obras. As mulheres eram apresentadas no romance como público alvo. Não raro, quando o autor se dirigia ao público, geralmente utilizava a leitora como interlocutora. O que não quer dizer que os textos eram criados necessariamente para elas.

De qualquer forma, uma boa parte do público leitor feminino possuía acesso aos textos através das recitações e aos poucos o número de mulheres leitoras foi aumentando e acompanhando este crescimento foram surgindo periódicos voltados ao público feminino. Estes periódicos traziam artigos sobre instrução, modas, romances de folhetim etc. Estes periódicos estabeleciam certa cumplicidade com as leitoras e esta cumplicidade era traduzida em forma de esclarecimentos sobre as novas possibilidades para as mulheres europeias. Até que as mulheres passaram a redigir periódicos. Como é o caso do *Bello-sexo*; *O sexo feminino*; *O Jornal das Senhoras*; *A mulher e O quinze de novembro do sexo feminino*. Assim as mulheres passavam coletivamente a debater na sociedade os seus projetos, visando um espaço não apenas no rodapé da vida intelectual.

Marlyse Meyer (1996) se debruçou nos estudos sobre folhetim uma vez que visava estudar o problema das origens do romance brasileiro. Para tal, comparou textos e processos narrativos, buscando analisar o eventual papel formador dessas leituras na elaboração da

ficção brasileira em prosa, considerando a data de seu nascimento, e a ausência de tradição contínua e de modelo português do gênero, a autora questionou a leitura de ficção estrangeira no Brasil nas vésperas da criação do romance nacional.

O jornalismo brasileiro se desenvolveu no chamado modelo de imitação servil do modelo francês, sendo possível acompanhar o desenvolvimento desta tendência no *Jornal do Comércio*. Em uma nota de rodapé deste jornal, de 31 de outubro de 1831 se chamou a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo de *O capitão Paulo*, uma novela de Alexandre Dumas por J. C. Muzzi. A publicação desta novela se estende de 31 de outubro de 1838 a 27 de novembro do mesmo ano. Marcando a abertura do “rodapé ao *feuilleton* – *Roman*, que começou a jorrar descontinuamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira” (MEYER, 1996, p. 32).

A maciça invasão do folhetim traduzido do francês, que se estendeu por anos, não eliminou o romantismo brasileiro novato, ambos coexistiram em regime de alternância. Infelizmente, grande parte dos registros de tiragem e público dos periódicos nacionais foram perdidos e este estudo ainda está para ser feito, mas o simples exame das modificações no jornal leva a crer que, como na França, a prosperidade dos periódicos esteve ligada à publicação dos folhetins. Tal sucesso mostra, guardando-se as proporções, a existência de um público consumidor de obras românticas no Brasil suficiente para se constituir como elemento favorável de venda de jornais.

Dado que existiu uma explosão no Brasil do folhetim francês, que caminhou ao lado da criação e consolidação do folhetim brasileiro cabe a reflexão sobre o porquê do sucesso do folhetim francês num lugar onde ainda não existia a cidade grande considerando que a fórmula do folhetim francês está ligada a um momento social na França. Qual seria a possível relação entre a nascente boa sociedade brasileira e aquelas estruturas literárias francesas. Uma das respostas possíveis pode estar na busca pela modernidade, pela civilização, sobre as quais a França era o molde a ser seguido, o que pode justificar tamanha aceitação.

Como dito, o primeiro romance-folhetim publicado no Brasil foi *O capitão Paulo*, uma tradução do romancista francês Alexandre Dumas em 1838 no *Jornal do Comércio*. Segundo Marlyse Meyer (1996), entre os anos de 1839 e 1842 os folhetins se tornaram quase que quotidianos no *Jornal do Comercio*, embora os autores não fossem os mais modernos. Em 1º de setembro de 1844 “chegam ao rodapé, em português, o tão esperado *Mistérios de*

*Paris*.”<sup>12</sup>. Acelera-se o ritmo, diminui-se o tamanho dos tipos, vara o jornal e ocupa quatro rodapés até o *Fim*, em 20 de janeiro de 1845 (MEYER, 1996, p. 283).

Nem havia completado um mês de iniciada a publicação no jornal, anunciou-se em letras garrafais que a primeira parte de *Os mistérios de Paris* já se encontrava à venda em edição única. No dia 14 de outubro de 1844 os leitores eram informados novamente da disponibilidade para a venda da primeira parte integral de *Os mistérios de Paris*, e em 17 de outubro do mesmo ano a edição estava esgotada já havendo promessa de uma segunda edição que estaria disponível para compra na casa de J. VILLENEUVE & CIA., Rua do Ouvidor, 65. No dia 3 de novembro de 1844, saiu a segunda edição do primeiro volume. Não daremos continuidade em descrever a data da publicação de cada volume único ou dos folhetins diários<sup>13</sup>. O impacto de *Os mistérios de Paris* foi tremendo e não faltam testemunhos sobre. A estrutura folhetinesca chegava ao Brasil para ficar, pois tinha caído no gosto destas terras.

Antes de serem publicados nos jornais, os romances no Brasil eram pouco acessíveis aos leitores, e também era muito difícil publicar uma obra e á que o país quase não tinha imprensa, a publicação tinha que frequentemente ser feita na Europa, o que aumentavam os custos. O folhetim democratizou o acesso à literatura e serviu de estímulo para que muitos escrevessem, uma vez que era lhes dada a possibilidade da publicação.

Quase todos os grandes nomes da escrita brasileira do século XIX passaram pelos jornais. Temos dentre os que entraram para o cânone os nomes como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Machado de Assis<sup>14</sup>. Tania Rebelo Costa Serra em *Antologia do romance-folhetim brasileiro* (1997, p. 21), demonstra que nem todos os romances publicados na onda folhetinesca empregaram estritamente suas características,

O romance em folhetim tem preocupações estruturas e temáticas que diferem das do romance-folhetim, mais voltado ao grande público em busca de diversão, embora esta não seja negada ao romance em folhetim. A diferença básica está nos objetivos literários: o romance em folhetim está sempre atento à sua organização interna, com vistas a uma unidade da estrutura narrativa necessária para seu valor estético, enquanto o romance-folhetim pode ir sendo construído no dia - a - dia até o total

<sup>12</sup> Os historiadores Varnhagen e Pereira da Silva, e Joaquim José da Rocha, que traduziam romances parisienses, trabalhavam tão rápido que o *Jornal do Comércio* conseguia publicar quase que simultânea ao *Jornal de Paris*.

<sup>13</sup> Para mais informações. Cf. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 279 – 312).

<sup>14</sup> Machado de Assis recusava-se a admitir a herança do folhetim. Embora Machado de Assis tivesse deixado registrado que nunca leu o maior sucesso folhetinesco francês, a série *Rocambole*” não lhe escapou a adequação do herói a seu tempo, o que evidentemente supõe um mínimo de leitura do desdenhado folhetim.” (MEYER, 1996, p. 117).

esgotamento da curiosidade do público, o que causa frequentemente, falhas nessa unidade. (SERRA, 1997, p. 21).

No tipo romance-folhetim é latente o cuidado com o público leito incipiente, de forma que são frequentes as retomadas aos capítulos anteriores, as tentativas de sedução e explicações sobre o aparecimento de novos personagens. Procedimentos estes associados ao folhetim.

Meyer (1996, p. 16), também esclarece a distinção existente entre o termo *folhetim* e o termo específico *romance-folhetim*. *Folhetim* refere-se ao modo de publicação fragmentada em jornais e revistas, usado desde o século XIX e durante muito tempo. Sobre estes se tratam de romance *em folhetim*. Já sobre o termo específico *romance-folhetim*, que se refere ao romance que possui uma determinada estrutura e temas recorrentes, como o tema de heróis românticos, mosqueteiros e vingadores, heróis canalhas, mulheres fatais e de sofredoras. Ou seja, uma obra pode ter sido publicada *em folhetim* e não ser um *romance-folhetim*.

Marlyse Meyer (1996) distinguiu três fases do folhetim francês, dentre as quais a primeira iria de 1836 a 1850, e a segunda de 1851 a 1871, que influenciou em grande medida o romantismo brasileiro e a terceira fase de 1871 a 1914.

A primeira fase trata daquela que visava aumentar o público leitor, democratizar o jornal e não mais privilegiar somente os que podiam pagar pelas assinaturas caras. O sucesso foi tanto que, para se ter uma ideia do impacto de um romance – folhetim popular, Tania Rebelo Costa Serra (1991, p. 19) nos informa que o jornal de título *Constitutionnel*, teve queda de sua circulação em 1836, caindo de 9.000 exemplares para 3.600 em 1844 e que graças ao romance *Juif errant* de Eugène Sue, subiu para 25.000 em 1845/46. O jornal *La Presse*, de Émile Girardin, quem concebeu a ideia do folhetim, em um ano aumentou de 70.000 para 20.000 exemplares (SERRA, 1991, p. 19).

O método foi elaborado aos poucos, e, em 1836, um dos métodos desenvolvidos foi o de deixar um capítulo não concluído, escrevendo ao final “continua amanhã”. Tal receita funcionava, pois suscitava expectativas. É interessante perceber que o desenvolvimento do folhetim foi devido a questões de ordem financeira e foi o ritmo ágil dos diálogos folhetinesco e seus métodos que fizeram com que a ideia desse certo. Eugène Sue e Alexandre Dumas são nomes importantes da primeira fase. Alexandre Dumas, por esta época já reconhecida dramaturgo e romancista, só aceitou publicar romances em partes nos jornais em 1838, e foi quem descobriu o essencial da técnica do folhetim: diálogos vivos, personagens tipificados e senso de corte de capítulo. Tanto que assinou um contrato de exclusividade com o *Le Siècle*.

Se Alexandre Dumas foi uma figura importante desta primeira fase por ter descoberto a fórmula para o sucesso de seus folhetins, Eugène Sue marcou seu nome ainda nesta fase por ser o autor do romance *Mathilde, mémoires d'une femme*, publicado em 22 de dezembro de 1840 e 26 de setembro de 1841, romance este que marcou a passagem da fase realista dos romances históricos e sociais para a fase do romance-folhetim, que segundo Marlyse Meyer (1996) seria a segunda fase, que durou de 1851 a 1871.

Seus personagens passam por simplificações que os anteriores não conheciam: há o *bom* nobre (abre caminho a Rodolfo) e o horrível vilão, que reata com a tradição do Lovelace de Richardson e do romance gótico ao mesmo tempo que se articula com o traidor do melodrama, essa 'tragédia das classes populares' é uma das matrizes do romance-folhetim.

O autor utiliza habilmente recursos de maquinaria comuns aos dois gêneros: raptos, perseguições no escuro, tempestades no momento oportuno (ou inoportuno), narcóticos que permitem 'abusar' das mulheres, maniqueísmo com a vitória dos bons sentimentos e da virtude, apesar de nem sempre o romance-folhetim ter um *happy ending*; nisso acompanhando o drama romântico e não o melodrama. Sue acerta em cheio, todas as mulheres se reconhecem em Matilde e começa a época das cartas de leitores (as) ao autor. (MEYER, 1996, p. 71).

Sue soube trabalhar com a complexidade da alma humana. E soube desvendar de forma lúcida os mecanismos da sociedade a partir do poder do dinheiro. Lembrando que o folhetim surge para atender às demandas de uma burguesia francesa incipiente, na qual o tema dinheiro e seu poder garante empatia ao público.

O fenômeno das cartas dos leitores ao autor que se iniciou com Sue foi decisivo para o resultado final do romance. O sucesso de Sue aumentou, e, consecutivamente, as cartas ao autor também aumentaram, com o romance *Os mistérios de Paris*, que foi traduzido para o português. Os remetentes escreviam exigindo a volta de um personagem, a mudança do enredo. O romance que era escrito sem plano prévio, no decorrer dos dias, deixou de ser unicamente aquele entretenimento inicialmente previsto para uma boa vendagem, passou a ser colocado para o autor uma necessidade na elaboração do romance, que ao sendo tecido impelido por várias e imprevisíveis determinações dos leitores. Agradar ao público leitor continuava a ser necessário e imprescindível, mas agora fazia-se necessário que suas sugestões fossem aceitas. A intervenção na história do autor não se dava apenas por meio de seu público. Os próprios diretores dos jornais, temendo processos e multas, também interviam na obra em andamento.

A grande novidade da segunda fase é a *série* ou *ciclo*. Um dos primeiros personagens cíclicos foi o detetive Lecoq, de *Affaire Le Rouge* escrito por Émile Gaboriai. A partir de então o leitor não precisava temer o fim de sua personagem favorito, pois em algum momento

seu herói voltaria (MEYER, 1996, p. 95-96). O grande destaque da segunda fase foram as aventuras de Rocamble, herói de Ponson Du Terrail que só aparece no final de *A Herança Misteriosa*, primeiro romance da série de um total de onze romances-folhetins (MEYER, 1996, p. 130).

Posteriormente, a terceira fase do romance-folhetim, que se entendeu de 1871 a 1914, foi a fase dos romances dos dramas da vida. Nesta fase, o humano e as questões sociais aparecem de forma contundente, sendo marca desta fase a presença das questões inerentes à vida humana e questões psicológicas. Desta forma, temáticas como mães – maternidade, amor materno –, loucura, casamento, adultérios, dinheiro, crime e incentivo ao crime fizeram-se presentes compondo a teia de um romance humano, psicológico e social.

A terceira fase é a do romance popular burguês, até porque a indústria cultural já tinha percebido o potencial comercial dos anúncios e reclames, em cartazes que cobriam as paredes das cidades ou através de distribuição gratuita do primeiro exemplar para muitas pessoas. Este alto investimento neste tipo de publicidade era pago pelo jornal que publicava o folhetim, sendo compensado pela compra do restante do romance.

Sobre a terceira fase do romance-folhetim, Marlyse Meyer nos diz que se tratava da fase do romance histórico e realista. A do folhetim histórico e a do folhetim realista, inspirado em eventos do cotidiano. O realismo, na conotação da época, é um real recriado a partir do concreto muito amplificado pela vigorosa imaginação que o transcreve (MEYER, 1996, p. 67). Comumente o público encarava os romances não como ficção, mas como uma história sendo contada.

A terceira fase do folhetim repercutiu com outras consequências para o jornalismo moderno. Escrever a história da vida cotidiana de forma dramatizada, acompanhada de notícias reais, acabou por influenciar o modo de contar as notícias reais, é o que Marlyse Meyer (1996) classificou como folhetinização da informação (MEYER, 1996, p. 224). É também na terceira fase do folhetim que se encontra a dramatização da notícia, matriz dos programas radiofônicos.

“O discurso magistral e a narrativa folhetinesca não são contraditórios, mas complementares” (MEYER, 1996, p. 226). Tanto que foi na mesma época da terceira fase do romance folhetim que as narrativas de descobertas científicas, industriais, entre outras, começam também a serem publicadas em parte, que não necessariamente corresponderiam a capítulos, – semanalmente ou em fascículos – da mesma forma que as narrativas ficcionais folhetinescas. A título de exemplo, no dia 09 de abril de 1854, os leitores do *Jornal das Senhoras* receberam o último artigo sobre a “Fabricação do gás para a iluminação, extraído

pela destilação do carvão mineral” (JORNAL DAS SENHORAS, 09 de abril de 1854, p. 114), traduzido pela Viscondessa da...

Este meu trabalho terá dois fins, o primeiro de esclarecer um processo fabril pouco conhecido entre nós; o segundo o de exercitar a Direção da companhia da iluminação, para nos dar estatísticas anuais, tão completas como esta que apresentamos de Paris.

Aqui tendes o trabalho que prometi dar-vos em resumo, extraído de um acreditado jornal europeu; desculpareis, se ele não satisfizer a vossa expectativa, que em todo o caso não há de ser tanta quanta é a imperdoável imperícia de alguns homens que tenho ouvido falar a este respeito, que não se lembram que há tanta coisa escrita a que podiam recorrer para não dizerem tantas barbaridades contra o gás. (JORNAL DAS SENHORAS, 09 DE ABRIL DE 1854, p. 115).

Feita uma breve reflexão sobre a chegada dos folhetins ao Brasil, é hora de relacionarmos esta modalidade no que se refere aos jornais femininos. Entendemos jornais femininos como aqueles que eram fundados e dirigidos por mulheres, e que pretendiam colocar em suas páginas questões inerentes ao público feminino. Os subtítulos, os editoriais, a personalidade de suas redatoras pareciam defender propostas diversas, encontrando-se uma em comum, a questão educacional.

Desfazer a velha família colonial e remanejar o papel da mulher, era proposta destes jornais femininos e para tal, fazia-se necessário abrir espaço para a produção feminina, motivação esta para estes jornais. Abrir espaço para a produção literária feminina, abrir espaço para que elas pregassem a emancipação feminina da tirania da dominação masculina, para que elas dessem suas opiniões sobre o cenário político, sobre o voto das mulheres, sobre a valorização do seu trabalho e sua autonomia, sobre a abolição da escravatura.

Para Marlyse Meyer (1996), havia contradição entre esta mulher remanejada presente nos jornais femininos, e certo discurso que supostamente as prenderiam ao passado colonial, “numa contradição que já marcava a grande pioneira Nísia Floresta, nunca esquecer que a mulher é mãe, educadora do filho, e, portanto, do cidadão de amanhã, a rainha do lar” (MEYER, 1996, p. 298). Esta mulher reconfigurada à moda higienista deveria saber receber bem as visitas do marido, saber se portar à mesa e às conversações e, paralelamente, deveria estar compenetrada de sua nova situação social, abandonando antigos hábitos e europeizando seu corpo, seus vestidos e seus modos.

Entretanto, podemos refletir se seria efetivamente uma contradição esperar desta mulher redatora, moderna, reconfigurada... Uma postura maternal ao padrão cristão e de boa anfitriã e que ao mesmo tempo militasse pelas causas femininas. Talvez se trate apenas do padrão para a época, que embora diferente do que conhecemos posteriormente ou até

atualmente, não chega a contradizer o que era anteriormente dito. Acreditar que cabia a mulher a tarefa de criar e educar os filhos era nesta época algo científico. E, adotando este ponto de vista, não se trataria de uma contradição.

Ainda que os romances e os folhetins não raramente estivessem associados às banalidades da “gentil senhora”, se tomarmos o caso específico do *Jornal das Senhoras* percebemos que as obras presentes neste jornal possuíam, mesmo que de forma ainda bem modesta, o anseio de militar pelas causas de direitos das mulheres. Até porque se acreditava na utilidade da cultura para civilizar ao padrão europeu, isto é francês, fazia-se necessário cultivar o gosto pelas belas artes, pela música, desenho, poesia, leitura de romances e folhetins, de certas obras de imaginação, a frequência de espetáculos e bailes onde as paixões podem exprimir-se pelo modelo artístico do bom gosto.

Para Meyer (1996), algumas produções de romancistas nacionais visaram explicitamente imitar o gênero folhetim, se atirando aos mistérios introduzidos pelos franceses ou pretendendo provocar comoção e lágrimas.

A produção nacional, que se pretendia folhetinesca, lembrava o gênero consagrado caracterizado pela extensão, pelas inúmeras peripécias que se alongavam no tempo, assim como desenvolveu uma temática quer de aventura, ora de capa e espada, ora histórica, quer num enredo judiciário ou policial, quer realista ou sentimental. A leitura destas histórias, com leitores, às vezes, ainda soletrando, produzia efeitos oriundos de diversos macetes que atraíam o público e garantiram sua fidelidade ao jornal, ao fascículo, e, finalmente ao livro.

É do romance de folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil. Tal fato deve-se ao sucesso comercial do folhetim iniciado ao mesmo tempo em que foram escritos os primeiros romances brasileiros e se estendeu durante a formação da primeira geração de grandes romancistas.

O folhetim não influenciou apenas tecnicamente a formação dos romancistas brasileiros, mas proporcionou um espaço de experimentação para romancistas já estabelecidos, deu aos ficcionistas a primeira experiência de popularidade e sucesso nacional, servindo como um passe para a publicação de suas histórias em livros. O interesse despertado por estes livros por um público familiarizado com os escritos daquele autor, já que praticamente toda a ficção em prosa da época passou a ser publicada em folhetim e, apesar de nem todos os romances adotarem procedimentos estritamente folhetinescos, parece-nos evidente que tal modo de publicação, com exigências próprias de cortes de capítulos, de suspense, de condução (a ênfase no enredo rocambolesco) da história, influenciou toda a estrutura do romance a partir de então.



## 2 TRAJETÓRIAS FEMINAS: DO LAR PARA A ESCOLA, DA ESCOLA PARA A REDAÇÃO

Embora nosso objetivo com a presente proposta investigativa seja a de analisar uma seleção de romances de folhetim encontrados no *Jornal das Senhoras*, antes, buscaremos compreender como as mulheres alcançaram a educação formal, o que nos conduzirá à reflexão acerca das relações familiares, pois se passou a considerar importante a educação feminina em seus lares. Primeiramente focalizaremos nossa análise na família no século XIX, em seguida na educação feminina e, posteriormente, na produção literária feminina na cidade do Rio de Janeiro. Introduzindo estas reflexões, nos dedicaremos brevemente a analisar a questão do gênero feminino, para tal citaremos alguns estudos importantes sobre o assunto, sem que exista uma ordem cronológica na apresentação de tais autores e obras.

Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), afirma que o uso do termo gênero constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar, nos anos 80 de busca pela legitimidade acadêmica feminista, sendo este apenas um de seus aspectos. O termo gênero, além de utilizado como substituto para o termo mulher, também sugere que qualquer informação sobre as mulheres é relacional, portanto necessariamente informação sobre os homens, pois, o mundo das mulheres também é o mundo dos homens. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que se tenha pouco a acrescentar, ou nada a ver com o outro sexo. Gênero também é utilizado para designar relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicações biológicas como comumente utilizadas para legitimar ou naturalizar culturalmente a subordinação feminina justificada pela capacidade das mulheres de darem à luz em relação à força física superior nos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

Diferentemente de permitir este tipo de distinções, o termo gênero indica construções culturais, ou seja, a produção social de ideias sobre o papel adequado aos homens e às mulheres. Trata-se então deste termo como uma forma de se referir às origens sociais das identidades subjetiva de homens e de mulheres. Segundo esta definição, tem-se uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, pois que, a distinção entre os sexos atribui uma determinação autônoma ou enganosamente transparente ao corpo, ignorando o fato de que aquilo que sabemos sobre o corpo é constituído de um conhecimento culturalmente produzido (SCOTT, 1995, p. 90).

Em “História das mulheres”, capítulo presente na obra *A Escrita da história: novas perspectivas* (1992), Joan Scott afirma que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo, embora o caso dos Estados Unidos seja único pelo fato de que lá a história das mulheres atingiu uma presença visível e influente na academia.

Para Joan Scott (1992) existe uma conexão entre a história das mulheres e a política, conexão esta, ao mesmo tempo, óbvia e complexa. Na década de 60, as ativistas femininas que reivindicaram uma história que identificasse protagonismos de mulheres, portanto, heroínas, prova da atuação e explicações sobre a opressão que servisse de inspiração para a ação. Desse modo, atenderam e dirigiram sua atuação erudita no sentido de uma atividade política mais ampla e, mais tarde, em fins da década de 70, a história das mulheres se afastou da política, ampliando seu campo de questionamento visando resgatar documentos sobre a vida das mulheres no passado.

Dar prioridade aos indícios que preenchessem a lacuna da ação da mulher no passado, afastou a história das mulheres da política e forjou no uso do conceito gênero uma aparente neutralidade ao desconectá-lo da política: “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero: ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise” (SCOTT, 1992, p. 64).

A autora argumenta que a história das mulheres não requer apenas uma narrativa linear, mas um relato mais complexo que leve em consideração simultaneamente a posição variável das mulheres na história, a constituição do movimento feminista e da disciplina da história. É verdade que a história das mulheres está associada ao surgimento do feminismo, e este não a desmereceu, seja como presença na academia ou na sociedade geral.

Frequentemente muitos dos que usam o termo gênero se denominam historiadores feministas e esta não é uma submissão política, é uma perspectiva teórica. Muitos dos que escrevem a história das mulheres se consideram envolvidos num esforço altamente político que visa desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade para mudar o modo como a história é escrita.

Scott (1992, p. 69) defende a ideia de que o trabalho acadêmico está se distanciando cada vez mais do político, mas tomar a história das mulheres simplesmente um reflexo do crescimento da política feminista externa à academia é falho, pois é preciso pensar esse campo como um estudo dinâmico na política da produção do conhecimento que assumiu identidade coletiva de indivíduos que compartilham interesse pelo fim da subordinação, da

invisibilidade, da impotência, produzindo situações de igualdade e ganhando controle sobre seus corpos e sobre suas vidas.

A maior parte da história das mulheres vem buscando incluir as mulheres não apenas como objeto de estudo, mas sim sujeitos da história. Nesta busca está a ideia de que o ser humano universal poder incluir as mulheres e proporcionar evidências e interpretações sobre as várias experiências das mulheres no passado. No entanto, o sujeito tem sido incorporado como homem, mais frequentemente como um homem branco, na moderna historiografia ocidental. A história das mulheres inevitavelmente se confronta com a história dos homens, sendo a outra parte, aquela que não foi contada. Por isso, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos, contando com reflexões e investigações apuradas (SCOTT, 1992, p. 77).

Durante a década de 70, os historiadores que buscavam integrar as mulheres à História e que de alguma forma estavam nas universidades, além de doarem seus esforços neste propósito, começaram a estimular as mulheres a obterem formação altamente especializada, os PhDs, oferecendo bolsas de estudos e apoio financeiro (SCOTT, 1992, p. 68–69), sendo este um uso político da teoria feminista. A teoria não se opõe a política, podem caminhar juntas.

A pesquisadora conclui que, com a multiplicação dos estudos sobre sexo e sexualidade, a palavra gênero se tornou particularmente importante, pois oferece um meio de diferenciar os papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. O uso deste conceito enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é por ele diretamente determinado e, tão pouco, determina diretamente a sexualidade, sendo seu uso empregado pelos historiadores para delimitar um novo terreno.

Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2002) levantou o questionamento sobre estarmos inseridos em padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina, e que, portanto, o nosso olhar seria tendencioso. No que tange às especificações do que é considerado feminino ou masculino, características estas não apenas referente ao sexo, Bourdieu (2002) assinala que foram objetivadas da mesma forma que características homólogas como alto/baixo ou claro/escuro etc. Argumentando que,

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, increvendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência: de modo que as previsões que

elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos. (BOURDIEU, 2002, p. 15)

Desta forma, Bourdieu sinaliza o que poderíamos identificar como o que é o feminino, a partir de outras qualidades que apontam para a passividade, a interioridade e a sensibilidade. Outras definições encontram-se quando Bourdieu (2002) expõe os ritos de passagem que simbolizam a separação da mãe, ampliando seus atributos colocando-a em paralelo com a terra. O autor faz suas observações da organização da sociedade e da visão sobre ela construída a partir de divisões entre o masculino e o feminino, afirmando que o sistema mítico-ritual reforça e reconhece essa divisão, e que a participação entre os sexos parece estar na ordem das coisas, de forma natural, normal: “ela está presente, ao mesmo tempo, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus*<sup>15</sup> dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2002, p. 16).

Contrariamente, segundo o mesmo autor, a força masculina dispensaria justificativas. A tendência quase universal de reduzir a raça humana ao termo “o homem” se impõe de forma neutra, de maneira que a concebemos como natural, não havendo assim a necessidade de legitimá-la. A ordem masculina se favorece pela confirmação do funcionamento da sociedade, que constrói o corpo como uma realidade sexuada, que segue princípios de divisão sexualizante. Ou seja, o corpo é construído socialmente e é a concepção sexuada do mundo que transfere ao corpo a diferença entre os sexos, que edifica a segmentação entre os gêneros a partir de uma visão que está condicionada à relação arbitrária de dominação masculina sobre as mulheres.

Após o início do patriarcado cristão, o princípio masculino passou a ser o referencial para a ordem das coisas. Bourdieu (2002) entendeu que toda a contenção física a qual a mulher foi submetida, no tocante ao seu comportamento, postura, vestuário, sexualidade, ou seja, toda a disciplina dirigida ao seu corpo, que Bourdieu (2002) entende como parte da dominação masculina, teve sua origem com os mandamentos do cristianismo e legitimado no movimento puritano, principalmente no século XIX, época de intensa repressão sexual.

A família reproduz a visão masculina e da divisão do trabalho; a Igreja inscreve a negatividade sobre o feminino, agindo de forma simbólica nas estruturas inconscientes e a escola transmite os pressupostos da cultura patriarcal (BOURDIEU, 2002). É um círculo dominante que subjuga outros e molda as sociedades.

---

<sup>15</sup> Bourdieu definiu *habitus* como um sistema de disposição que determina uma maneira de ser. São estruturas construídas que desencadeiam outras estruturas que compõem a prática e as representações de um indivíduo. Cf. BOURDIEU, P. *Sociologia*. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

É possível que, da década de 60 até hoje, ocorram alterações e a dominação masculina não se imponha mais de forma indiscutível. O que já vem acontecendo, pois a dominação masculina não consegue mais se impor de forma tão silenciosa e gratuita, agora é necessário ter forte justificativa ou defesa para a sua instauração, pois algumas transformações nas disposições estruturantes que perpetuam a dominação já vêm acontecendo ao longo dos anos.

Segundo Bourdieu (2002), a escola exerceu uma função decisiva nesse cenário. O aumento do acesso das mulheres ao ensino secundário e superior favoreceu a ascensão no meio social, restringindo sua permanência no ambiente doméstico e ampliando seu espaço de circulação e atuação. A maior autonomia quanto ao próprio corpo, propiciada principalmente pela pílula anticoncepcional, fez com que o tamanho da família reduzisse e a mulher tivesse maior autonomia de escolhas no casamento. A independência feminina aumentou, na mesma proporção que o divórcio.

A visão patriarcal ainda está fortemente enraizada na consciência coletiva e inscrita nos corpos. Mas assim como as pioneiras do século XIX conseguiram encontrar um caminho alternativo para mudar ou alterar tal dominação masculina, uma rota de fuga para desviar da dominação masculina ainda existente precisa ser encontrado. Para tal as ciências humanas se fazem especialmente importantes, pois são fontes de potencia para ações significativamente emancipatórias ou libertadoras na sociedade.

Simone Beauvoir, filósofa francesa, em *O Segundo Sexo* (1970), instigou a reflexão sobre o conceito de patriarcado e sobre o problema da participação política formal das mulheres. Nesta obra a autora apresenta “fatos e mitos” que subjugavam as mulheres e ao mesmo tempo interroga estes pontos construídos num processo de representação da tradição escrita, ao apontar a dinâmica feminina dentro da “experiência vivida”. Tal provocação estava pautada não apenas no desalinhamento da perspectiva do *status quo*, mas se fortaleceu nas redes do conceito de gênero enquanto pauta de estudos das relações sociais hierarquizadas.

Na abertura no segundo volume de *O Segundo Sexo* (1970), Simone Beauvoir argumenta sobre as consequências dos mitos que subjugaram gerações inteiras ao “eterno feminino”, no qual as mulheres com dificuldades, pois haviam sido educadas para o destino comum do lar e do casamento, buscaram tentar afirmar sua independência. Adiante completa tal reflexão com a conhecida afirmativa sobre tornar-se mulher, pois não se nasce uma, sendo o ser mulher uma construção social (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

A partir da quarta parte do segundo volume, Simone Beauvoir evidencia alguns marcos de mudanças na situação das mulheres, especialmente as francesas. Tais como: não incluir mais no código francês a obediência entre os deveres da esposa, o direito do voto

feminino, o que para a autora ainda permanecia abstrato, pois a liberdade cívica deveria vir acompanhada por uma liberdade econômica. Para a autora, a estrutura social não acompanhou as mudanças da condição feminina, para ela o mundo que sempre pertenceu aos homens conserva a forma que eles lhe imprimiram.

*O Segundo Sexo* (1970) foi escrito no final da década de 1940 e publicado na França em 1949, época em que o grande mote da realização das mulheres se encontrava na cultura do trabalho profissional fora do espaço doméstico. Nem as mulheres que se libertavam economicamente do homem alcançavam uma liberdade moral, social ou psicológica idêntica a do homem. Entretanto, a autora ressalva que, embora o trabalho feminino pudesse garantir libertação financeira das mulheres, não garantia uma libertação moral, social ou psicológica, uma autonomia maior foi alcançada sim com a possibilidade do controle da reprodução. Ou seja, a mulher libertou-se de uma concepção de natureza imposta e naturalizada como intrínseca a sua natureza.

No que diz respeito aos direitos políticos, aponta a questão do voto feminino como uma das conquistas do movimento feminista no século XX, sobre o motivo da demora em dar às mulheres o direito ao voto, argumenta com ironia “Mais gravemente objetiva-se com o interesse da família: o lugar da mulher é em casa; as discussões políticas provocariam a discórdia no lar” (BEAUVOIR, 1970, p.160). Para que a liberdade reinasse, fazia-se necessário que, além das diferenças naturais, homens e mulheres se unissem para fugir a este poder naturalizado.

Apesar das críticas recebidas por esta obra reflexiva e analítica em torno da mulher, as argumentações que o livro apresenta, ao favorecer uma leitura abrangente das situações entre os dois sexos, demonstra a intenção da autora em apontar a complexidade das vivências.

Ao observarmos a reflexão cultural sobre o biológico, deslocando a categoria gênero como uma construção social – e, conseqüentemente, histórica. Desta forma nos permite esquadrihar o sistema social e identificar em que medida as relações de gênero hierarquizadas podem interferir nos costumes e nas regras sociais. A teoria feminista é o grande legado que estes teóricos deixaram ao paradigma das ciências humanas ao tratarem das relações sociais no trabalho, no lar, na participação política e pública, nas decisões pessoais ou coletivas entre os gêneros.

Ao introduzir as questões relacionadas ao feminino, como discussão teórica sobre o tema, procurou-se destacar que a construção do feminino se fez e continua se fazendo ao mesmo tempo em que o masculino se monta e se constrói, sendo um processo histórico influenciado por discussões paralelas que geram impactos na ciência, na política, no mundo

do trabalho etc. Não mencionar as mulheres na História não significa que elas não estavam ali, mas sim que não era considerado pertinente as mencionar até determinado momento.

Por séculos, a participação feminina na História da Literatura brasileira não foi levada em conta ou foi mencionada de forma ocasional ou superficial. Quando mencionada, aparecia de forma rasa e de pouca significação, ligada apenas a temas como cuidados com os filhos, moda, culinária etc. Não querendo supor que estes temas são de pouca importância, pois para a literatura foi necessário assumir um molde brasileiro, o mesmo se deu com a moda, os costumes e a culinária, entre outros.

No entanto, o que aqui evidenciamos é o fato de que tais temas eram dedicados às mulheres, enquanto temas de política, aos homens. Sobre tal postura a respeito do feminino no século XIX, não há novidades. Mas devemos desconfiar desta passividade da parte feminina da sociedade, pois podem construir a ilusão de que todas as mulheres, com raríssimas exceções, não tivessem adotado alguma forma de pensar e agir naquela sociedade.

Contraditoriamente, a imagem da mulher doce, de longos cabelos trançados, sentada em uma varanda lendo um livro, não nos provoca estranheza. É uma imagem bem aceita e quase inquestionável. Então, algo nos chama a atenção e contribuiu para a construção de nossa pergunta investigativa. Se a imagem da mulher leitora não provoca estranheza, podemos supor que a leitura era prática comum às mulheres, o que nos permite crer na existência de mulheres leitoras, provavelmente donas de sua opinião ou no processo de assumi-las. Lembremo-nos que as obras românticas, e não apenas estas, mas qualquer obra de arte literária e de arte carrega consigo, utilizando expressão hegeliana, “manifestações do espírito” (FRANÇA, 2010, p. 77) de toda uma época. Manifestações estas que podem ser políticas, sociais, religiosas etc.

Tem-se admitido como incontestável, de maneira genérica, a asserção de que a mulher brasileira viveu no século XIX mergulhada na atmosfera rígida e autoritária de uma *família patriarcal*<sup>16</sup>, alheia a vida nacional e aos seus problemas, mesmo quando educada formalmente e habitando as cidades. Esta mulher teria sido limitada à função procriadora e às atividades domésticas, das quais só sairia para as devoções religiosas e raramente, quando convidada e acompanhada, para os prazeres sociais.

---

<sup>16</sup> *Família patriarcal brasileira* é uma expressão cunhada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1980), originalmente publicada em 1933. Tal expressão foi aqui tomada como instrumento para analisar a formação e composição familiar. Para Freyre, a família patriarcal, ambientada na casa grande (e na senzala), correspondia a um sistema social, econômico e político, sustentado, em cada um dos seus aspectos, respectivamente pela escravidão, pelo latifúndio e pelo patriarcado rural. Em *Sobrados e Mocambos* (1936), Gilberto Freyre mostra a decadência deste patriarcado rural que perde sua base de sustentação na escravidão e no latifúndio, perdendo também sua característica de autarquia, diante da emergência de um Brasil que se urbaniza, criando um novo elemento no sistema de relações sociais: a rua.

Desta forma, viver restrita ao espaço doméstico seria o destino das mulheres até meados do século XIX no Brasil. Quanto mais nobre e rica, mais tradicional era a família e melhor educada era a moça, e se bem educada mais restrito era o espaço de convivência. O acesso à educação formal ou à vida cultural literária do país eram muito restritos.

Estas afirmativas, por seu valor generalizante, têm obscurecido conquistas femininas do século XIX, fruto de algumas pioneiras das décadas de 10 e 20. Embora para alguns o ideal da submissão feminina dentro da família estivesse explícito, principalmente se tratasse da mulher jovem, para outros a mulher detinha certo grau de independência em relação à dominação masculina. De modo geral, no caso da viuvez, a mulher detinha certo grau de autoridade, mesmo em relação aos filhos adultos.

O estado de subordinação fora do lar, em geral os homens procuravam preservar, impedindo ou dificultando o acesso das mulheres à instrução. A conquista da instrução aparecia então como uma das mais importantes reivindicações femininas. Porém, não se partia do zero, algumas mulheres já haviam conseguido exercer atividades como professoras e escritoras.

Em 1852, existia com intensidade um movimento com reivindicações feministas, que ganhava vigor através do tempo, movimento tão amplo em seus temas que englobava praticamente tudo quanto formaria o conjunto de reivindicações femininas, até a conquista do direito ao voto em 1932 (BERNARDES, 1989, p. XIV).

Esse movimento feminista existia com intensidade em 1852 e se apresentava de formas variadas, defendendo desde o extremo da manutenção da mulher no lar, até o extremo oposto de seu ingresso irrestrito na vida profissional e pública. As mulheres que haviam colaborado para os jornais da época, também divergiam em suas opiniões. Somente concordando todas na necessidade de serem dadas às mulheres as mesmas condições fornecidas aos homens para o aprimoramento de sua instrução, o que nem todos os homens de letras admitiam (BERNARDES, 1989, p. XIV).

Não havia, nem nos homens e nem nas mulheres do XIX, uma coesão ou semelhanças na maneira de pensar e nem no modo de agir. Podemos observar tal pluralidade nos romances escritos por homens ou por mulheres do XIX, ora a imagem da mulher aparece submissa, ora totalmente autônoma. Não necessariamente os romances escritos por homens daquele período eram carregados da imagem da mulher submissa e os escritos por mulheres eram carregados da imagem da mulher autônoma. Estas imagens não marcam de forma incondicional a posição da mulher nas famílias urbanas, considerando as mais abastadas na metade do século XIX (BERNARDES, 1989, p. 15).



Embora o Imperador D. Pedro I tivesse mandado criar as escolas de primeiras letras femininas nas cidades e vilas mais populosas, em 15 de Outubro de 1827 (LOURO, 2009, p. 444), à questão da educação das mulheres dividia opiniões. A sua aceitação como preparação da missão moralizadora que, segundo muitos, caberia às mulheres, suscita algumas considerações especiais. Uma vez proclamada a missão de educar o homem, caberia então a este o dever de sustentá-la. Tal dever poderia ser defendido tanto pelos que condenavam toda a educação que preparasse a mulher, quanto pelos favoráveis a educação da mulher. Podendo ter existido certa aceitação masculina da função cristã de provedor que caberia aos homens. Tal postura é coerente com algumas iniciativas masculinas, como por exemplo, a de abrir para as mulheres o ensino de desenho e de música no turno da noite no Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro em 1881, o que proporcionaria o aprimoramento das prendas femininas, sem atrapalhar suas obrigações familiares.

Se o contato com as artes viesse a ser remunerado, não contribuiria para o ingresso da mulher num mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens. Aliás, não era bem aceita a ideia de que as mulheres pudessem vir a competir em condição de igualdade com os homens. Entretanto, partindo do reconhecimento de que a mulher é elemento necessário e indispensável para a formação moral do homem e, por conseguinte, para a regeneração da sociedade, os homens em maior parte passam a advogar para si o cuidado e a gloria de educá-las.

No entanto, se era aceito que à mulher era necessária certa educação formal, quem daria esta educação? Onde estudavam as mocinhas? Inicialmente não em escolas, mas dentro de suas próprias casas, sendo ensinadas por professores particulares, ou melhor, professoras. Se caso uma professora não fosse encontrada, a mãe da moça ou uma madrinha acompanhava as aulas para salvaguardar a boa reputação da moça.

É interessante destacar que a profissão de professora era bem aceita pela sociedade, mesmo porque as mulheres professoras haviam aprendido com suas mães e madrinhas, ou seja, eram mulheres socialmente bem respeitadas por terem um ofício. Estas mulheres, inicialmente, não possuíam licença para lecionar, o que não era problema, o interesse estava em que a mulher tivesse uma boa oratória, falasse outras línguas, não que tivesse um diploma. A profissão de professora poderia até ser aceita como fonte de renda, inclusive, por ser uma profissão de um só turno, e que poderia ser praticada paralelamente às atividades do lar. Tais elementos faziam com que os salários femininos se mantivessem sempre inferiores aos dos homens.

Estas professoras eram comumente mulheres solteiras, ou mulheres viúvas, professoras de línguas, como francês ou de artes, pintura ou música. A saber, as meninas órfãs se tornavam muito frequentemente professoras, principalmente aquelas que haviam estudado em escolas religiosas femininas.

Os conhecimentos mais aprofundados de Matemática, Português, Geografia etc. eram dados aos rapazes e, por homens, até 1877. Quando a queda da frequência masculina em escolas, devido ao crescimento da economia nacional e pela necessidade de mão de obra nas fábricas, fez com que houvesse a diminuição do número de professores, o que determinou a liberação para que as mulheres passassem a lecionar para os rapazes, para tal, fez-se necessário ensinar às mulheres tais conteúdos que outrora lhes era negado, para que estas pudessem lecionar também para rapazes (LOURO, 2009, p. 444).

A inserção dos rapazes no mercado de trabalho retirou os mesmos das escolas e gerou a necessidade de permitir que as mulheres se tornassem professoras, já que os rapazes não ficavam tempo suficiente nas escolas para se tornarem ajudantes, monitores e serem indicados por um professor para seguir o mesmo ofício (LOURO, 2009, p. 449 - 450).

O século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Os impactos gerados pelo contato com novas culturas e as novas relações estabelecidas pelos novos modelos de organização redefiniram as organizações de poder, fato que alterou não apenas as estruturas, mas também alterou os detalhes da vida cotidiana: desde as grandes teorias científicas até o modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou como se dirigir ao outro (TELLES, 2009, p. 401).

Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, em sua obra *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro – Século XIX (1989), revela, entre seus achados na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), a *Poliantéia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*, publicada no Rio de Janeiro em 1881. Além de trazer a lume esta documentação, apresenta também várias coleções de jornais femininos, rigorosamente organizados, dirigidos, redigidos e mantidos exclusivamente por mulheres; o primeiro deles datava de 1852. Através da pesquisa da autora veio à luz o conhecimento de que, em meados do século XIX, o jornalismo era atividade acessível ao sexo feminino e era efetivamente exercida por várias mulheres, pelo menos no Rio de Janeiro.

Após o cuidadoso levantamento, Bernardes realizou uma análise comparativa entre as personagens femininas e as representações do papel feminino presentes em romances escritos

por homens e aquelas veiculadas em romances escritos por mulheres. Concluída tal análise a autora realizou o levantamento de grande parte da produção feminina entre 1840 e 1890, classificando cada uma das autoras por idade e por posição sócio-familiar. Em seguida, classificou as obras sob perspectivas distintas: como as mulheres eram descritas pelos romancistas, do sexo masculino e do sexo feminino, e quais os comportamentos e atividades que evidenciavam no decorrer das narrativas. Neste próximo capítulo discorreremos, primeiramente, sobre a questão da família brasileira do século XIX, em seguida sobre o tema da educação feminina e posteriormente sobre a relação das mulheres com o ofício de romancista e seu papel político junto à sociedade.

Família é há muito tempo valioso tema de pesquisa de antropólogos e comumente eixo de debate, sobre a qual é possível escrever uma história da antropologia no Brasil, seguindo a trajetória das pesquisas sobre a família que, em boa parte, para a pesquisadora Marisa Corrêa (1982), acompanharam outras pesquisas permitindo a descrição por meio de sua abordagem evolucionista, funcionalista, estruturalista ou marxista. Segundo a pesquisadora, o tema ainda não foi suficientemente pesquisado, as grandes áreas de sombra sobre este campo talvez pudessem ser explicadas por duas posições comuns não apenas à antropologia, mas também às ciências sociais como um todo.

A primeira delas seria aquela que julga que a família é encarada como um mal a ser combatido, opostamente a outra versão segundo a qual a família é a célula-*mater* da sociedade ou o refúgio das atribulações do mundo. Tais visões se expressam em análises genéricas, seja a respeito das grandes famílias, se referindo então à família patriarcal de Gilberto Freyre ou aos clãs, se referindo à Oliveira Viana. Seja na farta literatura religiosa das mais diversos matizes sobre a crise da família ou nas denúncias sociopolíticas de seu papel repressor ou de mera reprodutora das desigualdades sociais.

A segunda, talvez seja fruto deste “tomar partido” a favor ou contra a família, é a posição de ignorância em que nos encontramos ou se encontram quase todos os que se interessam pelo tema. Esta posição de ignorância acabaria por propiciar uma série de continuidades em linhas de pesquisa. Sendo mais comum aos pesquisadores conhecer formas específicas e pouco comuns de vivências familiares e ter noções pouco estudadas e compreendidas sobre a forma de viver em família e de sua sociedade ao longo dos séculos.

De certa forma, existe uma continuidade nas linhas de pesquisa e questões importantes que são facilmente esquecidas, como por exemplo, a levantada por Lévi-Strauss, ao se referir à importância do parentesco por afinidade, questão que ficou quase despercebida quando levantada por Oliveira Viana, Gilberto Freyre ou Antonio Candido. O que teve como

consequência foi a frequente repetição de erros, ou acertos, já estabelecidos em pesquisas anteriores. É o que acontece com a ideia recorrente de desorganização da família escrava ou das famílias dos grupos sociais subordinados, e da prevalência da dominação masculina na organização da vida brasileira. Estas pressuposições durante muito tempo presentes no estudo sobre a família, só têm sido retomadas e discutidas recentemente. Outras áreas de pesquisa, como a que pretende definir a situação da mulher na sociedade brasileira, também sofreu o mesmo mal: o do continuísmo de certas afirmativas sobre o papel destas.

Alguns espaços só podem ser preenchidos por conjecturas, sobre a questão da reprodução humana e seu controle familiar, a atuação política das mulheres donas de casa ou a violência intrafamiliar que se refletiriam em outros campos de pesquisa.

Vários aspectos podem ser desdobrados na pesquisa sobre a família. A começar por uma reflexão sobre as limitações decorrentes de se pensar família a partir de modelos ideais, passa-se então a um estudo sobre as alterações que a estrutura familiar do colono nas plantações de café sofreu historicamente e daí a uma análise da combinação das relações de parentesco com as regras de parceria no trabalho agrícola. As modificações econômicas implicaram em modificações estruturais nas famílias proprietárias de terras, principalmente com o advento da urbanização. Desta forma há uma reestruturação da família bem como da atuação de seus membros, onde, por exemplo, passa a existir uma atuação das mães sobre a organização do consumo e da dieta alimentar entre famílias urbanas. Pode-se perceber a construção e definição da mulher enquanto patroa e enquanto empregada no espaço doméstico e sobre o significado das relações e rituais de parentesco.

A partir de tais pesquisas, que não promovem o continuísmo homogeneizante de ideias já afirmadas sobre a família, as relações entre as forças econômicas e ideológicas, entre valores culturais e realidade materiais ganham destaque e passam a ser abordados de diferentes ângulos, apontando para diferenças estruturais que estas relações apresentam de acordo com o contexto, mais imediato ou mais amplo, em que estas famílias são localizadas. A análise desses agrupamentos familiares permite também compará-los, observando semelhanças entre as estratégias econômicas ou a posição ocupada pelas mulheres nestes grupos, ou ao nível simbólico, entre as representações que eles estabelecem a respeito de sua comida, do espaço doméstico, das relações de trabalho ou das próprias relações de parentesco.

O estudo contextualizado permite acompanhar as várias formas que a definição de família tem assumido, em termos históricos, seja ele em termos de sua distribuição no espaço social brasileiro ou em termos de sua definição teórica, entre outros contextos possíveis de serem analisados. Sendo apenas com o cruzamento destas definições externas a elas, e a partir

de sua análise interna, que se pode refletir sobre o campo de estudos da família como um todo.

A *família patriarca* é uma das formas de organização familiar e doméstica, mas não é a única. A questão é que, a história das formas de organização familiar no Brasil tem – se contentado a ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica. Este tipo fixo, onde as personagens, quando são definidas, apenas se substituem no decorrer das gerações, mantendo sua dominação, em um tronco de onde brotam as outras relações sociais.

Estas famílias tem sua transformação dada por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, sendo então substituídas pela *família conjugal moderna*<sup>17</sup>. Tais famílias haviam se instalado onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção, se mantendo por meio da incorporação de vários membros, de preferência parentes legítimos ou ilegítimos, a extensos clãs que asseguram a indivisibilidade de seu poder,

Ou seja, a *família conjugal moderna* se inicia com o fim da *família patriarcal*, dado pelo processo de urbanização, que acaba por dificultar a existência de uma grande prole, reduzindo as famílias. Se uma prole numerosa favorecia o trabalho no campo, não é o mesmo que acontece no meio urbano, onde o abastecimento de uma prole numerosa é dificultado (levando em consideração que, uma família era composta por várias famílias onde havia também as relações de parentesco por afinidade), com o advento da urbanização o núcleo familiar se reduz a pais e filhos em uma prole não tão numerosa, na qual a finalidade do casamento não está mais ligada principalmente a manutenção de uma propriedade comum ou dos interesses públicos de um grupo, mas sim a satisfação afetiva que na família patriarcal eram satisfeitos fora de seu círculo imediato (CORRÊA, 1982, p. 14).

Com algumas possíveis variações, a família patriarcal brasileira, é fruto da colonização portuguesa nos trópicos. Em linhas gerais, este é o retrato que temos da família brasileira através do tempo. Sendo este o modelo que é comumente utilizado como parâmetro, para a história da família brasileira, todos os outros modos de organização familiar aparecem como subsidiários dela ou de tal forma inexpressiva.

O que nos importa aqui é perceber que a trajetória da ocupação do território natural brasileiro e do seu espaço social é assim apresentada como uma linha cheia, central e homogênea, onde o caminho percorrido foi seguramente traçado do exterior para o interior do nosso mapa, do fundo do nosso passado para o presente, dos campos para a cidade.

---

<sup>17</sup> Família Conjugal Moderna, expressão utilizada por Antonio Candido de Mello e Souza em *The Brazilian Family* (1951) em sua caracterização do ponto terminal da trajetória da família brasileira.

À luz das ideias deste padrão dominante, lemos nossa história a partir dele, como se todos os caminhos levassem naturalmente ao caminho principal e ele fosse um desdobramento de uma circunstância dada, ou um resumo, um apanhado, das alternativas concretamente vividas. Esta maneira de olhar achata todas as possibilidades, petrificando suas personagens, induzindo a conclusão de que não seria possível haver uma possibilidade de relacionamento entre a senzala e a casa grande e como se todas as casas grandes fossem e senzala fossem iguais. Como se entre estes mesmos membros não fosse possível a existência de um relacionamento. As personagens deste contexto são friamente percebidas e tratadas de forma alheia uma em relação a outra e, se ocupando sempre com elementos conceituados, talvez indevidamente, como principais, ignorando uma multidão de terceiros, tão ocupados em fazer história que são por ela escassamente registrados.

Em tal análise, não podemos abandonar a efervescência ao século XIX. Caio Prado Jr., em *Evolução Política do Brasil* (2012), considera essa época uma das mais interessantes épocas da evolução brasileira para os que desejam obter, através da História, um melhor conhecimento da atualidade. Segundo o autor, a complexidade dos contrastes brasileiros de hoje pode ser explicada, em grande parte, precisamente pela história desse período em que se situa, fundamentalmente, o processo de transformação parcial de todo o país, quer pela transição entre um Brasil colonial agrário e um Brasil republicano caminhando para a industrialização, quer pela passagem da sociedade baseada no trabalho livre.

## **2.1 Educação da mulher no século XIX**

No período de 1850 a 1889, estava em vigência o Ato Adicional de 1834, considerado como grande marco das medidas descentralizadoras do período regencial (1831–1840). O Ato Adicional atingiu a área educacional e culminou na descentralização do ensino público no Brasil ao qual instituiu a divisão de responsabilidades: o Governo Central ficou responsável pelo ensino superior em todo o território nacional e, pelos ensinos primário, secundário e profissional apenas no município do Rio de Janeiro; os governos provinciais, por sua vez, ficaram responsáveis, desde então, pela administração e legislação do ensino primário, secundário e profissional, dentro dos seus limites territoriais. Justamente naquele período a educação começou a ser vista como meio de promover o desenvolvimento econômico do país, por meio da instrução elementar e da qualificação da mão de obra.

No contexto histórico da segunda metade do século XIX algumas associações civis, como por exemplo, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, desenvolveram ações de apoio ao desenvolvimento da indústria nacional e assim promoveram a modernização e o crescimento do país. Entre as ações desenvolvidas pela associação está a fundação, em 1867, da primeira escola noturna de educação primária para jovens e adultos que prepararia os alunos para ingressar, posteriormente, na escola industrial. Esse acontecimento também está registrado no Relatório do Ministério do Império.

Tem-se admitido como quase incontestável a asserção de que a mulher brasileira viveu no século XIX mergulhada numa atmosfera rígida e autoritária de uma *família patriarcal*, alheia a vida nacional e aos seus problemas, mesmo quando educada formalmente e habitando as cidades, teria se limitado a função procriadora e às atividades domésticas, das quais só sairia para as devoções religiosas e os prazeres sociais.

Desta forma, viver restrita ao espaço doméstico era o destino das mulheres até meados do século XIX no Brasil. Quanto mais nobre e rica, mais tradicional era a família e melhor educada era a moça, e, se bem educada, mais restrito ou controlado era o espaço de convivência. O acesso à educação formal ou à vida cultural literária do país, quando se davam eram restritos e direcionados. As mulheres raramente podiam sair de casa, quando eventuais saídas aconteciam, muito comumente eram para ir à Igreja e, ainda assim, escoltada por escravos ou familiares. Conforme lembra Tânia Quintaneiro, em *Retratos de mulher* (1996), esconder as mulheres era um costume comum no Brasil oitocentista e um requisito para o reconhecimento de sua honradez, principalmente quando se tratava de um forasteiro, como podemos observar no romance *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay. Por isso, foram poucas as mulheres que, de alguma forma, tiveram acesso à educação formal, e ainda mais reduzido o número daquelas cujos escritos chegaram ao conhecimento do público leitor.

Estas afirmativas isoladas têm obscurecido conquistas femininas do século XIX, fruto de algumas pioneiras das décadas de 10 e 20. Embora para alguns o ideal da submissão feminina dentro da família estivesse explícito, principalmente se tratando da mulher jovem, para outros a mulher detinha certo grau de independência em relação à dominação masculina. De um modo geral, a mulher detinha certo grau de autoridade, que se tornava quase absoluta, mesmo em relação aos filhos adultos, no caso da viuvez (BERNARDES, 1988, p. XIV).

Várias constatações se originam dessa análise. A primeira diz respeito à consciência das mulheres, da condição que era sua: o estado de subordinação fora do lar, que em geral os homens procuravam preservar, impedindo ou dificultando o acesso delas à instrução. A conquista da instrução aparecia então como uma das mais importantes reivindicações

femininas. Porém, não se partia do zero, algumas mulheres exerciam algumas atividades como professoras e escritoras.

Em 1852, já existia com intensidade um movimento feminista, que ganhava vigor através do tempo, movimento tão amplo em seus temas que englobava praticamente tudo quanto formaria o conjunto de reivindicações femininas, até a conquista do direito ao voto em 1932 (BERNARDES, 1989, p. XIV).

Este movimento feminista que já existia com intensidade em 1852, se apresentava de formas variadas, defendendo desde o extremo da manutenção da mulher no lar, até o extremo oposto de seu ingresso irrestrito na vida profissional e pública. As mulheres que haviam colaborado para os jornais da época, também divergiam em suas opiniões. Somente concordando todas na necessidade de serem dadas às mulheres as mesmas condições fornecidas aos homens para o aprimoramento de sua instrução, o que nem todos os homens de letras admitiam.

Maria Thereza C. C. Bernardes (1989) constatou que não em romances escritos por homens ou por mulheres do XIX, ora a imagem da mulher se apresenta submissa, ora totalmente autônoma. A autora destaca que, não necessariamente os romances escritos por homens daquele período eram carregados da imagem da mulher submissa, e nem os escritos por mulheres eram necessariamente carregados da imagem da mulher autônoma. Estas imagens não marcam de forma incondicional a posição da mulher nas famílias urbanas abastadas do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e também fora do Rio de Janeiro. A autora afirma que a superação da condição subalterna dependia de conjuntos de circunstâncias. Desta forma, a realidade é revestida de cores, cujos matizes eram de intensidade diversa, não podendo esta ser apresentada de forma monolítica, nem homogênea, quer na visão masculina, quer na visão feminina. O que reinava era a variedade (BERNARDES, 1989, p. 15).

No que diz respeito à imprensa que pretendia expor a questão do feminino, Maria Thereza C. C. Bernardes traz a lume as pesquisas realizadas por Cristiane Deomsch de Azevedo. Esta realizou um trabalho bastante minucioso sobre o *Jornal das Famílias* (1864 - 1878), publicação que surgiu no Rio de Janeiro, editada por Louis Garnier. Tal pesquisa, apresentada como *Contribuição ao estudo da imprensa feminina brasileira*, prestou-se, na verdade, ao estudo do pensamento masculino sobre a mulher, uma vez que eram os homens quem fundavam e dirigiam o referido jornal.

Sobre a impressão dos viajantes estrangeiros a respeito da condição feminina, a autora de *Mulheres de ontem?* menciona a obra elaborada pelas pesquisadoras Mirian L. Moreira



Leite, Maria Lúcia Mott e Bertha Rauffmann Appenzeller. Com base nas contribuições destes estudos, Maria Thereza C. C. Bernardes, analisou três tipos de fontes bastante ricas: opiniões de mais de cem homens de letras sobre educação feminina, romances urbanos do Rio de Janeiro e cinco séries de periódicos da época fundados e dirigidos por mulheres. Os primeiros romances analisados referem-se ao início do Segundo Reinado, já que aparecem na década de quarenta.

Maria Thereza C. C. Bernardes (1989) ressalta também a situação do grupo feminino que constituía as camadas livres dentro da população do Rio de Janeiro, destacando alguns dados quanto ao índice de alfabetização e de frequência às escolas, onde oferece o dado de que havia em 1872 133.880 homens livres para 92.153 mulheres, totalizando 226.033. Havendo um contingente populacional de 24.886 homens escravos para 24.053 mulheres escravas, totalizando uma população de 48.939 escravos na cidade do Rio de Janeiro, e uma população entre homens e mulheres escravos e libertos de 274.972 (BERNARDES, 1989, p. 14).

Sobre a alfabetização e a frequência escolar no Município Neutro, Bernardes afirma que 65.164 homens sabiam ler e 68.716 eram analfabetos. Para as mulheres, 33.992 sabiam ler, contra 58.161 que não sabiam. Na população escolar de 6 a 15 anos: 5.788 meninos frequentavam escolas, contra 16.449 que não frequentavam, no que diz respeito às meninas 4.258 frequentavam escolas, contra 15.019 que não frequentavam. No entanto, não se pode esquecer que, comumente, a educação das meninas da alta sociedade era garantida dentro do lar por professores das mais variadas disciplinas que lecionavam em domicílio (BERNARDES, 1989, p. 14).

Como já foi dito, as considerações sobre as mulheres no século XIX eram diversificadas. Até por que o acesso à educação se dava de forma diversificada, ou seja, homens e mulheres pertencentes a uma mesma família abastada tinham acesso diferenciado à educação.

É o que observamos, por exemplo, na elaboração da *Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro*, 1881, obra de Bithencourt da Silva e seu grupo, onde foram reunidas as opiniões de quatro mulheres e cento e vinte e sete homens de letras, convidados a escrever sobre a educação feminina, a fim de comemorar o início das aulas de desenho e música para meninas naquela instituição de ensino. Trata-se de pensamentos masculinos e femininos sobre a educação da mulher, ou seja, do modo como os homens e mulheres de letras do final do século retrasado concebiam o papel feminino no Brasil (BERNARDES, 1989, p. 23).

Bernardes apresenta seis direções possíveis no modo de pensar sobre o tema, desde o caso em que a educação feminina era condenada, se preparasse a mulher para o trabalho profissional fora do lar, até o extremo oposto, onde o trabalho feminino profissionalizado era visto como emancipação. Na *Poliantéia*, a maneira como os homens pensavam a educação feminina apresentaram as seguintes variações: a educação deve preparar a mulher exclusivamente para o lar e jamais contribuir para a sua emancipação intelectual ou profissional; ideias evasivas que não chegam a definir educação feminina; a educação deve completar a formação feminina; a educação da mulher consiste, sobretudo, em sua preparação moral e religiosa; educar a mulher é contribuir para a dignidade da família, da nação e do mundo e a educação da mulher representa a sua emancipação. Ou seja, as ideias no tocante à educação feminina variam da mais negativa até a que considera positivamente a educação como fator de emancipação feminina (BERNARDES, 1989, p. 23).

Ora, se era trabalho das mãos femininas educar as crianças (meninos e meninas) era necessário que as mulheres fossem antes também educadas. Ou seja, educar a mulher era necessário, mesmo por que eram elas as responsáveis pelas primeiras instruções dos homens. É assim que se justificam afirmativas como as de Guilhermina de Azambuja Neves, publicadas na *Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*, em 1881:

A base fundamental do engrandecimento de uma nação deve ser a instrução do homem. A nação que cuida de instruir a mulher terá caminhado muito para a instrução daquele, e, portanto para o seu engrandecimento. Educar, instruir, esclarecer a mulher, é o primeiro passo para reformar a sociedade. (NEVES apud BERNARDES, 1989, p. 34)

De um modo geral, as opiniões femininas coincidem com a aceitação do próprio papel social voltado para a família e o engrandecimento da pátria, numa perspectiva que dá lugar à ideia de modernização e de progresso. Para a maioria dos colaboradores da *Poliantéia* a educação feminina exercia a função moralizadora na sociedade, sobretudo no que se referia ao papel de mãe de família.

A autora de *Mulheres de ontem?* defende que ao analisar as opiniões explicitadas pelos colaboradores da *Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*, se tem um apanhado geral sobre a visão que homens e mulheres tinham sobre a questão da educação feminina no século XIX. É importante ressaltar aqui que as opiniões explicitadas na *Poliantéia* são advindas de indivíduos pertencentes a uma determinada classe social, que seria aquela tida como culta,

frequentadora de salas de leitura etc. As opiniões, em linhas gerais, se diferenciavam entre duas vertentes: a primeira condenava explicitamente toda a educação que preparasse a mulher para assumir atividades fora do lar, santuário exclusivo de sua missão na sociedade.

É importante destacar que esta visão sobre a educação feminina frequentemente aproximava-se das noções cristãs sobre o papel feminino e das ideias burguesas da época, norteadas pelo ideário positivista. Até porque, alguns dos colaboradores da *Poliantéia* eram também fundadores da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro. A segunda vertente proclamava a emancipação feminina através da educação.

Embora o Imperador D. Pedro I tivesse mandado criar as escolas de primeiras letras femininas nas cidades e vilas mais populosas, em 15 de Outubro de 1827, a questão da educação das mulheres dividia opiniões. A sua aceitação como preparação da missão moralizadora e material que, segundo muitos, caberia às mulheres, suscita algumas considerações especiais. Uma vez proclamada a missão de educar o homem, caberia então a este o dever de sustentá-la economicamente. Enquanto tal dever é defendido abertamente pelo grupo dos que condenavam explicitamente toda a educação que preparasse a mulher, o que também era aceito pelo grupo que era favorável à educação da mulher. Desta forma, percebe-se que havia também uma aceitação masculina da função cristã de provedor que caberia aos homens. Tal postura é coerente com a iniciativa masculina de abrir para as mulheres o ensino do desenho e da música no turno da noite do Liceu de Artes e Ofícios, o que proporcionaria o aprimoramento das prendas femininas, sem atrapalhar suas obrigações familiares. Se o contato com as artes viesse a ser um meio de algum tipo de remuneração, não contribuiria para o ingresso da mulher num mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens. Aliás, não era bem aceita a ideia de que as mulheres pudessem vir a competir em condição de igualdade com os homens. Entretanto, partindo do reconhecimento de que a mulher é elemento necessário e indispensável para a formação moral do homem e, por conseguinte, para a regeneração da sociedade, os homens em maior parte passam a advogar para si o cuidado e a glória de educá-la.

No entanto, se era aceito que à mulher era necessária certa educação formal, quem daria esta educação? Onde estudavam as mocinhas, inicialmente não em escolas, mas dentro de suas próprias casas, sendo ensinadas por professores particulares, ou melhor, professoras. Se caso uma professora não fosse encontrada, a mãe da moça ou uma madrinha ficava junto para supervisionar as aulas e salvaguardar a boa reputação da moça.

É interessante destacar que a profissão de professora era bem aceita pela sociedade, mesmo porque as mulheres professoras haviam aprendido com suas mães e madrinhas, ou

seja, eram mulheres socialmente respeitadas por terem um ofício, ensinar é considerado uma atividade adequada também à mulher. Estas mulheres, inicialmente, não possuíam licença para lecionar, o que não era problema, o interesse estava em que a mulher tivesse uma boa oratória, falasse outras línguas, não que tivesse um diploma. A profissão de professora era aceita como fonte de renda, mas que deveria ser abandonada se esta atrapalhasse as atividades do lar se a professora viesse a casar-se. Era aceita, inclusive, por ser uma profissão de um só turno, e que poderia ser praticada paralelamente às atividades do lar. Tais elementos faziam com que os salários femininos se mantivessem sempre inferiores aos dos homens (LOURO, 2009, p. 450).

O curioso é perceber que estas professoras eram comumente mulheres solteiras ou viúvas, professoras de línguas, como francês ou de artes, como pintura ou música. A saber, as meninas órfãs se tornavam muito frequentemente professoras, principalmente aquelas que haviam estudado em escolas religiosas femininas.

Relato de um marinheiro norte-americano, datado de 1849, ilustra o tipo de educação que era dada as meninas órfãs e abandonadas: ‘aprendiam a ler, a escrever, aritmética, costura, cozinha e todos os ramos úteis de trabalho do cotidiano. Muitos moços vão lá (no asilo de órfãs) procurar esposas e depois de apresentar atestado de boa moral e de ser trabalhador são recebidos no vestibulo onde encontram as moças casadoiras. (LOURO, 2009, p. 445)

Inicialmente os exames públicos que concediam a permissão para ensinar eram realizados pelos Jesuítas entre 1549 e 1759, que recrutavam apenas os homens, dada a missão cristã da mulher. Posteriormente a permissão para lecionar passou a ser concedida aos homens que teriam sido iniciados como ajudantes ou monitores de turmas que uma vez tendo sido avaliado pelo Ministério do Império, após a indicação do Inspetor Geral e a consulta prévia ao Conselho Superior de Instrução, ganhavam então o Título de Capacidade e adquiriam a licença para lecionar em escolas públicas ou privadas. O Título de Capacidade era emitido pelos órgãos executivos, isto é, Inspetoria Geral e o Ministério do Império (GONDRA, 2008, p. 17).

Foi aos poucos que as mulheres no século XIX foram se constituindo como sujeitos num público letrado ou leitor, o que implicou na ampliação da oferta de escolas na Corte, para que a elite pudesse desfrutar dos benefícios da escrita. E a partir da década de 1820, as mulheres de elite iniciaram o processo de alfabetização, pois a prática de mandar a filha estudar para abrilhantar os salões havia se instaurado. Em meados do século XIX as mulheres tornaram-se público alvo dos jornais, que passaram a contar com um espaço para a publicação

dos folhetins com a finalidade de agradar às mulheres da casa também, e não somente aos homens.

Naquele momento, no qual a gestação do público leitor foi em parte alcançada, surgiu o periódico *O Jornal das Senhoras*. Em um período de transformação conjuntural, pois, ao mesmo tempo em que se defendia a educação feminina nos jornais como fator de progresso e com vistas a erradicar o analfabetismo no país, alguns aspectos reforçavam a dominação do homem sobre a mulher, como a valorização masculina no espaço público, em detrimento do espaço privado feminino do lar, reforçando a dominação do homem sobre a mulher.

A partir da década de 1820, apareceram as escolas para a elite, ainda que as meninas saíssem do colégio para se preparar para o casamento. O que, aos poucos, foi se transformando até que as meninas passaram a estudar um pouco mais, permanecendo na escola até os 17 ou 18 anos. O Governo estimulava o gosto pela ópera, trazendo espetáculos que haviam triunfado em Nova York, como o *Thalberg*. A música e a dança se disseminavam entre a elite na Corte Imperial. Já os livros eram censurados para o público feminino. Principalmente romances que tivessem como temática o adultério feminino ou a prostituição (LEITE, 1984, p. 75).

É importante ressaltar que a educação abrangia na época, tanto o aprendizado doméstico, adquirido no seio da família, no contato com amigos e vizinhos, como aqueles obtidos através da igreja e da instrução escolar. Este trabalho procura apresentar questões sobre a educação feminina, vigente no século XIX.

## **2.2 Literatura e escrita feminina como ofício**

Como já foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, o século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental, mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão capitalista, sendo o final daquele século o momento de maior abrangência do imperialismo europeu. Os impactos gerados pelo contato com novas culturas e as novas relações estabelecidas pelos novos modelos de organização geraram impactos nas organizações de poder, fato que alterou não apenas as estruturas, mas também alterou os detalhes da vida cotidiana, desde as grandes teorias científicas até o modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou como se dirigir ao outro. A cultura desempenhou papel

fundamental neste processo, entretanto, no centro da cultura europeia havia um forte sentimento eurocentrista que acumulava experiências e territórios, pessoas e narrativas, classificando-as, unificando a multiplicidade à medida que bania identidades diferentes (TELLES, 2009, p. 401).

A cultura europeia dava então licença ideológica para o liberalismo, mas sua influência provocou também resistências e desafios. Neste sentido faz-se necessário ressaltar que as formas culturais que coexistiram ou apoiaram o empreendimento imperial não concordavam em tudo o tempo todo, tanto nas metrópoles quanto no ultramar. É preciso ressaltar o papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na cristalização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram, de modo geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos desesperados em determinadas situações.

Devemos ter em mente que, se este século foi sombrio para as classes trabalhadoras europeias, para as mulheres e para os colonizados, foi também o século em que surgiram movimentos sociais como o socialismo e o feminismo, o movimento sufragista e a Nova Mulher.

Já foi dito aqui que o século XIX foi, definitivamente, o século dos romances. Pouco a pouco os trechos mitológicos, as lendas ou as fontes literárias do passado vão saindo de cena e dando lugar a enredos contemporâneos, com novos argumentos. As tramas passam então a envolver pessoas específicas em condições particulares e não mais tipos humanos genéricos atuando em cenários determinados pela convenção literária. Para tal realização o estilo romântico passa a incorporar vocábulos de uso cotidiano e cada romance passa a se debruçar sobre uma entidade individualizada e, por isso mesmo, particularizada para cada momento histórico. É o romance que diferencia a prosa da vida doméstica cotidiana, tendo como tema central o que os estudiosos contemporâneos denominam como *romance de família* (TELLES, 2009, p. 402).

No século XIX o público leitor se torna maior e se constitui em grande parte de mulheres burguesas. Na nova figuração que definiu o indivíduo como o entendemos hoje, foi definido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não europeu e de outras culturas. A mulher passou a ser ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude. É importante perceber que esta mulher reconfigurada aos moldes da época imperialista está inserida na lógica burguesa de compreensão de mundo e que, por isso, a percepção da mulher está fundada nos binarismos comuns à lógica burguesa, que seria: natureza/cultura, bom

selvagem/selvagem traiçoeiro, mulher moderna que lia e pensava politicamente/mulher fora dos padrões cristãos.

O discurso sobre a natureza feminina se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definindo a mulher como um ser delicado e maternal, uma força do bem afinal, mas, quando se colocavam a realizar atividades que não eram culturalmente suas, as mulheres eram tidas como usurpadoras. Este discurso naturalizou uma concepção de feminino e colocou a mulher além ou aquém da cultura.

Neste contexto surge o romancista criando o mundo e nomeando as coisas. Nestes romances, as mulheres criadas pelas linhas do autor, ou encarnavam o extremo desta alteridade da mulher misteriosa e intransigente para os limites dos padrões vigentes até então, ou a mulher assumia o papel gracioso de anjo do lar. No entanto é comum nos romances caber à mulher os dois estereótipos. Demônio ou anjo do lar, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido.

Não podemos esquecer que as mulheres pertencentes a este universo burguês consumiam os romances da época, e, embebidas das linhas inovadoras ou conservadoras, passam também a escrever, sendo nesta época que se tem um significativo número de mulheres que escrevem e publicam, tanto na Europa quanto nas Américas (TELLES, 2009, p. 403).

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e, até mesmo, impedidas do acesso à educação superior, as mulheres do século XIX eram verdadeiras musas inspiradoras e criaturas. Para tornarem-se criadoras, a mulher teria que matar o anjo do lar, a doce criatura geradora da prole e enfrentar a sombra, o outro lado do anjo do lar, o monstro da rebeldia, da desobediência. Ou seja, cabia às mulheres uma jornada penosa para que conquistassem o espaço de sua personalidade na sociedade.

No século XIX, as mulheres que pensaram em ser algo mais do que bonecas ou personagens literárias precisaram diferenciar-se do que diziam os textos masculinos que as definiam como coisa pouca e tiveram que adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionavam. A conquista do território da escrita, da carreira das letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. O romance, por mais inocente que fosse, era ainda um gênero literário mal visto, pernicioso para as mulheres. Entretanto foram várias as mulheres que não se detiveram pela maneira que o romance era visto e liberaram suas penas para escrever romances, poemas, enigmas, charadas, cadernos de recitas e tudo quanto é sorte de escrita feminina. No Brasil do século XIX, várias mulheres fundaram jornais visando

esclarecer as leitoras, dando-lhes informação, chegando a fazer também reivindicações objetivas. Comumente estes jornais pertenciam a mulheres de classe média, algumas investiam todos os seus recursos neles. Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes em sua obra, *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*, realizou um levantamento das mulheres de letras no Brasil do século XIX entre 1840 e 1890, dentre as quais temos 40 mulheres que residiram no Rio de Janeiro, 54 que residiram em outros pontos do Brasil e 5 escritoras e tradutoras que não se sabe o local de residência.

Escritoras e tradutoras que residiram no Rio de Janeiro (BERNARDES, 1989, p. 191 - 209):

- Adelaide de Castro Alves Guimarães; nascida na Bahia, Salvador em 1854 e irmã do poeta Castro Alves.
- Adelaide Amélia Lopes Vieira; nascida em Portugal, não se sabe a data e irmã de Julia Lopes.
- Amélia Carolina da Silva Couto; não se sabe a data nem onde nasceu, mas se sabe que fundou o jornal o Eco das Damas, publicado a partir de Abril 1879, dedicado ao interesse das damas.
- Amélia Machado Cavalcante de Albuquerque; a viscondessa de Cavalcanti, não se sabe quando nasceu e nem onde, mas se conhece seus estudos de numismática e que publicou em 1889 no Rio de Janeiro a Coleção Numismática brasileira.
- Ana Barbosa de Lossio e Seilbitz; nasceu em 1830 e faleceu em 1877. Natural do Rio de Janeiro publicou duas obras, um romances e um livro de poemas e colaborou em várias publicações em periódicos fluminenses usando pseudônimos. Seus artigos “Uma viagem ao Parnaso” e “A educação da mulher” foram alvo da crítica fluminense.
- Ana Adeltrudes de Meneses; nascida em 1825 e natural do Rio de Janeiro, colaborou com várias poesias publicadas em periódicos fluminenses.
- Ana Luísa de Azevedo Castro; não se sabe quando nasceu, natural de Santa Catarina, residia no Rio de Janeiro quando da publicação de seu romance D. Narcisa Vilar, em 1859. Se tem conhecimento que foi professora no Rio de Janeiro, sócia honorária da Sociedade de Ensaio Literários, que publicou poemas em A Marmota, em 1866, que compôs uma alegoria ao 7 de setembro e que usava o pseudônimo de Indígena do Ipiranga.
- Carmem Freire, a baronesa de Mamanguape; Nasceu em 1855 e faleceu em 1891. Dedicou-se aos estudos naturalistas e à literatura amena.



- Cassilda Franconi Sousa; Nasceu em 1859, no Rio de Janeiro, foi professora de instruções primárias e diretora de algumas escolas. Colaborou na imprensa brasileira e publicou a obra *Noções de literatura*, em data desconhecida.
- Corina Vivaldi Coaracy; nascida em 1859 e faleceu em 1892, natural do Kansas, Estados Unidos, tem uma extensa carreira e publicações em variados temas.
- Edwiges Raetz de Schreiner; natural do Rio de Janeiro publicou em 1883 a obra: *Idéias sobre a instrução primaria no Brasil*.
- Elisa Diniz Machado Coelho; filha da escritora e jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz, com quem fundou o Colégio Santa Isabel, no Rio de Janeiro. Publicou no Rio de Janeiro: O Sexo feminino e o romance-folhetim, *Diva Isabela*.
- Ernestina Fagundes Varela; irmã do poeta Luiz Nicolau Fagundes Varela, publicou poemas e contos religiosos no Rio de Janeiro em 1876 e 1878 respectivamente e deixou colaboração no *Almanaque Ilustrado* em 1880.
- Francisca Senhorinha da Motta Diniz; nascida em São João Del Rei, Minas Gerais, residia no Rio de Janeiro quando de suas publicações nas revistas A Primavera (1880) e O Sexo Feminino (1875 - 1890) e quando publicou *A judia Raquel* em 1886.
- Gabriela de Jesus Ferreira França; publicou no Rio de Janeiro as obras Maria do Patrocínio (romance, 1879) e Contos brasileiros (1881). Em Niterói publicou Ernestina (1885).
- Gervazia Nuezia Pires dos Santos Nunes; foi redatora chefe do *Jornal das Senhoras* (1853) no Rio de Janeiro.
- Guilhermina de Azambuja Neves; natural do Rio de Janeiro foi professora freguesia da Candelária, publicando obras voltadas para a educação de meninos e meninas.
- Isabel Dilui; colaboradora de *A Família* (1882 - 1890).
- Joana Paula Manso de Noronha; fundadora do *O Jornal das Senhoras* no Rio de Janeiro em 1852, além de artigos e várias peças de teatro, publicaram *As Consolações*, no Rio de Janeiro em 1856.
- Josefina Álvares de Azevedo; nascida em Itaboraí, era irmã do poeta Alvarez de Azevedo. Fundou o jornal *A Família* (1888 - 1897), apresentou a comédia o voto feminino (1890) e a obra *Retalhos* (1890).
- Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar; fundou no Rio de Janeiro o periódico *O Belo Sexo* em 1862.

- Júlia Cortines; compôs versos e poemas que foram publicados em periódicos no Rio de Janeiro (1894 - 1889).
- Júlia Lopes de Almeida; natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1862 e faleceu em 1934. , Irmã da poetisa Adelina Lopes de Almeida, contribuiu com diversas obras e publicações em periódicos fluminenses.
- Luisa Carolina de Araujo Lopes; residiu no Rio de Janeiro onde foi diretora de colégio de educação para meninas. Publicou em 1877 a obra Lições de geografia particular do Brasil.
- Luisa Amélia da Silva Aquino; foi adjunta da instrução publica primaria do Rio de Janeiro.
- Luisa Leonardo Marques; foi professora de piano, tendo sua obra Gazel publicada no Jornal da tarde em 1881.
- Maria Angélica Ribeiro; Natural de Paraty nasceu em 1829 e faleceu em 1880. Foi sócia honorária da Sociedade Literários do Rio de Janeiro e encenou uma série de dramas e comédias no Rio de Janeiro.
- Maria Augusta Generoso Estrella; natural do Rio de Janeiro (1861 - 1946) foi a primeira médica brasileira, tendo se formado em Nova York em 1881, onde também fundou juntamente com a sua amiga Josefa Áqueda Felisbela Mercedes de Oliveira, o periódico *A Mullher*.
- Maria Benedita de Oliveira Barbosa; nasceu na Argentina e morou no Rio de Janeiro, onde publicou sua obra *Zaira Americana* em 1853.
- Maria Carolina Bittencourt Ribeiro; natural do Rio de Janeiro tendo nascido em 1859, publicou diversos trabalhos em periódicos fluminenses.
- Maria Francisca Pedreira Ferreira; natural do Rio de Janeiro, onde publicou a obra *Deveres de meninos*, em 1873.
- Maria Guilhermina Loureiro de Andrade; embora natural de Minas Gerais, foi no Rio de Janeiro onde fundou um colégio para meninas. Publicou em Boston a obra, *Resumo da História do Brasil para o uso das escolas primárias*, em 1888.
- Maria Helena Câmara de Andrade Pinto; natural do Rio de Janeiro publicou em 1887 a obra *Violetas*.
- Maria José de Andrade; natural da Cidade de Campos no Rio de Janeiro, desde cedo, por incentivo de seu pai que era comerciante, estudou escrituração e línguas. Publicou diversos poesias e folhetins sobre o pseudônimo Leucata Olímpia.

- Maria Josefina Matilde Durocher; nasceu na França e, 1808 e faleceu no Rio de Janeiro em 1893 onde exerceu durante toda a sua vida a função de parteira imperial. Publicou diversas obras sobre o tema da clínica obstetrícia.
- Narcisa Amália de Campos; natural de Campos foi professora primária e poetisa de renome tendo publicado várias obras.
- Nísia Floresta Brasileira Augusta; nasceu no Rio Grande do Norte e faleceu na França. Foi educadora de meninas no Brasil em Portugal. Por ter vivido parte de sua vida na França conheceu figuras importantes como Augusto Comte e Victor Hugo e na Itália relacionou-se com Garibaldi e Mazzini. Publicou uma série de obras tanto no Brasil como fora.
- Rosalina Frazão; natural da cidade de Carapebus, no Rio de Janeiro, foi professora da instrução primária na freguesia da Glória e publicou algumas obras voltadas para a educação.
- Teresa Pizarro Filha; natural de São Paulo; passou a residir no Rio de Janeiro quando fundou o colégio Santa Teresa. Publicou várias obras voltadas para o ensino secundário de meninas.
- Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco; nasceu em Salvador, Bahia em 1817 e faleceu no Rio de Janeiro em 1875. Teve uma vasta publicação em vários periódicos fluminenses tendo ficado conhecida aos oito anos quando cantou uma cavatina acompanhada de orquestra, merecendo aplausos de um grupo ilustrado.

Escritoras e tradutoras que residiram em outros estados e cidades do Brasil:

- Adélia Josefina de Castro Fonseca; natural de Salvador, Bahia e lá publicou.
- Amália dos Passos Figueirôa; Nasceu em Porto Alegre em 1844 e lá faleceu em 1875, publicou poesias em Porto Alegre e em Lisboa.
- Ana Ribeiro de Goes Bittencourt; nasceu na Bahia em 1856 e lá publicou poesias, prosas e artigos.
- Anália Emília Franco; nasceu em São Paulo em 1856 e lá faleceu em 1919. Publicou poesia e prosa em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa.
- Anália Vieira do Nascimento; nasceu em Porto Alegre em 1855 e publicou poemas em Lisboa.
- Áurea Pires da Gama; nasceu em Angra dos Reis (RJ) em 1876 e lá faleceu em 1949, publicou poesia em Barbacena (MG).

- Auta de Sousa; nasceu em Macaíba (RN) em 1876 e lá faleceu em 1901, publicou poesias.
- Beatriz Francisca de Assis Brandão; nasceu em Ouro Preto (MG), publicou poesia, prosa e traduções no Rio de Janeiro.
- Cândida Fortes; natural de Cachoeira (RS) publicou poesia e prosa em Porto Alegre.
- Cândida Isolina de Abreu; nasceu em Porto Alegre (RS) em 1862 e publicou poesias em Pelotas (RS).
- Carolina Von Kozeritz; nasceu em Porto Alegre (RS) em 1866, além de lá ter publicado suas traduções, publicou também no Rio de Janeiro e em Lisboa.
- Clarinda da Costa Siqueira; nasceu no Rio Grande do Sul em 1818 e lá faleceu em 1867, publicou poesias em Porto Alegre (RS).
- Delfina Benigna da Cunha; nasceu em São José do Norte (RS) em 1791 e lá faleceu em 1857, publicou poesias em Porto Alegre (RS).
- Emília Augusta Gomide Penido; nasceu em Ouro Preto (MG), onde faleceu em 1886, publicou prosas e traduções no Rio de Janeiro.
- Francisca Júlia da Silva Munster; nasceu em Xiririca (SP) em 1871 e faleceu em 1920, publicou poesias em São Paulo.
- Francisca Maranhão Cavalcanti Albuquerque; nasceu em Maceió em 1844 e publicou traduções no Rio de Janeiro.
- Herculana Firmina Vieira de Sousa; nascida em Cururupu (MA), publicou prosas em São Luís.
- Ildelfonsa Laura Cesar, nascida na Bahia, publicou poesias em Salvador.
- Inês Sabino Pinto Maia; nasceu em Salvador (BA), publicou poesias em prosas em Pernambuco e no Rio de Janeiro.
- Joana Tiburtina da Silva Lins; nasceu em Pernambuco e publicou poesias e prosas no Recife.
- Josefa Águeda Felisbela de Oliveira; nasceu em Pernambuco em 1864, publicou prosas em Recife e fundou um jornal feminino em Nova York ao lado de Maria Augusta Generoso Estrela.
- Josefina Neuville; nasceu no Rio de Janeiro em 1833 e publicou prosas em Lisboa.
- Júlia Maria da Costa; nasceu em Paranaguá (PR) em 1844 e faleceu em 1911, publicou poesias no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

- Julietta de Melo Monteiro; nasceu no Rio Grande do Sul em 1863 e faleceu em 1928, publicou poesia e prosa no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, além de ter fundado um periódico literário.
- Luísa Amélia de Queirós; nasceu em 1846 no Piauí, faleceu em 1898 e também lá publicou poesias.
- Luísa Cavalcanti Filha; nasceu no Rio Grande do Sul e lá publicou poesias.
- Luísa Leopoldina Tavares Porto Carreiro; nasceu no Mato Grosso do Sul em 1863 e publicou prosas no Rio de Janeiro.
- Maria Amélia de Queirós; nasceu no estado de Pernambuco e publicou prosas no Rio de Janeiro e em Recife.
- Maria Augusta da Silva Guimarães; nasceu em 1851 na Bahia e faleceu em 1873, algumas de suas obras foram publicadas postumamente na Bahia.
- Maria Bárbara Xavier; nasceu em Minas Gerais e teve algumas de suas obras publicadas postumamente.
- Maria Benedita Câmara de Bormann; nasceu em 1853 em Porto Alegre e faleceu em 1895, publicou algumas prosas e romances.
- Maria Bezerra; natural de Pernambuco; publicou algumas poesias em Recife.
- Maria Cândida de Figueiredo Santos; natural de Pernambuco; publicou algumas poesias em Recife.
- Maria do Carmo de Melo Rego; nasceu no Rio Grande do Sul e publicou prosas no Rio de Janeiro.
- Maria do Carmo Sene de Andrade; nasceu em São Paulo e publicou poesias no Rio de Janeiro.
- Maria Cavalcanti Vilhena da Cunha; nasceu em Minas Gerais e publicou poesias no Rio de Janeiro.
- Maria Elisa de Lacerda Valente Moniz de Aragão; nasceu na Bahia em 1874 e publicou artigos na Bahia e em Paris.
- Maria Elisa Miranda Chaves; nasceu na Bahia em 1830 e publicou poesias.
- Maria Firmina dos Reis; nasceu em São Luís do Maranhão em 1825 e lá faleceu em 1917, publicou romances, contos enigmáticos, charadas e o Hino de libertação aos escravos no Maranhão em outros estados brasileiros e algumas outras publicações póstumas em periódicos nacionais e em Lisboa.

- Maria Jucá Moreira Lima; nasceu em Alagoas em 1867 e lá faleceu em 1895, tendo publicado poesias.
- Maria Luísa Duarte; nasceu em Maceió em 1863 e lá publicou artigos e fundou dois jornais femininos.
- Maria Luísa de Oliveira Arruda; nasceu em Bananal (RJ) em 1864 e lá publicou traduções.
- Maria Luísa de Sousa Alves; nasceu na Bahia em 1862 e lá publicou prosas.
- Maria Zalina Rolim de Toledo; nasceu em São Paulo em 1869 e lá publicou poesias.
- Marie Rennotte; nasceu na Bélgica e publicou artigos no Rio de Janeiro.
- Odília Marques da Silva; nasceu no Rio Grande do Sul e publicou prosas.
- Presciliana Duarte de Almeida; nasceu em Minas Gerais em 1867 e faleceu em 1944, publicou poesias em São Paulo e no Rio de Janeiro.
- Revocata Heloísa de Melo; nasceu no Rio Grande do Sul em 1840 e faleceu em 1898, publicou prosas no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na Argentina.
- Rita Barém de Melo; nasceu no Rio grande do Sul em 1840 e faleceu em 1898, publicou poesias em Porto Alegre.
- Rita Esteves Alves de Vasconcelos; nasceu em Pernambuco e publicou uma prosa.
- Teonila Cândida Tavares Bastos; nasceu em Alagoas e publicou prosas no Rio de Janeiro.
- Úrsula Barros de Amorim Garcia; nasceu no Ceará em 1864 e publicou poesias em Recife.

Escritoras e/ou tradutoras com residência em locais ignorados:

- Ana Euquéria Lopes de Cadaval; publicou traduções no Rio de Janeiro.
- Maria Augusta Lopes de Sá; publicou traduções no Rio de Janeiro.
- Maria Dias da Silva; publicou prosas no Rio de Janeiro.
- Maria Dulce; publicou um romance no Rio de Janeiro.
- Victoria Colonna; publicou obras didáticas e traduções no Rio de Janeiro.

Temos então que no século XIX, em especial nas décadas de 40 e 50, um maior número de mulheres que começou a escrever e publicar, não só na Europa, mas também nas Américas, não apenas nas capitais, mas também no interior, como as províncias do Norte e

Nordeste do Brasil. Inicialmente, estas mulheres tiveram que aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada a educação superior, educação esta que virá apenas em 19 de abril de 1879, inicialmente para os cursos de medicina (ginecologia e obstetrícia), farmácia e cirurgia dentária. As mulheres pioneiras tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram que rever o que sobre a mulher se dizia e rever a sua própria socialização. E esta revisão de sua própria condição de mulher, foi a empreitada inicial das mulheres autoras do XIX, tanto as que se dedicavam aos romances, quanto as que se dedicavam às crônicas etc.

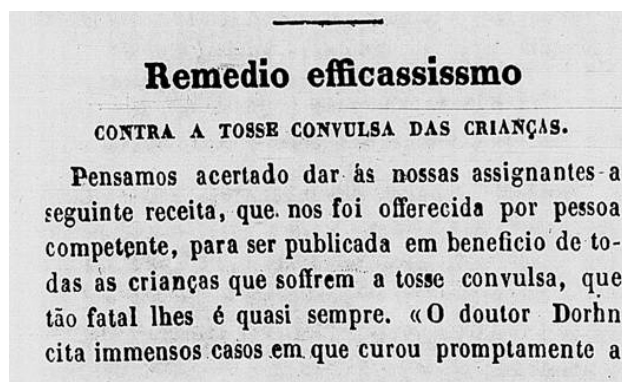
Sobre o estudo da imprensa feminina, Dulcília Schroeder Buitoni (1986), em sua obra *Imprensa Feminina* nos informa que esta surgiu no fim do século XVII com o jornal *Lady's Mercury* (Inglaterra, 1693), sobre o nome do jornal, a pesquisadora ressalva que a prática de indicar já no nome o público para quem se dirigem é prática comum à imprensa feminina, o que acaba diferenciando a imprensa feminina do que seria a não imprensa feminina. A distinção do público aconteceu no passado, embora os jornais fossem destinados a ambos os sexos, eram lidos mormente por homens, pois eram os que tinha acesso pelo fato de saberem ler (Buitoni, 1986).

A mulher faz parte da formação da imprensa, não apenas a feminina, seja como receptora ou, como no caso do *Jornal das Senhoras*, como produtora. A circunstância de alguns periódicos terem sido dirigidos por mulheres não é condição necessária para que estes sejam qualificados como femininos. O grande elemento definidor da imprensa feminina é o seu público consumidor (BUITONI, 1986, p. 8).

A imprensa feminina se caracteriza também pelo fato de possuir extrema variedade de temas, fazendo com que a sua área de abrangência seja enorme. Entretanto, existem alguns temas de grande interesse ao público feminino que gozam de certa unanimidade na imprensa feminina de todo o mundo. Sendo assim, em todo o mundo, quase não existem periódicos femininos que não trate, de alguma maneira, de temas do “coração”. Podendo ser o enfoque no romance, no melodrama... As “questões do coração” já estavam presentes desde o início da imprensa feminina.

Literatura e em seguida Moda são os principais temas que marcam o início da imprensa feminina. Foi apenas nos séculos XVIII e XIX que as questões referentes ao direito feminino entram em cena e, paralelamente, as utilidades iam ganhando as páginas. Utilidades como os trabalhos manuais, conselhos de saúde, de economia doméstica etc. (BUITONI, 1986, p. 22).

Figura 1 – Receita de remédico contra a tosse convulsa das crianças



Continuação da figura 1

tosse convulsa das crianças com as seguintes fumi-  
gações, depois de haver applicado inutilmente a  
belladona e outros medicamentos energicos — In-  
censo duas libras; estoraque calamita e benjoim ,  
de cada cousa meia libra; flores d'alfazema e rosas  
vermelhas, de cada cousa quatro onças. Lança-se  
desta mistura quantidade sufficiente em um foga-  
reiro com brazas vivas, para que a criança fique  
envolvida no espesso fumo que procede da combus-  
tão destes ingredientes. Duas ou tres vezes por dia »

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 29 de maio de 1853, p. 176.

Neste mesmo período surgia, com mais visibilidade, a etiqueta e a ideia do comer bem se articulando em maneiras de preparar, servir e degustar pratos, estava nascendo a editora de culinária. O desenvolvimento industrial, a urbanização, o aparecimento da classe média foram criando novas exigências. A casa passava a ser o personagem principal. Arquitetura, decoração, utensílios domésticos configuravam produtos de consumo divulgados e estimulados pela imprensa feminina. Havendo em tudo a filosofia do prático e do funcional.

A indústria de cosméticos foi outra vertente que incrementou os editoriais do século XIX, surgia a editoria de beleza. Estas vertentes destinadas ao público feminino se consolidaram em 1940 (BUITONI, 1986, p. 22). A elas, alguns acrescentaram trabalhos manuais e aos poucos a literatura foi perdendo terreno para a moda e atividades domésticas.

No Brasil, a literatura permaneceu como item muito presente na imprensa feminina até o começo do século XX, e praticamente desapareceu no começo da década de 60. Primeiramente sendo substituída pelas fotonovelas, e com o espaço para os contos ou romances seriados cada vez mais reduzidos. Diferentemente dos EUA e dos países europeus, onde, por devido à tradição de leitura de suas populações, a literatura demorou um pouco mais



de tempo para perder seu espaço para a moda e as atividades domésticas (BUITONI, 1986, p. 23).

O lazer oferecido pela literatura foi sendo substituído por outras seções como testes e reportagens sobre pessoas famosas. A moda, de artesanal, passou a depender da indústria, e a imprensa feminina acompanhou de perto esta transformação. A culinária também mudou com a indústria de alimentos, fazendo imperar a praticidade. Cartas das leitoras, testes e horóscopo, são alguns dos elementos que se tornaram parte integrante da imprensa feminina. Tanto as revistas mais populares, quanto as mais sofisticadas, os testes “psicológicos” e horóscopo sempre marcaram presença. Da mesma forma as cartas, seja solicitando informações, elogiando ou criticando, funcionaram como alimentadores indispensáveis ao processo de produção da imprensa feminina.

Mais do que a imprensa em geral, a imprensa feminina está intimamente ligada ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, e que interfere nos passos de sua evolução. Segundo Buitoni (1986), jornais e revistas funcionam como termômetro dos costumes da época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada, também sendo registradas as movimentações sociais mais significativas. Seja para dar expressão a literatura produzida por mulheres, ou para reclamar seus direitos, seja para fazer chegar a moda, a beleza os conselhos práticos, lá estava a imprensa feminina.

O progresso dos correios permitiu melhor distribuição dos periódicos por volta do século XVII na Europa. Como dito anteriormente, o primeiro periódico feminino que se tem notícia foi inglês *Lady's Mercury* (1693), que foi seguido pelo *Ladie's Diary* (1704 – 1840). Outros periódicos que marcaram o surgimento da imprensa feminina na Inglaterra foram os *Ladie's Magazine, and Museums of BellesLettres or Entertaining for the Fair Sex* (1770 – 1837). Inicialmente, quase todas eram gazetas literárias, e somente ao longo do século XIX é que a moda foi se tornando presente (BUITONI, 1986, p. 25).

Na Alemanha, o *Akademie der Grazien*, primeiro periódico feminino apareceu em 1774, e em princípios do século XIX surgiu o *Journal fur Deutsche Frauen*, que acrescentou o horóscopo em suas páginas. Em 1800 surgiram também veículos dedicados exclusivamente à moda para um público de costureiras e modistas na Alemanha e na Áustria, e foi em Viena que surgiu o *Die Elegante* (1842 – 1871), que introduziu a novidade dos modelos de tricô.

Na Itália as mulheres tiveram o *Toilette* em 1770, *Biblioteca Galante* em 1775, o *Giornale delle Donne* em 1781 e, no século XIX as revistas católicas *La Donna* e *La Famiglia católica* acentuavam um tipo italiano que colocava a mãe num pedestal, como a pedra angular da família (BUITONI, 1986, p. 25 – 26).

Embora a imprensa feminina tenha tido sua lugar nos países citados, foi na França onde mais floresceu, servindo, posteriormente, de modelo ao Brasil. O primeiro periódico feminino francês foi o *Courrier de La Nouveauté* (1758), seguido pelo *Journal de Dames* (1759), que começou como jornal literário e depois passou a se chamar *Journal des Dames et des Modes* (1759 – 1778). Seu proprietário *La Mésangère*, era um personagem excêntrico, famoso por suas vestimentas transparentes e excelente gravador, suas gravuras são consideradas obras primas. Além do editorial, dos poemas, das crônicas de livros, teatro e moda. O jornal dava modernos conselhos sobre educação para a época e falava na mãe que se ocupava ela mesma dos filhos e elogiava os externatos para moças, que apareciam e substituíam os pensionatos e internatos. Nas páginas do *Journal des Dames et des Modes* (1759 – 1778) começaram a surgir a publicidade, trazendo anúncios de sapatos, lojas, pequenas fábricas etc. (BUITONI, 1986, p. 26).

Durante a Revolução Francesa, surgiram periódicos que carregavam seus objetivos já no nome *Les Annales de l'Education Du Sexe* (1790); *Les Evénement Du Jour* (1791) e *La Feuille Du Soir. L'Iris*, que surgiu por volta de 1830, foi o primeiro jornal a trazer moldes de roupas. O gosto utilitário das publicações vinha desde o século XVIII, com a publicação de partituras musicais adequadas para as moças (BUITONI, 1986, p. 26 – 27).

Figura 2 – Lira do Jornal das Senhoras<sup>18</sup>



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 25 de julho de 1852, s/p.

<sup>18</sup> É interessante observar a função do adorno, recurso para tornar agradável a leitura das mulheres, adequado para um jornal que visa entreter e instruir. Se destacam na apresentação do jornal; o trançado em elos, a linha abaixo com elementos decorativos e circulares.

Para Buitoni (1986) o periódico que mais trouxe o debate sobre educação foi o *Le Journal des Femmes* (1832 – 1838) e, entre os anos 1852 e 1870, surgiram os jornais *Le Conseiller des Dames*, contando com a publicação de romances, fofocas, meditações, conselhos médicos, lições de etiqueta tratava bastante de educação e *La Mode Illustrée*, que além dos temas presentes em seu concorrente, o *Conseiller des Dames*, trazia uma infinidade de trabalhos manuais (BUITONI, 1986, p. 27).

Nos Estados Unidos, dentre os pioneiros da imprensa feminina, o mais conhecido é o *Ladie's Magazine* (1828), mas além deste existiu também o *American Magazine* (1906?). Foi nos Estados Unidos que a denominação *magazine* se afirmou como uma ideia de revista. O *Lady's Magazine* se fundiu com o *Lady's Book*, do editor Loius Godey em 1830, e o nome do jornal passou a ser *Godey's Lady's Book*, e durou até 1877 (BUITONI, 1986, p. 27 – 28). Tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos, as revistas começaram a ser vendidos em lojas comerciais e livrarias desde 1869, o que os livrou da dependência dos correios. Com maior facilidade para a aquisição e estimulada pelo desenvolvimento do comércio de moldes, a imprensa feminina deu um grande salto nas tiragens no fim do século XIX nos Estados Unidos. O *Lady's Home Journal* (1893) foi o primeiro a trazer a palavra *home* em seu título, trazendo um novo peso da casa e do lar para a imprensa feminina. Na França existiu um periódico com esta mesma proposta, o *Petit Echo de La Mode* (1879), que pertencia a uma família católica e trazia além de moda, dicas para facilitar a vida e folhetins em páginas destacáveis de modo a formar um livro concluído à publicação daquele romance (BUITONI, 1986, p. 29 - 30).

À luz das ideias propostas por Dulcília Schroeder Buitoni em *Imprensa Feminina* (1986), temos a característica feminina nos periódicos acima citados, entretanto, tais periódicos não podem ser considerados feministas, pois seus objetivos principais não eram políticos. Sobre os periódicos que podem ser considerados como feministas Buitoni (1986) destacou primeiramente os nomes dos franceses *L'Athénée des Dames* (1780 – 1809) e *La Politique des Femmes* (1848) que se transformou no *L'Opinion des Femmes* (1848) e *Le Droit des Femmes*, também chamado de *L'Avenir des Femmes* (1869 – 1889).

O *Le Droit des Femmes* foi muito importante para a conquista dos direitos civis das mulheres, pois batalhava a favor do divórcio, da investigação de paternidade, da remuneração do trabalho feminino igual à do trabalho masculino, e a favor do direito de se tornarem médicas ou advogadas. Em 1881, surgiu o sufragista *La Citoyenne* e em 1897 surgiu o *La Fronde* (1897 – 1905), um diário todo feito por mulheres que possuía editorias variadas, trazendo a cada dia uma seção diferente: segunda, correspondentes estrangeiras; terça,

serviços sociais; quarta, descobertas científicas e espiritualismo; quinta, esportes; sexta, receitas práticas de economia doméstica; sábado, educação; e domingo, correspondência. As principais inovações trazidas pelo *La Fronde* foram a coluna sobre a Bolsa e notícias sobre os conselhos municipais e a criação do termo *puericultura*. O jornal ressurgiu em 1926, quando a sua diretora percebeu que o voto feminino iria ser concedido para fazer campanha pela elegibilidade das mulheres, acabando definitivamente em 1928. (BUITONI, 1986, p. 31 - 32).

Por volta dos anos de 1860 a 1870, época em que a Itália ainda lutava pela união de seus estados independentes, surgiram os primeiros periódicos feministas italianos, o *Circolo delle Donne Italiane e Un Comitato de Donne*. Na Alemanha surgiu o *Neue Bahnen* (1866 – 1920) e na Inglaterra surgiu o *Jus Suffragii*, que se tornou em 1913 o *Internationam Women Suffrage*. Neste período, tanto na França como em outros países, aos poucos a palavra *senhora* ou *dama*, ia sendo substituída pela palavra *mulher*, um marco na configuração política desta imprensa (BUITONI, 1986, p. 30 – 31).

No Brasil, a imprensa feminina só pode existir após a permissão para o funcionamento da imprensa geral no início do século XIX. E para que a imprensa feminina surgisse os alguns costumes portugueses, que existiam devido a influencia moura deveriam ser vencidos. A mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas e raramente conquistavam a permissão de seus pais para estudarem, pois o letramento permitira que suas filhas trocassem correspondências amorosas não consentidas. Somente por volta da metade do século XIX é que o hábito de enviar as filhas á escola foi absorvido pelas famílias de posses. Em um cenário onde poucos eram os homens alfabetizados, as mulheres formavam um grupo ainda menor.

O Brasil se apresentava como uma reunião de cidades litorâneas isoladas, pouco povoadas no interior. Alguns centros possuíam uma vida cultural praticamente autônoma, com destaque para a Corte do Rio, que possuía vínculos próprios com a Europa. A comunicação entre as cidades brasileiras era muito difícil, dependiam de navios ou correio a cavalo. Em 1827 a primeira iniciativa que ajudou a incipiente imprensa feminina foi a instalação do serviço regular de vapores entre a Corte do Rio de Janeiro e Santos, em São Paulo. E em 1839, todas as províncias marítimas eram ligadas por navegação a vapor.

Para Buitoni (1986), o primeiro periódico feminino brasileiro foi o carioca *O Espelho Diamantino* (1927), sendo o primeiro veículo feminino no Brasil o *A Mulher do Simplicio* ou *A Fluminense Exaltada*, editado de 1832 a 1846. Recife e São Paulo abrigavam as duas primeiras faculdades brasileiras de Direito, ambas fundadas em 1827. E foi em Recife que surgiu *O Espelho das Brasileiras*, que teria sido o segundo jornal para mulheres, sendo

seguido pelos *Jornal de Variedades* (1835), *Relator de Novelas* (1838) e *Espelho das Bellas* (1841). No Rio de Janeiro surgiram o *Correio das Modas* (1839 - 1841), *A Marmota* (1849 – 1864), onde encontraram-se as primeiras litografias impressas no Brasil. (BUITONI, 1986, p. 37 – 38).

Em 1838, no *Jornal do Comércio*, o folhetim chegou ao Brasil. E em 1852 surgiu o *Armazém de Novellas Escolhidas* ou *Novellista Brasileiro*, que continha além dos folhetins gravuras de moda e era escrito por um autor que se autodenominava *folhetinista*. José de Alencar, que era redator-chefe do *Correio Mercantil*, publicou durante o mês de dezembro de 1846, o romance *Cinco Minutos* e em 1º de janeiro de 1847 iniciou a publicação de *O guarani*. Dulcília Schroeder Buitoni (1986) defende que a revista feminina brasileira mais importante do fim do século XIX foi a revista *A Estação*, pois foi onde, de 1886 a 1891 foi publicado o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis (BUITONI, 1986, p. 39 – 40).

Com nome de flores, pedras preciosas ou animais graciosos, todos metáforas da figura feminina ou mencionando a mulher em seus objetivos a imprensa brasileira caminhou como um canal de expressão para as sufocadas vocações literária feminina, principalmente no que dizem respeito a produções menores, e um campo de trabalho seguro para os homens que se iniciavam ou já possuíam fama na literatura.

*A Mensageira* (1897 – 1900), fundada por Presciliana Duarte, primeira mulher a entrar ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, é um exemplo de periódico feminino que surgiu em função da literatura. No Brasil, não houve um periódico feminino, no século passado, que não apresentasse a parte literária. Sendo a moda outro tema que estava ligado à imprensa feminina. Desta forma, temos na literatura e na moda as duas molas propulsoras dessa imprensa que começava a se consolidar. As duas razões para que jornais e revistas femininos fossem assinados e ansiosamente aguardados eram: traziam a continuação dos romances e os moldes ou gravuras que ditavam a moda. A moda e a literatura, unidas criaram uma espécie de necessidade temporal. Sintomaticamente, sustentar-se nos pilares moda-literatura configurava uma linha conservadora em relação à imagem da mulher, dando ênfase nas virtudes domésticas e desaprovando ideias progressistas, no máximo dizendo que a educação beneficiava a mulher (BUITONI, 1986, p. 40 – 41).

Tabela 1 – Principais publicações femininas brasileiras no século XIX

1851	<i>Novellista Brasileiro</i> ou <i>Armazém de Novellas Escolhidas</i>
1852 – 1855	<i>Jornals das Senhoras</i>

1856	<i>Recreio do Bello Sexo</i>
1859 – 1860	<i>O Espelho</i>
1862	<i>O Bello Sexo</i>
1863 – 1864	<i>A Bella Fluminense</i>
1863 – 1878	<i>Jornal das Famílias</i>
1873 – 1875	<i>O Domingo</i>
1875 – 1877	<i>O Sexo Feminino</i>
1876	<i>Jornal das Moças</i>
1876 – 1877	<i>O Recreio das Moças</i>
1879 – 1880	<i>O Echo das Damas</i>
1879 – 1904	<i>A Estação</i>
1879 – 1888	<i>A mãe de família</i>
1879	<i>República das Moças</i>
1880	<i>A primavera</i>
1881	<i>O beijo</i>
1885 – 1888	<i>O Echo das Damas</i> <sup>19</sup>
1887 – 1889	<i>O Sexo Feminino</i>
1889 – 1897	<i>A família</i>
1890 – 1896	<i>O quinze de novembro do sexo feminino</i>
1896	<i>O mimo</i>
1848	<i>A violeta</i>
1854	<i>A camélia</i>
1860	<i>O Lírio</i>
1868	<i>A crisálida e a borboleta</i>
1886	<i>O Leque</i>
1887	<i>A violeta</i>
1888 – 1889	<i>A família</i>
1889	<i>A pérola</i>
1890	<i>Jornal das Damas</i>
1890	<i>A camélia</i>
1892	<i>Revista das Modas</i>

<sup>19</sup> Reaparecimento da revista de 1879.

1897 – 1900	<i>A mensageira</i>
1898	<i>O Ramallete</i>
1898	<i>A borboleta</i>
1898	<i>Álbum das meninas</i>

Fonte: BUITONI, 1981.

O domínio da escrita é também um lugar de afrontamento e controvérsias. Quando as mulheres do século XIX levantaram a bandeira que defendia o direito básico de aprender a ler e a escrever, e principalmente após a primeira legislação que autorizava a abertura de escolas públicas femininas, datada de 1827, não era mais possível proibir, como forma de lei pelo menos, que as mulheres aprendessem a ler e a escrever. Desta forma, o recurso encontrado foi o de restringir a leitura e a escrita das mulheres, o que elas liam e para quem escreviam (PERROT, 2005, p. 271).

A mulher autora atraía para si todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve e, sobretudo a que publica, era tida como uma mulher desnaturada que preferia abrigar-se sob um pseudônimo. O seu sucesso provocava escândalo e era depreciado. Os limites do que a mulher podia fazer não são somente de ordem jurídica. Eles se encontram dispersos na opinião pública, amplamente dominada pelo sexo masculino. Paulatinamente, estes limites foram se modificando.

Formar mulheres adaptadas às tarefas do lar foi por muito tempo o papel de uma educação que continuou por muito tempo no âmbito do privado, da questão familiar e maternal, uma questão de fé. A instrução ocupou por muito tempo um lugar menos ao lado das práticas domésticas, morais e caritativas. Os vínculos entre mulheres e religião são poderosos e antigos. Nele o que a mulher pode ou não pode fazer, no sentido do que ela é livre para fazer e ao que ela tem que se sujeitar se confundem com as questões da religião de forma quase que indissolúvel (PERROT, 2005, p. 271 – 272).

Os primeiros textos que se tem conhecimento de autoria feminina, ou seja, os primeiros textos onde a mulher tomou a posse do verbo provêm das mártires cristãs. As Ordens e conventos não abrigavam apenas a fuga ou a resignação, a Igreja trabalhava pela proteção das solitárias e das viúvas. Mesmo no século XIX, em que a religião tendia para o lado da submissão das mulheres, as questões são complexas.

Entre os católicos, que é o caso brasileiro, a constante da ordem patriarcal é mais rígida. As mulheres deviam renunciar a si e consentir com a sua própria sujeição. No entanto, exaltar a diferenciação do sexo feminino, através da imagem da Virgem Maria, pôde

alimentar uma forte consciência de gênero, que promovia os valores femininos como forma de salvação e enaltecia a mulher, creditando nela maior autonomia e confiabilidade na condução da família, inclusive no que diz respeito ao uso dos recursos financeiros da família. A boa esposa e mãe sabe o que é melhor para os seus, e esta é a vontade de Deus. (PERROT, 2005, 272 – 273).

O protestantismo oferece mais brechas, pois sua compreensão sobre a diferença dos sexos é diferente da concepção católica. Por exemplos, em nome da Bíblia, ele favoreceu a alfabetização das meninas mais precocemente do que nos países católicos, pois as meninas deviam começar a ler a Bíblia o quanto antes. De certa maneira, as mulheres dos pastores também participavam do ministério e a influências das protestantes no desenvolvimento de numerosos movimentos feministas foi considerável (PERROT, 2005, p. 272).

No Brasil do século XIX, as opções para a instrução das moças eram alguns poucos conventos e raras escolas particulares nas casas das professoras ou ensino individualizado. É verdade que o ensino neste momento inicial ainda era voltado para as práticas domésticas, mas foram àquelas primeiras mulheres que tiveram uma educação diferenciada que tomaram para si a tarefa de estender os benefícios do conhecimento às companheiras. Sendo assim, fundaram escolas, publicaram livros e enfrentaram as opiniões dos que diziam que as mulheres não necessitavam de saber ler ou escrever (DUARTE, 2003, 153).

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritora, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. (MUZART, 2003, p. 267).

Neste processo, no qual as mulheres que tiveram acesso à instrução tomaram para si a tarefa de estender tal benefício as demais, se destacou o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Nascida no Rio Grande do Norte residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa. Nísia Floresta teria sido então a primeira mulher a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da grande imprensa. *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832) foi o seu primeiro livro e foi também o primeiro livro brasileiro que tratou dos direitos das mulheres. Nesta obra Nísia Floresta colocou em língua portuguesa o clamor que vinha da Europa, fazendo a tradução cultural das novas ideias para o contexto nacional, pensando a mulher na história brasileira e não realizou apenas uma tradução livre (como declarou) de *Vindications of the Rights of woman*.



Se, em 1832, ainda eram raras as mulheres alfabetizadas, o número de mulheres escritoras era ainda menor. Na lista das mulheres escritoras dos primeiros anos do século XIX até o meio daquele século, se encontram os nomes de algumas mulheres que foram exceções hoje conhecidas, como a miniera Beatriz Francisca de Assis Brandão; as gaúchas Clarinda as Costa Siqueira, Delfina Benigna da Cunha e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas; Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar; Francisca Senhorinha as Mota Diniz; Elisa Diniz Machado Coelho (Filha de Francisca Senhorinha da Mora Diniz); Amélia Carolina da Silva Couto; Josefina Álvares de Azevedo; Revocata Heloísa de Melo e sua irmã Julieta de Melo Monteiro; Presciliana Duarte de Almeida e Mirtes de Campos (DUARTE, 2003, p. 154 - 159).

Existiram poucos periódicos no início do século XIX dirigidos por homens mais sensíveis às mudanças do comportamento social. Sendo somente em meados do século XIX que começam a surgir os primeiros periódicos dirigidos por mulheres, como é o caso do *Jornal das Senhoras*.

A subordinação da mulher brasileira ao homem, admitida como absoluta e universal em nosso passado histórico foi uma ideia repetida sem maiores preocupações. No entanto, as próprias mulheres do século XIX, com todas as limitações impostas à sua educação, já tinham feito considerações altamente significativas analisando suas causas e verificando seus efeitos. E ao constatar a aceitação pela mulher brasileira de um papel subalterno, protestaram e apresentaram esquemas de ação contrária. Desta forma, observamos a reação feminina, isto é, uma ação no sentido inverso das imposições da sociedade. Sendo um erro pensar que as mulheres que viviam afastadas da capital, no Norte e Nordeste, por exemplo, estavam alheias a estes pensamentos feministas de conscientização do novo papel feminino na sociedade do século XIX. Mesmo porque a situação da própria economia do período favorecia a circulação de pessoas e ideias para as províncias mais afastadas da capital.

### 3 O JORNAL DAS SENHORAS<sup>20</sup>

Pela primeira vez apareceu no Brasil um jornal escrito por SENHORAS ILUSTARADAS, que não duvidarão assinar seu nome, empregar seus esforços, á testa de uma tão útil empresa. (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1853, p. 2).

Nós fomos as primeiras senhoras que não trepidamos em nos apresentar em público para darmos vida e animação intelectual ao gênio fértil, à imaginação viva e ardente do nosso sexo, até então destinado a abafar no peito ou confiar às tiras de papel trancadas em seu gabinete o sentimento das mais belas inspirações da literatura.

[...]

Nós, enfim, as primeiras senhoras que, encetamos um JORNAL desta ordem, travado de imensas dificuldades, sem lucros, sem recursos mais que a vossa cooperação, não trememos, não esmorecemos, prosseguimos, e tudo confiamos da Providencia Divina que enxergava as nossas devotadas intenções e a nossa firme resolução. (JORNAL DAS SENHORAS, 17 de outubro de 1852, p. 123 – 124).

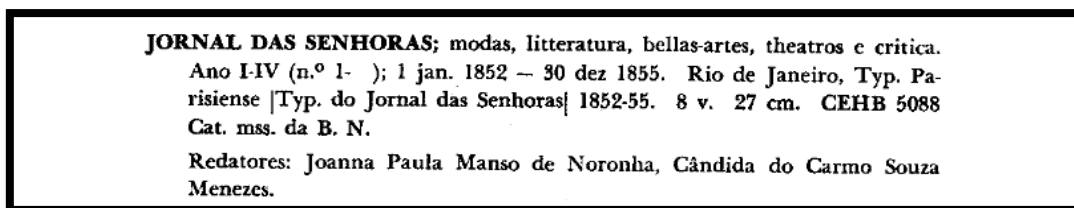
Saber com os meus próprios olhos e ouvidos que a redação deste Jornal tinha enfim satisfeito os vossos desejos. Estou contentíssima. Como parte interessada que sou em firmar no meu país de uma vez para sempre a publicação de um jornal escrito por senhoras, dirigido pelo bom gosto e preparado franca e lealmente com todos os quezitos de moda fina e elegante, não pode ser indiferente aos elogios que recebeu o *Jornal das Senhoras*. (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de julho de 1852, p. 9).

*O Jornal das Senhoras* foi o primeiro periódico feminino brasileiro a contar exclusivamente com mulheres na redação (BUITONI, 2009, p. 40). Gondim da Fonseca (1941) afirma que *O Jornal das Senhoras* foi redigido por D. Cândida do Carmo Souza Menezes, “talvez a primeira mulher jornalista do Brasil” (FONSECA, 1941, p. 321). Já Nelson Werneck Sodré (1966, p. 214) afirma que este jornal foi lançado por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco. No entanto, nos *Anais da BIBLIOTECA NACIONAL* (1965, p. 73) é citado o nome de Joanna Paula Manso de Noronha como a primeira redatora do *Jornal das Senhoras*, sendo seguida por Cândida do Carmo Souza Menezes, já na obra *Dicionário Mulheres do Brasil* (2000) a baiana Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco aparece como a segunda redatora em chefe do *Jornal das Senhoras* (SCHUMAHER, 2000, p. 961).

---

<sup>20</sup> Todas as citações do JORNAL DAS SENHOAS contarão com adaptações ao português atual sem provocar modificações de sentido presentes no original.

Figura 3 – Anais da Biblioteca Nacional



Fonte: Anais da Biblioteca Nacional, 1965, p. 73.

De acordo com o *Jornal das Senhoras*, de 1º de janeiro de 1852 a 04 de julho de 1852, Joanna Paula Manso de Noronha. Argentina nascida em 26 de junho de 1819 e faleceu em 1875<sup>21</sup> também na Argentina. Sua família se instalou no Rio de Janeiro, uma vez que seu pai fugia da ditadura de Rosas. No Rio de Janeiro se casou com o músico português Francisco Sá Noronha. O casal viajou para os Estados Unidos e Cuba, durante este tempo Joanna teve duas filhas, Eulália e Hermínia. Depois de seis meses, Joanna Paula abandonou a redação do *Jornal das Senhoras*. Schuma Schumacher (2000, p. 548) nos informa que provavelmente a primeira redatora em chefe teria deixado a direção do jornal por ter tido problemas pessoais. Segundo a organizadora do *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado* (2000) Joanna Paula havia se separado do marido, que teria voltado para Portugal com outra mulher (SCHUMACHER, 2000, p. 548). De acordo com as informações desta obra, ela teria retornado à Argentina com suas duas filhas, chegando lá em 1853 (SCHUMACHER, 2000, p. 547-549).

Completarão-se no dia 1º do corrente seis meses da existência do *Jornal das Senhoras*, que, sob a redação em chefe da Ilm<sup>a</sup>. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha radiante e esbelto se vos apresentou em tão longe espaço. Motivos, porém, imperiosos obrigam á dita nossa Ilm<sup>a</sup>. Amiga a atender a outros deveres, e por conseguinte a não dirigir a redação deste periódico.

Sobre mim recaiu a escolha para tão pesado encargo, e quanto balda dos conhecimentos e ilustração que adornam a Ilm<sup>a</sup>. Sra. D. Joanna, eu empenharei todos os meus esforços para imitar o seguir a senda que se lhe traçou na redação deste jornal,

[...]

Prósperos dias aguardem a nossa Ilm<sup>a</sup>. Amiga a Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha; que ela não nos deixe e que não desampare o *Jornal das Senhoras* que sob a sua égide tanto há prosperado, e para o qual também devemos evocar o auxilio de Deus... e a proteção de todos.

Aceite, minhas amigas, os meus protestos de pura afeição por vós, a quem bens apeteço.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

Redatora em chefe. (JORNAL DAS SENHORAS 04 de julho de 1852, p. 216).

Embora não tenhamos data precisa quanto a sua partida, no dia 02 de outubro de 1853, Joanna Paula Manso de Noronha escreveu para o *Jornal das Senhoras*, na qual afirma:

<sup>21</sup> Não possuímos a data precisa de seu falecimento.

**Carta dirigida pela Ilm<sup>a</sup>. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redação do Jornal das Senhoras<sup>22</sup>**

Dignai-vos aceitar esta fraca homenagem da simpatia que consagro a um Jornal, da redação do qual me afastaram circunstancias alheias da minha vontade.

Assisti, com as vossas colaboradoras, á representação das minhas peças, não porque sejam elas de súbito merecimento, mas sim, porque produções de uma senhora, são o padrão da conquista dos sagrados direitos da nossa intelligência, presente este do Criador; e porque essa exceção ao preconceito que nos condenava a inação intelectual merece ser sancionada por todos aqueles, que tem confiança no porvir da humanidade, que amam o progresso das letras no Brasil e cooperam para este fim.

Com esta distinta carta honrou-nos a illustre Autora dramática, convidando-nos ao seu benefício, que terá lugar na noite do sai 8 de outubro, no Teatro São Pedro de Alcântara; e mais uma vez nos outorgou as vivas demonstrações do quanto presa e estima o Jornal, de que foi a primeira e tão digna redatora em chefe. (JORNAL DAS SENHORAS, 02 de outubro de 1853, p. 31).

Figura 4 – Divulgação da peça de Joanna Paula M. de Noronha

Depois de uma nova ouvertura de sua composição intitulada — **REGENERAÇÃO** — Subirá a scena, pela primeira vez, o drama historico original da Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, em seis quadros e um epilogo — **O DITADOR ROSAS E A MASHORCA.**

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 22 de maio de 1853, p. 167.

O dia 8 de outubro de 1853 foi o aprazado para no teatro de S. Pedro ter lugar o benefício da Sra. D. Joanna Manso de Noronha, primeira redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, autora dos dramas – *A Família Morel*, *A Esmeralda*, *O Ditador Rosas*, e das comédias – *A Saloia*, *As manias do Século*.

Orgulho-me pois em ter ocasião de noticiar-vos esse fato de tão grande saliência nos anais de nossa contemporânea emancipação literária. Não me admira que o homem, que tem á disposição dos seus mais insignificantes caprichos abertas ante si portas de quantas faculdades o universo conta; não me admira que o homem ávido de saber, e para quem se destinou a glória dos renomes, para quem se constituirão as grandíloquas empresas scientificas e literárias, e a quem a egoísta sociedade faculta e facilita os meios instrutivos dos mais sólidos conhecimentos humanos, como partilha exclusiva de seu sexo; não me admira, digo, que ele atinja o apogeu da gloria, quando para a exaltação de seus feitos a sociedade empenha-se em facilitar-lhe os meios.

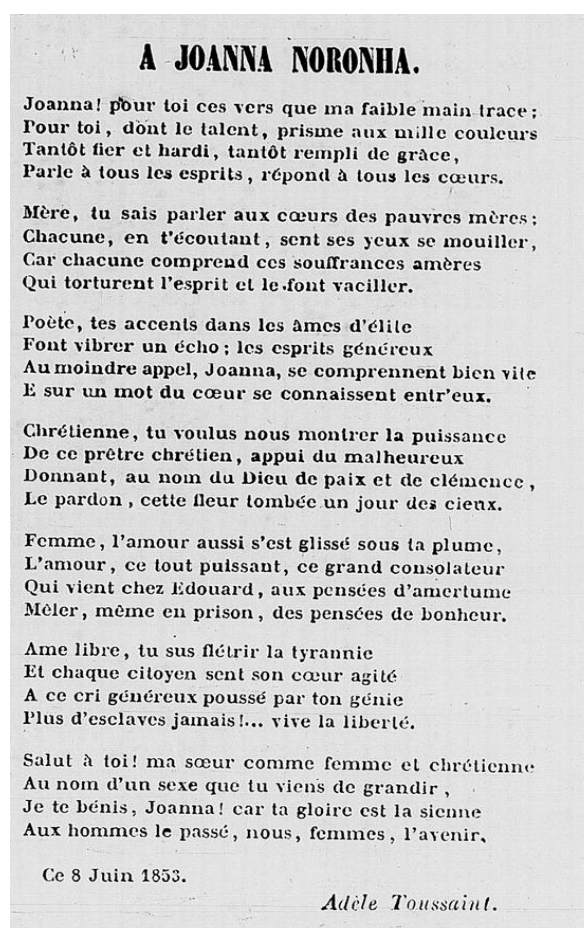
Admiro e orgulho-me por meu turno, quando tenho de traçar o panegírico de algumas dessas heroínas da literatura e da época, que contra a expectativa do crasso indiferentismo social, apresentam-se como que, inspiradas pelo etéreo lume, clamando pela emancipação de seu sexo, em prol do qual tem sacrificado as vigílias, seu repouso votado às lucubrações!

A Sra. D. Joanna Manso de Noronha está incontestavelmente no caso de fazer jus á minha admiração e aos meus encômios; e mais alto que isto falaram em prol do mérito dessa senhora os frenéticos aplausos, a extraordinária concorrência, a ovação completa que tornaram imorredoura a recordação grata e saudosa dessa noite de triunfo ao gênio, de emulação e estímulo á literatura pátria, de glória e de entusiasmo ao nosso sexo! (JORNAL DAS SENHORAS, 09 de outubro de 1853, p. 328).

<sup>22</sup> Grifo no original.

Em carta enviada à redação, Joanna Paula revela que estava no Rio de Janeiro, pelo menos até o dia 8 de outubro de 1853, “Assisti, com as vossas colaboradoras, á representação das minhas peças” (JORNAL DAS SENHORAS, 02 de outubro de 1853, p. 313). No trecho da “Crônica da Quinzena”, do dia 09 de outubro de 1853, citado acima, percebe-se a admiração das redatoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras* por Joanna Paula, “A Sra. D. Joanna Manso de Noronha está incontestavelmente no caso de fazer jus á minha admiração e aos meus encômios” (JORNAL DAS SENHORAS, 02 de outubro de 1853, p. 328). Como também podemos perceber no poema:

Figura 5 – Poema em Frances escrito por Adele Toussaint



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 25 de setembro de 1853 p. 312.

O que nos provoca dúvida sobre a informação de que Francisco Sá Noronha teria se separado de Joanna Paula e retornado a Portugal com outra mulher, é o fato de que mesmo após a data de 4 de julho de 1852, quando Joanna Paula supostamente deixou a redação por ter se separado, suas composições continuam a ser publicadas no *Jornal das Senhoras*. Como a que segue abaixo, com data de 16 de janeiro de 1853.

Figura 6 – Anúncio da publicação da valsa Candinha, de Francisco Sá Noronha

Acompanha a este n. 3 uma linda valsa denominada — *Candinha*, e os moldes mais modernos de corpinho com basquine.

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 16 de janeiro de 1853, p.24.

Figura 7 – Valsa Candinha

The image shows a page of musical notation for a waltz. At the top, the title "CANDINHA." is written in a bold, serif font. Below it, in a smaller font, is "VALSA DO JORNAL DAS SENHORAS." and "Composta por Noronha." There is a circular stamp in the upper right corner of the page. The music is written in piano and consists of five systems of notation, each with a treble and bass clef. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and accidentals.

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 16 de janeiro de 1853, s/p.

Se o motivo para o abandono da redação por parte de Joanna Noronha foi realmente o fim do casamento e o retorno à terra natal do seu marido acompanhado por outra mulher e, levando em conta toda a relação de afeto entre as redatora e colaboradoras e Joanna Paula Manso de Noronha, achamos pouco provável que, ainda assim, o *Jornal das Senhoras* tenha continuado a oferecer as composições do algoz de sua fundadora. “É do insigne artista que eu falo, do Sr. Noronha, vitimado pelo indiferentismo de um país, onde sua rebeca quotidianamente arpeja dulcíssimas vibrações!” (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de abril de 1853, p. 135). Sabemos que não é impossível, mas consideramos pouco provável. Entretanto,

toda a bibliografia consultada afirma que Francisco Sá Noronha se apaixonou por outra mulher, terminou o casamento e voltou para Portugal em nova companhia e com o término do casamento, Joanna Paula abandonou a redação do jornal.

Após a saída de Joanna Paula M. de Noronha da redação do *Jornal das Senhoras*, quem assumiu este posto foi Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco. Baiana do ano de 1816 ou 1817[?], filha de Violante Lima de Bivar e do conselheiro imperial Diogo Soares da Silva de Bivar. D. Violante Atabalipa recebeu uma educação refinada, bem cedo aprendeu francês, italiano e inglês. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde se tornou figura de projeção social nos salões da Corte. Casou-se com um oficial da marinha, o Tenente João Antonio Boaventura Velasco. Em meados da década de 40 daquele século conheceu a argentina Joanna Paula Manso de Noronha. Começou como colaboradora do *Jornal das Senhoras* e logo se tornou redatora. Como a primeira redatora em chefe daquele periódico era argentina, foi considerada por Joaquim Manoel de Macedo e Afonso Costa a primeira jornalista brasileira (SCHUMAHER, 2000, p. 962). Violante Atabalipa faleceu no dia 25 de maio de 1875 no Rio de Janeiro (SCHUMAHER, 2000, p. 961 – 963).

Em 1º de junho de 1853, a até então colaboradora que assinava com o pseudônimo Gervina P., a Sra. D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves, passou a ser a redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*. Não temos muitas informações sobre a terceira e última redatora, exceto a de que era filha do então já falecido Sr. Innocencio Nunes Pires e casada com o Sr. Antonio José dos Santos Neves (JORNAL DAS SENHORAS, 05 de junho de 1853, p. 177).

Sei que, muito ousado, fazendo-me conduzir às barras desse temível e imenso tribunal de previa censura, do qual também fazeis parte; e faço ideia quais serão por ventura as calamidades por que passarão aquelas que como eu, mal grado a prevenida disposição de um mal entendido egoísmo, afrontam toda essa expectativa de uma viciada educação com que nos degradam o sexo, e vingam todos esses funestos prejuízos com que pretendem esterilizar-nos a intelectualidade.

A vossa Gervina P. congratula-se pois, aceitando a Redação em chefe do *Jornal das Senhoras*. (JORNAL DAS SENHORAS, 12 de junho de 1853, p. 185).

Redigido por mulheres, encontramos ao longo dos anos alguns textos de autores que se declaravam do sexo masculino. Dentre estes autores podemos destacar as partituras do Sr. Noronha, que foi casado com a primeira redatora, o poeta Salomon, Ninguém “um cavalheiro sem nome” (JORNAL DAS SENHORAS, 31 de outubro de 1852, p. 139) e Antônio José dos Santos Neves, casado com a Sra. D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves, última redatora em chefe.

O primeiro exemplar do *O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Belas Artes, Teatros e Critica*, foi publicado no dia 01 de janeiro de 1852, excepcionalmente numa quinta-feira, os demais exemplares foram publicados aos domingos. Seu último exemplar foi ao público no dia 30 de dezembro de 1855. A partir do dia 22 de janeiro de 1854, a formatação do título da capa é modificada, ficando mais moderna e abandonando a antiga formatação floral. Além desta modificação, ganhou mais um subtítulo “Jornal da boa companhia” e o artigo “O” é suprimido, a partir desta data, passou a se apresentar como *Jornal das Senhoras*<sup>2324</sup>, apenas.

Foram diversas as tipografias do *Jornal das Senhoras*, todas localizadas no Rio de Janeiro, sendo a primeira delas a Tipografia Parisiense, à Rua Nova do Ouvidor nº 20, em seguida, em 07 de março de 1852, pela Tipografia de Santos e Silva Junior, na Rua da Carioca nº 32, posteriormente, a partir de 06 de março de 1853 pela Tipografia de G. Leuzinger, localizada à Rua do Ouvidor nº 36 e, por fim, pela Tipografia do Jornal das Senhoras, situada na Rua do Cano nº 165. Cada exemplar seguia com um figurino ou padrão de bordado e no mínimo uma vez por mês, seguia com uma partitura para piano. Com raríssimas exceções, este padrão foi mantido durante todos os anos de sua circulação, sendo o caso de ausência de estampas mais significativo o ocorrido no mês de maio de 1854.

Depois de há dois anos e meio haveremos cumprido a todo o custo os nossos compromissos para convosco, Senhoras, um dia chegou em que esse nosso capricho e dedicação foi de assalto acometido um incidente inesperado que nos obriga a falar-vos á parte fundamental do nosso programa.

Não receberemos este mês os nossos figurinos pelo pacote de Southapton, como a muito está determinado, e em não interrompida prática estabelecido; ficamos portanto sem figurinos para dar-vos este mês: cada uma de vós avaliará o sentimento que nos punge por semelhante causa. (JORNAL DAS SENHORAS, 21 de maio de 1854, p. 161).

Inicialmente o preço da assinatura trimestral era de 3U000rs. na Corte e 4U000 rs. para as províncias e os trimestres eram pagos adiantados. A partir do dia 27 de junho de 1852, a assinatura passa a ser semestral com o preço de 6\$000 para a Corte e 7\$000 para as províncias. Com frequência encontramos a afirmação de que seu financiamento era feito unicamente por leitoras e colaboradoras “Peço-vos pouco, peço-vos somente que sustenteis o vosso jornal; e isso é tudo.” (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1854, p. 1). Os

<sup>23</sup> Apenas para facilitar a leitura, mesmo antes do ano de 1854, sempre iremos escrever *Jornal das Senhoras*, não utilizando o artigo “O” que existiu no título do periódico durante os anos de 1852 e 1853.

<sup>24</sup> Na medida do possível e levando em consideração a compreensão efetiva do texto, foram feitas adaptações ao português atual na ortografia das citações.



três primeiros dias do mês de janeiro de 1852 contaram com o anúncio da loja de calçados Vianna e C. Ouvidor 154, no entanto, não sabemos se tal anúncio era pago e se contribuiu para sustentar o jornal.

Declaradamente monarquistas, as redatoras comemoravam com intensidade os aniversários e os acontecimentos à Família Imperial. “Eu, com quanto goze por ai da fama de republicana, socialista e não sei mais o que, fui sempre muito afeiçoada á toda a Família Imperial, as Augustas Irmãs de S. M. e sua Excelsa Esposa” (JORNAL DS SENHORAS, 18 de janeiro de 1952, p. 24).

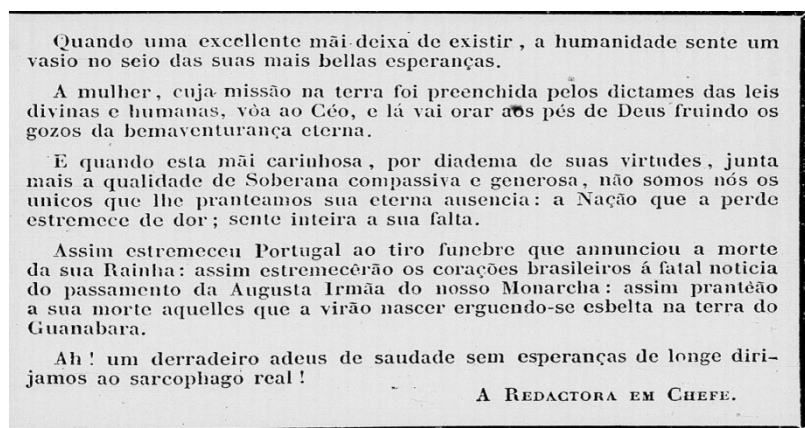
O dia 02 de dezembro, natalício de S. M. o Imperador, esse dia tão querido de todos os brasileiros, era o dia somente esperado; carregados de joias e de sedas primorosas ainda estavam os odoríferos e brunidos toucadores das nossas elegantes até esse dia, em que o luxo devia acompanhar a solenidade, e o esplendor das galas revelar a alegria de todos os corações. (JORNAL DAS SENHORAS, 05 de dezembro de 1852, p. 49).

Figura 8 – Dedicatória a S. M. A Imperatriz<sup>25</sup>



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 14 de março de 1852, p. s/p.

Figura 9 – Nota de falecimento da irmã de D. Pedro II



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 25 de dezembro de 1853, p. 52.

<sup>25</sup> A arte plumária, os extremos da página em arabescos, a diagramação, o uso do corpo e desenho das letras, tudo chama a atenção para o agradável e o belo.

A partir do final do ano de 1853, a colaboradora da coluna de modas e a redatora em chefe começam a pedir mais vezes que as assinantes quitem seus débitos, pois estavam endividadas, até porque a redação não suspendia a entrega do jornal a nenhuma assinante por falta de pagamento, confiando assim que quando possível, a dívida seria quitada, não foi o que aconteceu.

A dívida que pelo espaço de seis meses contrai de vós, tem de saldar-se, ficará satisfeita intrinsecamente, mas a paga á confiança que fizestes de vossa criadora ficará em déficit, porque ela importa uma ilimitada gratidão. Não desmentistes por certo a Idea que formei de vossa coadjuvação, quando assumi a categoria de redatora em chefe deste *Jornal*; ainda uma vez foram de sobra as provas com que documentastes o vosso amor pelas letras e os vossos anelos pela emancipação intelectual do nosso sexo. Agradecida pois em extremo pela aquisição da colaboração com que fui honrada durante o tirocínio deste semestre, congratulo-me em manifestar-vos as minhas esperanças na continuação desse acolhimento e benevolência que caracterizam vossos corações. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de dezembro de 1853, p. 410).

Ao fechar este mal traçado artigo não posso deixar de vos pedir a continuação do vosso valioso apoio ao *Jornal das Senhoras*, ao Jornal que é vosso, e que á vós somente deve a sua existência. Para mim só ambiciono a vossa estima, e que para o ano novo nos encontremos – eu escrevendo o artigo de modas, e vós – assinantes do *Jornal das Senhoras*. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de dezembro de 1853, p. 411).

Figura 10 – O 1º exemplar



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 01 de janeiro de 1852, p. 1.


Figura 11 – Advertência para as assinantes

ultimo uma peça de musica, cada mez. Rogamos portanto a todos os nossos Assinantes o favor de mandarem renovar as suas assignaturas, que ficão estabelecidas em um só semestre até o fim do anno, nas casas dos Srs. Mongie n. 87 e Wallerstein n. 70, rua do Ouvidor.

O preço de cada assignatura por semestre fica sendo de 6\$000 para a Côrte, e 7\$000 para as Províncias.

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 27 de junho de 1852, p. 8.

Figura 12 – Anúncio Vianna e C. Ouvidor 154



**VIANNA e C. Ouvidor 154**

*Calçado para homens e senhoras aos gostos mais modernos, pintando a elegancia e solidez: commodidade de preços.*

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1852, p. 8.

Figura 13 – Condições do Jornal das Senhoras

**JORNAL DAS SENHORAS**

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Srs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

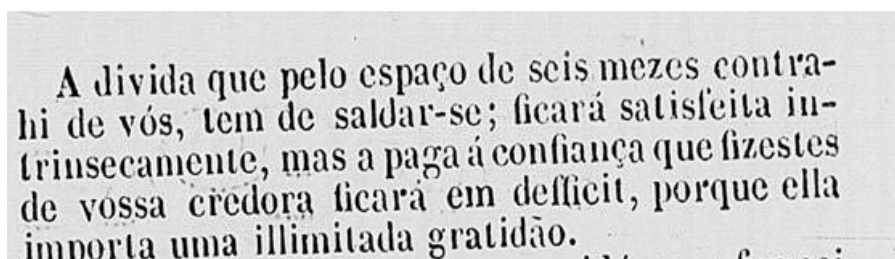
PREÇO DA ASSIGNATURA : Por tres mezes, 3U000 rs. na côrte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1852, p. 8.

Figura 14 – Aviso sobre dívida



A divida que pelo espaço de seis mezes contra- hi de vós, tem de saldar-se; ficará satisfeita in- trinsecamente, mas a paga á confiança que fizestes de vossa credora ficará em defficit, porque ella importa uma illimitada gratidão.

Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, 25 de dezembro de 1853, p. 410.

Foram publicados ao todo 169 exemplares do *Jornal das Senhoras*, nos quais alguns periódicos importantes da época, como o *Jornal do Comércio*, no qual se lê “Em dias deste mês estava eu passando pelos olhos o *Jornal do Comércio*, sem deparar nele coisa que me interessasse mais intimamente, quando vi de repente um anúncio – O *Jornal das Senhoras* – Corri a sala do meu pai e pedi-lhe que o mandasse buscar” (JORNAL DAS SENHORAS, 08 de fevereiro de 1852, p. 44); *Imprensa do Rio Grande do Sul* (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de janeiro de 1852, p. 12; 25 de janeiro de 1852, p. 29); *Novo Correio de Modas* (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de outubro de 1852, p. 130) e *Correio Mercantil* (JORNAL DAS SENHORAS, 27 DE NOVEMBRO DE 1853, p. 381). Para melhor análise, dividimos seu conteúdo em 8 grupos que foram identificados como: Poesias; Artigos, Romances; Cartas; Partituras; Estampas; Autores e Outros. Após tal seleção, contabilizamos os seguintes números:

Tabela 2 – Conteúdo do *Jornal das Senhoras*

Poesias	302
Artigos	661
Romances	16
Cartas	36
Partituras	43
Estampas	157
Autores <sup>26</sup>	630

<sup>26</sup> Em poucos momentos os autores dos artigos, poemas, romances etc. se identificam, assinando na maioria das vezes apenas com abreviaturas. Como não nos é possível saber se abreviaturas iguais se referem sempre a mesma pessoas, contabilizamos todas as abreviaturas e não contabilizamos mais de uma vez os nomes, completos ou não, e pseudônimos.

Outros	653
--------	-----

### 3.1 Emancipação moral da Mulher

Cientes das divergências presentes quanto aos nomes e a ordem cronológica das redatoras do *Jornal das Senhoras*, consideraremos as informações apresentadas no referido periódico para os nomes e a ordem das redatoras, segundo o qual a primeira redatora e fundadora do *Jornal das Senhoras* teria sido Joanna Paula Manso de Noronha. Sendo seguida por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, que teria assumido a redação em 04 de julho de 1852. E posteriormente a redação teria ficado por conta de Gervazia Nunezia Pires dos Santos Neves, em 05 de junho de 1853, ficando com ela a redação até o fim, que veio em 30 de dezembro de 1855. Joanna Paula Manso de Noronha trouxe no primeiro número uma carta para as assinantes:

As nossas Assinantes

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo.

No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguém.

Noutra roda de gente que considera o progresso do gênero humano, como uma heresia, e os literatos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar com uma enxada, porém o trabalho intelectual é para essa gente uma alocação em grego: e por tanto o Redator é... é um vadio mesmo, um ente inútil.

Ora, pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais.

Por ventura A América do Sul, ela só ficará estacionaria nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente Corte e Capital do império, Metrópole do sul da América, acolherá de certo com satisfação e simpatia O Jornal das Senhoras redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Eis - nos pois em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso á brisa perfumada dos Trópicos; acolhei-vos a ele, todas as que possuís uma faísca de inteligência, vinde.

Confidente discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anonimato: porem não temais confiar - mo - lãs, nem temais dar expressão aos vossos pensamentos; se o possuís é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar.

Por carta fechada a redação do Jornal podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas páginas.

Feliz mil vezes se a minha dedicação alcançar a vossa cooperação.

Temos a satisfação de voz declarar que desde já somos coadjuvadas por uma nossa amiga, jovem inteligente e espirituosa, a qual faz-nos o obsequio de encarregar-se especialmente do artigo de Modas, guardando para isso o mais rigoroso incógnito. Leiam o seu primeiro artigo (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1852, p. 1 – 2).

A autora do artigo de Modas, artigo este que se manterá até 1855 sob outras autorias, mantém seu nome no anonimato. Entretanto, antes de se debruçar sobre o assunto de modas, enviou uma carta para a redatora em chefe que dizia.

O vosso convite.

Minha querida amiga e redatora em chefe do – Jornal das Senhoras. Estou surpreendida do honroso convite que me fizestes! Eu, pobre de mim, que bem sabeis o quanto sou estouvada e leviana, metida agora a escrever artigos, e, não é nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava – garatujas – é por certo horrível! Arrepia – me os cabelos!

O que escreverei eu?! Esta visto, um montão de coisas fofas sem rei nem roque.

Se me désseis licença ao menos para dar o meu recado sem preâmbulos, como faz por aí tanta gente boa, que não dá, mas passa recados com o desembaraço de quem bebe em copo d'água, ainda bem iria eu: principiava pelo penteado do figurino e acabava pelos sapatos, e depois ponto; estava tudo arranjado.

Mas o tal preâmbulo que me pedis... Como se eu fosse algum pregador que traz exórdios até nas pontas dos lenços com que limpa o reverendíssimo suor, e então...

Todo o meu receio está em não poder achar depois uma reviravolta, como fazem os homens, que me conduza o artigo, que quero escrever, ao ponto principal que são as modas; porque matéria vasta tenho eu: principiava, por exemplo pelo coração dos homens...

Meu bom Deus, onde eu ia cair!!! Nada, nada; era muito mal principiado. Isso porta trancada com cautela e reserva, cujo guarda, alegre e risonho, não cessa de oferecer entrada franca a quem por sua infelicidade erra o caminho, e por lá quer passar, mudemos o rumo.

Para principiar rendendo homenagens á vossa coragem, minha querida Redatora, não me cabe essa fortuna; o que vos digo somente é que simpatizo com esta certeza e resolução dos espíritos elevados e das inteligências ilustradas. Quiseste redigir um jornal, fizeste-o, e com tanta facilidade como a que tendes fazendo os vossos doces e cadentes versos; mas eu a quem Deus não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguém sabe quem eu sou) vede lá a diferença: estou tremendo, suando e arfando de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até a Tijuca, e por hora ainda me não levantei da cadeira em que há boa meia hora estou sentada!

Esta educação! Esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido!

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o efeito da incompleta educação que recebemos tão a ceia de festa de fim de ano? Mau, que estou fora da ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem.

Ai vou eu: (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1852, p. 2).

O assunto dos bailes, festas, saraus etc., durante todo o ano de 1852, aparecerá no artigo de modas, com o passar dos anos, algumas personalidades bem vestidas são destacadas

na coluna de modas, compondo assim os assuntos moda, bailes e sociedade de bom tom<sup>27</sup>. Os nomes de tais personalidades são raramente citados, aparecendo apenas minuciosa descrição de seu *toilette*<sup>28</sup>. No primeiro momento, a coluna de modas ainda não é assinada, constando apenas a informação de que havia sido escrito no bairro do Catete, Rio de Janeiro, sendo o primeiro artigo datado do dia 31 de dezembro, supomos se tratar do ano de 1851.

Com a intenção de dar detalhes sobre algumas questões presentes no *Jornal das Senhoras* e, principalmente, buscando situar-nos a respeito do periódico no que diz respeito à mulher destacamos a seguinte coluna, também de autoria da jornalista Joanna Paula Manso de Noronha.

#### A Mulher

Não é mau principio para uma Jornalista começar por definir aquilo que é indefinível.

A Mulher! O que vem a ser a mulher? Vejamos. Árdua é a questão! E apesar de tudo todo o mundo a define segundo lhe apraz!

Misérias humanas.

Há sujeito que em fim na sua vida lhe foi possível fazer uma conquista amorosa, ou porque é feio, ou desajeitado, perguntai-lhe, o que é a Mulher! É um demônio de saias, uma cobra, um monstro, uma fúria, etc... etc.

Outro que lhe roubaram o coração da sua bela, esse diz que a Mulher é o símbolo da inconstância; diz que é traidora, falsa; em fim é tudo quanto lhe antolha [?] o seu amor próprio ofendido!

Valha – me Deus! Pobre mulher!

Outro que á força de maus tratos consegue que o desame [*sic*] aquela que já o não pode aturar mais, esse, longe de conhecer o seu erro, lhe carrega toda a culpa, e a mulher é pérfida porque não teve mais paciência Job[?] para o sofrer e tolerar! Seja tudo pelo amor de Deus.

Olhai o reverso da medalha.

Vedes aquele rapaz de olhos languidos. Que vai fazendo declarações amorosas a direita e a esquerda? Pois este diz que as mulheres são anjos consoladores, divindades, etc., etc.

Ouvi os poetas. Estes loucos com juízo, que as vezes dizem coisas muito boas, mas que fazem asneiras como outro qualquer homem, nestes encontrareis alguns que compreendem que a mulher não veio ao mundo só para servir de – *machine à propagation*. Eles a reverenciam e falam no seu porvir e na sua missão, isto, bem entendido, até o dia em que alguma os não quer amar, ou os despreza; então eles gritam com o resto dos homens. – por fim: é mulher!

Lembra – me, minhas queridas leitoras, que em certo hotel onde me achava hospedada, em terra bem afastada desta, falava-se de literatura, e sujeito houveram que trouxeram seus escritos para serem lidos a sobremesa: entre eles havia um que se compunha de dois capítulos, e ambos se intitulavam – *Definição da Mulher* – Começava ele seu exórdio preparatório dizendo: que tinha feito da mulher um estudo profundo e particular.

<sup>27</sup> Termo utilizado no periódico para fazer referência ao membro da sociedade considerado (a) culto (a) e elegante aos que publicavam no *Jornal das Senhoras*.

<sup>28</sup> Os *toilettes* são trajes completos, incluindo cabelos e sapatos. “Para sair ou estar em casa, chama-se *toilette* ao traje completo de uma senhora, desde que ela deixa o seu vestuário de quarto, e prepara-se com mais cuidado e esmero. Por isso é bem conhecida a frase que hoje está em voga – V. Ex. está com um lindíssimo *toilette*. É ao todo por tanto a que se chama *toilette*, e não a uma só parte do vestuário”. *JORNAL DAS SENHORAS*, 05 de dezembro de 1852, p. 178).

Ora que estes meus senhores tolos... ai que me escapou! Mas como não gosto de riscar o que está escrito, deixemo-lo assim. Pois como ia dizendo, é forte divertimento estarem a estudar na gente á maneira dos médicos nos cadáveres, e á maneira dos naturalistas nos bichos! E eles que tomam muito a peito o tal estudo... Ora vejam que amor a ciência! As vezes paga uma pobre mulher a tal monomania de decifra-la, com uma vida inteira de lágrimas! Seja tudo pelo amor de Deus.

Onde estávamos nós? ... Ah! Falávamos do homem dos dois capítulos que tinha feito um estudo profundo e particular das mulheres. Que maganão [?!] Pois, começou a ler, e o primeiro capítulo era a descompostura mais solene que jamais foi pregada!

Ah! Eu tinha tanta vontade de lhe dar o troco...

Alguns daqueles senhores acharam que ainda era pouco para o merecem as mulheres; outros diziam que isso era demais.

O homem passou ao segundo capítulo; neste tirava dos anjos para dar a mulher, e por fim terminava dizendo: << *Mas de que servem minhas falas, minhas iras, minhas fúrias? De que servem os elogios e as homenagens, quando tu oh Mulher com uma palavra, com um só olhar dominas o rei da criação que, não grado seu, se prostra aos teus pés!*

Que graça: por modéstia chamava do homem – *o rei da criação!* Bonito rei; cego e surdo, que anda no mundo as apalpadelas, e nem ao menos sabe o momento que antecede a sua morte!

E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aqueles, e desconhecidas e menoscabadas por todos!

E o pior do negocio é que as mesmas mulheres são muitas vezes contra si mesmas...

Por isso torno a perguntar: o que vem a ser a Mulher?

Eu falando francamente não sei!

A malícia da mulher é de longa data...

Data do nosso pai Adão... Ele coitadinho era um inocente; foi a mulher quem o perdeu!

Marotinha! Fê-lo comer a tal fruta! Ela fez mal, fez muito mal; Olhem que se não fosse isso de certo o *Jornal das Senhoras* não vinha ao mundo, porque naturalmente Adão e Eva ficavam eternamente no Paraíso a olhar um para o outro, e a *Stirpe misera d'Adam* não vinha ao mundo para continuar a comer fruta que faz indigestão a gente.

Ora pois, já vimos que foi ela quem perdeu Adão.

Os Frenologistas, que não passam de loucos científicos, dizem que o instinto sensual sendo mais forte no homem é ele quem procura a Mulher – mas a frenologia não sabe onde tem o nariz – a mulher, a mulher foi a causa de todo o mal, e ainda o é.

Pobre mulher!

Jesus de Nazaré foi o primeiro que te levantou do teu opróbrio! Ele o primeiro que revelou tua missão ao mundo!

E para que? As suas doutrinas subvertidas vos deixaram na vossa antiga condição de escrava, e quando, depois de vinte séculos, começou o cristianismo a pairar luminoso e fulgente sobre as sociedades modernas, ainda vos negam os vossos direitos e retardam a realização do vosso porvir!

Mas esta não é a nossa questão.

A Mulher; o que vem a ser a Mulher?

A Mulher não é o homem?

Que novidade!

Trata-se de defini-la!

Isso não sei.

Posso asseverar-vos que ela tem alma.

Tem inteligência.

Tem direitos que Deus e a natureza lhe concederam.

É suscetível do bem e do mau.

A mulher em fim não é em o nosso entender um ser á parte na criação, e entra na partilha com o homem – do bem e do mal – da inteligência e da estupidez.



A alma não tem sexo; Madame Stael<sup>29</sup> o diz.  
 Dizer-vos se a Mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má.  
 Eis o que não posso.  
 Reformai a sua educação moral; deixem os homens de considera-la como sua propriedade.  
 Seja o que Deus a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de lugar sem ser consultada; e então quando assim for falaremos.  
 Entretanto este Jornal dedicado exclusivamente às Senhoras tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendência é a emancipação moral da Mulher. (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de janeiro de 1852, p. 5 – 6).

Luiz Maria da Silva Pinto, em seu *Dicionário da língua brasileira* (1832) dá os seguintes significados para as palavras Moral, Moralidade e Moralista: “Moral (adjetivo): Que se refere aos costumes; (substantivo): Ciência de regular os costumes conforme a atitude. Moralidade: Documento a respeito dos costumes. Sentido moral que se aplica a alguém, pensamento, etc. Moralista: O que trata de moral” (PINTO, 1832, p. 739).

Durante os quatro anos de publicação do *Jornal das Senhoras* o tema da moral da mulher é frequente, inclusive, destacando que o que é moral feminina não é a moral masculina e que foram os homens que determinaram o que é moral para eles. O que não aconteceu no caso feminino, já que a moral para as mulheres foi determinada pelos homens. Sendo esta uma das justificativas para a educação da mulher.

Sobre o tema da educação para as mulheres, uma crônica escrita no dia 11 de novembro de 1831, intitulada *Um diálogo doméstico*, com assinatura de Christina presente na publicação do dia 7 de março de 1852, narra um diálogo entre pai e filha no qual a moça perde permissão ao seu pai para ter aulas de francês e geografia. O pai, irritado diz que não e pede para que a moça repare bem na sua mãe, “Entrementes, ali está tua mãe, gorda nédia, n’aquela marquesa de sola, descansando das fadigas do dia: criou-te e educou-te sem ser preciso nenhuma destas bugigangas; ora vês aí?” (JORNAL DAS SENHORAS, 22 de fevereiro de 1852, p. 76). A moça retruca dizendo:

Sim meu pai, minha mãe com efeito é uma santa senhora, criou-me e a ela devo o que sou, mas isso não é o bastante para me fazer feliz. Se ela quando casou não sabia francês, nem geografia, foi por que meu avô pensava como Vm. Por isso muitas senhoras daquele tempo, depois de xingarem os escravos todo o santo dia, rezavam o Terço, e o resto do tempo à noite levavam a murmurar da vida alheia e... coitadas já a culpa vinha dos Paes desse tempo!... (JORNAL DAS SENHORAS, 22 de fevereiro de 1852, p. 76).

<sup>29</sup> Anne Louise Germaine Necker, baronesa de Staël – Holstein, nasceu em Paris em 22 de abril de 1766 e lá faleceu em 14 de julho de 1766. Mais conhecida como Madame Staël, foi uma romancista e ensaísta francesa que incorporou como poucas mulheres o espírito do iluminismo francês.

O pai se ira e pede à filha que se cale! Afirma que as moças daquela época eram muito trabalhadeiras e, para confirmar sua afirmação relembra algumas mulheres como uma tia, que era excelente doceira e que passava o dia no tacho, uma prima que fazia empadas e que passava dia e noite trabalhando. Uma Dona Felícia que também gastava os dias fazendo coisas doces e pasteis. O pai da moça diz que as moças de então querem,

aprender línguas para serem linguarudas, e ainda não sabem por um remendo, tomar pontos de meias, sergir uma camisa! E o arranjo da casa? Ora adeus minha vida, há de ir pelos ares como vão as cabeças de Vms. todas quando se metem a querer saber aquilo que não devem. Esta dito; há de ser o que sua mãe foi. Ora eis aí. (JORNAL DAS SENHORAS, 22 de fevereiro de 1852, p. 76).

#### A conclusão da crônica é

E a bela menina com tão belas e louváveis intenções teve de retirar-se de junto de seu pai, triste e com os olhos arrasados de lágrimas, vendo frustrados todos os seus desejos e louváveis intenções...

O que ira ela pensando neste momento?

Ah... se esse velho materialão adivinhasse em que podem desandar os bem entendidos desejos de uma senhora quando são bruscamente contrariados, (assim acontece com ele também) mais que de pressa satisfaria as justas pretensões de sua filha. Mas, louvado Deus, como este há muitos ainda, que entendem que a mulher quanto menos educada mais se amolda aos seus estúpidos caprichos, sem se lembrarem que a madeira (permitam-me a comparação) quanto menos aplainada mais áspera e mais farpas tem!...

Educação! Solida e verdadeira educação às nossas filhas, para um dia bem dizermos a sua felicidade. (JORNAL DAS SENHORAS, 22 de fevereiro de 1852, p. 76).

A educação das mulheres era bandeira de destaque do *Jornal das Senhoras*, no entanto outros temas aparecem revelando outras queixas e desejos para o feminino, como podemos observar nas seguintes linhas:

Se eu fosse a *moda*, começava hoje a fazer-vos minhas despedidas por meio do *Jornal das Senhoras*, para partir para a Europa no primeiro vapor que saísse.

Lá, além do prazer de rever sua pátria, teria o de ir aos bailes e teatros, de passear com suas irmãs enlaçadas como as graças da mitologia, a ser assim admirada.

Mas no Rio de Janeiro! Coitada! Ela está condenada a viver encerrada em casa, como uma freira num convento.

Educada nos salões e nos lugares dos grandes *vendez-vous*, moça cheia de caprichos e de vontades, vaidosa e coquete, não pode habituar-se ao isolamento e á solidão. (JORNAL DAS SENHORAS, 22 de janeiro de 1854, p. 25).

Embora mais sutil e aparecendo de forma mais espaçada, queixar-se das limitações impostas às mulheres de transitar pelos mais variados locais também está presente no *Jornal das Senhoras*. A educação das mulheres, as queixas relacionadas às limitações em transitar pela cidade são questões fortes e que aparecem durante todos os anos que compreendem a

circulação do *Jornal das Senhoras*. A emancipação moral da mulher é outra questão que também se faz presente em todos os anos e que parece considerar as reflexões das demais questões.

A ideia de emancipação feminina no século XIX é distinto dos séculos XX e XXI, estando esta ligada à instrução, figurando o direito à instrução básica e ao refinamento social como fatores de progresso social inerente ao processo civilizador. A ignorância feminina era combatida no *Jornal das Senhoras*. Era considerada, inclusive, algo perigoso, pois assim não teria conhecimento de seus direitos e deveres e não poderia ser uma boa mãe, o que não legaria bons cidadãos para a sociedade, impedindo o avanço e o, progresso. Considerava-se de bom tom que a mulher tivesse uma instrução básica, não para competir com o homem no mercado de trabalho, mas para ter um refinamento social, para se portar bem como mãe e esposa, dentro e fora do lar. No artigo intitulado “Emancipação moral da mulher”, tais questões se evidenciam.

Emancipação moral da mulher – o quem vem a ser isso?

Ai! Que temos revolução; dirão por aí os que pugnados contra Deus e a natureza querem conservar o mundo estacionário.

Sossegai.

Não se trata de levantar o estandarte da rebelião.

[...]

Mas deixemos essas digressões; o quem vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quais a deserdar, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceu que um anjo será mais útil que uma boneca.

[...]

Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a elas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.

Mas enquanto a educação do homem se não reformar, em quanto ele considerar a mulher como a sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem muito seriamente desarraigat esse preconceito funesto de espírito de seus filhos; essa ideia de uma superioridade injusta deve desaparecer do homem, desde menino, porque é lhe fatal a ele mesmo.

[...]

Porque o casamento para a mor parte dos homens, é o único meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado.

Ou assegurar a sua fortuna.

É porque o homem diz: - Minha mulher – com a mesma entonação de voz com que diz – meu cavalo, minhas botas, etc., etc., etc.

E já se sabe que o cavalo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ele está dispensando de lhes dedicar atenção de espécie alguma!

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseveram que ela não tem suficiente juízo para se conduzir por si mesma!!!

Destinada expressamente a ser vítima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidez!!!

[...]

Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher.

Todas as carreiras industriais estão-lhe vedadas.

E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que há de mendigar-lhe a fome!!!

Repare-se que falo das nossas americanas: na Europa e nos Estados Unidos, a mulher exerce quase todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.

[...]

Sem dúvida que há deveres naturais que predem a mulher ao lar domestico, porém, é precisamente desde o seio de sua família que ela pode ter uma influencia direta, sobre essa mesma família, sobre a nação e sobre a humanidade inteira.

Perguntar-me-eis:

Como? Pois a mulher pode ter outra influencia? Que não seja sobre as panelas? Outra missão além das costuras, outro por vir que não seja fazer o rol da roupa suja Deveras?!

Pois, escutai-me. E a educação de seus filhos?

[...]

Sim! É dos lábios da mãe que o filho ouvirá a voz sagrada e imperiosa de dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida:

[...] o coração da mulher ilustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família: é em torno dela que todos se grupam e ela se é jovem e graciosa, ali estará meiga e risonha como anjo da esperança; se é velha, santa e imaculada como a mesma mãe do salvador.

Eis pelo o que desejamos a emancipação moral da mulher: porque lutaremos sempre em demonstrar que ela não é inferior ao homem em inteligência, e porque pugnaremos sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida. (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de janeiro de 1852, p. 12 - 14).

A função social da mulher enquanto mãe que, além de gerar é quem cuida da prole é destacada e defendida como a mais nobre e correta função, inquestionável função, foi dada por Deus às mulheres. Entretanto, podemos perceber que tal função não pode passar despercebida pelos homens, as mulheres devem ser prestigiadas por tal função social, pois, se o homem tem herdeiros, segundo o *Jornal das Senhoras*, foi graças à mulher. São elas quem cuidam do futuro da Nação, pois são elas que educam. Não garantir às mulheres ilustração é não garantir aos filhos as primeiras lições sociais. Além de toda reflexão sobre a união mulher/mãe, a questão do trabalho feminino, o trabalho com remuneração, aparece neste e em outros artigos, mesmo que de forma um pouco acanhada e modesta, mas não sem importância.

Se por um lado havia a aceitação do homem como o mantenedor da família, por outro havia a reflexão sobre a possível exceção ao então padrão social. O que faria para alimentar seus filhos a mulher que, por infortúnio seu, não pudesse contar com o pai de seus filhos. Além do mais, nas sociedades consideradas exemplos a serem seguidos (Europa e Estados Unidos), as mulheres “exerce [m] quase todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.” (JORNALS DAS SENHORAS, 1852, p. 14). Ainda sobre o tema da emancipação moral da mulher, a exposição das ideias que, acreditamos ser da então redatora em chefe Joanna Paula Manso de Noronha propiciou alguns desdobramentos, pois parece ter causado certo desconforto social. No artigo intitulado “Declaração: Sobre as minhas ideias da

emancipação moral da mulher” (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de janeiro de 1852, p. 27 – 28), percebemos a tentativa de amenizar possíveis polêmicas que poderiam distanciar o público.

Meu dito, meu feito, caras leitoras! Os artigos sobre a emancipação moral da mulher têm sido acolhidos com inquieta curiosidade e condenados antes até de serem lidos! – Há muita gente assim no mundo – a aparição de toda doutrina nova eles se revoltam contra ela só por instinto; não a conhecem. Não aprofundam, e sem mais cerimônia eles a fulminam.

Assevero-vos que tenho medo já de falar; e por isso vereis que declaração formal, e estrondosa vou fazer dos meus princípios, do contrário são capazes de supor que eu quero o fim do mundo, a realização do *mundo as avessas*; e quem sabe o que mais... Nada, urge desenganar o mundo que eu não quero de modo algum contrariar a a natureza; tenho-me esforçado toda a minha vida em adivinhar o pensamento do Criador e cumprir o que ele me ensina.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtraí-la á proteção do homem. – Sempre que esta proteção tenha por base a amizade, será justa.

Não entendo porém por proteção, um domínio brutal.

Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspensão da obra das gerações; que querer isto seria querer entronizar os vícios mais degradantes da humanidade.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtraí-la á sua missão marcada pelo Criador - a mãe e a esposa.

Nem quero tão pouco que a mulher seja soldado.

- Nem empregado público.
- Nem oficial da marinha.
- Nem Ministro do Estado.
- Nem Doutor graduado em leis.

Com quanto deva ela conhecer as do seu próprio pais, porque tem de educar seus filhos no espírito da lei.

Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ela conhecer a medicina doméstica, porque mãe de família faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domésticos, quando estão doentes.

[...]

Não entendo por emancipação moral da mulher, que ela abandone o lar doméstico e marche á campanha em quanto o marido em casa trata da cozinha.

Não quero na mulher o espírito forte e heroico das espartanas.

Emancipação moral da mulher no meu entender é:

- Sua ilustração.

Não entendo por ilustração habilidades fúteis:

A ilustração na mulher deve entender-se em primeiro lugar:

- Uma religião.

Entendemos que a religião é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos.

- O verdadeiro conhecimento dos deveres que cada criatura tem para com sigo mesmo, e as subdivisões desses deveres da mulher.

- Como filha.

- Como esposa.

- Como mãe.

- Como ser, formado para a obra imensa do progresso social.

Uma vez isso feito, deve estudar o organismo do universo – não cientificamente – mas poeticamente e religiosamente; ensinar – se – lhe a Geografia não de cor, praticamente, um pouco matematicamente; conhecer a história, não como os papagaios dizem << papagaio real.>>

Noções de Literatura, quanto baste para tira-la do sistema automático. E em fim aplicar no ensino dos colégios métodos enciclopédicos que, sem aprofundar as matérias, ornem com tudo o espíritoe dão um toque especial de ilustração.

Quero que a mulher saiba que ser esposa, não quer dizer simplesmente casar-se. Quero que ela estude acertadamente toda a sublime abnegação que enceram estes nomes.

- Filha, Esposa, e Mãe.

Quero que uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no coração essa bela dignidade, esse santo e nobre orgulho de ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetrável, onde nunca chegam outros olhos que os de Deus; e as vezes os de uma mãe!

O livre alvedrio é um fato metafísico que, com quanto assim o seja, existe, lógico e irrecusável, como uma cifra aritmética.

Como existe a consciência como existe o Eu porque pensamos e existimos – a Emancipação moral da mulher é pois – deixar de ser:

- Coisa para ser:

- Mulher tal como o Criador a formou.

Com uma organização sensível, nervosa e delicada, que a educação por fortificar com uma negligência clara e perfeita, a qual contendo em seu todo, todas as molas misteriosas da organização d'alma, é suscetível do estudo de si mesma e do estudo em geral das maravilhas da Criação, ou das que o homem inventou, ou revoltou a humanidade inspirada por Deus.

Mulher tal como o Criador a formou.

Fraca e frágil como a humanidade inteira;

Porque a humanidade não é o homem só – nem a mulher só; mulher cultivando sua inteligência; porque é esse o destino de toda a potencia intelectual.

Mulher que possa, no conhecimento exato dos seus deveres, encontrar a força moral que a preserve na ocasião de subescrever a infames humilhações.

Mulher que possa encontrar na sua educação recursos honestos contra a opressão, contra a crápula, e contra a miséria. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de janeiro de 1852, p. 27 – 28).

As afirmativas do artigo acima, em especial a forma sutil com a qual os argumentos são colocados contrastam com as encontradas em outro artigo, com o título “Emancipação Moral da Mulher”, Joanna Paula Manso de Noronha, que, nesta altura, já havia deixado a redação do *Jornal das Senhoras*, retoma o tema.

Digníssima Redatora em Chefe do Jornal das Senhoras.

Domingo passado continham as colunas do *Novo Correio de Modas* um artigo intitulado – *A Emancipação das Mulheres*. Como fui eu a primeira que falei na Emancipação moral da Mulher, sempre que uma pena estúpida ou mal intencionada pretenda manchar, torcer ou desfigurar as minhas doutrinas, eu levantarei a luva de desafio e sustentarei princípios reconhecidos hoje e outrora pela sociedade civilizada, e jamais consentirei que o halito impuro da calúnia e do ridículo obscureça verdades eternas debaixo de cujo domínio estamos, e que cada dia conquistam novos privilégios, e que tenho necessidades vitais do progresso, tendência inerente á humanidade, elas triunfarão um dia como tem triunfado a liberdade dos cultos e a liberdade do espírito humano; vejais emudecer os apóstolos da Verdade, quando vejais reagir sobre as sociedades o espírito reacionário, não vos assusteis, são crise naturais da luta; a humanidade não retrocede jamais; o destino que Deus lhe marcou foi o progresso, e ele há de trinar.

Ora, pois que assim o querem, falaremos mais uma vez ainda sobre – A Emancipação moral oi intelectual da mulher!

Eu tenho a consciência de ter sido tão explicita, tão clara na exposição de minhas ideias, que na verdade quando vejo um artigo do teor deste publicado no *Novo Correio de Modas* de domingo passado, quando vejo, repito, disparates desta ordem, não sei que pensar! ...

Haverá uma cabeça tão dura que resista compreender que – sem família – não há sociedade nem nação, e que faltando a família as sociedades seriam um caos.

Haverá quem – por um momento só – julgue que é uma mãe de família a que quer desligar a mulher dessa missão sagrada de mãe e de esposa, para metamorfoseá-la n'um ente indigno e monstruoso?

Não é possível que haja uma só cabeça sensata, um só coração reto, que abrigue semelhante anomalia; e até avanço a mais, quem apregoasse doutrinas tão escandalosas e tão errôneas só mereceria o desprezo mais completo ou o castigo mais severo.

Porque, vós os que atacais as minhas doutrinas, esqueceis muito de propósito, que nunca falei de outra Emancipação que não seja a – Emancipação moral da Mulher? – Porque esqueceis que a questão da Emancipação moral da Mulher é puramente local? Local sim, porque excetuando a Turquia, Portugal e o Brasil, no resto do mundo a mulher é livre das suas ações, e é considerada como ser racional, e tem uma vida – intelectual – inteiramente igual a do homem.

A escravidão das mulheres é uma herança funesta que o domínio dos Árabes deixou na Península Ibérica, e que foi transmitido e implantado na América pelos conquistadores.

Espanha perdeu em grande parte suas negras tradições, quando uma rainha, jovem formosa, inteligente e liberal, como foi Maria Christina de Bourbon, soube quebrar os ferros de escravidão da nação espanhola e iniciar a Emancipação intelectual da Mulher. Em todas as épocas as mulheres espanholas deram provas de coragem e de abnegação sublimes: os sítios de Valencia e Saragoça, foram testemunhas do brio feminino, mas enquanto o seu valor intelectual, depois de Santa Thereza de Jesus, foram raros os talentos que se revelaram, enquanto que hoje os liceus e as associações literárias contam distintas escritoras.

Os costumes liberalizaram-se, e contudo a mãe foi sempre para aquele povo entusiasta e ardente, uma espécie de divindade.

Portugal, que não teve a influencia de uma mulher inteligente como Maria Christina, tem sido mais refratário para perder as tradições dos seus dominadores do Oriente, e contudo a classe aristocrática de Portugal já se livrou do jugo dos preconceitos que ainda subsistem arraigados nas classes medianas da sociedade.

As Américas espanholas, como comércio das nações estrangeiras, adotaram o sistema liberal, e a mulher, ainda que sepultada por enquanto nas travas da ignorância, não está subjulgada brutalmente pelo homem: a lei garante direitos que a protegem da arbitrariedade e da tirania que contra ela queiram exercer.

Os Estados Unidos, esse então é o verdadeiro reino das mulheres, *sem ser o do mundo às avessas*; elas tem uma vida inteiramente independente, todas as veredas da indústria, compatível com as suas forças, estão-lhe abertas. Ide, - vós que quereis condenar a mulher ao estado de vegetal, ide, percorrei as manufaturas, as lojas, os mercados, os campos, e por toda a parte vereis a mulher trabalhando com o mesmo brio que o homem; visitai essa multidão de hotéis e de casas de família que hospedam particularmente, elas são administradas por mulheres; percorrei essa quantidade enorme de oficinas; a mós parte das folhas publicadas são redigidas por mulheres; introduzi-vos na casa desses matrimônios pobres que comem com o diurno jornal, e os vereis separarem-se às 7 horas da manhã e correrá suas oficinas de trabalho; e quando há filhos, me direis?

É terrível separar-se uma mãe do seu filho, embora, mas é necessário viver e sustentá-lo, o que ganha o marido não chega para o sustento da família, é preciso a mulher trabalhar também; e além disso (pois a mulher tem força intelectual e a força física adquire-se) o bom senso não a exime do trabalho, porque até é mais honroso para a mulher não comer as sopas do marido sem mais utilidade que encher-se de filhos.

Em Inglaterra, em Itália, na Suíça, na Alemanha, na França, por ventura a mulher não está completamente emancipada do poder arbitrário do homem, e não é um ser igual como ente racional?

Por ventura em todos estes países, não caminham ambos, o homem e a mulher, pela mesma vereda de civilização, de progresso, de gloria, de emoções e de esperança?

E por ventura, dizemos nós, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, na França, não existe a família?

Diremos, que nesses países todos, a mulher despiu-se, das graças do seu sexo, da doçura, da paciência, da modéstia que á elas são inerentes?

Para não viver escravizada, para ter *honra própria* e dignidade, necessita ela metamorfosear-se em soldado, ou vestir-se de marujo?

Vós, os que fechais os olhos a verdade e os ouvidos à razão, porque não sois francos? Porque não dizeis: - o dia que a mulher deixar de ser a nossa escrava, forçoso será respeita-la como nossa igual, e então adeus poderes extraordinários, adeus abusos, adeus tirania, adeus dilapidação de fortunas, adeus despotismo conjugal!

Quando a mulher souber que de todos os gozos e os direitos que lhe outorga a mão poderosa do Onipotente, ela foi despojada; quando houver uma *lei* que proteja com a sua força moral; quando essa lei disser ao pai desnaturado – Tu és pai e não tirano: quando disser ao irmão usurpador – o único direito que tens sobre a tua irmã é o de proteção; quando houver uma lei que puna a concubinação no mundo, como há a do adultério que infama a mulher, quando enfim mulher deixar de ser coisa: então acabar-se-á a guerra injusta, que se faz à sua inteligência no Brasil; e esse dia chegará, pese a quem pesar, porque o Brasil não é estacionário, nem pode sê-lo.

Cada dia que decorre, conquista um privilégio para a civilização e arrasta na sua carreira algum farrapo de velho

Manto de preconceito e de erros [?] com que abafam a infância destes povos, a manopla mofada dos conquistadores.

Dizei o que quiserdes, sempre repetirei que a Emancipação moral ou intelectual da Mulher, no Brasil, não é uma utopia, nem um paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta das fitas, nos chapéus e nas casas francesas que nos chegam todos os meses nos paquetes ingleses.

Publicai estas regras, estimada redatora.

(JORNAL DAS SENHORAS, 24 de outubro de 1852, p. 130 - 132).

O tema Emancipação Moral da Mulher é muito importante e se fez presente durante todos os anos de circulação do *Jornal das Senhoras*. Temos consciência do tamanho dos artigos citados, no entanto, os consideramos de muita importância para a caracterização do periódico sobre este tema. O esforço investigativo na busca por compreender como as redadoras e leituras do jornal entendiam Emancipação Moral da Mulher nos é cara, pois será com esta noção que deitaremos nosso olhar aos romances, pois aqui acreditamos que, não apenas as linhas dos romances como também sua própria seleção manifesta um discurso que aponto para um tipo de mulher específico, ma mulher que atua com certa liberdade de ser, pensar e agir, um tipo a ser alcançado.

Em “Emancipação moral da mulher”, último artigo citado, percebemos uma arguição mais dura e minuciosa. Joanna Paula Manso de Noronha, já como ex-redatora do *Jornal das Senhoras* esmiúça a História dos colonizadores do Brasil, seu continente, move sua reflexão para os Estados Unidos e América do Sul visando percorrer o caminho da dominação masculina e compreender o que há a esse respeito de diferente entre o Brasil e seus vizinhos. Temos na questão do trabalho feminino uma forte diferenciação, pois que no Brasil, o trabalho como fonte de renda não era algo desejado às mulheres, o que segundo o artigo, era prática comum e honrosa às mulheres, pois “até é mais honroso para a mulher não comer as sopas do marido sem mais utilidade que encher-se de filhos.” (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de outubro de 1852, p. 131).



O *Jornal das Senhoras* não passou pela Corte sem causar comoção, Joanna Paula Manso de Noronha escreveu em resposta ao O Homem, que teria enviado carta à redação fazendo acusações a então redatora em chefe. Esta publicação, datada de 08 de fevereiro de 1852 nos auxilia na reflexão sobre a família e matrimônio. Diz a então redatora:

Antes da publicação do segundo número do *Jornal das Senhoras* recebi com efeito uma carta assinada - O Homem -.

Atacavam-se nessa carta ideias que ainda não tinham sido expostas por mim, chamavam-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz publica.

[...]

Em primeiro lugar não costumo conceder satisfações a pessoas que não conheço; em segundo lugar porque, sendo as doutrinas do *homem* muito repulsivas por mim, não sei porque motivos havia de procurar uma contenda, que tem todos os vistos de uma tentativa de conversão. - A luta que intentais travar comigo é a mesma que precipitou com o mundo.

[...]

Dizeis que *deveríeis ficar satisfeito de terdes feito recuar as minhas ideias e contradizer o que eu já tinha avançado n'outros números do meu Jornal, firmando o princípio de sujeição física e moral da mulher para o homem.*

As leis da urbanidade não consentem que eu responda a este período da vossa carta como ele merece ser contestado: pois que me caluniais, senhor, sem conhecer-me; comparastes-me a esses entes sem consciência que especulam com a sua inteligência, ou pensaste que por ser mulher recuaria espantada e não teria ideias minhas!

[...]

Ambos falam do filho.

Ora sabido está que há uma época marcada pela sociedade e pela natureza, em que o filho se emancipa, moral e fisicamente, porque vai viver dos seus próprios recursos.

Vós traiçoeiramente aplicaste essa definição dizendo: *ato pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital.*

Achais horrível essa proposição! Sediciosa e aniquiladora!

Confessai que se tivésseis á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição já eu tinha provado: o fogo, - a água, - a cadeira, o potro, os anéis, e por fim a estava a esta hora carbonizada.

E porque?

Porque considerando o matrimônio, não como uma venda infame do corpo e da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto distinguiu fazendo dela a Mãe, porque considerando o matrimonio simplesmente como um contrato social, quis que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus lhe doou, e que o estúpido egoísmo do homem lhe nega!

Vós falais da China a Turquia mas esqueceis que é o Brasil o único lugar da América e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tiranizadas! Onde vegetam como a planta, onde foram despojadas até dos mais remotos direitos, onde a sua inteligência é quase sempre considerada como um crime, e donde se levantássemos o véu misterioso que encobre a sociedade, recuaríamos espantados!

E de que valem, senhor, essas prendas feminis com que adornais a mulher para condena-la mais tarde ao mutismo?

Sabeis que a mulher não pode passar além daquele que a sociedade civilizada lhe tem reservado.

E o que diríeis vós Sr. se vísseis nos Estados Unidos a mulher ter uma vida tão laboriosa, tão ativa, e mais inteligente que a do homem?

Pensais que além da costura, do engomado e outros pequenos trabalhos não existem outras profissões para as mulheres?

Quanto mais civilizada estiver a sociedade, mais largo será o circulo das profissões que pode exercer a mulher; porque menores e mais raros serão os preconceitos que

lhe tolhem os caminhos da industria e da inteligência, e os recursos que a subtraem a miséria, as privações e as mais das vezes a perdição.

Quando escrevéis a vossa carta, por certo, não vos lembrastes de que era a *uma mãe* de família, aquém vos dirigíeis; é porque conheço os meus deveres, é porque escrupulosamente, sei preenche-los, que posso dizer á mulher – *sois livre*, e o conhecimento da vossa dignidade, longe de opor-se ao cumprimento dos vossos deveres, vos ajudar a desempenha-los com mais inteligência e devoção.

[...]

Esqueceste que o catolicismo nada tem de comum com o cristianismo, que as fogueiras da inquisição não podiam ser interpretes das três bases da doutrina de Cristo – Liberdade – Fraternidade – Humanidade?

[...]

A mulher conhece quando é tiranizada, tem a consciência do que sente, não se revolta, porque vive como o cativo carregado dos ferros da opressão.

Revoltai-vos contra Deus, senhor, e pergunta-lhe porque deu alma a mulher, porque lhe deu pensamento, porque a fez igual ao homem, porque a fez sua companheira, se os instintos ferinos do homem bruto querem apenas a realização de seus desejos!

Acusai a Deus, não a mim!

Acreditai no que voz digo – quanto mais ilustrada for a mulher – melhor compreenderá os seus deveres, mais amplamente preencherá, essa missão sagrada de esposa e de mãe, missão cujas as bases principais são uma tenra adesão, uma abnegação profunda, prudência doçura e paciência.

[...] sei argumentar; previno-vos que não responderei nem diretamente nem indiretamente, às vossas cartas debaixo da assinatura do anônimo.

Eu combato com meu nome á frente da redação do Jornal, e estou no meu direito exigindo que assim pratiqueis; porque a vossa pública assinatura me servirá de garantia, de que a mais estrita urbanidade será observada nas nossas polêmicas e que não terei portanto de arrepende-me de haver encetado a luta desigual d'aquêle que peleja a rosto e peito descobertos, contra inimigo armado e defendido pela mascara do incógnito.

Se assim o quizerdes, até outra vez. (JORNAL DAS SENHORAS, 28 de fevereiro de 1852, p. 43).

O anonimato nos traz insegurança e questionamentos, pois abemos que frequentemente os periódicos do século XIX eram recheados de personagens fictícios criados para fomentar o debate e causar curiosidade. Existindo ou não uma matéria por detrás da assinatura “O Homem”, Joanna Paula Manso de Noronha enfrenta o suposto interlocutor que se opõe aos seus ideais de moral e educação feminina trazendo argumentos que reforçam sua opinião, tais como a reflexão feita pela redatora sobre a maternidade quando os filhos já crescidos deixam a mãe, sobre o casamento como um contrato da compra de um corpo, sobre o trabalho feminino e a diferenciação entre Cristianismo e Catolicismo. Sobre este tema, em coluna do dia 18 de julho de 1852 temos reflexão pertinente sobre o assunto educação moral da mulher e a religião.

Nós que temos hasteado a bandeira – Religião – e emancipação moral da mulher – e convencidas estamos que só esta é a base sobre a qual o edifício social se poderá erguer e suste-se inabalável, de cujo poder nascerão bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos, exultamos de prazer vendo para esse fim começados os primeiros passos da Igreja, que os acompanharemos com as nossas débeis forças.

Unamo-nos á ela, queridas leitoras; e com os nossos ardentes votos de mãe, de amiga, de esposa, incessantes cooperemos da nossa parte para o seu verdadeiro culto.

Encaminhando nossos filhos ao respeito a Deus, nós levaremos ao caminho donde suavemente partirão eles para uma nova era que lhes dará – força e união.

E a mulher, sua mãe, será então abençoada. (JORNAL DAS SENHORAS, 18 de julho de 1852, p. 17).

A partir do dia 5 de setembro de 1852, surge a coluna *A Mulher perante Deus e o mundo*, coluna esta que tenta situar a mulher emancipada na sociedade civil e dentro da religião. Esteve presente até o dia 24 de outubro de 1852, embora não nos ofereça informações diferentes das aqui já apresentadas, merece destaque as reflexões sobre o trabalho feminino.

azei a mulher com instrução igual á do homem, e os vindouros falarão com respeito desta geração; eis que é o verdadeiro progresso, aquele que tem de trazer os outros.

Emancipai a mulher, mas não lhe deis a licença; porque a mulher tem tanto direito a *procurar a sua subsistência* como o homem e as famílias não conservarão na *ociosidade* tantas filhas maiores. (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de outubro de 1852, p. 133).

Temos, com o trecho acima, a questão do trabalho feminino como meio para a própria subsistência, ideia defendida pelas páginas do *Jornal das Senhoras*. Nos dias que seguiram esta publicação, temos os escritos de uma jovem de 18 anos, que assina com as letras JP.

No século presente, os homens a declararão, em grande número de casos, tão livre e independente como eles próprios; suprimirão a tutela geral; fixarão a sua maioridade, tornarão-a apta para herdar em partes iguais, garantirão-lhe a posse e disposição da sua propriedade, e ainda mais, no caso de divórcio, admitirão a separação de bens. Porém, pergunto, dá-se igual liberdade e independência no casamento, nessa união em que se não trata só de riquezas e conveniências pessoais, mas sim de nossa posição, da de nossas mães, irmãs e filhos? Não; e então os homens são intratáveis nas suas leis; riscam com um largo traço a igualdade; querem que a mulher se confesse sua inferior, sua escrava, e lhes jure obediência!

Na verdade, parecem ter mais afeição ao dinheiro do que a dignidade humana: emancipam a mulher para ser proprietária, e quando tratam de fazê-la sua companheira, declaram-na inferior a si!

(...)

Quando um melhor sistema de educação trouxer á mulher a ciência do sentimento de sua dignidade; quando a sua escolha for livre, e ela não sofrer a influencia dos prejuízos de leis ditas pela conveniência, desprezarão por certo as adulações pueris de que ainda se mostram ávidas; a sua fidelidade não será posta em duvida, porque acabar-se-á a necessidade de fingir e transigir com a artimanha masculina; e só então podereis assentar-se ao lado do homem como sua companheira, e jamais como sua serva. (JORNAL DAS SENHORAS, 21 de novembro de 1852, p. 165).

Temos a reclamação para as mulheres do direito de administração de seus bens e de igualdade moral. Em alguns casos era dada a mulher a maioridade para que pudesse herdar,

em outros a mulher obtinha acesso à separação de bens. Mas no casamento, a mulher era considerada inferior ao homem, e dela era exigida obediência, e não seu companheirismo. Em alguns casos a fidelidade feminina era posta em dúvida, e desta forma, em caso de divórcio, a mulher não obtinha acesso aos seus bens. Tratava-se de uma artimanha masculina, na qual somente a voz do homem era ouvida e à mulher tudo era negado.

### 3.2 Educação no Jornal das Senhoras

A educação é outro tema frequente nas páginas do *Jornal das Senhoras*, tanto a educação das mulheres, quanto a educação das crianças de ambos os sexos, havendo a relação entre a educação das mulheres com a educação dada às crianças. A mulher esclarecida conhecerá o valor da educação e saberá transmiti-la aos seus filhos e auxilia-los no caminho da ilustração. Sobre tal temática o artigo “Estudo sobre educação”, pretende esclarecer as mulheres sobre sua importância.

A epigrafe deste artigo parece-nos assas importante para as famílias, e nos poupamos ao trabalho de demonstrar a necessidade absoluta de bases certas e judiciosas em que fundar o ensino moral da mocidade; assim como a falta total de métodos fáceis para o ensino dos meninos de ambos os sexos.

Contudo advertimos desde já que com quanto as nossas ideias vão de encontro com o praticado até hoje, assim como com os preconceitos que viciam a educação da mocidade, nem por isso deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importância. Difícil é a tarefa porém, ajudados da nossa boa vontade, dos conselhos da experiência, e do fruto de algumas leituras, possuímos a doce esperança de dizer alguma coisa que mereça a pena de ouvir-se , e talvez de tirar algum pensamento vantajoso ao bem geral.

É inegável que a América do Sul, e um dos lugares do globo terráqueo mais atrasado a respeito dos métodos de ensino.

O ensino primário entre nós, mereceu o nome de alopatia moral; é o flagelo das crianças que, uma vez entre as mãos do mestre, já não são mais consideradas senão como entes racionais, quando todos sabemos que até a idade de 8 a 10 anos, não temos outra coisa que o instinto da inteligência; que os nossos órgão, fracos e incompletos, aprendem por imitação e sem discernimento, e por conseguinte, seria mais conveniente adotar aquele plano de ensino que melhor conviesse às necessidades dos padecentes meninos, e não imbuir-lhes esses métodos rançosos e defeituosos que tanto se mortifica.

Os mestres nunca devem esquecer que as crianças não tem reflexão – são como os papagaios – aprendem de cor, e sem compreender o sentido disso mesmo que lhes ensinam, fácil e distintamente e repetem. Vamos pois esboçar um plano de educação, cuja aplicação já ensinamos, havendo seus resultados excedido as nossas esperanças. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de janeiro de 1852, p. 28 – 29).

O texto se refere especificamente ao ensino das crianças e ainda não faz distinção entre meninos e meninas. Adiante, com o título de “Estudos sobre a educação das meninas”, o ensino dado às crianças do sexo feminino é tratado separadamente àquele dado às crianças do sexo masculino.

Pobres criancinhas, a quem desde o começo da vida, já se lhes apresenta o caminho da virtude como uma estrada difícil e cheia de espinhos.

Pobres criancinhas, que ignoram que o bom comportamento obtém sua recompensa também; só se lhes apresenta a ideia de castigo!

E não compreenderam elas melhor; o bem e o mal, o justo e o injusto, por meio de uma escala de recompensas em paralelo a outra de castigos unicamente morais em proporção às suas forças e inteligência? Não era este meio o mesmo que repetir-lhes a todo os instantes: Se forem boas serão felizes, se forem mãos sofrerão?

Porque não se emprega um bem calculado e apropriado estímulo para despertar a vontade de aprender? Essa vontade que acompanha a ambição do saber, ou para explicar-nos melhor, essa satisfação que sentimos com merecer a estima e consideração dos outros?

Em vez dessas rotinas rançosas, porque se trata de empregar e aplicar os métodos modernos?

O ensino mutuo que tão depressa desenvolve o espírito dos alunos, que serve de repouso ao mestre, e que ensina a falar sem pedantismo, e que acostuma até a pensar de per si?

Existe já por ventura uma base certa, fixa; declarada única, para servir de alicerce aos estabelecimentos de educação?

É uma liberdade muito mal compreendida aquela que deixa aos colégios particulares a escolha dos regulamentos e dos meios de ensino.

Os estabelecimentos modelos devem ser os mesmos colégios da nação, e todos os outros que houverem no país devem conformar-se exatamente com eles, porque em geral a educação do país deve ser homogênea, igual para todos; menos porém as matérias que formam o luxo de educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por – falta de meios!

Nós não somos utopistas: sabemos que o nivelamento social é impossível, porque, quando não seja mais que a inteligência e essa outra estúpida potencia de todas as épocas – O Dinheiro – sempre dividirá os homens em classe; por consequência, a filha do pobre, destinada a ser mulher do pobre também, não pode perder um tempo destinado aos trabalhos, herança e porvir da sua vida, em aprender a bordar, cantar ou tocar piano.

Contudo, essa mesma pobre, poderá assim mesmo, fruir os benefícios de uma educação mais ampla e melhor adaptada às necessidades da nossa época, para, em falta dessas prendas, ser boa filha, boa esposa e boa mãe.

A aplicação do método Polytechnographico, ou melhor dito, um Sistema Enciclopédico, proporcionado às inteligências das meninas, deveria adotar-se tanto nos estabelecimentos de educação nacionais, como nos particulares.

[...]

Uma verdade que todos os mestres deviam compenetrar-se é, que deve ensinar-se as crianças brincando.

[...]

Felizmente a maior parte das meninas hoje são pensionistas, porque seus pais podem despender para isso; mas as meninas pobres, essas que não têm colégios garantidos? Tem as aulas publicas das Freguesias para onde vão de manhã e de tarde, ou pequenas escolas onde ainda se ensina pelo ramerrão do Padre Ignácio; tudo isto devia reformar-se, tudo isto, dizemos, deve praticar um só único método de educação. Desta forma o país colherá para o futuro os bons resultados de uma medida tão urgente. A educação das crianças deve ser inteiramente prática; a teoria só pode ser desenvolvida pelos espíritos já formados, que com auxilio da razão sabem pensar: mas às crianças é inútil dizer-lhes – isto é bom, aquilo é mau.

O amor à virtude e ao trabalho deve ser inspirado pelo engodo dos brinquedos, do doce, de tudo aquilo que lisonjeia o espírito de uma criança.

Ao meso tempo o estímulo, contra a preguiça e os maus costumes das crianças, pode ser inspirado pelo castigo moral. E assim insensivelmente. Pouco a pouco, chega um dia em que elas são laboriosas e boas, pelo hábito de o serem.

A primeira coisa que uma boa mestre deve tratar de fazer, é ser muito querida das suas alunas; porque uma vez essa amizade estabelecida, ela pode dirigir e formar a seu jeito esses coraçõezinhos sinceros, inocentes que amam com toda a veemente ternura de quem ainda não aprendeu a mentir a si mesmo e ao mundo.

É necessário magnetizar pela força da amizade essas caprichosas borboletas que de tudo se esquecem; mas que, quando sentem verdadeira afeição, são como a cera que recebe todas as impressões.

Esse amor respeitoso que o mestre inspira ao discípulo, é o mais belo atributo da nobre carreira de professor de educação. (JORNAL DAS SENHORAS, 29 de fevereiro de 1852, p. 64 - 66).

A articulista detalha como deve ser a educação para as meninas. Deixa clara a necessidade de adaptação na forma particular das crianças de entender o mundo e trata o afeto como método para uma educação eficaz. Merece destaque os apontamentos sobre as questões diretamente relacionadas à posição social, na qual o futuro da menina e o acesso aos conhecimentos tidos como eruditos, ficam restringidos por uma rígida demarcação social que impede mobilidade social. Defende ainda que, na medida do possível, os mesmos conteúdos e métodos devem ser aplicados em todo o país, colaborando assim para o seu crescimento. Em uma leitura mais sensível do artigo “Estudo sobre a educação das meninas” temos que há a aproximação do ofício de professor à maternidade, dando preferências às mulheres para este ofício.

A partir de 15 de fevereiro de 1852 surge a coluna “Estudos”, dedicada a instruir as leitoras, sendo a Filosofia o primeiro assunto considerado pertinente para a ilustração das senhoras.

Vamos tratar, nada menos, que da definição de uma palavra.

A Filosofia! Deus nos acuda! Que proferi! O dragão das sete cabeças é menos assustador, que a ideia de que as mulheres possam compreender o sentido desta palavra, que não haverá quem chame o – *coco dos meninos!* – Quantas aplicações tão diversas não sofre esta infeliz palavra! (JORNAL DAS SENHORAS, 15 de fevereiro de 1852. p. 52).

A justificativa para os estudos de Filosofia estava na busca pela compreensão da liberdade da alma.

A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, inteligência e liberdade: é uma substância idêntica e única, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e suas vontades<sup>30</sup>.

[...]

A filosofia, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma ciência que se divide em três partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; e a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a ciência chama lógica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quais devemos fazer os nossos raciocínios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para comigo mesmo.

Eis pois o dragão das sete cabeças, o coco dos meninos, o fantasma do outro mundo, com que se assustam os espíritos pequenos.

A falta de raciocínio, o nenhum costume de refletir, é funesto á mulher, minhas queridas leitoras. Ninguém como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais restritas da prudência, para não desesperar, e já não piorar a nossa causa. A absoluta ignorância em que se deixa a mulher é o motivo primeiro de sua desgraça. (JORNAL DAS SENHORAS, 07 de março de 1852, p. 74).

A coluna “Estudos” continua, sendo *os sentidos* o tema o tema seguinte (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de abril de 1852, p. 129).

Há um erro, vulgarmente admitido, que dá o nome de cinco sentidos aos aparentes aparelhos orgânicos, que servem de condutores ás percepções e sensações d’alma. Como este erro onde primeiro se aprende é na doutrina cristã, não vos falareis dele senão ligeiramente, destruindo porém o preconceito que ele encerra.

Não há cinco sentidos corporais; há percepção exterior d’alma, por meio de órgão corporais que a põe em contato visível e invisível com os objetos materiais. – Órgãos, que são os condutores das emoções diferentes que podemos sentir.

Os sentidos são a mesma alma – porém alma não é olho, não é ouvido, não é a mão não é o paladar.

O sentido que chamamos – tato – tem por órgão a superfície do corpo todo. É por meio do tato que recebemos as sensações de prazer ou de dor, de calor ou de frio, e é por meio do tato que recebemos a prova material da alheia individualidade e que se fortifica a consciência da própria existência, ou do – Eu -.

[...]

Cada um sentido d’alma, servido pelo seu competente órgão, vem a justificar a existência do – Eu e do – não Eu – o que quer dizer – a própria e a alheia individualidade.

Da percepção nasce – a sensação, desta – a emoção, e da emoção – o juízo ou a ideia. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de abril de 1852, p. 129).

Com o seu estudo sobre as sensações Joanna Manso não se dedica à explicação simples dos sentidos. Mais que isso a redatora aprofunda esta questão na busca de si. O ser que sente algo, o faz em sua consciência, e esta não é algo que pode ser moldada de acordo com uma determinação social, sendo este individuo livre para sentir. Dando sequencia, a coluna que se dedica à instrução das senhoras muda de título, deixando ser “Estudos” e

<sup>30</sup> Este trecho aparece destacado, provavelmente trata-se de uma tradução livre, embora autor e obra não sejam citados.

passando a se chamar “Lição”, o assunto inaugural é “sensações, emoções, ideias” (JORNAL DAS SENHORAS, 09 de maio de 1852, p. 144), que é um desdobramento do assunto anterior.

A impressão que os órgãos comunicam aos sentidos, ou a impressão que os sentidos recebem pelo contato físico ou moral do não – Eu – é o que chamamos sensação. O desenvolvimento da sensação na nossa alma produz a emoção, e é origem do sentimento, quero dizer, da afeição boa ou má que sentimos, e da ideia. O sentimento corresponde sempre, ao que os filósofos chamam paixões, e que os frenologistas chamam fossa da sensibilidade, afeições morais, &c. &c. A ideia, corresponde inteiramente às faculdades intelectuais, o desenvolvimento da ideia é o que chamamos juízo, e a faculdade, que desenvolve e aperfeiçoa a ideia, é o que chamamos razão! (JORNAL DAS SENHORAS, 09 de maio de 1852, p. 144).

A certeza da não erudição feminina é tamanha que em alguns casos a dúvida quanto a autoria feminina das redações se evidencia.

estamos por enquanto tão mal conceituadas no juízo da metade ou na metade do juízo dos homens, que por certo eles me não acreditariam, e o que é mais lastimável, haviam de dizer por aí que a produção não era minha. Ora dá-se... E eu queimando as minhas pestanas!

Quantas vezes tenho eu ouvido dizer na minha bochecha (notem que eu sou bochechuda) – O artigo *tal do Jornal das Senhoras* não é feito por mulher; nada, aquilo não é linguagem de mulher.

Querem mais claro? E a mulher não pode usar da linguagem do homem!!!! É por tanto uma linguagem privilegiada, uma dicção tão incompreensível, que a mulher, pobre coitada, não pode atingir – nunca poderá, dizem ele!!!

Eles – quero dizer, ou falo somente, com os que estolidamente (lá escapou um termo que não é de mulher!) á minha vista avançarão uma posição tão fofa, tão mesquinha que – me causou dó! Dos mais, que os não ouço, nem os pretendo ofender, estou certa encontrar entre eles muita gente de merecimento reais, que sabe dividir com o seu próximo (e que próximo... tomarão ele estar bem chegadinhos.) a inteligência e a ilustração, papa fino que todos arrotam sem o ter comido. (JORNAL DAS SENHORAS, 16 de maio de 1852, p. 158).

Tal polemica reaparece em outros momentos ao longo dos anos da publicação do *Jornal das Senhoras*, como observamos no trecho a seguir. Como à mulher não era dada a mesma instrução da que era dada aos homens, alguns desconfiavam que as linhas daquele jornal escondessem uma autoria masculina, o que não há evidencia para concordarmos com tal informação.

Uma graça ouvir a esses praguentos linguarudos, que não faltam em toda a parte, dizer, com a arrogância e fatuidade que lhes facilita a sua tolice ou a sua vaidade, que vem a ser a mesma coisa – qual! Não acredito que a linguagem do **Jornal das Senhoras** – seja linguagem de mulher. Ora e por que não acreditam vossas mercês em tão pouca coisa? Isso é força de gênio. Pensão então que a mulher, que os criou, há de sempre ser a mesma por todos os séculos dos séculos? Que graça.

Não admities no vosso coco, com seu lindo cabelo repartido, anelado, lustroso e cheiroso, que a mulher do vosso país pode escrever e falar, como muitas outras já



escreveram e falaram em outro tempo e como as que escrevem e faltam hoje e toda a Europa?

Ora senhores, não sejais assim tão injustos com as vossas patrícias: escutai a este respeito as capacidades da vossa terra, e não vos cause suores frios essa inteligência e ilustração que elas vão desenvolvendo a custa de sua aplicação e estudo, porque não hão de por certo de roubar-vos a glória da vossa muito alta, muito nobre, e até mesmo muito conhecida ilustração. Coitadinhas! Nem pretendem pedir privilégio.

O que é verdade é que dessa acanhada inteligência *que nos fazem a esmola de dar* e a mal dirigida educação que recebemos, vão surgindo inteligências tão nobres e audaciosas, que um dia ainda hão de nos dar um quinhão. Se até lá não vos tornardes velhos caducos. (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de agosto de 1852, p. 33).

O tema educação da mulher esteve presente durante todos os anos de publicação do jornal. No entanto, o artigo “Influencia da educação da mulher sobre a vida do homem” (JORNAL DAS SENHORAS, 06 de março de 1853, p. 73), apresenta certa diferença em relação aos demais artigos que pretendiam discutir o tema da educação, pois, desta vez o que esta sendo discutido não é a educação da mulher, mas sim a do homem. Justificativa comumente utilizada para defender a educação da mulher.

É a mulher, representando neste mundo os mais nobres e interessantes papeis – de mãe, - de esposa, e de irmã, - a companheira inseparável do homem em todas as fases desse tirocínio, que se chama vida.

É ela, que, carinhosamente debruçada sobre o berço, recebe dele seu primeiro sorriso de alegria, como o seu primeiro vagido de dor: é ela ainda, que reclina no leito da agonia, recebe muita vez, na hora extrema, seu derradeiro suspiro. (JORNAL DAS SENHORAS, 06 de março de 1853, p. 73).

No dia 08 de janeiro de 1854 o nome Christina, que assinava a coluna de modas, é substituído pelo nome Ritinha, de apenas 16 anos.

Para satisfazer ao pedido de uma e minhas melhores amigas, incumbi-me da difícil tarefa de escrever o artigo *de modas* do Jornal das Senhoras.

Com 16 anos de idade, e sem traquejo do jornalismo, eu reconheço a minha insuficiência para substituir dignamente a vossa engraçada e espirituosa Christina. (JORNAL DAS SENHORAS, 08 de janeiro de 1854, p. 09).

Com a nova autora da coluna de modas e salvando-se o destaque para a sua idade. O debate sobre a educação feminina e o ganho para a sociedade se reavivou no ano de 1854, pois as prendas da pena, para as redatoras, colaboradoras e colaboradores, leitoras e leitores, são tão importante quanto às demais prendas femininas. Além de toda a discussão gerada com a entrada de Ritinha na coluna de “Modas”, no dia 02 de abril de 1854, uma declaração da escritora inflama os comentários da sociedade carioca.

Então eu vos vi, minhas leitoras, com enfeites resplandecentes, e bordados de ouro e prata, que por certo adornavam muito, mas que tinham um defeito para mim; era que, sendo o bom tom atual, davam a moda uma certa arrogância luxuosa, que na minha opinião não é a melhor fisionomia ou o melhor olhar dessa deusa que nos tem pregadas aos degraus de seu altar.

[...]

Pelo menos para mim; mas como é matéria de gosto, talvez meus argumentos não convenção de minha opinião. (JORNAL DAS SENHORAS, 02 de abril de 1854).

A coluna de “Modas”, além de trazer a moda francesa para o Brasil, excetuando-se a moda da Quaresma<sup>31</sup>, quando a moda era a moda espanhola<sup>32</sup>, já que a religião na França seguia outros costumes, oferecia também comentários sobre os bailes e sobre *toilettes* da alta sociedade carioca. Os comentários sobre os exageros daquela sociedade e sobre a extravagância, não foram bem aceito por uma parte das leitoras do *Jornal das Senhoras*. Enquanto algumas reivindicavam que o melhor para a moda brasileira era que ela fosse tal qual a francesa, outras levantavam a bandeira de uma moda nacional, adaptada ao Brasil e ao corpo das brasileiras. A educação das mulheres, o direito de livre pensamento, levou á conflitos entre elas mesmas.

No Rio de Janeiro porém outro tanto não aconteceu; todas usam cintura comprida, quer pudessem, quer não pudessem, e por tanto tempo predominou esta moda, que hoje, usando-se a cintura um pouco mais curta, ainda há entre as nossas elegantes algumas que preferem a moda velha, alegando para isso o costume em que já estão. Tal é a força do uso que nos faz habituar, até aos sofrimentos!

Sufrimentos, digo eu, porque não entendo que a cintura da maior parte das moças possa descer do seu natural três ou quatro dedos, sem que elas sofram, e sofram muito, o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as formas naturais, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para este estado mortal.

Eu nunca segui o extremo da moda por esta razão; acompanho nesse ponto as elegantes parisienses, que talham-na segundo as melhores conveniências: se a cintura é curta demais e incomoda-me, coloco mais a baixo, se é comprida e tira-me o talho do corpo, mais pra cima, e sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me o trabalho de a copiar polegada por polegada. (JORNAL DAS SENHORAS, 15 de fevereiro de 1852, p. 50).

O acesso à educação libertava as mulheres para que pudessem pensar livremente. Em um primeiro raciocínio podemos pensar que nesta abertura para o livre pensamento não

<sup>31</sup> Período do ano litúrgico que antecede a Páscoa cristã, sendo celebrado por algumas igrejas cristãs, dentre as quais a Católica.

<sup>32</sup> “Desta vez portanto ofereço-vos um figurino, que mais a propósito não podia vir para o nosso mês e meio da Quaresma; ele vos dá perfeitamente o lindíssimo e muito elegante – traje de respeito – usado entre nós nestes dias de religiosa concentração. Este uso ou moda de longa data, que veio desde Espanha até a nossa terra, e que com muita razão aqui se naturalizou, faz hoje o tipo, dizemos assim, da brasileira que se encaminha a visitar o Templo do Senhor; a sua elegância e gravidade, o seu belo efeito sobre qualquer cor ou idade, até mesmo nem ao estrangeiro pode escapar, ele o admira e aprecia”. (JORNAL DAS SENHORAS, 07 de março de 1852, p. 72).

existiriam conflitos. Entretanto, não foi o que aconteceu, pois as leitoras do *Jornal das Senhoras* reivindicavam que fosse dada às mulheres uma melhor educação e que elas tivessem liberdade para pensar, o que, quando se deu, não foi sem choque de opiniões. Em 30 de abril de 1854, Ritinha devolveu a coluna de “Modas” para Christina, que retorna trazendo comentários e novidades sobre o Sr. Barão de Mauá e a estrada de ferro e sobre a iluminação a gás na Rua da Quitanda.

No dia 28 de janeiro de 1855 foi publicado o artigo “Educação do sexo feminino”, importante artigo sobre a perspectiva do *Jornal das Senhoras* sobre a temática da educação feminina. Trata-se de obra de autoria da Baronesa de..., não sabemos quem é a pessoa por detrás desta assinatura.

Uma de nossas respeitáveis assinantes dignou-se obsequiar-nos com um artigo importante sobre a educação do sexo feminino, cuja leitura recomendamos as nossas amigas, agradecendo a S. Ex. o mimo produzido por uma feliz inspiração.

Desde muito tempo conhecíamos o talento e a delicada instrução da Sra. Baronesa de...; e apresentamo-nos a assegurar-lhe que a sua colaboração será mais uma garantia para o bom desempenho a que estamos obrigada, e concorrerá talvez bastante para que a instrução do nosso sexo se torne mais sólida e variada em proveito da civilização e da religião.

Eis o artigo:

Pareceu-me oportuna a ocasião para oferecer á reflexão das senhoras fluminenses algumas ligeiras considerações sobre a necessidade de exigir para as nossas filhas o ensino de instrução mais variada e séria do que a que até hoje aprendem nos colégios á que as confiamos, de alguns dos quais as próprias diretoras não tem as necessárias habilitações, porque o seu dever não se limita somente ao ensino da simples leitura e de trabalhos de agulha. Bastante grande é o número de colégios que se fazem anunciar ao público, e penso que nem a metade deles poderia com justiça permitir-se a continuação.

Tenho uma filha, a qual procuro fazer ensinar o pouco que sei, realmente pouco, porém que bem tenho visto ser muito mais do que as minhas jovens patrícias adquirem na longa frequência dos nossos colégios.

Poucas meninas completam sua educação achando – se em estado de poderem escrever uma carta sem recear a vergonha de imensos erros: e este mal provem sem dúvida das diretoras que não podem corrigi-los, nem fazer acertada escolha de bons mestres: e ninguém negará que é uma falta esta imperdoável em cuja defesa não podem opor a circunstancia de se demorarem as alunas pouco tempo nas aulas, porque no ensino da leitura e da escrita se compreende o da gramática e ortografia nacionais, explicadas convenientemente e tornadas inteligíveis as meninas.

O estudo das línguas estrangeiras nos parece uma perfeita extravagância pelo modo por que é feito; ou concordaremos em suspeitar que há firme propósito em conservar a ignorância delas. A preferência dada aos colégios dirigidos por senhoras estrangeiras me parece uma ficção que causa um mau resultado, e tanto pior quanto as senhoras que se dedicam ao magistério não estudam, nem conhecem talvez coisa alguma que respeita aos métodos de ensino. Tenho uma particular amiga, que fez sua educação nesta corte em um colégio inglês, onde esteve alguns seis anos, onde aprendeu a falar as línguas francesa e inglesa, mas somente pela prática e necessidade de as falar, porque as professoras ignoravam totalmente a língua portuguesa.

Como ela nenhum preceito aprendeu, está hoje completamente esquecida do sofrível inglês, e do viciado francês com que se fazia entender. Tendo sentido logo a necessidade de estudar e corrigir alguns erros de sua própria língua, os quais adquiriu por imitação do pouco que as mestras procuravam pronunciar. Esta senhora

reconhece agora quanto se enganaram seus pais sobre a preferência dada ao colégio em que esteve.

Se isso se observa sobre os colégios cujas diretoras são estrangeiras, outro defeito reparo eu em todos os outros; e consiste no sistema de ensino da música e no desprezo absoluto da geografia, da história (principalmente a sagrada), e da língua italiana, que tão importante é hoje para saber-se, em virtude da preferência dada ao canto das músicas italianas.

Por ventura será toda a instrução necessária para uma senhora o saber fazer uma má leitura e fraca tradução de uma ou duas línguas, e distinguir apenas as notas da música para as cantar pelos sons tirados pelo piano? E aonde se ensina mais do que isto? Aonde se procura cultivar o espírito e a inteligência de uma menina para que seja uma verdadeira senhora? Aonde se cuida em plantar no coração tenro de uma educanda todos os princípios dos deveres de nosso sexo, para que sejam verdadeiras mães de família, para bem da religião e da moral? Em parte nenhuma se cuida de tais partes. A religião ensinada consiste em algumas orações, cujo merecimento é não poucas vezes aconselhado pela superstição; os princípios de moral são sempre mal definidos ou aconselhados como cautela contra o medo de infração de algum dever social.

E deste modo não pode a mulher adquirir com sua instrução a convicção íntima de sua dignidade e do seu dever; o que só consegue pelo exemplo praticado pelos seus pais.

Eis como no Brasil se educa geralmente a mulher de quem deve um dia depender o futuro de uma família inteira. Tudo superficialidade, nada ciência.

Esquecia-me também citar a ignorância da contabilidade, que tão indispensável é a qualquer senhora em qualquer circunstância da vida; acredita-se que é uma superficialidade, ou coisa imprópria de uma senhora, e portanto creio que nem as próprias mestras conhecem um compendio de tal matéria.

Para uma diretora de colégio toda a vantagem consiste nos bordados, os quais mesmo não são já os trabalhos delicados de ponto real, de seda, de ouro e prata, etc., e quase atualmente se limitam aos pontos de marca e de tapete: trabalhos da maior simplicidade, que podem ser aprendidos em uma semana, e com os quais conviria mais não perder o tempo que deveria ser consagrado ao estudo de mais valiosas prendas.

Não queremos com isso negar o merecimento e utilidade destes trabalhos e de outros, como a confecção de flores, etc., mas quiséramos que fossem considerados como secundários, que facilmente podem ser aprendidos e perfeitamente praticados por mãos acostumadas a obras mais difíceis, e que não se iluda a boa fé dos pais de família, fazendo que meninas educadas percam a maior parte de seu precioso tempo, que poderia ser destinado ao necessário cultivo do espírito e da inteligência, a qual, apoucada por tal sistema, se perde inteiramente, se tem o infortúnio de dar-se á leitura de romances, como em um mar imenso onde fosse navegar sem bússola, que nunca poderia encontrar um porto, e teria de naufragar em alguma costa bravia ou de submergir-se nas ondas.

Continuaremos ainda a fazer algumas reflexões. (JORNALS DAS SENHORAS, 28 de janeiro de 1855, p. 31 – 32).

Como o prometido, em 25 de fevereiro de 1855 a Baronesa de... deu continuidade em suas reflexões sobre a educação do sexo feminino.

No nosso antecedente artigo fizemos muitas sucintas considerações sobre os vícios, ou antes sobre o mau sistema de educação da mulher no nosso país, sendo evidente que nos referimos sob este título á parte instrutiva também.

Se compararmos a mulher da sociedade atual com a de cinquenta anos passados bem clara nos será a diferença que a de uma a outra. Esta vivia enclausurada voluntariamente dentro de estreitas rotulas, entregue apenas aos serviços domésticos que partilhava com a turma de escravas que a cercavam, e mal sabia ler e escrever, sem haver nunca adquirido a mais ligeira noção de geografia ou de alguma língua

estrangeira que sempre ouvia com admiração. A história lhe era uma coisa incompreensível e admirável, da qual conhecia trechos inteiramente fabulosos, ditados pela mais ridícula superstição e acreditados pela mais pueril e estúpida credulidade.

A parte moral e religiosa era ditada pelo fanatismo e aceita pelo temor do castigo, sem fé nem mesmo raciocínio ou bom senso que a fizesse seguir seus ditames como fato de consciência. A virtude era portanto, na mulher, o efeito do temor do castigo do crime; a moralidade era a consequência da crença no fanatismo.

Hoje, porém, que a educação do sexo feminino se tem tornado mais ampla e mais geral: agora que os homens tem melhor compreendido a sua convivência social e familiar ilustrando a mulher, e infundindo-lhe os sentimentos de virtude e de moral pelo que eles são em si mesmos, não é o receio da punição que abstém da pratica dos delitos, é sim a consciência da dignidade intima do nosso sexo e de nossos deveres para com Deus e para com a sociedade inteira que nos ilumina a senda que trilhamos.

Não queremos com isso negar á nossas antepassadas as virtudes conscienciosas que as adornaram; mas nos persuadirmos que a sua pratica era filha mais dos exemplos recebidos e do medo inculcado nos ânimos do que da convicção e da inteligência: e ninguém ignora que a pratica dos atos praticados pela convicção racional não podem ser tão facilmente mudada pela linguagem da sedução.

De quanto temos dito pretendo concluir que a moralidade social e a pureza dos costumes tem tido desenvolvimento.

Entretanto devo confessar que a instrução dada geralmente ao sexo feminino não é ainda tão sólida e variada como convém ao brilhantismo de uma nação como a nossa, que caminha para um futuro brilhante, segundo o afirmam os entendedores. Seria para desejar que as meninas fossem primeiro que tudo, obrigadas ao estudo gramatical e ortográfico da língua nacional; que aprendessem dois ou três idiomas estrangeiros (sobretudo Frances e o italiano) de modo que os soubessem com perfeição, que soubessem bem a geografia e a história sagrada; e finalmente, que tivessem algumas noções da história profana, e com especialidade da história nacional.

A par destes estudos as prendas de agulha, desenho e a música deveriam completar a educação de qualquer senhora. Entretanto vejo que as meninas saem do colégio ignorantes de sua própria língua, tocando no piano algumas peças sem saberem musica, com muito ligeiras noções da língua francesa, porém mostrando-se instruídas dos enredos de muitos romances, cuidando nos galanteios e adornos que façam sobressair a sua beleza nos salões concorridos onde elas se apresentam, e onde procuram mover o interesse do romantismo mal compreendido, e estragando muitas vezes o belo espírito e admirável talento, que, dirigido em uma instrução conveniente, seria o polido de um diamante de preço estimável.

Para que isso se consiga pouco é necessário. Basta que o nosso governo olhe com mais interesse e atenção para as habilitações das pessoas que se dedicam ao ensino de nossas filhas; que exija a assistência de professores e professoras ilustradas nas cadeiras de ensino dos colégios de meninas, e que lhes dê mesmo regulamentos e indique o sistema de ensino.

Os destinos da sociedade dependem da moralidade dos homens; e esta provem em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrução das mães de família. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de fevereiro de 1855, p. 62 – 63).

Embora existisse uma crítica à leitura de romances no artigo escrito pela Baronesa de..., no mesmo dia em que este artigo foi ao público foi publicado a seguinte notícia:

Apresamo-nos em noticiar ás nossas leitoras que acaba de ser publicado O LIVRO D'ALINA em um livro de mais de oitenta páginas de nítida impressão. O autor é o Sr. Dr. Daturmino, cujo talento produzido, á imitação do Livro de Elisa, um precioso ramalhete de delicados pensamentos poéticos; tendo, que parece procurado explicar o desenvolvimento das paixões no coração da mulher.

Recomendamos às nossas assinantes a leitura deste livro, que se acha á venda na Tipografia do *Jornal das Senhoras*, Rua do Cano n. 165, e na do Sr. Lobo Vianna e Filhos, rua da Ajuda n. 79, pelo preço de 1\$000, em brochura. (JORNAL DAS SENHORAS, 28 de janeiro de 1855, p. 32).

A leitura de romances não era desaconselhada às moças, pelo contrário, era indicada. No entanto não era considerada como adequada à leitura de qualquer romance, existindo uma melhor indicação e obras mais adequadas ao sexo feminino. O artigo “Educação do sexo feminino”, da Baronesa de... indica qual o tipo de educação que as redatoras do *Jornal das Senhoras* consideravam o melhor, reivindicando estudos mais consolidados das línguas estrangeiras e nacional, conhecimentos profundos de música e cálculo, deixando os ensinamentos das prendas domésticas um pouco de lado. A partir do dia 04 de fevereiro do mesmo ano o *Jornal das Senhoras* passou a oferecer às meninas brasileiras “Conhecimentos modernos sobre as claves da musica, oferecidos às ilustres meninas brasileiras pelo compositor Joseph Fachinetti” (JORNAL DAS SENHORAS, 04 de fevereiro de 1855, p. 1855).

### 3.3 Os romances de folhetim do *Jornal das Senhoras*

As páginas do *Jornal das Senhoras*, como já dito, contaram durante todos os anos de sua publicação com diversos romances. Alguns se tratavam de traduções, sobre a qual em algumas vezes a obra original era mencionada e em outras vezes não. Não é de nosso interesse mapear a autoria ou a versão original das obras publicadas no *Jornal das Senhoras*. Entretanto, nos cabe destacar que as obras eram livremente traduzidas pelas colaboradoras do referido periódico. Em alguns casos a tradutora é citada, em outros casos não. Outra informação importante é que as tradutoras e redatoras realizavam adaptações e algumas vezes supressões ao texto original. Retirando ou adaptando o que não consideravam adequado.

Por vezes trepidamos em dar publicidade á este romance na língua vernácula, porque, sendo a obra escrita dissolutamente, nos pareceu que a sua versão transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos, que saem a lume nesse jornal mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do JORNAL DAS SENHORAS.

Concluimos agradecendo ao tradutor incógnito o valioso presente que nos fez, e recomendando a todos a leitura desta história verdadeira e contemporânea, cuja versão se não é servil, se não traduz palavra por palavra, dificilmente se encontrará

no original uma ideia, um pensamento, que no português não tenham a frase equivalente. (JORNAL DAS SENHORAS, 26 de maio de 1853, p. 210 – 211).

O trecho acima pertence à apresentação no *Jornal das Senhoras* do romances *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho. Além de ser uma livre tradução e adaptação aos moldes do *Jornal das Senhoras*, este romance não foi publicado integralmente, sendo alegada a destruição acidental da versão traduzida. Já na apresentação da história *Amor materno*, temos:

Mas aonde nos leva a pena? Não é o elogio da biblio [sic], não são belas frases sobre o amor materno que intentamos escrever; queremos, leitora benévola, contar-vos uma história, que achamos em um livreto que nos veio ás mãos. Traduziremos, que nada há de melhor, porque nada há que dê menos trabalho: traduziremos, mas com a liberdade de que usamos, iremos cortando no original o que nos parecer inútil, desenvolvendo o que julgamos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos, que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado. (JORNAL DAS SENHORAS, 08 de maio de 1853, p. 149).

O primeiro romance publicado no *Jornal das Senhoras* foi o *Mistérios Del Plata*. Joanna Paula Manso de Noronha, autora deste romance, veio com a sua família para o Brasil fugindo da ditadura de Rosas. Sobre sua obra e sua motivação para escrever, a autora nos diz,

Não foi por servil imitação aos *Mistérios de Paris*, e aos de Londres, que chamei a este romance *Mistérios Del Plata*.

Chamei-o assim, porque considero que as atrocidades de Rosas, e os sofrimentos de suas vitimas, serão um mistério para as gerações vindouras, apesar de tudo quanto contra ele se tem escrito.

Mais poderosos que seus inimigos, seus escritores assalariados contrabalançam o brado dos contrários do tirano; e outras vezes esses mesmo escritos, comprados pelos seus agentes, são aniquilados.

Este mesmo risco corremos nós; porém que fazer? É necessário resolvermo-nos a tudo, além de que se a nascente literatura da nossa América for sempre buscar seus tipos na velha Europa, nunca teremos a literatura americana, nem literatura nacional. Levantar o véu funerário do nosso passado; custa-nos muito; porque, d'entre esse mar escarlate do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pálidos e medonhos os espectros de nossos amigos, de nossos irmão...

Contudo, como a última flor depositada pelo peregrino na porta do lar doméstico que vai abandonar, nós escrevemos este romance, nas agonias do amor pátrio que se extinguiu; e quando á força do sofrer, fomos arrastados ao cosmopolitismo indiferente.

Hoje cuidamos de não bulir na ulcerada chaga que nos deixarão as nossas dissipadas ilusões, as nossas derrubadas esperanças; é uma dor que ficou no fundo do coração, derradeira saudade tão duradoura como a existência.

Neste romance encontrareis talvez o que ainda se chamam ideias >> muito livres << porque, apesar de sua civilização, o século XIX conserva preconceitos e horrores, e mesmo frente a frente com a verdade, custa-lhe sair do gótico edifício, cujos carcomidos alicerces por toda a parte se desmoronam.

Eu, infelizmente talvez, nunca serei ser vil, nem as minhas opiniões, nem nos meus escritos; considero que a percepção das verdades eternas, é um tesouro depositado por Deus no espírito humano, não para ser oculto; ou esquecido, mas sim para revela-los aos homens com voz sonora e porte ativo.

O apostolado da ciência da verdade é digno de todo aquele que sente força no coração e no espírito para o sustentar.

Não sei quantos defeitos, nas formas, encerrará este romance; nunca cuidei das regras, porque entendo que a regra é verdadeira de toda a composição, é a inspiração; nada tão robusto e perfeito como o pensamento, dom de Deus, e que criando, a Ele nos assemelha, porque como Ele, também cria.

Depois de tudo, cá escrevo porque a isso tenho sido arrastada, eu não sei como...

Tenho lutado, e por fim venceu alguma coisa que existia desconhecida no íntimo de mim mesma, e a cujo impulso obedeco.

Assim pois, eis meu romance verdadeiro: suas personagens, algumas ainda existem.

A história dessa heroica Argentina é mais um fato que prova a necessidade da ilustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são elas companheiras e segundo chefe da família. (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de janeiro de 1852, p. 6 – 7).

Em 11 de janeiro de 1852, foi publicado o primeiro capítulo do romance *Misterios Del Plata* (JORNAL DAS SENHORAS, 11 janeiro de 1852, p. 14-15).

Em uma tarde de outono de 183..., na província de Buenos Ayres, a poucas léguas do Paraná, estava situada a estância de um dos servos do ditador Rosas. Todos se encontravam reunidos em cantoria quando Miguel chegou da cidade trazendo notícias e papeis. “– Venho da cidade, e trago papeis lá do velho para o Sr. Juiz de Paz.” (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de janeiro de 1852, p. 15).

Miguel era um homem solitário, mas não era, porém, um “gaúcho vulgar” ainda que órfão e sem fortuna, possuía uma elegância inata. Havia um só homem a quem Miguel respeitava: o General Rosas.

Dos lábios desse homem partiram as únicas palavras de amizade ou de interesse que chegaram primeiras até o coração do órfão. Esse homem colocado tão alto na escala social, estendia a sua mão ao aventureiro gaúcho, bebia mate com ele e dava-lhe o nome de amigo. Rosas era pois o homem que simbolizava a humanidade aos olhos de Miguel, por isso, apesar de sua repugnância, ia as vezes até a cidade, e as comissões do governador eram executadas com a mais religiosa pontualidade; obedecia sem analisar, porque respeitava muito o chefe para procurar esquadrinhar as ações do homem. Com tudo nenhum compromisso oficial os ligava; Miguel servia sem recompensa porque era uma resolução inalterável e porque guardava como um tesouro a sua selvática [*sic*] independência individual, e por isso mesmo maior era a regularidade com que executava as comissões de que encarregava. Não devia confiar Rosas em um tal servidor? (JORNAL DAS SENHORAS, 18 de janeiro de 1852, p. 21).

Miguel e o Juiz de Paz estavam frente a frente para uma conversa, pois Miguel trazia informações da cidade. Ao contrário de Miguel, o Juiz de Paz não era um homem de postura. “O Juiz de Paz do Baradeiro, maça de carne sem valor moral algum” (JORNAL DAS SENHORAS, 18 de janeiro de 1852, p. 21). “para ele todos os governos eram bons se o conservavam na sua dignidade de individuo empregável” (JORNAL DAS SENHORAS, 18 de janeiro de 1852, p. 21). Após algum tempo se entreolhando, Miguel entregou alguns papeis



com o selo da República ao Juiz de Paz, que estranhou o Sr. Governador ter enviado alguém tão importante quanto o Miguel, alguém de sua extrema confiança, apenas para entregar alguns papeis. O Juiz de Paz, apesar da sua pouca inteligência, desconfiou. Foi quando Miguel comentou que diziam na cidade estar vindo um barco do Paraná com um inimigo da Pátria. O Juiz de Paz se assustou com a notícia: “– Como está ouvindo, disse tranquilamente Miguel, diante de mim mesmo, teve aviso o Governador, que lá da banda Oriental se desprende um Unitário com tensão de vir sublevar a Província.” (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de janeiro de 1852, p. 29). Somente o Juiz de Paz poderia prender este inimigo da pátria. Sendo assim, o Juiz de Paz começou a se planejar.

Os passageiros que se encontravam a bordo da sumaca<sup>33</sup> La Francesca di Rimiu, que se dirigia para um dos portos sobre o Paraná, eram da família do Dr. Avelhaneda, que ao todo compunham-se do Dr. Alsina, homem de seus trinta e tantos anos, sua mulher, D. Antonia Maza Alsina e o menino Adolfo, filho de ambos. O Dr. Alsina vinha com sua família com a intenção de se fixar na província de Corrientes, éden florido onde o Criador derramou os tesouros da fertilidade, que debaixo do seu céu sereno, algum dia seria a terra prometida para onde se dirigiriam os homens famintos da decrepita e corrompida Europa.

Alsina não era um desses homens de coração raquítico que, fora da sua província, batizam com o nome de estrangeiro o vasto país onde assentam províncias unidas do Plata; Mais ilustrado e mais nobre sabia que todos são povos irmãos, homens de uma mesma família, que juntos ofereceram seu sangue com heroísmo, para o foro augusto da sua sacrossanta Independência.

Afastadas, porém doces lembranças da infância, gravaram no seu peito o nome de Buenos Ayres, onde ele nascera; ali serenos e inexpertos decorreram os dias da sua primeira mocidade; ali seus primeiro amores que o hym[?]neu consagrara, santificando, com o precioso nome de esposa a mulher da sua escolha; ali nascera seu filho, o seu querido Adolfo!... nessa terra de Buenos Ayres dormiam os restos de uma digna idolatrada mãe!

Quanta saudade devia despertar-lhe Buenos Ayres! (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de janeiro de 1852, p. 31).

Dr. Alsina admirava o aproximar da margem do rio e se lamentava.

como barreiras insuportáveis, a ignorância da população, com seus preconceitos caducos, pretendendo fazer de cada província uma nação, e reconhecendo por pátria só os estreitos limites do distrito onde ele nasceu. Que importavam pois as convicções do individuo ante a cega estupidez, que classificava de estrangeiro o proscrito de Buenos Ayres, que ia habitar as margens do Uruguai, ou antes, as ricas campinas de Corrientes? (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de fevereiro de 1852, p. 36).

---

<sup>33</sup> Embarcação à vela, de tamanho pequeno e que normalmente possui dois mastros.

D. Antonia, esposa do Dr. Alsina estava em pé ao lado de seu marido. Era uma portenha graciosa com grande inteligência na mente e coração de fogo.

Sua educação tinha sido livre dos erros e preconceitos que desfiguravam e viciavam a natureza da maior parte das mulheres, por isso uma vez esposa e mãe preenchia estas duas missões sublimes com a inteligente adesão de quem governa suas ações pela força do dever e não pelo instinto, que as vezes tanto nos ilude as atribuições de deveres, cujo verdadeiro conhecimento julga-se pernicioso a mulher. (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de fevereiro de 1852, p. 37).

A sumaca Francesca di Rimini não estava indo para onde o Dr. Alsina imaginava, pois se tratava de uma emboscada armada pelo General Rosa, transmitida por Miguel ao Juiz de Paz, que estava preparado para executar a missão dada pelo General. A adjetivo unitário é derivado da palavra União, Unidade, indicava que a pessoa era partidária das ideias de União entre os povos. União social, universal, nacional ou familiar, sendo a união a base única da fraternidade da paz entre as nações, entre os povos e famílias. Unitário que dizer amigo da ordem, da paz, da fraternidade entre os homens. Em Buenos Ayres, o verdadeiro significado da palavra se perdeu e Unitário passou a ser sinônimo das piores coisas na raça humana. “Estes são delírios das paixões desencadeadas nas maçãs incultas de um povo levado com violência pela hidra revolucionária e a guerra civil.” (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de fevereiro de 1852, p. 37).

O sogro do Dr. Alsina era um dos amigos do General Rosas. Entretanto, desde sua ascensão não somente na província de Buenos Ayres, mas em toda a Argentina em 1829, o Dr. Alsina não deu apoio aos seus desígnios governativos, no qual imperavam vinganças pessoais e uma doutrina inflexível que pregava o rancor e o ódio. O General Rosas condenou à morte todos os que não o apoiavam, achando-se na lista em 1833 também o Dr. Alsina que havia se refugiado em Montevideu e exercia a sua profissão de advogado.

A maneira de governar do General Rosas havia se espalhado por todas as regiões do Plata. Sendo assim o General Rivera havia agitado o estandarte da rebeldia principiou a encarcerar e deportar todos os emigrados argentinos que haviam se fixado em todo o território que banha o Uruguai.

Alsina foi deportado para a Ilha de S. Catherina e depois voltou para Montevideu para com sua família ir para Corrientes. Naquela época um parente de Alsina, Dom Pedro Ferrez, era governador de Corrientes. Este parente, não se sabe se por vontade ou por acordo como General Rosas, obrigou o Dr. Alsina embarcar com sua família á bordo da sumaca Francesca

Rimini, único barco que devia sair, cujo mestre era o Sr. Lostardo, que jurou ao Dr. Alsina protegê-lo bem como a sua família.

Chegado o dia do embarque, Lostardo se despediu de seus amigos. Próximo à embarcação que levaria o Dr. Alsina e sua família, Lostardo foi atingido por uma pedra. Sangrando, deitou-se no chão, foi quando um vulto se aproximou dele e colocou junto as suas vestes uma carteira com papeis e saiu novamente se escondendo entre as pedras. O ataque à Lostardo foi realizado por mando de um General, ex-presidente do Uruguai que havia sido substituído pelo rebelde General Rivera.

Lostardo, que havia jurado proteção ao Dr. Alsina e sua família foi levado para tratar do seu ferimento. O autor da agressão ao protetor do Dr. Alsina e de sua família, mediante ao acordo estabelecido com o ex-presidente do Uruguai, o General Rivera, ficou encarregado de levar a embarcação até Corrientes. Ao retornar ao cais, Lostardo não via mais seu barco, sabia então que se tratava de uma traição.

À margem do rio, alguns homens enviados pelo Juiz de Paz conversavam entre si. Haviam sido enviados para cortar lenha, mas desconfiavam que o real motivo para o envio tivesse relação com a defesa do território dos que chamavam de inimigos do Plata. Na conversa, se destacavam as palavras trocadas entre Simão e Julião.

- Não Julião, enganas-te; eu não brigo com ninguém. Pelejei pela liberdade de minha pátria: o tempo das batalhas acabou, agora o velho Simão não derrama mais sangue de irmão.

- Então os gringos contra quem diz que pelejou noutro tempo, considera-os hoje irmãos?

- Há de ser assim, acrescentou Julião todo irritado; agora até os considera seus patrícios.

- Não são meus patrícios, não, mas ficai sabendo que os homens, seja sua nacionalidade qual for, pertencem a grande família da humanidade, cujo o pai é Deus; ora se é ele o pai comum, nós os homens, seja sua nacionalidade qual for, pertencem á grande família da humanidade, cujo o pai é Deus; ora se é ele o pai comum, nós os homens somos irmãos.

- Ora essa não é mal apanhada!

- Calai-vos rapazes, sem miolo, replicou o velho; deixai ao tempo e á experiência o cuidado de mudar muitas das vossas opiniões de hoje.

- Eu cá por mim não mudarei jamais; exclamou Julião: sou federal, neto legítimo, e odeio os unitários e os estrangeiros com todos os meus cinco sentidos.

(JORNAL DAS SENHORAS, 02 de fevereiro de 1852, p. 71).

Foi quando um homem que estava escondido nas árvores gritou anunciando que a embarcação que trazia o Dr. Alsina e sua família se aproximava da margem. Julião foi correndo avisar ao Juiz de Paz sobre a chegada da embarcação. Ao retornar, Simão e Julião já haviam entendido o que estava acontecendo. Um sabendo o que o outro pensava sobre a chegada de um unitário, se odiaram desde então.

Alsina e Antonia se olham. Sua esposa ao perceber as reações de seu marido já havia compreendido, acabava a viagem, eram vítimas de uma emboscada. É neste ponto que a heroína da história ganha destaque.

Pobre mulher!

Criatura fraca e pequena ante os olhos do materialismo, o que viria a ser de ti, se nesse corpo frágil e delicado não tivesse colocado o Criador uma alma tão amante e tão enérgica! Alma de esposa e de mãe, que no momento do perigo e para defesa dos caros objetos do seu amor, torna as proporções gigantescas da heroicidade, cumprindo assim a missão mais sublime do seu destino.

A mulher de Alsina sufocou seu pranto, devorou sua aflição, e se preparou com supremo esforço tragar com o seu bem amado esposo, o cálice amargoso do infortúnio. (JORNAL DAS SENHORAS, 07 março de 1852, p. 77).

A sumaca atracou á terra e um enviado do Juiz de Paz de Baradeiro subiu á bordo e descobriu que se encontrava ali um Unitário e sua família. Embora o Dr. Alsina tivesse explicado que tinha vindo para Corrientes para se estabelecer ali com sua família, o enviado do Juiz de Paz insiste que sua vinda possuía pretensões revolucionárias. Sem dar ouvidos às suplicas de D. Antonio, o Dr. Alsina foi preso e ouviu sua sentença.

Alsina ouviu sua sentença, sem mais pequena aparência de desgosto; não assim sua mulher e seu filho, que apertando-o em seus braços, romperam em prantos.

Dois homens não puderam ficar indiferentes a esta cena de profundo e muito pesar.

O velho Simão e o aventureiro Miguel; ele enxugaram uma lágrima involuntária, que lhes passou despercebida nomeio do furor e da algazarra dos outros. (JORNAL DAS SENHORAS, 07 de março de 1852, p. 79).

Depois de ouvida a sua sentença, Dr. Alsina foi amarrado e conduzido com a sua família para uma velha Igreja que ficava no meio da floresta e que tinha servido de abrigo aos Missionários que, ao invés de pregar a doutrina de Cristo, escravizaram os índios. Estavam lá nas ruínas da velha Igreja orando ais pés de uma cruz, o Dr. Alsina, D. Antonia e o pequeno Adolfo. Como vigilantes estavam o velho Simão e Miguel. A família se despedia, pois a morte era certa. Simão ao presenciar aquela cena se comoveu.

Antonia, disse Alsina depois de uma parada dirigindo-se a sua mulher, tu suprirá a minha falta, não é assim? Os conselhos que deres ao nosso filho conformar-se-ão com os meus desejos?

- Sim, eu farei o possível para esse fim: respondeu D. Antonia com voz tão sumida, que apenas se percebia: a pobre senhora temia que a inflexão da sua voz atraísse a dor que lhe rasgava o coração.

- Estou nas mãos do General Rosas, acrescentou o preso; e seja aqui seja em Buenos Aires, não devo esperar por um desfecho feliz... por isso é necessário aproveitarmos os momentos que ainda nos restam. (JORNAL DAS SENHORAS, 14 de março de 1852, p. 86).

Alsina pede ao filho que console sua mãe e pede a sua esposa que não deixe o ódio brotar no coração de Adolfo, e que se um dia o a direção do General Rosas mudar, que seja perdoado todo o mal que ele os fez. Miguel estava ali, calado escutando todos aqueles ensinamentos, aquelas palavras civilizadoras foram regenerando o seu caráter e sua inteligência.

Chegado o dia da sentença final, a natureza se manifesta com raios, ventos e trovões. Durante o interrogatório, Alsina responde ao Juiz de Paz que é argentino, o que provocou tumulto dentre os que presenciavam o interrogatório, pois como pode um unitário se declarar argentino? Em meio a fúria da natureza e ao burburinho provocado pelas declarações de Alsina, D. Antonio e Adolfo abraçam o preso e o Juiz de Paz decide entregar o Unitário ao General Rosas vivo para que ele decida o que fazer.

A natureza continuava revolta e tudo se mantinha igual nas ruínas da Igreja. Alsina não lutou, apenas aceitou que ele sozinho não poderia vencer o General Rosas e aos seus homens. Ao contrario de seu marido, D. Antonio decidiu lutar e tentar vencer ou morrer lutando. “Chorar não é amar; amar é salvá-lo do horrendo cadafalso que lhe levanta o tirano, ou morrer com ele, porque sem ele eu não posso viver.” (JORNAL DAS SENHORAS, 27 de março de 1852, p. 101).

O que D. Antonia não sabia era que, em segredo, o velho Simão jurava trocar se preciso fosse a sua vida pela liberdade do Dr. Alsina. Também em segredo e com o coração repleto de compaixão, secretamente Miguel arquitetava um plano para livrar a família daquela dor. Julião, com sua cabeça estúpida e perversa queria sentir a temperatura do sangue do unitário, pois acreditava que na perseguição contra esse homem encontraria o primeiro degrau para alcançar seus desejos. Com as contas de um rosário suspenso ao seu pescoço, rezava a nossa senhora que o protegesse nos seus desejos. “Que aberração” (JORNAL DAS SENHORAS, 27 de março de 1852, p. 103).

Miguel estava comovido e perturbado, cruzou o pátio com a sua espingarda enquanto frias e amargas lágrimas caíam do seu rosto. Embora ele não tivesse percebido, Simão tinha ido atrás dele. Em meio a todo aquele caos de sentimentos e confusões, Simão adotou a Miguel como seu filho. Os dois se abraçaram e pela primeira vez Miguel sentiu o que é amor. Os dois conversam com algum tempo e ambos revelam seus sentimentos mais puros sobre o caso Alsina e sua família e decidem ajudar. “- Bem Miguel: és um nobre coração... hoje já nada poderemos fazer... amanhã eu prepararei tudo... e á noite efetuaremos a fuga... chegaremos ao rio, tomaremos a sumaca, por bem ou por mal, o mestre guiará, e quando

derem pela nossa falta iremos longe.” (JORNAL DAS SENHORAS, 04 de abril de 1852, p. 111).

E começa a tentativa de fuga. D. Antonia, só de olhar no fundo dos olhos de Simão e Miguel, compreende o desejo de seus corações e murmura algumas palavras no ouvidos de seu filho. O menino carrega os ferros de seu pai, enquanto Simão e Miguel carregavam Dr. Alsina. Enquanto isso as espingardas estavam de posse da corajosa Senhora. No entanto, Julião os viu partir e cuidou em fazer com que o plano não desse certo.

E assim aconteceu, D. Antonia foi condenada a ficar abandonada no bosque com seu filho á mercê das feras. Alsina não tinha forças para lutar e foi levado pelos seus carrascos. D. Antonia apertou seu filho ao peito e se jogou no rio dizendo “- Meus Deus, eu me confio em ti!” (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de abril de 1852, p. 119). Mãe e filho se afogavam, quando dois marinheiros italianos lançaram-se ao rio pela proa da sumaca para salvar D. Antonia e Adolfo.

D. Antonia e seu filho Adolfo estavam vivos, graças a coragem da mulher de lançar-se ao rio, estavam na embarcação com o Dr. Alsina, a caminho de Buenos Ayres. 15 dias após a tentativa frustrada de fuga, Alsina chegou a Buenos Ayres, rapidamente o General Rosas foi comunicado.

Dr. Maza, pai de D. Antonia e sogro de Alsina descobre a tempo que sua filha está em apuros em Buenos Aires e buscou encontrá-la para e socorrê-la. D. Antonia ficou então rodeada de amigo e de sua família, todos com o mesmo objetivo de libertar Alsina do General Rosas.

Desde sua chega a Buenos Ayres, Alsina estava fisicamente preso, mas sua alma era livre e feliz. O General Rosas poderia acabar com sua vida, mas não era capaz de tirar a liberdade de sua alma. Alsina se sentia livre, mesmo acorrentado. Passado alguns dia Simão foi procurar ajuda e pedir para que ele libertasse Alsina, confessou que tentou por um plano em prática para libertá-lo e que neste plano contou com a ajuda de Miguel, mas que não deu certo.

A heroína estava no mais cruel estado de inquietação e sofrimento. Quando olhando pela janela pensou ter tido um delírio, pois pensou ter visto seu marido. Embora não tenha sido seu esposo, se aproximava dela Lostardo, que havia jurado proteger Alsina e que havia ficando entre a vida e a morte por emboscada armada pelo ex-presidente do Uruguai. D. Antonia mal pode acreditar que agora poderia contar com a ajuda de Lostardo. Esperta, achou melhor escondê-lo para que ninguém pudesse tentar prendê-lo.

Na noite do dia seguinte, D. Antonia se queixa de dores de cabeça para poder ficar no seu quarto. Naquela noite pintou o seu rosto, pescoço, mãos e braços e calçou umas meias pretas e chinelas. Recolheu os cabelos debaixo de uma manta vermelha e foi ao encontro de Lostardo na calada da noite.

Lostardo aprovou o plano de D. Antonia, e com a autorização da esposa de Alsina, buscou negociar com um guarda a traição deste ao General Rosas. O plano foi bem sucedido, o guarda vendeu sua palavra de defesa dos interesses do General Rosas e Lostardo conseguiu devolver a D. Antonia para os braços do Dr. Alsina, cumprindo assim a sua palavra.

No romance *Mystérios del Plata*<sup>34</sup> observamos a existência de uma mulher heroína, é ela quem desafia a história e quem protege a família e salva o seu bem amado.

Em 26 de setembro de 1852 o romance contemporâneo *O Protetor* alcançou as páginas do *Jornal das Senhoras*. Trata-se de uma tradução, porém o original e o tradutor não são mencionados.

A história deste romance se passa na França, numa casa toda decorada na mais fina riqueza de detalhes. Celina, uma moça feita para os bailes e seu namorado Leopoldo, um rapaz de expressão pálida conversavam. Celina, um ano mais velha que Leopoldo, até gostava do rapaz, mas possuía um sentimento frágil. Já Leopoldo era só amor pela moça.

Em um camarim situado na extremidade da casa, que não empreendemos a discrição – porque isso levaria muito longe, e bastará dizer que era delicioso – uma bela mocinha estava assentada sobre uma poltrona forrada de cetim azul celeste. Era uma destas belezas parisienses nascidas para o baile, para o tumulto do mundo, para as festas da noite, muito mais que para os prazeres simples e a vida doméstica. Brilhar, passar rápida, deslumbradora, lançar à direita e à esquerda o fulgor de um olhar, uma palavra viva, prender corações, semear a perturbação, gozar um momento de uma conquista, depois apressar-se em empreender uma outra; eis a existência desta mocinha, que não acha mais recursos contra o aborrecível enojo, desde que quando a deixa de agradar. (JORNAL DAS SENHORAS, 28 setembro de 1852, p. 100).

Durante a conversa na sala, Leopoldo revela a sua amada que se entristeceu ao romper com seu pai, pois este desejava tê-lo casado com sua prima Lucia.

- Verdadeiramente, diz Celina sacudindo a cabeça com uma graça particular, eu ficaria bem admirada se não entrasse uma prima no negocio. Finalmente não aflijais o bom general; e uma vez que ele aspira este casamento dá-lhe esta satisfação.  
- Vós o ordenai! Exclamou dolorosamente Leopoldo.

<sup>34</sup> Em 21 de março de 1852 foi publicada no *Jornal das Senhoras* uma carta que Joanna Paula Manso de Noronha escreveu ao Dr. Alsina enviando os exemplares do *Jornal das Senhoras* e o seu romance *Mystérios del Plata* publicado em folhetim no Brasil. (JORNAL DAS SENHORAS, 21 de março de 1852, p. 89). E em 21 de novembro do mesmo ano, foi publicada a carta resposta do Dr. Alsina, na qual propunha que a obra *Mystérios del Plata* fosse publicada na Argentina em formato de brochura e em espanhol.

- Eu? Nunca eu ordenarei; é um direito que não quero tomar sobre aqueles para quem não concedo meus olhares. (JORNAL DAS SENHORAS, 26 de setembro de 1852, p. 101).

Celina pede a Leopoldo que vá embora, mas o convida para retornar às 20h, pois receberia um amigo a quem gostaria que Leopoldo conhecesse. Era Alberto que Celina aguardava visita. Um homem seguro que já tinha passado dos trinta anos. Chegada a hora da visita, Leopoldo e Alberto tomando chá. Celina estava graciosa e Leopoldo mal podia se aguentar de ciúmes. Alberto indagou Leopoldo sobre seus negócios e o rapaz respondeu que para ele, bastavam os do seu pai. Alberto alerta para o fato de quem, em uma ocasião de briga, como por exemplo, por conta de um casamento desfeito, pai e filho poderiam romper, deixando o rapaz sem nada. Leopoldo finge não ter compreendido a provocação e a noite continua, até que a meia noite se separaram.

Tempos depois, Alberto e Celina estavam em uma ópera. Quando Celina olhou para dentro de um camarote, Leopoldo estava lá dentro espionando o seu passeio. Após ter visto a Leopoldo, disse a Alberto que no dia seguinte seria pedia Alberto pediria sua mãe em casamento. Ao ouvir a notícia dada por Celina, Alberto se tornou aéreo e desatento. “Eu arrastei-o tão bem, dizia ela consigo. Venci sua indiferença, sua sobriedade. Ele está triste, e eu me divirto, primeiro ponto. Agora ele temerá de me ver com o seu rival.” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de outubro de 1852, p. 109). Celina, que havia armado toda aquela situação, se divertia por ter ciência dos sentimentos que provocava em ambos.

Como esperado por Celina, no dia seguinte Leopoldo escreveu para sua amada contando que estava na opera e viu Celina em companhia de Alberto e que não poderia mais suportar sentir aquela dor. Sendo assim, pediu a ao da moça em casamento. “Celina bateu palma de prazer. Estava vitoriosa...”. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de outubro de 1852, p. 109). Assim que terminou de ler a carta de Leopoldo, recebeu a notícia que Alberto a aguardava. “O primeiro a interessava, e o segundo a dominava”. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de outubro de 19852, p. 109).

Após uma conversa decisiva com Alberto e sua partida, Celina responde a carta de Leopoldo explicando que foi à opera em companhia de Alberto porque não poderia ir sozinha, e como achava que estava explorando demais a sua boa vontade, acho melhor aceitar desta vez a companhia de Alberto. Quando ao pedido de casamento, Celina recusou dizendo que temia a ira de seu pai e que deveria dar o exemplo da abnegação e estava certa de que sua recusa não faria com que ele a amasse menos. “A leitura desta carta, cheia de toda a finura, de todo o requinte de uma mulher que faz cargo de vingar o sexo, e dominar corações, penetrou



Leopoldo da mais profunda dor e da mais viva indignação.” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de outubro de 1852, p. 109).

Leopoldo não aceitou a determinação de Celina e vai ao encontro de Alberto pedindo para que a decisão seja dada em um duelo. E assim foi, no dia e na hora combinados se deu o duelo, Alberto vence e Leopoldo saiu ferido, um médico o examinou e determinou que seriam necessário 15 dias até que Leopoldo se estabelecesse. Enquanto recuperava a saúde do corpo, perdia a saúde da mente. Ainda se restabelecendo de seu ferimento, Leopoldo recebeu uma carta de seu pai que contava que a sua prima Lucy iria se casar com um homem muito distinto e rico. Embora tivesse tentado fazer a união de Lucy como o seu filho, outro homem havia conquistado o coração de sua prima. Para a surpresa de Leopoldo, sua prima Lucy iria se casar com Adolfo no dia 19 daquele mesmo mês e ano, e sua família contava com a sua presença.

Leopoldo relembra dos tempos de infância ao lado de sua prima Lucy, e se encheu de cólera acreditando de Adolfo estava o perseguindo. Ao saber da união de Adolfo e Lucy, repensou sua história e planejou implorar o perdão de Lucy por não ter tomado a sua mão em casamento.

Após ter se recuperado e chegado o dia do casamento de Adolfo com Lucy na casa de seu pai, Leopoldo abraçou sua prima e lamentou tê-la perdido. O General, seu pai, se surpreendeu quando souber que já conheciam. Antes da cerimônia Leopoldo e Adolfo trocaram algumas palavras e Leopoldo descobriu que Lucy havia armado uma emboscada. Adolfo feriu Leopoldo porque imaginava estar defendendo Celina, que havia dito que Leopoldo atentaria contra a sua vida. Leopoldo se sentiu aliviado por não ter se casado com uma mulher capaz de fazer tal armação e, ao mesmo tempo, lamentou não ter se casado com Lucy.

A maior surpresa veio depois. O General, pai de Leopoldo, e Adolfo eram amigos e, quando o contrato de casamento estava sendo lido. Leopoldo descobre que se tratava de seu casamento com Lucy e não o de Adolfo com sua prima. O pai de Leopoldo sabia que se arrependeria ao perder sua prima Lucy para outro. Sabendo disso, contou com a ajuda de Adolfo, que aceitou fazer parte daquela armação que uniria aquele casal. Adolfo era, na verdade, o protetor de Leopoldo.

Sobre Celina, o romance, em fala de Leopoldo, nos diz,

Sois senhora de vosso destino, nenhum tutor, nenhum parente vos fará suas aborrecidas observações; podeis amar-me livremente, eu que vos amo tanto, que vos amo muito... e me repelis!... Óh Celina! Por que me fez o acaso conhecer-vos! Celina sorriu ligeiramente, com uma indefinível expressão de ironia. (JORNAL DAS SENHORAS, 26 de setembro de 1852, p. 101).

Já sobre Lucy, “É verdade que Lucy, com sua simplicidade, sua franqueza, não era a teus olhos senão uma companheira, privada de graça e de brilho” (JORNAL DAS SENHORAS, 10 de outubro de 1852, p. 118).

No romance *O Protetor* temos duas imagens de mulher. Celina, a que conhece os seus encantos e que se diverte ao seduzir e Lucy, uma bela e doce órfã que aguarda a realização da vontade de seus protetores na sua vida. Lucy é submissa, já Celina não.

*A Dama das Camélias*, romance escrito por Alexandre Dumas Filho, começou a ser publicado no *Jornal das Senhoras* em 03 de julho de 1853. No entanto, se tratava de uma versão traduzida e adaptada, pois a versão original não parecia adequada.

transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos, que saem a lume neste jornal, mas tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do JORNAL DAS SENHORAS. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p.210).

Antes de iniciar o romance, há o seguinte prólogo:

Sendo eu de opinião que não devemos falar uma língua senão depois de as sabermos a fundo, e bem assim que não devemos criar personagens senão depois de termos estudado profundamente os homens; e não tendo ainda a idade de poder inventar, limito-me a escrever o que sei. E porque também as personagens desta história ainda estão existam, menos a sua heroína, vi-me obrigado a trocar-lhes os nomes: cumprindo-me prevenir aos meus leitores que todos os fatos, de que vou dar conta, são verdadeiros, e que se por ventura as minhas palavras não lhes merecerem credito, poderão recorrer ao testemunho de muitas pessoas, que tenho dele pleno conhecimento, e morando em Paris, os confirmarão.

Se me impus o dever de publicar esses fatos, foi porque tendo sido o único confidente de certas particularidades, que vão preceder a obra, só a mim cabia fazê-lo. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p. 211).

O romance se passa em Paris, tem inicio no dia 12 de março de 1814. Um homem viu alguns anúncios pendurados sobre um leilão de trastes e objetos de valor de alguém que havia morrido e de quem não se divulgava o nome. O leilão aconteceria no nº 9, da rua d’Antin, no dia 16 de março das 12h às 17h, os objetos que serão leiloados poderia ser examinados anteriormente, nos dias 13 e 14 no mesmo endereço onde aconteceria o leilão. Durval, que possuía interesse por raridades e, portanto, foi ao endereço a fim de encontrar objetos do seu

agrado. Chegando lá, constatou que se tratava de uma casa “de porta aberta” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p. 211).

Corri a casa toda e atinei então que era uma mulher das que chamamos *de porta aberta* que havia falecido ali. Tenho notado, seja dito em parêntesis, que as senhoras do *grande tom* gostam muito de ver o *domestico* dessa casta de gente que ousa eclipsar seus trens com os delas, que tem camarote efetivo em todos os teatros, e que descaradamente ostentam sua beleza, suas mal adquiridas posses, e seus escândalos. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p. 211).

O homem observou que muitas senhoras distintas se encontrava naquele endereço e remexiam com interesse o que um dia pertenceu a uma mulher de porta aberta.

Devo todavia dizer que essas senhoras não perderão vasa para descobrirem o menor vestígio da vida que ali passara essa – *dama* -; mas que o não puderam conseguir, porque a morte no seu voo arrebatara a mulher e os mistérios de sua vida. (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p. 211).

A casa era decorada com requinte e as roupas e joias eram nobres “A coleção era completa, e todos os enfeites de ouro e de prata; mas quem atentasse para eles veria que haviam sido dados por diversos, porque diversas eram as iniciais sobre eles gravadas.” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1853, p. 211).

Quando a maior parte das pessoas já tinham ido embora, o homem se aproximou de um rapaz que vigiava a porta e lhe fez algumas perguntas. Descobriu então que aqueles bens pertenceram a uma mulher que se chamava Margarida, que o leilão serviria para pagar algumas dividas deixadas pela defunta e as sobras do leilão ficariam para os seus parentes.

Margarida não perdia um só baile e era presença certa nos teatros. Levava sempre consigo um óculos, uma bolsa para guardar docinhos e um ramo de camélias, que eram brancas nos primeiros vinte e cinco dias do mês e cor de rosa nos últimos 5 dias e daí que ficou conhecida como a dama das camélias. Depois de certa viagem, Margarida recebia apenas a visita de um duque estrangeiro, já bem maduro e muito rico. O duque velho e rico aparecia algumas vezes no teatro com ela, quando Margarida adoeceu o homem a visitava sempre, menos quando a doença já estava muito evoluída, que foi no ano de sua morte.

Nesta viagem que fez, Margarida conheceu esse homem maduro que chorava pela morte de sua filha. Ao conhecer Margarida e constatar o quanto ela se parecia com a sua falecida filha, o homem maduro quis que ela ficasse por perto, pois assim se sentia consolado pela morte de sua filha. As pessoas daquela cidade disseram ao velho duque coisas horríveis sobre Margarida e sendo assim, aquele senhor aconselhou que Margarida retornasse a Paris,

mas que poderia ficar certa de que ela seria sua protegida. Desta forma a moça poderia se guardar mais em casa e se tratar do mal do peito que sofria, consequência da sua vida desregrada. Não se sabia, até então, o que acontecia entre aquele velho e Margarida.

Chegado o dia do leilão, a casa estava cheia de gente, a maior parte interessada nas joias, vestidos etc. Quando anunciaram a obra *Manon Lescaut* com apenas notas a lápis por vinte e dois francos, o homem se apressou e arrematou por cem francos. Embora já tivesse lido e relido aquela obra, chamou a sua atenção o fato de não ser nova e possuir algumas notas. Todos que estavam no leilão se olharam sem entender, pois aquele livro não valia tudo aquilo. Constrangido, o arrematador deu ao leiloeiro seu número do leilão e seu endereço, para que os tramites do leilão fossem feitos e se retirou. Assim que recebeu a obra em casa, se atirou na leitura daquelas páginas.

Logo abaixo do título, na capa, estava escrito “Humanidade. E mais abaixo – Armando Duval.” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de julho de 1852, p. 212). No inverno, o dono do livro estava em casa quando recebeu um bilhete que dizia que o Sr. Armando Duval iria visitá-lo. E assim aconteceu. O Sr. Armando não esteve no leilão, mas como ele quem o havia organizado, possuía acesso a uma lista com o nome de todos os arrematadores e os consecutivos bens. O homem percebeu certo rancor na voz de Armando Duval, então cuidou em fazer Armando acreditar que havia conseguido a obra por intermédio de outra pessoa, que havia ido ao leilão a pedido seu. Duval fez questão de frisar bem que nunca tinha ido à casa de Margarida e que nunca tinha estado com ela. Com isso, Armando se acalmou, pois temia que a dama tivesse estado com ele. Embora Armando tivesse tentado, o homem não aceitou quantia alguma pela obra, a entregando a Armando em nome de uma futura amizade.

Armando partiu deixando o homem curioso. Tempos depois, sem notícias de Armando, o homem, certo que encontraria Armando lá, ou teria notícias dele, resolveu ir ao cemitério onde Margarida estava enterrada. Foi o que aconteceu, Armando não estava lá, havia viajado para ir ao encontro da irmã de Margarida a fim de que ela assinasse uma autorização para mudar os restos mortais de Margarida de cova, pois aquela seria devolvida ao governo. Mas um guarda do cemitério encarregado por Armando de manter a cova na mais perfeita ordem e devidamente florida estava lá. O guarda deu notícias de Armando e indicou seu endereço. De posse do endereço o homem foi buscar por Armando. Chegando ao endereço, conseguiu encontrar o seu novo amigo Armando, que se encontrava acamado.

Embora doente, Armando estava decidido a ir à casa do Comissário de Polícia para entregar os papéis assinados por Júlia, irmã de Margarida. Após isso, iria ao cemitério ver a translação do corpo de Margarida, pois acreditava que vendo seus restos mortais já

consumidos pelo tempo conseguiria aceitar a morte da moça. A translação do corpo de Margarida foi feita no dia seguinte a esta conversa e homem foi acompanhar seu novo amigo nesta dura missão. Feito o reconhecimento do corpo, o homem não permitiu que Armando continuasse ali por mais nenhum minuto, pois sabia que se permanecesse naquele lugar enlouqueceria. Chegando à casa de Armando, o homem tratou de colocá-lo na cama e chamar um médico.

Aos poucos Armando vai melhorando e num certo dia, decidiu contar como conheceu Margarida. Armando começou a contar sobre um dia que passeava com o seu amigo Euneo e, em um teatro viu Margarida, que já estava doente passar. Eugenio e Margarida já se conheciam e quando Margarida o viu, acenou convidando Eugenio para ir vê-la em seu camarote no teatro. Eugenio aceitou o convite fazendo um gesto com a cabeça e antes de se retirar convidou o seu amigo Armando para ir vê-la também. Armando disse que não iria, pois não havia sido convidado “Que tal! Disse Eugenio. Com esta casta de gente, meu amigo, não se rompem sedas.” (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de julho de 1853, p. 235). Neste momento Armando se entristeceu, pois temia que Margarida não fosse digna do seu sentimento. Sendo assim, Eugenio se levantou e foi ao encontro de Margarida, chegando lá perguntou a Margarida se ele poderia trazer um amigo seu, ela concordou e Eugenio voltou para buscar Armando. Antes de retornar ao camarote onde estava Margarida acompanhada de uma amiga, Eugenio foi ao botequim comprar uns docinhos para Margarida. Eugenio tratou de preparar seu amigo “- Sabeis á que mulher vou apresentar-vos? Não é nenhuma duquesa, não; é uma mulher de *porta aberta*, mas que se trata á fidalga. (JORNAL DAS SENHORAS, 24 de julho de 1853, p. 136).”.

Armando finalmente conheceu Margarida, mas este primeiro momento não foi agradável. Ele irritado saiu do camarote, pois reprovava o que Margarida falava. Depois, reprovou também seu amigo Eugenio quando ele falou que valia a pena gastar dinheiro com Margarida. Armando viu Margarida e sua amiga saírem do teatro comm outros dois homens e os seguiu até o café para onde foram. Depois do café, Margarida seguiu sozinha para casa. Próximo daquele dia, Margarida adoeceu gravemente e Armando em segredo ia a sua porta todos os dias saber com uma criada como passava Margarida.

Dias depois, novamente em um teatro Armando avistou Margarida sozinha em um camarote e sentiu vontade de falar com ela, mas não sabia como. Observou que Margarida se comunicava com gestos com uma mulher de um camarote ao lado que, naquela época era modista. Armando conhecia a modista e viu ali uma oportunidade conseguir falar novamente com Margarida. Sendo assim, acenou para a modista que respondeu o convidando para ir ao

seu camarote. Chegando ao camarote da modista, descobriu que era ela quem fazia os vestidos de Margarida, que era vizinhas e que não era fácil visitar Margarida em sua casa, pois era protegida de um velho. Armando acompanhou a modista até a sua casa, aproveitando para saber mais sobre Margarida. Em sua casa, seu amigo Eugenio se sentou ao piano, Prudência, a modista, falava sobre Margarida para Armando, quando a escutou chamando-a. Prudência pediu que Armando e Eugenio fossem embora, mas os rapazes se recusaram. Prudência, temendo que Margarida estivesse passando mal, foi vê-la, deixando os rapazes. Margarida estava em companhia de um conde velho, mas estava cansada dele e queria que Prudência fosse até a cada dela. Prudência disse que não poderia ir, pois estava com visita em casa. Margarida perguntou quem eram as visitas e Prudência disse que se tratavam de Armando e Eugenio. Margarida se lembrava de Eugenio, mas não de Armando. Mesmo assim, Margarida disse para Prudência ir à sua casa e levar os rapazes, que se recusavam a ir embora.

Margarida recebeu os rapazes e agradeceu a Prudência por ter ido lhe salvar do velho. Desta vez Eugenio foi bem tratado por Margarida. Logo após a chegada dos rapazes, o velho foi embora, assim que ele partiu, Margarida contou para todos o quanto ela não gostava dele e sua amiga Prudência a lembrava dos presentes caros com os quais aquele velho chato cobria Margarida. Durante a conversa da noite, Armando contou para Margarida que era ele quem vinha todas as noites saber como ela estava, quando se encontrava muito mal. Margarida se encantou ao descobrir que o homem secreto que vinha saber de sua saúde todos os dias era Armando. Logo em seguida foram cear e ao final da ceia, Margarida foi acometida por uma tosse horrível, se levantou da mesa e saiu. Eugenio, ao descobrir que Margarida havia ido tossir e expelir sangue levantou-se e foi ver como ela passava, enquanto os outros continuaram a conversar. Eugenio se compadeceu da saúde de Margarida, que insistia em dizer que já estava costumada ao sofrimento de sua doença. Margarida e Eugenio conversaram longamente, Eugenio se declarou a Margarida, que tentava continuar firme e fingir que não se importava com as palavras carinhosas ditas por Eugenio, entretanto, ao final, não resistiu e concordou em manter algo com ele, mas com algumas condições.

- Veremos, e desde já previno-vos de que não quero rixas nem replicas. – Há muito que desejo ter um amante moço, mas condescendente, e que me ame, mas sem ser ciumento. Os homens não se satisfazem com o que lhes concedemos, não; querem que a gente ponha em pratos limpos o passado, o presente, e até o futuro, e serem senhores absolutos de nós. Se de futuro me resolver a ser vossa... há de ser com três condições, que são estas: - confiança inteira e recíproca – submissão completa – e discrição...

- E muito amor, não? Acrescentei.

- Isto não é condição – é necessidade. (JORNAL DAS SENHORAS, 07 de agosto de 1853, p. 251).

Após esta conversa, Margarida pediu que Armando e Eugenio fossem embora, pois já estava perto de amanhecer. Em casa, Armando e Eugenio foram dormir, entretanto, Armando não conseguiu dormir. No outro dia bem cedo, Armando foi passear e viu Margarida de longe, que estava acompanhada por um conde, e por isso não pode dar atenção a Armando, apenas lhe acenou com o olhar. À noite, Armando foi à casa de Margarida, lá cearam e ficaram juntos a noite toda. Às cinco horas da manhã, Margarida acordou Armando e pediu que fosse embora, pois um duque estava a caminho, antes, lhe deu uma chave de sua casa e pediu que aguardasse um bilhete seu para ali retornar.

Armando foi para casa e dormiu, até que um criado seu o acordou tendo nas mãos um bilhete de Margarida. No bilhete, Margarida dizia que esperava por Armando naquela noite no teatro. Como proposto por Margarida, o casal esteve junto no teatro por alguns instantes, enquanto quem acompanhava Margarida tinha ido comprar alguns doces para o seu agrado. Naquele breve momento, combinaram que Armando iria para a casa de Prudência e lá ficaria até que Margarida o chamasse.

Assim terminou a publicação da versão do primeiro volume da obra *A Dama das Camélias* no *Jornal das Senhoras*. Não houve continuação, pois “Um incidente que não podemos remediar prontamente, inutilizou os originais do segundo volume do romance - *A Dama das Camélias* -, e nos priva por hora de publicarmos a continuação deste romance. Mas logo que os originais estejam prontos, nós prosseguiremos na publicação”. (JORNAL DAS SENHORAS, 21 de agosto de 1853, p. 266).

No romance *A Dama das Camélias*, identificamos uma mulher diferente das demais personagens dos romances até aqui analisados. Margarida é, como na fala da própria personagem, extremamente nervosa, de má índole e perdulária. Já na fala da personagem Armando, era sensual.

- Porque, se eu correspondesse ao vosso amor, teríeis de aturar uma mulher extremamente nervosa, de má índole, perdulária, e que de mais a mais deita sangue pela boca; e se, pelo contrário, eu vos repelisse, ficaríeis mal comigo... Deixa-me ir vivendo com o duque, que, sendo velho, gosta de aturar as minhas rabugices... Os tais Srs. Rapazes têm me posto sal na moleira. (JORNAL DAS SENHORAS, 31 de julho de 1853, p. 244).

[...]

Margarida era a sensualidade mais completa e ideal personalizada... Não a sensualidade vulgar, ignorante, sempre corrompida, estragada pelo hábito ou pela necessidade de prazeres grosseiros e havidos a esmo; mas essa sensualidade que é para os sentidos o mesmo que o altíssimo para o espírito... e por isso jurei então que essa mulher havia de ser minha. (JORNAL DAS SENHORAS, 31 de julho de 1853, p. 244).

Margarida é a história, todo o enredo acontece ao seu redor, mesmo após sua morte. Esta mulher decide, manda, é poderosa e controladora.

A *Louca*, romance<sup>35</sup> escrito por C. do R., que foi publicado inteiramente em 10 de julho de 1853. Numa família muito pobre, Ruy da Silva era um velho adoentado que, em outros tempos, foi Major. Ruy possuía ideias de liberdade, e o governador não se agrava que contaminasse o povo com estas ideias. Desta forma, quis com a sua força degredá-lo, o que não era correto de acordo com as leis da época, pois, além da causa não ser corente, Ruy tinha ao seu lado uma Hortênsia, uma jovem mulher na flor da idade, e uma filhinha, Elvira.

Mas o poder tratou de fazer com que Ruy fosse degredado, e sua família durante este tempo ficaria sob a guarda do governo. Hortênsia se recusou ater como destino tal sorte e resolvi escrever sua própria sorte. Como sabia que ao acompanhar Ruy no degredo a morte de Elvira era certa. Tomou a menina em seus braços e a matou para seguiu com o marido para o degredo.

A mulher deste romance é corajosa e nada teme. Não é submissa, nem ao marido, nem a lei. Sua vontade é realizada e por isso é louca, pois matou a própria filha (JORNAL DAS SENHORAS, 10 de julho de 1853, p. 222-224).

Em 21 de agosto de 1853, começou a ser publicado, no *Jornal das Senhoras*, o romance *A confissão de um suicida*, assinado por X.Y.

Numa noite em um casebre, um homem transtornado chamado Alfredo apertou um punho de ferro contra o peito, não morreu, apenas desmaiou. Quando acordou, foi até certo lugar e puxou a argola que abria um alçapão subterrâneo. Ao abrir uma passagem havia uma escada onde no final estava uma mulher linda, jovem, vestida de noiva e prisioneira. O homem orientou que ela se preparasse, pois ele iria matá-la. Ela pediu que ele jurasse lhe assegurando que ele a mataria, mas antes relembrou do amor que ela um dia sentiu por Alfredo, aquele homem que iria acabar com a sua vida, ela que não tinha pai, mãe ou irmão, ela que nunca tinha amado ninguém, que deu a ele o seu primeiro amor aos doze anos. Enquanto lhe falava sobre suas recordações do amor que sentia por Alfredo, lembrava-se do ciúme daquele homem, aquele sentimento destruidor.

Alfredo era marinheiro, em uma de suas viagens o tutor da moça a apresentou a um rapaz de uns 30 anos. Este rapaz contou que havia amado Clélia, mãe da moça, que obrigada e por motivo de riqueza, havia se casado com o pai da moça. Clélia em seu leito de morte fez aquele homem de uns 30 anos jurar que pediria a mão de sua filha em casamento. Ele aceitou

---

<sup>35</sup> Talvez por ser pequeno, o *Jornal das Senhoras* se refere a esta obra como esboço de um romance.



jurando casar com a moça e dar-lhe um sentimento de pai. Embora a moça fosse muita parecida com sua mãe, não havia modo daquele homem deixar de amar Clélia.

Clélia havia deixado alguns escritos seus para sua filha, além de um retrato com um homem. Além destes registros, havia deixado com aquele homem de uns trinta anos uma carta e o mesmo retrato que havia deixado com a sua filha. Assim, a moça pode comprovar com os escritos e com a carta, que aquela era mesmo a letra da sua mãe e com os retratos iguais, pode comprovar que o que aquele homem falava era verdadeiro.

A moça sentia por Alfredo um amor de irmã, e por aquele homem de uns trinta anos um amor de pai. Sentia também que honraria sua mãe fazendo-se cumprir o seu último pedido. Sendo assim, aceitou sua sorte e se casou com aquele homem de uns trinta anos. Alfredo não aceitou a escolha da moça e a matou, em seguida enlouqueceu.

Trinta anos depois, Alfredo se confessava a um padre. Contava que quando tinha oito anos um homem a quem chamava de pai contou que sua mãe havia morrido ao dar a luz a ele e a um irmão gêmeo, de quem não conhecia o paradeiro. Contou também que no túmulo da sua mãe existia uma fortuna enterrada, mas que deveria cavar e encontrá-la somente próximo a sua morte. Saber daquela urna foi o que manteve Alfredo vivo, pois quando estava e apuros, quando sua vida corria risco enquanto ele estava navegando, o fazia lutar para querer viver até encontrar a urna que sua mãe havia deixado. Não podia morrer longe da terra, não poderia morrer no mar. Enquanto não sabia do que acontecia com a sua amada em solo, saber que aquela moça o esperava era o outro motivo que o fazia querer viver.

Quando sentiu que sua morte se aproximava, foi até a sepultura de sua mãe, cavou e encontrou a urna. Nesta urna descobriu que aquele homem de uns trinta anos que tinha casado com a sua amada era o seu pai, a quem naquela altura ele já havia assassinado, Clélia era sua mãe e, portanto aquela moça a quem amou e matou era sua irmã. Após ter se confessado ao padre e pedido perdão pelos seus pecados, suicidou-se. O padre era o seu irmão gêmeo. Alfredo morreu sem saber. No dia seguinte lia-se no *Jornal do Comércio*, num anúncio tarjado de preto – “O padre B... convida a seus amigos, para acompanharem ao cemitério da Ponta do Caju, o enterro de seu irmão Alfredo de B...” (JORNAL DAS SENHORAS, 04 de setembro de 1853, p. 286).

Em *A confissão de um suicida* temos duas mulheres ideais: lindas, amáveis, amadas e submissas. A loucura feminina, nos romances do século XIX, era algo frequente, mas neste quem enlouquece é Alfredo, que recobra sua sanidade mental, descobre que amava sua irmã e em seguida comete suicídio.

O último romance do ano de 1853 foi o *Uma só paixão e dois casamentos por amor* e sua publicação se iniciou no dia 30 de outubro. A história se passa em Portugal, e tem início no mês de Setembro. Naquele, ainda no outono, o vento já obrigava a procurar abrigo e uma lareira. A noite estava agradável e seguia como de costume, até que chegaram o conde e a condessa de Marné gerando euforia. Em seguida, o dono daquele estabelecimento começou a contar a história daquele casal.

O conde Alfredo de Marné amava Rosinha, filha do duque M. de Lailly, e queria tê-la como esposa, mas seu pai não considerava o conde Alfredo, nem suficientemente rico e nem suficientemente nobre para lhe dar a mão de sua filha. Alfredo alertou que, quer com a sua autorização, quer não. Ele casaria com Rosinha. O duque M. de Lailly, ciente do sentimento de sua filha por Alfredo, previu que o casal fugiria para que pudessem ficar juntos. Desta forma, concordou que sua filha casasse com o conde Alfredo.

A cerimônia daquele casamento se deu à meia noite, na capela mais escura do castelo e na presença apenas de Deus. Ao amanhecer, o casal partiu para as terras do conde Alfredo. Alfredo e Rosinha eram felizes e viviam em harmonia. Seis meses após o casamento Jerônimo, o jardineiro do castelo, chamou Alfredo e lhe contou que havia visto Rosinha entrar no castelo conduzida pelas mãos de outro homem.

Alfredo imediatamente acreditou nas palavras de Jerônimo e quis se vingar. Com este propósito, inventou uma viagem de negócios, fazendo Rosinha acreditar que ficaria só no castelo. Alfredo pegou suas pistolas e se escondeu, ficando por horas vigiando os passos de Rosinha, que mantinha um semblante leve e feliz. Alfredo já cogitava a hipótese de que Jerônimo, sem motivos, havia tentado caluniar sua esposa. De repente, apareceu uma sombra de um homem no aposento onde estava Rosinha. A moça feliz saltou em direção à sombra ganhando um beijo na testa. Alfredo saiu de seu esconderijo e atirou com as duas pistolas, acertando somente Rosinha. O homem que estava com Rosinha era o duque M. de Lailly, pai da moça, que não havia abençoado aquela união. Sem poder suportar ver sua filha caída ao chão e toda ensanguentada, teve um ataque e faleceu, deixando Alfredo só naquele lugar, antes de morrer, o duque M. de Lailly amaldiçoou o conde.

Para a surpresa de todos, Rosinha não tinha morrido, o ferimento era grave, mas com cuidados especiais se recuperava lentamente. Pior e mais longe de se recuperar estava Alfredo, que sofria de uma enfermidade moral e piorava a cada dia mais.

Quando recuperava certa normalidade mental, Alfredo não lembrava que quem estava com Rosinha naquele dia era o seu pai, desta forma julgava que a morte de Rosinha havia sido justa, pois ele havia feito aquilo para defender sua honra. Para ele, Rosinha estava morta.

Rosinha melhorava a cada dia mais e perguntava por Alfredo, lhe disseram que Alfredo estava vivo, mas que havia ficado louco. Acharam melhor deixar que Alfredo acreditasse que Rosinha estava morta, mas contaram a verdade para Rosinha. Como parte do tratamento, retiraram Alfredo de perto de Rosinha e o levaram para outras terras para se recuperar.

Rosinha insistia para ver o seu amado, mas depois de muitas trocas de cartas, foi convencida que o melhor para ele era realmente ficar sem vê-lo, caso contrário, seu tratamento e a possibilidade de recuperação seriam impossibilitados. Com o tempo Rosinha passou a aceitar que a distancia era a única coisa que poderia manter Alfredo com a mente sã, para isso ela teria que concordar em não vê-lo e em permitir que ele acreditasse na traição dela.

Alfredo melhorava e se aproximava o dia de colocá-lo frente a frente com Rosinha. Quando o dia chegou, Rosinha mal podia aguentar de ansiedade, mas Alfredo olhou para ela e não a reconheceu, embora tivesse reconhecido todos os seus amigos. Rosinha ficou profundamente triste. A surpresa foi quando Alfredo se aproximou de um amigo e em segredo comentou que aquela moça, apontando para Rosinha, se parecia com a sua mulher, que para ele estava morta. Seu amigo inventou que o nome dela era Henriqueta de Lurval.

Alfredo ficou inquieto e não parava de pensar Na tal Henriqueta de Lurval. Algum tempo depois, a pedido de Rosinha, o doutor que ainda tratava de Alfredo permitiu que ela viesse morar junto dele, mas deveria aceitar o novo nome. Rosinha aceitou e voltou a morar com Alfredo. Depois disso, a felicidade se instalou naquela habitação e ninguém lembrava mais da história trágica que tinha acontecido ao casal. Até que certo dia Alfredo confessou que amava Henriqueta, embora Rosinha tivesse lugar em seu coração para sempre, era necessário continuar vivendo.

O doutor daquele homem que se julgava viúvo arrumou tudo para que em oito dias pudesse se casar com Henriqueta, ou seja, Rosinha voltaria a ser a condessa de Marné. Celebrada a cerimônia, Alfredo falava cada vez menos em Rosinha e julgava ter se casado novamente. Todos julgavam feliz o casal Alfredo e Henriqueta. Mas no coração de Alfredo havia um vazio que só Rosinha poderia preencher e Henriqueta sabia, e em silêncio chorava, porque sabia que no coração de Alfredo seria sempre a segunda.

No romance *Uma só paixão e dois casamentos por amor*, temos dois nomes femininos Henriqueta e Rosinha, entretanto os dois nomes se referem a uma mesma personagem, que é a da mulher que ama acima de tudo, que tudo faz e a que tudo perdoa. Rosinha, para ficar perto de Alfredo, aceita a vida ao lado do seu amado, mesmo ele a considerando sua segunda esposa, mesmo ele tendo saudades da sua primeira mulher. Alfredo destaca coisas em

Henriqueta que não encontrava em Rosinha e saudoso relembra coisas Rosinha fazia e Henriqueta não faz. Henriqueta e Rosinha são a mesma pessoas, que tudo faz e suporta por amor.

*Um amor de mulher* foi o romance que substituiu o *A Dama das Camélias*, sua publicação teve início em 28 de agosto de 1853 e se estendeu até o ano seguinte. Assinado por X. Y., a história se passa no Brasil, na cidade de São Paulo, em uma escola de direito, onde os rapazes discutem se as moças mais belas são as cariocas ou as paulistas. Naquela discussão um dos rapazes começa a narrar um fato.

E tudo isso passava em S. Paulo, em véspera de feriado, num quarto de estudantes, que todo mundo sabe como é bem arranjado. Por um excesso de ordem a cama achava-se no meio do quarto, onde estava deitado o nosso estudante que prometera a narração do fato, outro estava sentado sobre um baú, e o terceiro em uma cadeira de palha.

Mas não interrompamos, e continuemos a atentar a essa sessão *escolástico-familiar*. (JORNALS DAS SENHORAS, 28 de agosto de 1853, p. 277).

Tal fato se passou no mês de março do ano de 1844, um estudante do quinto ano do curso de direito da academia de Olinda, Pernambuco, voltava de viagem e parou à porta de sua correspondente. Era Fernando, um rapaz jovem que carregava uma tristeza misteriosa no olhar, visitava sua D. Lucila. D. Lucila era uma linda moça de dezesseis anos, muito bem criada por sua mãe D. Margarida, uma mulher muito bonita e excelente cozinheira.

O motivo da tristeza misteriosa de Fernando teve início aos quatorze anos, quando amou uma prima, Julia era seu nome, naquela época tinha apenas treze anos. Quando ele partiu para Pernambuco, beijou Julia e pediu a mão da moça em casamento, seu tio consentiu, mas a união só aconteceria quando Fernando fosse doutor. Com o tempo, o que Fernando sentia por Julia foi se apagando, o tempo passava e a saudade diminuía. Foi quando Fernando conheceu Lucila e descobriu que o que sentiu por Julia, era coisa de menino, pois diferente era o que sentia por Lucila.

Durante suas férias, voltou à casa de seus pais com o propósito de visitá-los e dar fim ao compromisso que havia firmado com Julia. Assim que entrou na casa da menina, deu de cara com o seu tio, que disse: “- Minha filha, dizia o velho moribundo, eu morro satisfeito, porque te deixo feliz; e voltando os olhos para o seu sobrinho apenas acrescentou: eu a confio Fernando – e morreu.” (JORNAL DAS SEHORAS, 18 de setembro de 1853, p. 301).

Após as férias, Fernando não tinha escolha mais moral do que a de esquecer Lucila por completo e assumir o compromisso firmado com Julia. Num dia que Fernando contava sua história a D. Margarida, se aproximou um homem alto e magro, aquele era o Sr. Samuel, pai

de Lucila. O Sr. Samuel fazia gosto da visita de Fernando e sendo assim o convidou para ficar hospedado em sua casa. Mais tarde, a pedido de seu marido, D. Margarida convidou Fernando para participar de um baile, Fernando agradeceu ao convite, mas não aceitou, pois não tinha roupa adequada para participar de um baile. Ao saber que Fernando não iria ao baile Lucila foi conversar para pedir que ele fosse ao baile, pois se tratava de um baile que seu pai dava todos os anos para comemorar o seu aniversário. Lucila pediu com tanta formosura que Fernando não teve outra escolha a não ser dizer que sim e em seguida sentou-se ao piano e foi tocar um movimento. Fernando não conseguia para de pensar e abaixou a cabeça fechando os olhos. Lucila se incomodou com a reação de Fernando e supôs que ele não a amava mais, ou já estava muito seguro do que a moça sentia por ele, enfim, seu coração ficou cheio de dúvidas. A moça interrogou Fernando, pois queria saber se havia deixado em sua terra natal outra moça. Ele riu e brincou que talvez sim. A moça se sentiu magoada e começou a chorar. Fernando se arrependeu por ter dito tais palavras e aconselhou a moça que parasse de chorar, pois naquele dia haveria um baile em sua homenagem e ela deveria estar linda, e não com os olhos inchados de tanto chorar. Vaidosa, Lucila parou com o choro.

Enquanto o casal combinava com valsa dançariam, entro na sala Cecília, amiga de Lucila e confidente. O que Lucila não sabia era que Cecília conservava um sentimento por Fernando. No dia do baile Lucila era a mais formosa de todas e durante a valsa que haviam combinado, Fernando decidiu que era a hora de contar sobre Julia. Ao terminara de contar sua história para Lucila, a pobre moça caiu convulsiva no meio do baile, acabou a festa.

Dois dias depois do baile, Fernando estava na casa de Lucila, os pais da moça, que não sabiam da conversa que Fernando teve com sua filha, o convidaram para um almoço. O rapaz não quis comer enquanto a moça não chegasse. Quando o Sr. Samuel terminou sua refeição, as duas moças, Cecília e Lucila aparecerem na sala. Lucila ficou feliz por ainda dar tempo de trazer o café com leite de seu pai, mas quando tentou levantar o bule com café, não aguentou o peso da louça, foi quando Fernando segurou o bule colocando suas mãos por cima das de Lucila. O Sr. Fernando se retirou e D. Margarida disse para que Cecília e Lucila fossem para a sala com Fernando.

Na sala, Lucila implorou para ver Fernando, pois o amava. Havia compreendido que não existia futuro ali, mas a moça queria ao menos vê-lo. Fernando concordou, mas pediu para que Lucila se esforçasse para amar outro homem. O pai de Lucila mandou entregar um álbum para a moça, assim que o pegou, Lucila o entregou á Fernando, pedindo para que ele escrevesse naquelas folhas toda a poesia que um dia ele escreveu para ela. Ele não tinha como não aceitar, concordou e escrever *O álbum de Lucila*. A moça não sabia, mas Fernando já

havia dedicado o seu tempo para escrever tal álbum. Sendo assim, Fernando foi ao local onde estavam suas coisas, pegou o livro e o entregou à Lucila, que pediu para que Fernando levasse aquele álbum em branco e nele escrevesse até o dia do seu casamento com Julia. Fernando concordou, foi até o cômodo onde estava D. Margarida, se despediu dela, em seguida se despediu das meninas e partiu.

Como o prometido por Fernando, tempos depois o moço foi ver Lucila, mas não veio só, estava acompanhado por sua mãe, Dona Anna e uma mocinha, Julia. Julia e Lucila se conheceram, uma tinha ciúme da outra, eram rivais. Embora o sentimento de Lucila por Fernando continuasse o mesmo, ela prometeu que tentaria se apaixonar por outro homem. Sendo assim, no baile de casamento de sua amiga Cecília, Lucila demonstrou indiferença por Fernando e fingiu estar apaixonada por um primo. Como Cecília se casou, Lucila fez uma nova amiga, o seu nome era Constança, irmã de Fernando. Constança era uma ótima amiga de sofrimento para Lucila, pois ela conhecia a dor do amor, pois amou um rapaz que havia morrido. Constança sabia do amor de Fernando por Lucila, e do amor de Lucila por Fernando. Sabia também que aquelas valsas concedida por Lucila ao seu primo, faziam parte de um fingimento de Lucila, era uma tentativa da moça de fazer cumprir a promessa que tinha feito a Fernando.

Certo dia, Fernando estava escrevendo no seu quarto quando bateram na porta. Era sua irmã Constança e Julia. Julia sentou e disse para Fernando que abriria mão do casamento, pois sabia que não poderia ser feliz, já que Fernando amava Lucila e sendo assim, o amor de Fernando nunca poderia ser seu. Mal Julia terminava de falar, entrou D. Anna dizendo que sabia de tudo e pedindo ao filho para que se casasse com Lucila, já que era a ela que ele amava. D. Anna dizia que não havia nada mais triste e mais doloroso do que uma vida sem amor. Julia saiu chorando do quarto, pois não poderia suportar. Neste momento Fernando contou a D. Anna que o pedido de sua mãe não poderia se realizar, pois Lucila já estava feliz com outro rapaz, e já não o amava mais, pois ele havia visto a moça em companhia deste rapaz em um baile. Era a hora de Constança falar, pois ela era a única que sabia de tudo. E assim ela fez. Contou que toda a indiferença de Lucila se tratava de fingimento, pois de tanto amor, a moça queria fazer cumprir a promessa que tinha feito. Após ter contado tudo ao irmão, Constança deu um jeito de fazer Fernando estar com Lucila.

Enquanto isso, um pouco distante dali, Cecília, amiga de Lucila, vivia feliz em seu casamento. Até que foi chegado o dia em que seu marido Carlos, que era marinheiro, necessitou partir para cumprir suas obrigações com a pátria. Logo que partiu, Lucila foi visitar a amiga, aproveitando a oportunidade para visitar a amiga. Lucila partiu para a casa da amiga

com a sua mãe, D. Margarida. Pouco tempo depois, chegou Guilherme, primo de Lucila, que também era amigo de Cecília, aquele mesmo rapaz que havia dançado com Lucila no dia do baile do casamento de Cecília. Era um moço de muitas qualidades e que amava Lucila, mas a moça só tinha pensamentos para Fernando. Todos estavam felizes almoçando na casa de Cecília, quando chegou a notícia Fernando, acompanhado de sua irmã e sua prima, Constança e Julia, haviam chegado. Fernando não sabia que Lucila estaria ali, e a moça também não sabia da possibilidade daquele encontro, Constança havia planejado o encontro pedindo a Cecília que a comunicasse quando Lucila manifestasse o desejo de ir à casa da amiga.

Assim sendo, naquele dia Constança havia conseguido juntar Fernando e Lucila. Fernando se sentou ao piano e todos começaram a dançar. Lucila dançava de forma constrangida com Guilherme, olhando o tempo todo para o chão e Fernando confirmou que as palavras de sua irmã estavam certas. Lucila fingia não se importar mais com Fernando, ela ainda o amava, pois se esforçava para fazer cumprir a promessa que lhe havia feito.

Depois da dança, Fernando foi para o jardim, lá se sentou e escreveu algumas palavras em um papel que estava na sua carteira. Estava relaxado e longe de todos, até que vieram lhe chamar para um jogo chamado *Palavra envolta*. Fernando ia para a sala e encontrou Lucila no caminho. Lucila estava triste e aquilo de alguma forma lhe alegrava o coração, pois ele sabia o motivo da tristeza da moça. Julia, a prima de Fernando, estava fria com o rapaz. Fernando respeitava a postura da moça, pois julgava que aquela atitude era esperada, pois uma promessa de casamento havia chegado ao fim. Mas Julia alimentava a esperança de que, mesmo após ter dado a liberdade a Fernando, ele voltaria atrás desejando honrar a promessa que havia feito ao seu tio em seu leito de morte. Após o jogo, o jantar, que foi seguido de música. Fernando e Lucila dançaram juntos e se declararam um ao outro.

Anos se passaram e se aproximava o dia da formatura de Fernando, todos estavam muito felizes até que sua irmã, Constança teve um mal subido e morreu. Quando chegou o dia da formatura de Fernando, ele não estava feliz, não estava pleno em felicidade, aquele dia sem a sua irmã não tinha o sentido completo. Na hora de sua morte, Constança se voltou para Júlia e implorou que a prima desistisse de impor a dor e a tristeza a Fernando. Suplicou que Julia desistisse do casamento. Julia concordou com o último pedido da prima que em seguida deu o seu último suspiro e morreu. Julia não conseguia esquecer-se daquela hora e alguns dias depois, em seu quarto, escreveu uma carta dando adeus a Fernando. Fernando leu a carta e foi conversar com Julia. Disse-lhe que não havia possibilidade de não cumprir com o juramento que havia feito ao seu pai em seu leito de morte, ele se casaria com a prima. Assim que

terminou de falar, Julia lhe contou que havia jurado, segundo antes do último suspiro de Constança, que desistiria do casamento. Eram juramentos opostos envolvendo o mesmo casal.

Neste caso, Fernando disse que esperaria Julia se casar, esta era a única maneira de não se sentir em dívida com a alma de seu tio. Julia foi buscar conselho com a sua tia D. Anna, esta a orientou que fosse para um convento, já que amava Fernando, o que impedia que o seu coração fosse de outro homem. Em poucos dias Julia era freira e Fernando devia viajar para a Europa, pois possuía compromissos que sua profissão já impunha. Julia freira, Fernando foi pedir a mão de Lucila antes de partir. Chegando à casa de Lucila, encontrou o Sr. Samuel entre a vida e a morte, acreditou que aquele não era um bom momento para falar em casamento. Quando Lucila foi levar Fernando à porta, a moça perguntou quando ele se casaria, foi quando ele resolveu contar sobre o real motivo da sua visita. Lucila se alegrou, esquecendo por alguns instantes da doença de seu pai.

Lucila pediu muito a Deus que curasse seu pai, e dentro de quinze dias o Sr. Samuel já estava bem. A data do casamento foi marcada, mas antes Lucila quis ir ao convento visitar Julia. As moças conversaram por muito tempo e Julia pediu apenas que Lucila permitisse que ela fosse ao casamento. Assim aconteceu, Lucila e Fernando se casaram no dia 22 de dezembro de 1845, na sala de baile da casa do Sr. Samuel. Após a cerimônia, Lucila entregou uma carta para Julia e pediu para que a freira lesse duas horas depois. Chamou Fernando num quarto afastado e lhe contou que havia casado envenenada, e que fazia aquilo por Julia. Pouco tempo depois manifestou a primeira convulsão. Despertou do desmaio e gritou o nome de Julia, dizendo em seguida o seu adeus para Fernando. Mais uma convulsão, mas para a alegria de todos, Lucila sobreviveu. Quinze dias depois, o casal partia para a França. Dois anos depois Julia se casava com um moço rico. Julia quem havia contado o fato ocorrido com ela ao estudante de direito da Academia de Olinda, quem narrou a história. (JORNAL DAS SENHORAS, 09 de abril de 1853, p. 119).

No romance *Um amor de mulher*, temos muitas personagens femininas, sendo Julia e Lucila as principais e as demais são Constança, irmã de Fernando; D. Anna, mãe de Fernando; Cecília, amiga de Lucila; D. Margarida, mãe de Lucila. D. Margarida e D. Anna são esposas caprichosas, submissas e mães zelosas. Constança e Julia carregam durante o romance um comprometimento maior com questões de religião, são seres de bondade e ternura. Lucila, a mocinha do romance, talvez por ser a personagem jovem que morava na cidade, é mais atrevida e inteligente. Submete-se pouco, fazendo valer constantemente seus desejos. Suas ações eram baseadas em sua vontade, suas atitudes eram conscientes e falava o que pensava. Como no diálogo abaixo, no qual Lucila questiona o porquê dela ter se



reservado em casa, sem dançar nos bailes ou sair durante a ausência de Fernando, quando ele em momento algum deixava de sair e se divertir.

Assim é que se paga: eu não fui a um só baile durante a tua ausência; cantava apenas nos dias de lição, não chegava nunca á janela; quando havia reunião em casa, só para não dançar, levava toda a noite a tocar quadrilhas e valsas, - e assim mesmo, no mesmo dia em que chegou...

E a mocinha começou de novo a chorar.

Para que Lucila fosse tão franca, era mister que aquela menina, tão orgulhosa que desprezava o mundo, amasse Fernando loucamente. (JORNAL DAS SENHORAS, 25 de setembro de 1853, p. 308).

*A desditosa*, romance assinado por Demetrio Acacio Fernandes da Cruz<sup>36</sup>, teve sua publicação inteiramente no ano de 1854, iniciando-se em 05 de fevereiro de 1854. Embora encontremos no *Jornal das Senhoras* o desejo de dar espaço para a escrita feminina, sendo possível perceber que esta “missão” é algo digno de orgulho para as redatoras. São encontradas, embora em menor quantidade, algumas obras de autoria masculina, mas que no entanto foram aprovadas pela crítica das redatoras, leitoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras*. É o caso de alguns poemas, como os escrito pelo poeta Solomon, partituras e romance, como o *A desditosa*.

A história tem início na Ilha de São Miguel, Julio, que havia passado por uma história trágica e que por isso desejava a companhia de uma mulher, mas sem a amar, e o Sr. Manoel conversavam, até que o Sr. Manoel começa a contar uma história que teve início naquela mesma ilha em 184... numa linda tarde do mês de novembro um vapor seguia para Portugal levando um rapaz estudante da Universidade de Coimbra.

Havia um lindo Paço em Portugal, onde habitavam um Barão, sua esposa e uma órfã linda que amava o universitário de Coimbra. Por determinação do Barão, o jovem teve que ir para a Universidade e a moça para o campo, pegar ares. Quatro anos se passaram sem que nenhum incidente perturbasse aquele amor. Sempre que vinha de férias, o universitário recebia os carinhos de sua mãe e logo procurava sua amada.

No quinto e último ano do curso de Ciências Jurídicas daquele universitário, foi apresentado em casa do Barão o segundo filho de um homem rico, chamado Amancio. Por ser muito rico, achou que poderia possuir Ignez. Após ter estreitado o seu relacionamento com o

---

<sup>36</sup> Natural de Pernambuco, nascido em 09 de abril de 1831, trocou a carreira militar pela carreira civil. Foi Inspetor da Alfândega de Paranaguá e posteriormente Segundo Conferente no Rio de Janeiro. Quando morou em Paranaguá, fez parte da redação do periódico *Comércio de Paranaguá*, escrevendo nele vários artigos etc., assinando com a inicial D. (SILVA, 1870, p. 110).

Sr. Barão, em um dia que conversavam sobre negócios, trouxe indiretamente a questão de Ignez, o que lhe garantiu um belo sorriso e alegrias no coração em sua volta para casa.

Em um dia em que o Barão estava só com Ignez, ele lhe contou sobre o passo que havia dado para a felicidade da moça. Ignez, embora reconhecesse a boa vontade de seu tio, lhe pediu que não a forçasse em cumprir nenhum tratado, pois não amava aquele jovem rico. O Barão não ficou feliz com o que disse a sobrinha, pois ele havia feito um negócio e dado a sua palavra. Ignez replicou seu tio dizendo que, antes de ter dado a sua palavra, ele devia ter consultado os interesses de sua sobrinha. O Barão não quis saber da opinião ou dos sentimentos de Ignez, e antecipou que dentro de dois meses seria esposa do Amancio G... O Barão virou e saía da sala, quando deu meia volta e interrogou sua sobrinha sobre quem era o rapaz que ocupava os seus sentimentos. Ignez respondeu dizendo que se tratava do Dr. Borges, que estava estudando na Universidade de Coimbra. Para o Sr. Barão, o Dr. Borges era um pobretão que não valia a pena. Ignez sucumbiu à vontade de seu tio, e antes do prazo previsto, aconteceu a cerimônia.

Amancio, que por sua fortuna era poderoso, descobriu que Ignez se correspondia com o Dr. Borges e, a preço de ouro, conseguiu que o universitário não recebesse nem uma correspondência, ficando todas com ele, tanto as cartas de Ignez, quanto as do Dr. Para ela. Deixando passar alguns dias, escreveu uma carta mentirosa para a família do Dr. Borges, nesta dizia que o estudante havia falecido, vítima de uma apoplexia fulminante. Quando Ignez soube, deu seu sim eterno ao seu tio e aceitou seu destino.

Amancio continuava a receber as cartas de Dr. Borges, mas não as respondia de forma alguma. No mês de novembro chegou um vapor que trazia o Dr. Borges. Assim que desembarcou, foi tentar descobrir porque Ignez não o respondia. Todos se assustaram julgando se tratar de um fantasma, pois acreditavam que estava morto.

O Dr. Borges suspeitando de algo cuidou para que ninguém o visse e foi se esconder na casa de seus pais. Escreveu uma carta e entregou a uma pobre mulher e lhe prometeu 10 mil réis, caso a carta fosse entregue e ela voltasse com resposta à mulher aceitou imediatamente. A pobre mulher foi com a carta até a casa de Ignez, chegando lá bateu e, Ignez suspeitando que aquela mulher tivesse ido pedir esmolas, atendeu a porta. Foi quando a pobre mulher entregou a carta do Dr. Borges. Ignez leu a carta rapidamente e pediu para que a pobre mulher aguardasse na escada. Fechou a porta e foi ao quarto do seu marido, chegando lá encontrou todas as cartas, que foi a prova fatal do crime de seu marido. Ignez respondeu a carta e entregou a mulher pobre, para que ela entregasse ao Dr. Borges. O doutor leu a carta de Ignez e descobriu toda a intriga. Aproveitou também para ler a carta que sua família havia

recebido, na qual sua morte havia sido falsamente anunciada. Ao ler, Dr. Borges reconheceu a letra de Amancio.

Passados quatro dias, Ignez não podia ocultar suas emoções e pediu uma audiência particular ao seu esposo. Na audiência, Ignez indagou Amancio sobre a morte do Dr. Borges, pois queria saber se era verdade. Amancio fingiu não saber de nada e Ignez indagava se não era feio mentir. Por fim, Amancio confessa que foi ele quem armou toda aquela intriga e disse que fez tudo aquilo e faria qualquer outra coisa para ter Ignez. A moça lamenta estar presa ao seu marido pelas leis terrenas e divinas, e sendo assim, preferia ir para um convento, já que não poderia ser do Dr. Borges e nem poderia aceitar continuar vivendo com Amancio. Mas aquele homem mau não concordou com o destino que Ignez havia escolhido para ela. Com toda a sua maldade, planejou a morte do Dr., Borges.

No dia seguinte Amancio chamou dois de seus capangas, Silvano e Gervasio, e lhe propôs fortuna, para tal, bastava que aqueles capangas aceitassem matar em um homem, este homem era o Dr. Borges. Silvano e Gervasio aceitam o trabalho sujo, mas temendo a policia pediram a Amancio um papel passado, pois em caso de prisão não ficariam presos. Gervasio e Silvano acreditavam que era espertos, mas Amancio era mais.

Amancio havia forjado uma carta com a letra de Ignez, na qual combinava um encontro com o Dr. Borges. O Dr. Lam terminou de ler a carta, já estava quase totalmente vestido para sair ao encontro de Ignez, mas antes se lembrou de pegar sua arma, pois poderia precisar dela. Amancio ficou em casa como se nada tivesse para acontecer e aguardou que Silvano e Gervasio viessem buscar o dinheiro prometido, o Dr. Borges estava morto. Ignez ao descobriu que seu amado estava morto, desvendou que se tratou de um plano de Amancio, sem suportar tamanha dor, enlouqueceu. O Barão, tio de Ignez, passou a gastar os seus dias lamentando o destino de infelicidade que impôs a sua sobrinha, pois sabia que caso tivesse não tivesse impedido o casamento dela com o Dr. Borges, não estaria louca.

Em *A desditosa*, a personagem Ignez enfrenta o seu tio e o seu marido. É na mesma proporção inteligente, bela e articulada.

- Sim, a escolha que fizeste era digna de mim; porem fizestes mal em empenhar vossa palavra sem que me tivésseis consultado acerca de um negócio que jogava com a vida inteira de uma mulher.
- Eis muito criança, e não podes ter vontade.
- Oh! Meu tio! Pois por se-vos eu subordinada devo por ventura expelir os sentimentos nobres de meu coração, e sujeitar-me a uma vontade de ferro, e, qual escrava submissa, unir-me a um homem que me designais, embora eu o deteste?! (JORNAL DAS SENHORAS, 19 de fevereiro de 1854, p. 60).

Ignez enfrentou seu tio, o questionou e não cedeu a vontade dele e se recusou a ter como marido alguém que havia armado um plano terrível para lhe separar de seu amado. Ignez não fez a vontade de seu tio, não foi esposa do seu algoz, não fez a vontade nem de um, nem de outro, enlouqueceu.

Em 13 de agosto de 1854, o romance assinado por D. M. de O. Quintana, *A rosa do sepulcro* começou a ser publicado. Existia um lindo lugar onde moravam, de forma honrada e simples, algumas famílias. Em uma noite o cão guarda anunciou a chegada de alguém e naquele instante diversas famílias foram para fora de suas casas. O Sr. Manoel Cabiuna pediu silêncio, até que saiu do meio da mata o Sr. Jatahy e sua filha Ethelvina. Manoel Cabiuna chamou o seu filho Gregório com um assobio e rapidamente o rapaz estava ali. Ethelvina e Gregório se olharam e se amaram naquele instante.

Dez anos se passaram até que chegou à Praia de D. Manoel uma embarcação vinda do Rio Grande do Sul com três rapazes, Ricardo, Cyrillo e Telesforo. Assim que chegaram os rapazes foram direto para o teatro de S. Pedro de Alcântara, pois para ele o teatro era a civilização. No teatro, os rapazes estranham apenas um camarote estar vazio, pois todos os outros estavam cheios. De repente apareceu naquele camarote uma linda moça, era Ethelvina, em um dos seus lados estava o Sr. Jatahy, o Barão de Curupira, seu pai, do outro lado Emygdio, seu noivo.

O Sr. Jatahy e seu amigo, o Sr. Antonio dos Tremóços, haviam enriquecido com o miserável crime de tráfico de escravos, e assim conseguiram comprar seus títulos. Um era o barão de Curupira e o outro o Visconde das Pereira.

Emygdio estava com sua viagem marcada, mas antes de partir implorou que Ethelvina deixasse com ele uma lembrança sua. A moça segurou o rapaz pela mão, atravessou a mata e chegou a um cemitério. Lá, procurou pelo sepulcro da sua mãe onde havia plantado em homenagem a ela uma roseira. Ethelvina escolheu uma e presenteou Emygdio. O casal se despediu aos prantos, quando Ethelvina fraca de dor desmaiou, o que fez Emygdio voltar. O rapaz, fazendo sua amada recuperar os sentidos, propôs então que fossem juntos. A moça não respondeu, ele então tampou sua respiração para fazê-la desmaiar, a pegou no colo e sumiram na mata. Ethelvina despertou, estavam felizes, paravam vez ou outra de caminhar para admirar a natureza e depois voltavam a caminhar. Até encontrar um pescador e pedir sua embarcação para fazer a travessia do rio que os levaria ao Pontal. O pescador reconheceu Ethelvina, quis saber por que fugia, mas por vê-la tão feliz, emprestou seu barco.

No meio da travessia o casal percebeu que estavam sendo perseguidos por uma comitiva. Remaram cada vez mais e mais, até que a embarcação caiu no penhasco. Até o

outro dia de manhã, procuram por Ethelvina e Emygdio, mas não o encontraram. Haviam fugido daquela riqueza construída com a dor, pois só assim conseguiriam ser felizes.

Ethelvina é uma moça frágil e de opinião própria, e como não concordava com as coisas que o seu pai fazia, resolvei fugir, pois acreditava que mesmo na pobreza, não havia nada mais reconfortante do que a paz consigo mesma.

*A jarra quebrada*, romance assinado por C. do R., começou a ser publicado em 24 de setembro de 1854. Em uma bela casa morava a jovem e linda viúva D. Georgina com sua criada Aurélia, jovem e bonita.

Aurélia recebia sempre muitos bilhetes de amor, num dia estava limpando a casa e deixou uma jarra de sua ama quebrar. Tentando fugir do embaraço, pegou uma pedra, envolveu em um dos bilhetes de amor que possuía e colocou próximo aos cacos da jarra. D. Georgina descobriu a jarra quebrada e no mesmo instante viu o bilhete que estava envolvendo uma pedra. D. Georgina na mesma hora quis saber quem era o seu admirador, crendo que aquele bilhete era para ele e que acidentalmente, seu admirador acabou quebrando uma de suas jarras.

Desconfiando de um vizinho, D. Georgina passou há ficar muitas horas na janela, pois quem sabe assim ele teria coragem de falar com ela. Proibiu que toda e qualquer janela daquela casa fosse fechada, supondo que seu admirador quisesse lhe mandar outro bilhete, mas Aurélia passou a redobrar os cuidados, para não quebrar mais nada, sendo assim, nenhum bilhete novo chegava.

De tanto deixar as janelas abertas, D. Georgina ficou doente e seu médico orientou que fosse se curar em Petrópolis. Naquela mesma época, o vizinho de D. Georgina, Edeltrudo, que era escritor, passou a ter seus versos conhecido e publicados. Até que foi convidado para ir para a mesma cidade de Petrópolis para escrever a obra *As belezas de Petrópolis*, o escritor aceitou de imediato o convite. Edeltrudo estranhava o seu sucesso, pois as coisas que escrevera até então nunca tinham lhe garantido grandes coisas. Não sabia D. Georgina, a viúva, que Edeltrudo havia escrito aquele bilhete para Aurélia, sua criada.

Em um baile, D. Georgina fez com que Edeltrudo fosse convidado. Ele não sabia, mas a obra *As belezas de Petrópolis* era uma obra encomendada por D. Georgina. Após aquele baile estiveram juntos muitas outras vezes até se casarem. Tempos depois D. Georgina, conversando com Edeltrudo, falou sobre o bilhete, a pedra e a jarra quebrada que a encorajaram a ter um novo amor.

- Antes disso... quando me fez mercê de mandar esta cartinha através dos vidros daquela janela...

A explicação demonstrou o erro, o caractere da letra da carta não era o mesmo da de Edeltrudo, e o casto poeta deu os maiores sinais de indignação ao ler as expressões que nela se continham. Aurélia não se achava presente para confessar as verdades: não querendo acompanhar sua ama a Petrópolis, despediu-se e foi procurar novo arranjo. Quem pois fará cair o pano e apontará aos espectadores a porta da rua? – Eu próprio, leitora, que sempre me tive na conta de liquidador de intrigas; quando não as posso dissolver, pelo menos trato de não lhes dar incremento.

Julgo desnecessário comunicar aos dois intrigados que toda aquela obra partiu das mãos d e uma criada espirituosa; e porque seus corações falaram-se e compreenderam-se, cabia a Edeltrudo todo o benefício da intriga, e a D. Georgina o prazer de ter o segundo marido para substituir a JARRA QUEBRADA. (JORNAL DAS SENHORAS, 01 de outubro de 1854, p. 317).

D. Georgina é senhora dos seus passos, possuidora de certa autonomia, pois era viúva. Não foi mencionado se ser viúva era algo que trazia um desmerecimento social, se o fato de ter se mudado não foi bem aceito pela sociedade, estas questões não fazer parte do enredo, o que faz parecer que Georgina era livre para fazer o que quisesse com os seus bens e com a sua vida.

O romance *Jarilla* foi escrito pela espanhola D. Carolina Coronado. Nascida no ano de 1823, o pai da moça havia sido perseguido pelo governo de Fernando VII e preso na cidade de Badajoz. Sua mãe, naquela mesma cidade, deu continuação à criação da sua filha insistindo para que ela não seguisse a carreira literária, pois lhe parecia imprópria para uma moça. Quase clandestinamente, Carolina conseguiu aos vinte anos reunir uma boa coleção de poesias que foram publicadas em Madrid no ano de 1843. Em 1844 saiu uma notícia de que D. Carolina havia morrido, no entanto, ela se encontrava saudável em sua casa de campo. O ocorrido a inspirou a escrever o livro intitulado *Dos muertes in media vida*. O poema *Se va mi sombra; pero yo me quedo* e os dramas *El quadro de La esperanza*, *Affonso IV de Leon* e *Petrarca* são alguns títulos importantes da carreira da autora. (JORNAL DAS SENHORAS, 23 de setembro de 1855, p. 302-301).

Pelo mês de abril, alguns soldados marchavam, pois havia saído vitoriosos de uma batalha contra os Mouros. Dentre os que marchavam estava Roman, que se dizia filho do Marquez de Vilhena. Todos comentavam sobre o quanto Roman era piedoso, pois havia socorrido a um mouro após de comele duelado bravamente. O rei, sabendo da bravura de Roman, prometeu amo Marquez de Vilhena que doaria a seu herdeiro o castelo de Salvaterra como premio de seus gloriosos feitos. O Marquez de Vilhena era egoísta e quis obter para si a recompensa devida a seu herdeiro, mas para não mostrar a Sua Alteza a má vontade que tinha com o filho, se contentou em alcançar de Sua Alteza El Rei que acrescentasse à doação uma cláusula que colocava como agregado ao castelo o senhorio de Vilhena.

Antes que Roman pudesse desfrutar de seu castelo, o rapaz enfrentou uma sinistra tormenta. Era tão forte que achou melhor esperar que passasse para continuar seu caminho. Parou o seu cavalo, e tirou o elmo para melhor respirar. Passada a tormenta, Roman subiu numa colina, onde avistou um vale de largos e limpos campos dirigindo-se então para lá. Ao se aproximar, já escutava o barulho das águas. Ao chegar, Roman maravilhou-se com o esplendor daquele lugar e decidiu, portanto, parar para descansar. Amarrou o cavalo e foi se refrescar, quando levantou a cabeça deu de cara com uma mulher que o admirava com expressão de alegria e assombro.

Roman esperou que a moça, que era bela e jovem falasse algo, mas ela ficou em silêncio o admirando. Ela havia o seguido, pois tinha se encantado com a sua beleza. Roman interrogou a moça buscando saber quem era sua mãe, quem era seu pai, se tinha vassalos ou castelos, a moça nem conhecia aquele vocabulário. Roman perguntou se a moça já havia saído daquele bosque, ela respondeu que não, mas que dali do alto da serra, já tinha visto todo o mundo. Travou Roman pelas mãos, subiu ao mais alto rochedo e lhe mostrou o seu mundo, as terras e o céu, que era tudo que os olhos podiam ver. Roman de imediato se encantou com aquela docilidade infantil e com aquela beleza selvagem, seu nome era Jarilla.

Jarilla queria apresentar outros lugares para Roman, sendo assim o tomou pela mão e o conduziu para outro lugar onde o sol não incomodava. Jarilla foi com Roman para o seu inocente retiro, onde nunca homem algum tinha entrado. Recostaram-se e ficaram se olhando, até que ouviram um som estranho. Roman se preparou para o ataque, mas antes Jarilla foi ver o que era, se tratava apenas de sua vaquinha. Jarilla riu e deu um beijo na testa do guerreiro. Jarilla não se parecia com nenhuma moça que Roman tinha visto até aquela data, ele queria voltar a vê-la, mas por enquanto tinha que partir. Jarilla em vão insistiu para que o moço ficasse, não conseguindo, se contentou com o combinado de vê-lo no dia seguinte.

O tempo que Roman passou com Jarilla foi maior do que o casal acreditava. Antes da tormenta, que fez Roman parar. O cavaleiro estava em companhia de outros arqueiros que, por terem seguido, chegaram antes de Roman. Temendo que algo grave tivesse acontecido com Roman, o Rei mandou que voltassem para buscar Roman na floresta. Os arqueiros foram, mas não o encontraram. Quando retornaram sem ele, o Rei deu por certa que Roman estava morto e mandou que se rezasse uma missa para o mais valente arqueiro Roman.

Roman se despediu de Jarilla e seguiu seu caminho para o castelo que Sua Alteza havia destinado para ele. Roman seguia seu caminho só e despido de cobertura, foi quando um dardo lhe feriu os ouvidos. Um dos responsáveis pelo ataque achou melhor deixar o moço

seguir. Roman caminhou o quanto pode, até que caiu e alguém que saía do castelo tropeçou em seu corpo. Aquele mouro caridoso que tropeçou em seu corpo o salvou da morte.

Roman não fazia a vontade de seu pai em se casar por interesses. Mas o Sr. De Vilhena preparou mesmo assim o casamento, sem que seu filho soubesse era casado com D. Ignez. Entretanto, Roman foi julgado morto e o rei era viúvo, cogitava em silêncio a hipótese de ser casar com D. Ignez, que já era então esposa de Roman.

Roman aos poucos se restabelecia, o mouro que o havia salvado tinha sido rei em outros tempos. Havia sido dono de vários castelos e tinha uma linda mulher cristã. João Sago, por ordem de Henrique VIII sitiou seus castelos e armou uma emboscada para aquele mouro que naquela altura não tinha mais castelos e nem a sua esposa, pois ela havia falecido ao dar a luz a sua filha. Aquele mouro escondeu sua única filha na floresta e como recompensa por não ter permitido que a morte alcançasse Roman, pediu para ele que a protegesse de todo mal, pois ele sabia que a morte estava se aproximando e chegaria dentro de alguns dias fazendo de sua filha órfã de pai e mãe. Jarilla era sua filha. Pela vontade de Roman, ele se casaria com Jarilla, deixando o mouro morrer tranquilo, mas ele não podia, pois já era casado. Assim sendo jurou protegê-la e honrá-la.

Jarilla esperava por Roman, pois ele havia dado sua palavra que iria voltar para vê-la, mas a moça não sabia das coisas pelas quais o seu amado tinha passado. Tempos depois, o cavalo de Roman apareceu na floresta de Jarilla, ela cuidou dele e continuou a esperar por Roman. Acreditando que a liberdade era algo que toda a criatura, humana ou não possuía e percebendo que o cavalo de Roman queria partir, o beijou em cima dos olhos, e o deixou partir.

O Sr. de Vilhena e D. Ignez já davam por certo que Roman estava morto, até porque viram o seu cavalo retornar sozinho, sendo assim se consolaram celebrando algumas missas e depois casaram-se. Até que durante uma noite, Roman conseguiu chegar ao seu pai que ficou mergulhado em cólera ao vê-lo. O Rei, sabendo que Roman estava vivo, garantia que o casamento do Sr. de Villhena com D. Ignez não era válido, desta forma Roman era o seu esposo e de acordo com o estabelecido anteriormente, os castelos pertenciam a Roman, pois só pertenceriam ao Sr. de Vilhena se Roman realmente estivesse morto. O Sr. de Vilhena propõe um duelo a Roman, que não aceita dizendo ao seu pai que aquele casamento, aqueles castelos não eram de seu interesse. Ele amava outra vida e, principalmente, amava outra mulher. Seu pai, seguro das palavras de seu filho, começou a pensar em um plano para ter D. Ignez e os castelos. Na verdade o Sr. de Vilhena adotou Roman como filho, mas na verdade



ele era filho daquele que Jarilla conhecia como pai, portanto não era nobre, e o pai de Jarilla era um mohametano.

O mouro, pai de Jarilla estava morto, as ordens do Rei eram fato, Ignez era esposa de Roman e dono dos castelos. Antes de morrer o mouro pediu para que o seu cadáver fosse enterrado no mesmo lugar onde vivia a sua filha. Roman concordou e foi fazer o funeral o mais rápido que pode. Chegando ao local exato onde tinha visto Jarilla pela primeira vez, parou e chamou por ela. Ninguém respondeu. Roman deu continuidade à missão pela qual estava ali. Quando a cova já estava pronta, Roman se despediu do corpo do mouro e sentiu se aproximar dele um corpo meio pálido e meio nu, era Jarilla. A moça caiu nos braços de Roman feliz por vê-lo. Roman não correspondeu aos abraços da mesma forma, pois estava de frente para o cadáver do pai da moça. Assim que contou para Jarilla a dor tomou conta dos dois. Terminado o sepultamento, Roman não achou seguro deixar a moça naquele estado sozinha emocional, então a levou para o castelo de seu pai, deixando a moça aos seus cuidados.

Roman precisava se afastar de Jarilla e ir falar com o arcebispo. Chegando lá contou tudo o que aconteceu. Contou que seu pai casou com sua esposa por acreditar que ele estava morto. O arcebispo pensou e acreditava que D. Ignez era esposa do Sr. de Vilhena, mas a vontade do Rei era outra.

Assim que Jarilla percebeu que Roman não estava mais ali, começou a gritar chamando-o. D. Ignez perguntava com um sorriso irônico o que se passava, enquanto Jarilla só queria saber de Roman. D. Ignez maldosamente começou a dizer que Jarilla estava louca, o Sr. de Vilhena exigia que vestissem-na, pois ela estava em trajes demasiadamente frescos. Jarilla se recusa a trocar suas roupas, se recusa a qualquer diálogo, a se sentar e a comer. Só quer Roman e mais nada. D. Ignez fez com que acreditassem que Jarilla estava louca e que se fazia necessário a colocar na clausura. Aquela mulher má já sabia que Roman era filho de um mouro, e que, portanto não era nobre. Sendo assim, ela o Sr. de Vilhena ajustaram as coisas de acordo com os seus interesses, sem aguardar a resolução da Igreja. A esposa do Sr. de Vilhena começou a falar que Roman era muito bonito e galanteador, e assim como ela o amava, outras mulheres o amavam também. Os interesses materiais de D. Ignez não peritiram que ela fosse esposa de Roman, mas como ela não seria a esposa dela, nenhuma outra mulher poderia ser. Jarilla estava tão concentrada em amar Roman que as palavras venenosas daquela mulher maligna não alcançaram o seu coração. Até que D. Ignez pegou um retrato de Roman e mostrou para Jarilla dizendo que aquele era um presente que havia recebido de Roman. Disse-lhe que antes de amar a Jarilla, tinha casado com ela, e, portanto, Roman era dela.

Naquele momento Jarilla compreendeu as palavras de D. Ignez e desmaiou, a mulher má sorriu e fechou calmamente a porta do quarto.

Jarilla acordou do desmaio que sofreu, estava sozinha em um quarto trancado. Foi até a janela e viu ao longe um moço que suspeitou ser Roman, sendo assim começou a gritar. D. Ignez veio e fez Jarilla acreditar que Roman tinha chegado, mas como estava cansado da viagem, ela deveria fazer silencio para não acordá-lo. Assim que ele despertasse, viria falar com ela. Jarilla compreende e fica muda, num canto do quarto.

Naquela noite, Jarilla quis ver Roman, e foi silenciosamente entrando, vestida de branco com flores na cabeça no quarto de D. Henrique. Tudo aquilo fazia parte de um plano de D. Ignez, foi ela que vestiu Jarilla de branco, a coroou de flores e fez com que, no escuro da noite, Jarilla entrasse no quarto de D. Henrique. Ao entrar, Jarilla se sentou a beira da cama abrindo os braços e chamando por Roman. Ao se aproximar viu que não era Roman, foi se esconder. D. Henrique ficou conversando com a moça e quis que ela se deitasse ao seu lado. A moça não quis e preferiu ficar no chão. Mais tarde foi conduzida por D. Henrique gentilmente aos seus aposentos, assim que o homem colocou a moça deitada. Foi sair do quarto, quando deu de cara com D. Ignez, que disse que Jarilla estava recomendada a sua segurança e que agora, para reparar a honra da moça, ele deveria se casar com ela. Jarilla não estava entendendo o que se passava, só queria saber de Roman, mas o poeta D. Henrique não queria se casar, além do que, havia compreendido perfeitamente os planos de D. Ignez.

Jarilla pedia a D. Henrique que a ajudasse a sair dali. Ela era da mata, da natureza e não suportava a escuridão daquele castelo e esta era a única coisa que pedia além de chamar por Roman.

Roman tinha tentado arduamente, mas em vão, a Igreja entendeu que ele deveria ser esposo de D. Ignez. Naquele dia, pela primeira vez, Roman adormeceu sem fazer o sinal da cruz, pois não podia acreditar que por determinação da Igreja, seria infeliz. D. Henrique ajudou Jarilla a fugir, e a moça foi caminhando pela natureza chamando o nome de Roman. Roman, que estava próximo dali, escutou aquela voz doce o chamando e, mesmo ciente das determinações da sua Igreja, foi em busca daquela voz, pois sabia que era a voz de Jarilla. Roman nasceu cristão na católica Toledo, mas decidia a partir daquele momento ser mouro e livre. Mesmo sabendo a versão de D. Ignez da noite em que Jarilla foi encontrada no quarto de D. Henrique, Roman acreditava no amor da moça e nada mais.

O amante de Jarilla é agora o habitante da selva que busca sua amada. Ao se encontrarem Jarilla contou sua história ao amado, que nela prontamente acreditou. Estavam felizes, até que Jarilla foi até um tronco de carvalho oco e retirou de lá uma imagem de Nossa

Senhora das Dores, era uma imagem que a sua mãe escondia de seu pai, pois ele não poderia saber de sua fé. Jarrila segurando a imagem começou a rezar e aquelas palavras foram fazendo brotar um sentimento ruim no coração de Roman.

Roman não sabia como se livrar dos pensamentos e sentimentos que o ligavam a sua fé. A imagem de Nossa Senhora só reavivava o sentimento de pecado. A religião se erguia então como barreira entre Roman e Jarilla. A moça começava a suspeitar então que ele já não a amava mais. Roman olhava para Jarilla e queria ter sua amada, beijava seu vestido e recuava. Assim passaram muito dias, um olhar de Roman fazia o sangue de Jarilla ferver e com isso a moça começou a ficar fraca e doente, até que um dia Jarilla deu seu último suspiro.

Roman havia compreendido que o excesso de paixão matou Jarilla. A sua fria reserva com ela, ia por fim a uma existência cheia de ternura. No último dia de maio Jarilla deu o seu último adeus. No dia seguinte foi encontrado o cadáver de Roman em um precipício. Roman não soube ser, nem mouro, nem cristão.

As personagens femininas deste romance são D. Ignez e Jarilla. D. Ignez é má, seus desejos não se realizam. Seu interesse era conquistar os castelos do Sr. de Vilhena, já que Roman, por não ser nobre não poderia ficar com ele. Ela desiste de ter um amor de um homem jovem para enriquecer. Mas a lei da Igreja determinou que ela era esposa de Roman, desta forma ela não conseguiu ter, nem Roman, nem os castelos.

Jarilla é a inocência, um ser da natureza, é desapegada e se comunica com os seres vivos. Ela vivia só em uma gruta, tendo apenas a companhia de uma vaca que lhe dava o leite. Nada consegue segurar Jarilla, a loucura é mais bem aceita por ela se comparada com paredes, regras e limites. A única coisa que entende é a liberdade.

Em seguida, o romance *O Condescendente* ganhou as páginas do *Jornal das Senhoras*. Escrito por J. J. L. P., começou a ser publicado em 11 de março de 1855. Em seu preliminar, o autor diz:

Não quero condenar os romances, nem todos os devem ser: este é um dos meios reservados para falar ao mundo e fazer compreender a cada um desses imensos seres reunidos, compondo o que eles mesmos chamam sociedade, os vícios, as maldades, e as inclinações de cada um e de cada classe. (JORNAL DAS SENHORAS, 04 de março de 1855, p. 69).

Era uma tarde do mês de junho do ano de 1843 na cidade de Andaluzia. O casal recém-casado Ignez e Fernando aposta corrida a cavalo, Fernando vence e Ignez fica chateada por ter perdido. Pouco tempo depois, Ignez acreditava que seu marido não a amava mais. Sendo assim, pediu ajuda a um amigo, que no dia da disputa a cavalo havia servido de juiz ao

casal, para convencer Fernando. O nome deste amigo era Eugenio, um bom homem com o espírito fortemente socialista (JORNAL DAS SENHORAS, 04 de março de 1855, p. 69). Ignez queria conhecer a cidade de Lisboa, mas Fernando não cedia aos caprichos da esposa, pois aquela viagem naquele momento não cabia nos recursos da família.

O juiz da corrida de cavalos era militar, e poucos dias após aquela conversa sobre Lisboa teve que viajar para Vianna do Alentejo, pois recebeu ordens do governador militar de marchar com o destacamento do seu comando. Lá conheceu um sargento muito jovem, cujas feições não lhe pareceram estranhas. Aquele jovem sargento de 16 anos era irmão de Fernando.

Uma guerra violenta havia começado em Portugal, e Fernando também tinha sido convocado. Em uma batalha Fernando foi ferido gravemente no lado esquerdo do perito e em seu leito de morte fazia confissões ao comandante e juiz de corrida a cavalo. Contou que cedia frequentemente aos caprichos de Ignez, tanto que fez com ela a viagem a Portugal. Cedeu tantas vezes que estava completamente sem recursos financeiro. Além de falido, desconfiava que sua mulher o havia traído.

Quando estavam em Lisboa, Fernando já passava por sérias dificuldades financeiras, mas ainda cedias às vontades de Ignez, mantendo as aparências de certa riqueza, pois foram ao teatro e no camarote ao lado estava o Conde R. que olhava todo o tempo para Ignez. Na semana seguinte, Fernando os flagrou conversando no Passeio Público e meses depois Ignez aparecia com um vestuário novo, que as posses de Fernando já não podiam mais comprar. E em seguida começou a dar dinheiro a Fernando, e achava que não lhe devia explicações sobre aquele dinheiro. Fernando desejava morrer e por isso se alistou, sabia que na guerra sua morte era certa. Não foi o que aconteceu e em poucos dias Fernando já estava convalescente de suas feridas.

A guerra tinha deixado um rastro terrível de sangue, fome e morte. Findada a guerra o comandante chegava a Lisboa e ouviu uma voz conhecida. Era Ignez que estava sentada no chão implorando por ajuda com uma criança de três meses filha da prostituição nos braços. O comandante jogou uma moeda e partiu. No dia seguinte, não conseguia esquecer a imagem daquela mulher, e retornou aquele local. Lá chegando viu Ignez muito doente, descobriu que era conhecida como Julia e que tinha o apelido de chorona, pois estava sempre chorando. Um médico foi chamado e por alguns instantes Ignez recuperou as forças. Foi quando pediu para que guardassem seu filho e o protegesse, pois para ela a morte era certa. Assim que terminou de pedir pela vida de seu filho, morreu.

Dois anos depois, na cidade de Algarve, o comandante sofreu um sequestro. No cárcere, o oferecia aos seus sequestradores que abandonassem o crime e que fossem trabalhar com ele de maneira honesta. O bando dizia que o chefe deles era um homem horrível e mau que matava sem culpa. Para a surpresa do comandante, era Fernando de quem falavam. O Comandante tentou convencer Fernando a largar o crime, mas foi em vão. Três meses depois lia-se no jornal que o famoso salteador Fernando de... estava morto.

Ignez era uma mulher linda e sabia disso. Além de linda era sedutora e suave o seu poder para conseguir tudo o que queria de seu marido ou de qualquer outro homem. Teve como fim a prostituição e a doença. Toda a desgraça daquela família se deu pela condescendência de Fernando, que não sabia dizer não. “Eis aqui a final no que vem a dar as demasiadas exigências de uma mulher, e muita condescendência de um homem” (JORNAL DAS SENHORAS, 08 de abril de 1855, p. 111).

*Um suicídio por amor*, romance assinado por C. D., teve sua publicação iniciada em 06 de maio de 1855. A história se passa na Espanha em uma casa velha num beco onde morava uma criada de cabelos esbranquiçados que havia sido ama de uma jovem muito bonita e supersticiosa. Esta moça chamava-se Leocádia. Era excêntrica, tinha cérebro avantajado, às vezes montava a cavalo e desprezava o trabalho doméstico. Ela não queria casar e nem saber de amor, pois dizia que o casamento era um jogo pesado e irracional. “Em resumo, Leocádia era adorada pelos moços e aborrecida pelas velhas.” (JORNAL DAS SENHORAS, 06 de maio de 1855, p. 141).

Frederico era um rapaz muito lindo, de 25 anos, rico e apaixonado por Leocádia, que já estava acostumada a ter este tipo de rapaz aos seus pés. Frederico, por amar tanto aquela moça, perdeu o apetite e começou a sofrer de insônia, ficando pálido e magro. Um dia ele foi a casa dela e pediu sua mão em casamento, lhe devotando todo o seu amor e todos os seus bens. Leocádia riu, em seguida desculpou-se educadamente e negou a proposta. 10 minutos depois da conversa Frederico saiu da casa de sua amada. Não desistiu, foi pedir ajuda a um amigo escritor, pediu então que ele escrevesse alguns versos para o dia seguinte. O amigo concordou. Leocádia que, por ser uma mulher excêntrica, ficou encantada com os versos, até porque ter o seu nome rimado em acróstico era o seu sonho.

Leocádia passou a amar Frederico, mas não o dizia, deixando-o numa cruel incerteza. Os versos não iam mal, mas Leocádia queria alguma demonstração mais enérgica. Até que deixou escapar que lhe parecia sublime como um homem se mata pela mulher que amava.

Um dia passeavam pelo lago e Frederico perguntou se Leocádia o amava, ela respondeu que não e ele se jogou no rio. Leocádia ficou sem ação, sem conseguir soltar um

grito de socorro. Até que passou o Sr. Edmundo, o poeta amigo de Frederico, aquém Leocádia pediu ajuda. Edmundo assim o fez, salvou Frederico.

Frederico ficou um tempo doente, e Leocádia ficou todo o tempo ao seu lado. Assim que ele se recuperou, Leocádia disse que o amava. Pouco tempo depois se casaram, e foram felizes por dois meses, até Frederico começar a questionar o seu sentimento. Enquanto isso Leocádia se entusiasmava cada vez mais com o casamento. Leocádia, que era uma mulher esperta, já havia observado o comportamento frio de Frederico. Em outro dia, naquele mesmo lago, Frederico e Leocádia passeavam. Ela começou a questionar a frieza de Frederico, dizendo que ele não era mais o mesmo.

Frederico, querendo por fim ao casamento sem ser mal visto, mergulhou novamente no rio, aparentemente para um afogamento fatal. Neste momento passou Edmundo e contou para Leocádia que, tanto desta vez quanto da anterior, os afogamentos de Frederico não passavam de um fingimento. No entanto, o objetivo de Frederico era outro, a separação. Leocádia olhou com desprezo para Frederico fingindo se afogar no rio e foi embora, deixando-o acreditar que ela achava que ele tinha morrido. Agora ele era livre novamente. Ela foi para casa terminar de escrever seu livro em cinco volumes.

Em *Um suicídio por amor*, Leocádia é uma mulher excêntrica porque gosta de ler, não queria casar e não gosta da vida do lar. Quando ela se apaixona por alguém, na verdade foi pelos supostos versos de alguém e, no final, constatando que aquele que disse um dia que a amava não a amava mais, o deixou partir, mesmo que ela o amasse e foi para casa terminar de escrever o seu livro.

Antes de ser iniciada a publicação do romance *A promessa cumprida ou o sonho realizado*, esteve presente nas páginas do *Jornal das Senhoras* o romance *Os pupilos da guarda*, de Emilio Marco de Saint-Hilaire livremente traduzido por anônimo. Este romance começou a ser publicado em 15 de julho de 1855, e, por não existirem personagens femininas, não o incluiremos neste capítulo, mas o manteremos na contagem dos romances presentes no periódico analisado. É provável que esta seja a primeira, e talvez a única obra do autor traduzida para o Português.

O romance *A promessa cumprida ou o sonho realizado*, assinado por Joséfon, começou a ser publicado no *Jornal das Senhoras* em 30 de novembro de 1855. Já no primeiro capítulo são apresentadas as personagens principais. Henrique, de 17 anos, membro de uma família ilustre, filho de um velho oficial superior do exercito e estudante da academia jurídica de São Paulo e Adelina, de 14 a 15 anos, filha única de Christovão, rico fazendeiro, amigo devotado do pai de Henrique, que a custo do seu sangue tinha o livrado da pobreza, o

defendendo em uma das últimas guerras civis. Adelina era uma bela moça que chorava na despedida de seu amado que partia para continuar seus estudos.

Christovão era um homem rico cheio de inimigos que tentavam reduzir a penúria seus engenhos e fazendas. O pai de Henrique havia defendido Christovão com o seu próprio sangue, o que o deixou convalescente por vários meses e selado a amizade entre aquelas famílias. Tanto que naquele mesmo ano nasceu Henrique, e Christovão, agradecido pelo ato de valentia do pai do menino, quis ser o padrinho do recém-nascido. Três anos depois nasceu Adelina, e por sua vez, o pai de Henrique tomou a menina como padrinho. Aquelas crianças foram educadas juntas, pois seus pais se visitavam sempre.

Quando Henrique partiu para São Paulo para a Academia de Direito, pois possuía talento admirável para tal profissão. Adelina, que era linda, meiga, doce e pura, conheceu o amor, pois a partida de Henrique lhe doeu na alma. Um ano se passou, o casal voltou a se reencontrar até que chegou o dia de uma nova partida e de Adelina novamente chorar na despedida.

Naquela despedida Adelina sentia algo diferente, para além da certeza da saudade. Sentia que algo aconteceria, e foi o que aconteceu. Após algum tempo em São Paulo, quando chegou a hora de voltar para casa, o navio que levava o estudante de direito naufragou devido a uma forte tempestade próxima ao Rio de Janeiro. Henrique e o comandante tentavam sobreviver ao mar em fúria, enquanto isso o rapaz olhou para o céu e prometeu a Deus que se o salvasse beijaria Adelina.

Henrique enfrentou primeiramente o mar, depois enfrentou a selva até conseguir um meio de sair dali e conseguir se salvar. Durante todo este tempo, Adelina recebia visitas de Gaspar, que possuía negócios com o seu pai. As cartas de Henrique para Adelina eram boicotadas por Gaspar, sendo assim, a moça não recebia nenhuma carta ou recado de seu amado desde sua partida, o que a entristecia profundamente. Christovão, pai de Adelina se entristecia igualmente com a suposta falta de consideração de Henrique, tanto que proibiu o rapaz de entrar na sua fazenda.

Dada a proibição, o rapaz conseguiu acesso à fazenda pela mata que se confundia com o jardim de Adelina. As cartas que Adelina escrevia para Henrique foram sabotadas e cartas falsas e anônimas foram entregues para Henrique. As cartas falsas que Henrique recebia contavam que Adelina havia se casado com outro rapaz, o que fez com que Henrique sofresse, mas o amor de Henrique por Adelina fazia o rapaz duvidar daquelas letras. O autor de toda aquela falsificação era Gaspar, o moço que possuía negócio com Christovão, pai de Adelina. Toda a armação era dele, inclusive as cartas que Christovão enviava ao afilhado contendo

dinheiro também foram sabotadas por Gaspar. Gaspar era o comandante do navio que trazia Henrique, aquele mesmo que naufragou. Gaspar, ao perceber a tempestade e o risco, desertou e foi assim que Henrique precisou enfrentar sozinho o mar e a selva. A deserção de Gaspar fez com que ele fosse preso e enviado para a Europa para cumprir sua pena, o que deixou o caminho livre para que Henrique pudesse cumprir a promessa que fez a Deus quando lutava para sobreviver.

Em *A promessa cumprida ou o sonho realizado* temos Adelina, única personagem feminina da história. Enquanto Henrique possui vocação para o direito e uma personalidade corajosa e desbravadora, Adelina apresentava na beleza sua única característica. Diferentemente de alguns dos romances já citados aqui, neste a personagem feminina não move a história, o enredo não gira ao seu redor ou de sua vontade, mas sim da vontade do protagonista da história, Henrique.

O último romance presente no *Jornal das Senhoras* foi *O pobre Matheus*, assinado por A. de Bernard; sua publicação se iniciou em 30 de setembro de 1855. A história se passa em um cortiço na Alemanha onde os moradores se davam bem e eram quase todos pedreiros, exceto um excêntrico conhecido como “o pobre Matheus” (*Jornal das Senhoras*, 30 de setembro de 1855, p. 311), órfão que não conheceu seu pai e cuja a mãe morreu ao dar-lhe a luz, desejava ser pintor e acreditava que para isso era necessário muito estudo. Matheus tinha um protetor, um magistrado sábio de bom coração que cuidou dele na infância e fez com que ele frequentasse a escola, onde adquiriu as primeiras noções de arte.

Quando Matheus tinha 20 anos, o magistrado o chamou para uma conversa e solicitou que o jovem fizesse as suas malas, pois partiria em uma longa viagem. Matheus foi levado para Paris, onde foi entregue pelo magistrado a um acadêmico que ficou encarregado de lhe ensinar tudo. Matheus estava triste, pois havia se afastado da única pessoa no mundo que manifestava algum interesse por ele. Após se acomodar em seus novos aposentos, para sua surpresa, recebeu um bilhete de seu protetor, a quem julgava que nunca mais veria ter contato. Ao abrir o bilhete, constatou que não existia uma palavra escrita sequer, apenas dinheiro. Matheus ficou profundamente triste com tal constatação.

Matheus escreveu ao magistrado e buscou de maneira sutil demonstrar sua tristeza com aquele bilhete vazio de sentimento. Nesta carta, Matheus dizia também que gostaria de não depender financeiramente do seu tutor, chamado de M. X. Seu tutor respondeu a carta dizendo apenas que o rapaz dizia asneiras e para que se ocupasse apenas com os estudos, sem outras preocupações. M. X. visitou Matheus apenas uma vez em Paris e nesta única visita,



reclamou da puçá produção do rapaz, que justificou dizendo que dedicou mais tempo aos estudos naturais do que às telas.

Entre os habitantes da colônia de artistas que Matheus morava, havia um moço cujo caráter e costumes formavam contraste aos hábitos e características de Matheus, seu nome era Valdroche. Os rapazes se detestavam e este ódio só aumentava, principalmente da parte de Valdroche, quando Matheus saiu vitorioso de um concurso da Academia de Belas Artes e, principalmente, após não ter triunfado como o de costume ao cortejar Marie.

Marie era filha única de um empregado do Ministério do Exterior, e sem saber, era inspiração para vários artistas. Matheus também se inspirava na figura da moça, mas tomava muito cuidado para que nem ela nem ninguém percebesse. Diferentemente dele, Valdroche que era muito insolente, chegava próximo à janela da moça, colocava o seu cavalete e pintava se inspirando em Marie. Esta atitude de Valdroche, além de envergonhar profundamente a moça, fazia cada vez mais com que ele não gostasse da figura daquele rapaz.

Um dia, Valdroche secretamente jogou através da janela um desenho que tinha feito de Marie. Na hora a moça estava distraída e não percebeu. Só encontrou o desenho depois e ficou muito envergonhada e, temendo o que pensaria dela, atirou o desenho na rua. No dia seguinte, bem cedo, Matheus seguia para o atelier que trabalhava quando, passando por debaixo da janela de Marie encontrou o papel. Quando abaixou para pegar aquele papel no chão, deu de cara com Valdroche que com voz sarcástica, disse que aquele bilhete era seu e se tratava de uma carta de amor deixada por Marie. Em qualquer outro momento, Matheus evitaria maiores conversas, entregaria o bilhete e seguiria sem falar nada. Mas o que Valdroche dizia, colocava a moral de Marie em questão e ele não podia acreditar que aquilo era verdade.

Valdroche acreditava que aquele papel era um bilhete deixado por Marie par ele como resposta ao que tinha feito na noite anterior. Estava enganado, era o seu desenho que Marie ao ver atirou pela janela. Quando Matheus e Valdroche viram do que se tratava aquele papel, Matheus começou a rir e Valdroche, enfurecido atacou o rapaz até que ele ficasse ferido deitado no chão. Quando Valdroche ia saindo, escutou uma voz gritando e o chamando de covarde, pois havia lutado com alguém que era bem mais fraco que ele. Era Marie, o que ela disse sobre sua forma física de certa forma o agradava, mas ela estava indignada com o que acabava de ver, tanto que foi pedir ajuda ao seu pai para socorrer Matheus que estava caído inconsciente. Valdroche temendo nunca mais ser aceito pela moça, ajudou no socorro, mas assim que Matheus abriu os olhos, foi embora. Quando voltou, encontrou Matheus sentado em uma poltrona entre Marie e sua mãe. Valdroche, muito esperto, aproveitou o momento

para pedir desculpas ao Matheus, que as aceitou. Feito isso, sugeriu a mãe de Marie que, como pedido de desculpas pela cena violenta a qual sua filha presenciara, lhes permitissem fazer um retrato dela. A velha achou melhor que os pintores retratassem sua filha, pois ela era bela e jovem.

Alguns dias depois, Valdroche e Matheus foram à casa de Marie fazer o retrato. Matheus era um pintor mediano e rapaz gentil, calado e educado. Já Valdroche era um excelente pintor, que poderia facilmente enriquecer com o seu talento, mas era uma péssima pessoa, tanto que não costumavam o querer por perto. Aquela série de visitas fez com que tanto Matheus quanto Valdroche ficassem íntimos da família. O pai de Marie era mais afeito ao Valdroche, pelo seu talento, já Marie e sua mãe conservavam carinho por Matheus e sua personalidade doce. Aquele tempo de convívio fez também com que Valdroche e Matheus se tornassem amigos. Valdroche aprendia como ser uma pessoa melhor com Matheus, que nunca esqueceu aquele bilhete que o seu amigo um dia jogou pela janela do quarto da moça.

Passado algum tempo, os amigos terminaram o retrato de Marie. A mãe da moça detestou o retrato feito por Valdroche, pois ele havia pintado a moça em uma cena do cotidiano, mal vestida e com os cabelos mal alisados. Valdroche era um excelente artista, seu retrato era belo e original, mas não agradou a mãe da moça, apenas o pai que conhecia mais sobre arte do que a mãe. Matheus fez um retrato simples alegre e colorido, retratando Marie com graça e leveza. Era bonito, porém repetitivo e sem novidade. Mas foi deste que a mãe da moça havia gostado, pois destacava as qualidades de sua filha. Naquele mesmo dia, o pai e a mãe de Marie conversavam sobre o casamento da moça. A mãe da menina dizia que, como era pobre, não desejava um homem rico para a sua filha, mas que fosse gentil e honrado. O pai de Marie entendeu na hora que a mãe da moça dava a entender que pretendia que a filha se casasse com Matheus. Mas antes gostaria de sondar os pensamentos da moça para saber a hipótese de casamento com Matheus era do agrado de Marie.

A mãe de Marie sondou Matheus e descobriu que o rapaz era apaixonado por sua filha. Sendo assim, o orientou a ser menos tímido e a ter mais opinião ao falar com o pai da moça, pois ele se agradava de um homem com mais atitude. No mesmo dia, o rapaz foi convidado para um jantar na casa daquela família. Matheus não podia acreditar que era mais querido por aquela família do que Valdroche, que, além de excelente pintor, era bonito. Matheus era tão inseguro que acho melhor aguardar uma demonstração mais viva dos sentimentos de Marie.

Valdroche não podia acreditar. Como ele era muito seguro, quis acreditar que embora os pais de Marie gostassem mais de Matheus, Marie gostava mais dele. Acreditando nisso se

dedicou mais de 4 horas ao retrato que tinha feito de Marie, confiando que o melhoraria e tornaria sua qualidade superior inquestionável.

O pai de Marie cometeu um equívoco, ao invés de convidar Matheus para o jantar, convidou a Valdroche. O jantar não correu bem, pois a mãe de Marie não queria a presença de Valdroche naquela mesa. Após o jantar, todos se surpreenderam, pois Valdroche fez alteração no retrato de Marie, e acreditava que estava mais bem acabado. Valdroche, muito seguro, resolveu perguntar a opinião de Matheus, que seguindo os conselhos da mãe de Marie, e em tom firme e seguro, fez várias críticas às técnicas utilizadas por Valdroche, o que chamou a atenção positivamente do pai da moça. Feita as críticas ao retrato de Valdroche, os homens saíram para fumar, deixando Marie com sua mãe para escolher qual retrato gostava mais. Os pais da moça haviam combinado que a moça se casaria com o autor do retrato que escolhesse.

Mãe e filha estavam sozinhas em casa, quando chegou o Sr. Alfredo, Marie correu feliz para recebê-lo e ele trouxe um presente para a moça, que ficou radiante de felicidade. Alfredo era filho do chefe do pai de Marie. Um homem rico e mais velho que Marie, aquela família nunca imaginou que pudesse existir um relacionamento diferente do que o de primos próximos entre os dois, pois cresceram juntos. No entanto, conforme a idade de Marie aumentava, parecia que a diferença de idade diminuía. Quando os que tinham saído para fumar retornaram, encontraram Alfredo, a mãe de Marie e Marie rindo e felizes. Valdroche e Matheus se retiraram, pois o assunto já não era compreensível aos pintores. Nenhum dos quadros foi escolhido, e era necessário começar de novo. Matheus aceitou o desafio e quis pintar cada vez mais e melhorar suas técnicas, e foi o que aconteceu. Já Valdroche não pode aceitar que não era tão bom quanto imaginava. Valdroche não sabia perder, sendo assim, mergulhou em uma profunda tristeza, parou de pintar e empobreceu. Enquanto isso Matheus recebia cada vez mais encomendas e obtinha sucesso na profissão. Modificaram-se os papéis.

Numa tarde, o magistrado que cuidava da carreira de Matheus foi visitar Valdroche. Chegando lá constatou que o rapaz estava mal, mas possuía talentos. O sentimento que nutria por Marie, ao invés de fazê-lo produzir mais, o paralisava. Diferentemente do que acontecia com Matheus, o que ele sentia por Marie o fazia pintar mais e melhorar. O magistrado constando isso e sondando Matheus sobre seus sentimentos por Marie, foi conversar com a família da moça. Na conversa, descobriu de forma inusitada que Marie amava Alfredo. Desta forma Alfredo achou melhor viajar e ficar longe por um ano, pois acreditava que assim os sentimentos de Marie se desembaralhariam. Alfredo partiu e Matheus continuou a visitar frequentemente a casa de Marie, e aos poucos Marie e Matheus foram se aproximando. O magistrado responsável por Matheus conversou com os pais da moça pedindo intervenção a

favor de Matheus. Os pais da moça concordaram, mas aos poucos, naturalmente, foram criando mais laços. Matheus recebeu um prêmio e precisava viajar para Roma, sendo assim, se afastaria de Marie por alguns meses.

Alfredo ainda viajava e trocava constantemente correspondências com Matheus. Nestas correspondências Matheus contava sobre seus avanços com a Marie, até que um dia Matheus escreveu a Alfredo contando que acreditara faltar pouco para que Marie pudesse se apaixonar por ele e assim casarem-se. Alfredo, assim que leu estas linhas não pode suportar e voltou. Ao retornar esteve com Marie e sua família. Matheus percebeu pelo tom da fala e pelos olhares que Alfredo e Marie trocavam que eles se amavam. Sendo assim, Matheus e seu espírito bondoso achou melhor partir, embora amasse Marie, não podia suportar que sua existência impedisse um grande amor de acontecer. Sendo assim foi embora, deixando o caminho livre e incentivando o amor de Marie e Alfredo que não acontecia por convenções sociais, pois além de Alfredo ser muito mais velho que Marie, eram de classes sociais diferentes, Marie não possuía berço, não possuía gosto refinado, era apenas a filha de um funcionário do seu pai.

Em *O pobre Matheus* temos duas personagens femininas, Marie e sua mãe. Marie é bela possui um coração bondoso e tem personalidade forte. Luta contra o que acha injusto, não teme a vontade dos outros e faz valer a sua voz. Sua mãe é uma boa mãe e esposa e, da mesma forma que a sua filha, não é submissa. Pensa com a sua própria cabeça e argumenta com a finalidade de alcançar seus interesses.

As personagens femininas nos romances de folhetim do *Jornal das Senhoras* são diferentes umas das outras, se igualando todas na existência de alguma virtude. Tais características apontam para a fuga da representação do imaginário que colocava a mulher engessada na imagem do bem ou do mal. Ou a mulher era doce, o anjo do lar, a que cuidava com zelo da casa, do marido e dos filhos ou a mulher, ou a mulher era a maledicência sedutora, que levava os homens a loucura.

Algo além do entretenimento se encontra presente nos romances de folhetim do *Jornal das senhoras*. Tais registros escritos possuíam um público leitor, que pagava para ter acesso aquela leitura, o que implicava na necessidade de agradar os consumidores, pois era graças a eles que o jornal era mantido, ou seja, a afinidade entre obra e leitor se fazia necessária. Se o autor daqueles romances escreve entusiasmado com a vida, se sua obra cativa o leitor, temos então nos romances a possibilidade de extrairmos indícios de um tempo vivido, de como era, se comportavam ou até pensavam as pessoas de uma determinada época.

## CONCLUSÃO

Roger Chartier, em abertura ao debate na conferência sobre Literatura e História no dia 5 de novembro de 1999, apresentou duas reflexões sobre a relação entre Literatura e História (CHARTIER, 1999). A primeira delas seria o fato de haver a aproximação em relação ao texto escrito. Para que consigamos diferenciar os textos, devemos romper com o hábito de enquadrar o texto em um gênero literário, uma característica de um tipo textual determinado. Desta forma, trata-se de tentar identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos.

Com isso viabiliza-se um possível reconhecimento das pluralidades de operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de sentido. Trata-se então de considerar o sentido dos textos como o resultado da amálgama formada entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social, como, porque e para que algo foi escrito.

Ou seja, a forma concreta, em um sentido material, de se fazer Literatura e História é através do texto. Sendo que o que motiva a execução de um e de outro, bem como o que se deseja que seja a sua atividade fim, são distintos. O que se deseja, ao fim do processo, quando a proposta é a Literatura é algo diferente do que se busca quando a proposta é a escrita da História, embora o veículo de materialização de ambas seja a linguagem, o que permite múltiplas interferências.

O autor traz ainda outra reflexão pertinente no que diz respeito à aproximação entre Literatura e História. Embora a finalidade do texto histórico seja diferente da finalidade do texto literário, em alguns textos literários há uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão. Neste caso, o que Roger Chartier (1999) propõe é que ocorre semelhança a forma textual da Literatura e da História. Não só na trajetória do discurso, mas também na finalidade dele, o que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, e desta forma, obrigam os historiadores a pensarem de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam, o que o autor chama de *instituição literária*. Havendo três noções que constituem tal instituição:

[...] em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a ideia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontra em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma

decifração do sentido. Mas é preciso ter distanciamento em relação a esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. E também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade. (CHARTIER, 1999, p. 198)

Deve-se notar as oposições que organizam a cultura escrita e que se referem à norma estética (imitação, invenção e inspiração), aos modos de transmissão dos textos (recitar, ler em voz alta, dizer para si mesmo), à identidade do destinatário, nos aproximando das diversas formas que regem a produção, a circulação e a apropriação dos textos, considerando como fundamentais suas variações segundo tempo e lugar.

Para além da questão da escrita, temos a questão da leitura, pois a leitura de um mesmo texto pode ser diferentemente compreendida por pessoas diferentes, ainda que o texto seja o mesmo. A questão do discurso da literatura não é somente o da historicização das categorias que consideramos universais, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que se refere à relação do leitor com o texto e a identidade do leitor (HANSEN, 1999, p. 197-216).

Todo texto possui um criador, e de alguma forma esta autoria se expressa no texto, de forma subjetiva ou psicológica do indivíduo que o produz; temos uma hipótese estética de leitura como prazer desinteressado, que se aplica a objetos verbais. O discurso que concebemos como literatura existe enquanto resultado prático que pressupõe sistemas de representação. Esses sistemas pressupõem códigos, uma codificação retórica, tópica, temas, regras, meios de circulação, condicionamentos materiais e institucionais, públicos etc.

Não é porque a História utiliza as figuras e formas narrativas da ficção que esta não se defina como um conhecimento, um saber, e é exatamente daí que surge a vinculação crítica possível em uma dimensão cívica.

Cada vez mais a utilização das fontes literárias vem se configurando como um dos novos desafios propostos pela historiografia recente. Testemunhos históricos “sofisticados”, as fontes literárias sugerem abordagens diversas sobre o passado.

Alavancados pelo apoio aos novos referenciais teóricos, a exemplo da Crítica Literária, a chamada Nova História Cultural se consolidou ampliando o universo de preocupação do historiador, sobretudo no que diz respeito aos fenômenos da linguagem. Indo além da análise que reduzia a cultura a reflexo na realidade social, tais profissionais passam a doar atenção aos significados atribuídos às práticas sociais, à sua condição de representação do real, formas de acesso ao vivido. Os documentos, destacadamente os textuais, tornam-se mais sofisticados, o que demanda novos esforços interpretativos.

Os documentos que descrevem ações simbólicas no passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los. Os historiadores sempre foram críticos com relação a seus documentos – e nisso residem os fundamentos do método histórico. (HUNT, 1992, p. 18).

O movimento em direção às questões da cultura e de seus múltiplos suportes e significados pôs abaixo qualquer possibilidade de hierarquização das fontes históricas. Se anteriormente as fontes literárias ocupavam lugar secundário, quase que ilustrativo na historiografia, agora elas passam a adquirir o estatuto de fontes primárias, autônomas, representações do passado que devem ser tratadas em sua especificidade. É devido a esta reconsideração das fontes e, em especial no nosso caso, o das fontes literárias, que Sandra Jatahy Pesavento (2002) afirmou que “a literatura não pode ser entendida como uma ‘fonte a mais’, mas justamente com a fonte que pode dar aquele ‘algo a mais’ que os documentos comumente usados pela história não oferecem” (PESAVENTO, 2002, p. 13). A fonte literária assume a categoria de registro específico capaz revelar outras maneiras de se relacionar com o real objetivo através da expressão estética. Sua ficcionalidade não é detratora de seu valor de testemunho, é condição mesma de obra literária, autoral, portadora de um discurso sobre o real, que permite ao historiador formular e responder questões importantes relativas ao passado sobre as quais as fontes tradicionais normalmente silenciam. Então, a ficção não é o irreal, mas uma forma de captação do real.

Nesse contexto, a utilização das fontes literárias, nos periódicos, demarca um novo campo de possibilidades para o historiador, que, por sua vez, passa a se questionar a respeito das condições históricas dadas e dos sentidos que envolveram a produção dos artefatos literários e sua circulação dentro da sociedade. Este olhar reconfigurado sobre o testemunho, coloca também em questão o lugar social do escritor e suas vinculações sociais. Os textos ficcionais passam a ser pensados como produtos de uma época, conectados por múltiplos pertencimentos, e que representam importantes testemunhos da sociedade, que se situam e se relacionam com o mundo intelectual de seu tempo.

Não se pretende com isso recusar a autonomia da Literatura e das linguagens artísticas de modo geral, enquanto expressões estéticas dotadas de poder para recriar livremente o real, afinal nisto reside sua essência. No entanto, o escritor é um sujeito histórico e seu ofício carrega inevitavelmente motivações que estão relacionadas à sociedade a que pertence. O lugar social é igualmente importante, pois a obra é produzida com determinados objetivos e tende a circular em um determinado meio, que é historicamente demarcado. Antonio Candido (1973, p. 22), defende que a arte é comunicação, muito mais que transmissão de noções e

conceitos. Não se trata de fazermos uma sociologia da arte, mas sim de atentarmos para sua íntima conexão com a sociedade em que é produzida. Não querendo propor um “determinismo artístico”, pois existe uma relação dialética entre arte e a sociedade, se por um lado a arte pode ser considerada expressão da sociedade, ou seja, condicionada em sua essência e forma pelas condições próprias da sociedade em que é produzida, por outro lado, é em certa medida interessada nas questões da sociedade que lhe circunda, pretendendo atuar nela mediante sua circulação.

Com isso, temos que a História Cultural surgiu como caminho para se contrapor à produção historiográfica tradicional que, segundo Roger Chartier (1994, p. 22), era até então composta por dois projetos: um que buscava o estudo das sociedades antigas ou contemporâneas a partir do paradigma estruturalista (HARTOG, 2011, p. 185-201), paradigma este que visava identificar as relações que comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais e estão presente nos discursos, muito embora estas relações estruturais ocorram de forma independente as percepções e das intenções dos indivíduos. O paradigma estruturalista buscava então formular rigorosamente as relações estruturais que eram objeto próprio da História. O historiador fazia a suposição de que o mundo social seria escrito “em linguagem matemática”, desta forma, os historiadores se dedicavam em estabelecer suas leis. É a partir desta mudança nos paradigmas de produção historiográfica, com a incorporação de novos elementos, principalmente os culturais, que Chartier (1994) destaca que nesta nova forma de fazer história está ancorada para além da diversidade dos objetos, dos territórios e dos costumes, sendo estes os mesmos princípios que sustentavam as ambições e as conquistas das outras ciências sociais.

Nos últimos dez anos foram essas certezas, longa e amplamente partilhadas, que foram abaladas. De um lado, sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. (CHARTIER, 1994, p. 98)

Chartier (1994) aponta para a necessidade do historiador de sair das prisões imperativas dos contextos econômicos e sociais ou socioculturais procurando a lógica específica de algumas manifestações populares. De acordo com Peter Burke,

A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de um tempo. [...] os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um



o texto ou a imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação. (BURKE, 2005, p.32 – 33)

As noções que se misturam mais frequentemente à de cultura para formar um panorama maior da História Cultural são as de linguagem, representações e de práticas (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação de uns com os outros, bem como na sua relação com o mundo, o que inclui em última instância tanto práticas discursivas como as não discursivas). Desta maneira, se evidencia o interesse da nova história cultural pelos sujeitos que são os produtores e receptores de cultura. O que, no nosso caso, é o de propor o uso da literatura como fonte, abarca tanto a função social daqueles que eram os profissionais da escrita, até o público que consumia o resultado final do ofício de escrever, ou, as massas capturadas modernamente pela chamada indústria cultural, buscando localizar os “encontros” entre as diferentes manifestações culturais.

Os historiadores da cultura tem afirmado que o chamado campo das representações pode englobar as representações produzidas no nível individual ou as representações coletivas. Os modos de pensar e de sentir, anteriormente chamado de mentalidades, alguns elementos que fazem parte do imaginário e, especialmente, os símbolos, que constituem um dos recursos mais importantes da comunicação humana.

Chartier (1994) trouxe a cultura para a discussão histórica, e com isso possibilitou o acesso a temas e características que passavam despercebidos ou eram até mesmo desprezados pela história oficial. A grande inovação trazida pela História Cultural é demonstrar que toda história, mesmo a menos narrativa de todas, mesmo aquela mais estrutural, sempre se constitui a partir de fórmulas que governam a produção de narrativas. Os historiadores lidam com questões como sociedade, classe, mentalidades etc. como se fossem quase que “personagens”. A História Cultural prioriza não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, mas também os mecanismos de recepção.

A tomada da análise cultural foi um sintoma de cansaço com uma história saturada de estruturas, hierarquias, sistemas, modelos e etc. que deixava de fora as minorias. Entender como os homens do passado se compreendiam, como eles se constituíam em sua totalidade e sua própria história tornou-se missão a partir de então para os historiadores, onde os objetos, antes inscritos e recortados de uma história social, fragmentam-se em um difuso território da indeterminação. Temos então que a história cultural se transformou em fronteira dos estudos históricos na atualidade, exatamente por não haver as exigências de outrora.

Neste diversificado universo, a literatura acabou se fixando como fonte rica e altamente produtiva, pois permitiu que a história adentrasse em um universo amplo e repleto

de significados e representações, novos caminhos para se pensar história, possibilitou o questionamento de verdades históricas pré-estabelecidas.

É importante ressaltar que a incorporação da literatura, principalmente a ficcional, não se deu de forma pacífica entre os pesquisadores de história, principalmente no que tange à validade histórica deste tipo de material como fonte. Antes de iniciarmos as considerações sobre a aceitação da literatura como fonte, faz-se necessário destacar que com todas as modificações ocorridas com a História Cultural. Os historiadores começaram a entender que, em História, o conceito de verdade deve ser utilizado no plural, pois não há uma única visão dos fatos ou dos objetos em análise, mas sim modos de ver, perspectivas que podem apontar para diferentes estilos e formas de percepção, e, o cruzamento entre literatura e história colabora na existência de um campo maior para se pensar a história e os vários elementos constituintes de sua representação.

Embora o processo da aceitação da literatura tenha sido lento, se compararmos com a aceitação de outros tipos de fontes, temos na literatura uma forte ligação com o espaço, o tempo, as condições sociais e culturais onde esta é produzida. Tanto obras produzidas com a clara intenção de captar as relações sociais de determinado espaço e tempo, quanto às obras com aspectos nitidamente de imaginação ou mais acentuadamente ficcionais, também manifestam o espírito de uma época, suas angústias, preocupações e etc.. Todas as obras, bem como toda produção literária, guardam ou mobilizam aspectos, característicos e relações socioculturais do universo em que é produzida.

Torna-se importante destacar o fato de ser a produção literária associada ao seu tempo. Reflete em suas narrativas angústias e sonhos de agentes sociais contemporâneos à criação e permite que elementos da ficção sejam mesclados aos elementos de uma possível realidade no momento da criação literária. As obras de ficção lidam com ações sonhadas, sentimentos compartilhados, com a intermediação entre o real e as aspirações coletivas. A obra literária é parte do mundo, das criações humanas e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social e, por isso, a obra literária é evidência histórica.

Desta forma a literatura passa a nos fornecer uma versão da realidade, que chega até nós por meio do registro de um observador privilegiado – o escritor ou o autor. Mesmo quando o autor não possui o objetivo claro de deixar este registro com sua obra, ele acaba por fazê-lo, pois fornece uma junção de elementos e características capazes de “dizer a história” (SEVCENKO, 2003).

Para Nicolau Sevcenko (2003), o estudo da literatura trouxe a possibilidade de análise do passado por meio da fala dos que não se destacavam socialmente. A narrativa literária dá

voz ao cotidiano não apenas dos vencedores, permitindo o conhecimento de uma realidade que não apenas aquela sacralizada pela história dos vencedores.

Para se tentar fazer uma leitura de fenômenos históricos a partir de sua representação ficcional, faz-se necessário compreender alguns pontos de distinção entre a história real e a ficção.

Podemos identificar que o homem do século XIX, com sua vontade de saber e sua busca pela ciência, pela verdade, aboliu dos estudos de história o recurso às técnicas ficcionais de representação, criando uma oposição básica entre a busca pelo fato em si e a rejeição de representações literárias tidas como fantasiosas, isto é, associadas à ilusão e à mentira. A partir de então, a ficção se tornou o oposto da verdade, o que é um obstáculo ao entendimento e uso das fontes literárias.

A Literatura, por pertencer ao campo das representações, exige do historiador uma dupla interpretação do encontro do mundo dos textos com o dos leitores, da produção da obra ao consumo da mesma. A literatura como fonte cumpre o seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma versão da verdade dos fatos, pois acreditamos que todo testemunho histórico, independentemente de ser um documento oficial ou uma obra de arte, traz significações que são entendidos uma vez que devidamente analisados em sua relação com o contexto histórico no qual o objeto foi produzido, revelando as lutas, apropriações e acomodações que a vitória de determinado projeto de cultura deixou cravada no interior de determinado grupo social.

Nesta perspectiva, o historiador que se debruce sobre a literatura como fonte constatará que a matéria social e histórica é a base central da produção ficcional. A tomada da verdade literária como fonte histórica se legitima no sentido de que a representação do imaginário coletivo é tão “real” quanto o fato em si.

Se por um lado a História e a Literatura se aproximam, pois ambas representam inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época, elas se diferenciam na medida em que a construção do passado pela história tem como base a busca da “verdade”, pelo real, pelo o que aconteceu, enquanto que a Literatura não possui esta preocupação. Ou seja, ambas são narrativas de eventos e ações, mas se diferenciam no modo como captam essa representação da realidade. Deste modo, devemos levar em conta que a fonte literária – assim como toda fonte histórica – possui especificidade e devemos interrogá-las devidamente, sob o risco de se comprometer o acesso a sua historicidade.

Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998) propuseram historicizar a obra literária, seja ela romance, conto, poesia ou crônica, inserindo-a no movimento da sociedade,

investigando suas redes de interlocução social, interpretando a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social.

Sobre esta linha de interlocução com a obra literária, o historiador francês Jacques Le Goff (1976) nos esclarece que é no cotidiano que se pode captar o modo de viver de uma época e os documentos literários e artísticos são fontes privilegiadas quando consideramos as fontes literárias como formas de representação da realidade, elas nos fornecem uma espécie de retrato representativo de um espaço-tempo que servirá como fonte privilegiada para a compreensão, análise e interpretação de determinada época.

Embora saibamos que os textos literários não despertam nos seus leitores a ilusão de verdade e transparência, acreditamos que neles estão contidas manifestações diversas de uma época. Carlo Ginzburg (2002), afirma que cada sociedade trabalha com signos, com princípios, comumente involuntários, que podem ser percebidos na convivência diária por seus contemporâneos. Estes signos se ocultam na maioria das vezes, mas podem ser percebidos por observadores perspicazes que, ao analisarem a produção artística da época estudada, podem perceber esses valores nas entrelinhas de suas produções, ou seja, ali estão os indícios de tempo vivido (GINZBURG, 2002). O exame de uma obra literária é uma tentativa de conhecer ou reconhecer como nossos antepassados pensavam ou sentiam, o que esperavam do mundo e da vida. O que nos permite uma maior aproximação com fragmentos do “real” sentido de determinada época, podendo, e devendo, ser utilizada pelos historiadores para que se possa ter acesso à visão de mundo, ao comportamento, aos costumes. Às dúvidas e certezas que emanam de suas páginas e das palavras dos personagens que povoam a nossa imaginação.

Quando se admite a obra literária como evidência histórica objetivamente determinada, ou seja, situada no processo histórico, se deve considerar que esta apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada. Não sendo o caráter ficcional da obra a questão central a ser observada, mas sim a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Cabe aos historiadores descobrir e detalhar as condições de produção de cada página de documento, sendo este um documento oficial ou não. É preciso buscar o sentido social do texto e, ponderar as características específicas da fonte literária, esclarecendo quais são suas características e como determinados autores concebem suas obras, buscando analisar e compreender o texto como um artefato social.

De fato, as obras literárias possuem vínculo estreito com a história, pois é dela de onde é tirada a matéria prima apropriada esteticamente, e embora a história trabalhe com evidências da realidade, a sua escrita não elimina um pouco da imaginação. E foi por isso que Hyden

White (1994) definiu história como “metáfora” ou “artefato verbal” produto de um tipo especial de linguagem. [Temos então que], é verdade que a produção historiográfica não pode abrir mão da imaginação, da subjetividade, assim como a narrativa ficcional não pode abrir mão de doses da relação com a realidade, pois é construída num espaço temporal que contamina a obra com aspectos biográficos, sociais e conjunturais. Ela recorre à história não na perspectiva de testemunho ocular ou repórter dos fatos, mas como intérprete, capaz de recriar poeticamente a realidade.

Por crer no conteúdo “real” intrínseco nos textos ficcionais, cabe ao historiador, ao se debruçar sobre este tipo de fonte, estudar a biografia do autor, as condições sociais e culturais que formam sua personalidade, as escolas e os movimentos literários ao qual pertenceu e o complexo ideológico em que viveu, visando compreender as perspectivas ideológicas de seus escritos.

Assim, temos na literatura uma fonte privilegiada, principalmente se considerarmos que ao se buscar as formas de representação de identidade social na literatura, devemos considerar que estas “imagens” não são o reflexo do “real”, nem a oposição dele, mas sim representações historicamente construídas que colocam em campo forças que se relacionam e definem o imaginário acerca do “real” como construção social.

A produção literária não é construída visando um fim previamente determinado, cuja escrita faça a sugestão de esquemas de interpretação e de apropriação do texto pelo leitor. Não devemos imaginar que os fatos são soltos e que basta catalogá-los para que a verdade se faça, indiscutível, diante de nós. É compromisso de o historiador buscar as diferentes representações que se podem encontrar sobre o real, pois os relatos não passam de versões sobre os fatos, já que sua descrição comumente envolve uma consequente e imediata interpretação, onde muitas vezes, nesta interpretação, estão embutidos preconceitos de classe, de raça ou gênero, até mesmo a linguagem utilizada para a descrição dos fatos é ideologicamente contaminada e politicamente comprometida.

As verdades se escondem debaixo das interpretações, e cabe ao historiador assumir a responsabilidade de escolher os vários enfoques que podem auxiliar no esclarecimento do processo histórico. E é neste momento, que se perde qualquer pretensão de imparcialidade. O que não significa equivaler a história a ficção. Significa tão somente entender que o produto final da produção de um historiador sobre determinado episódio, época, sujeito ou tema, é na verdade uma tentativa de aproximação à realidade que se faz com o auxílio de vários meios, dentre os quais, o narrativo.

Também não estamos buscando afirmar que todas as narrativas são idênticas. Algumas aproximações são mais significativas que outras, no entanto nenhuma esgota a realidade, são recortes, olhares de um observador sobre um determinado período.

Por fim, conclui-se que a narrativa histórica e narrativa literária cooperam questionando-se e iluminando-se reciprocamente, criando uma teia de informações onde os elementos, históricos e literários, reais ou fictícios, vividos pelos indivíduos, ou criados pela imaginação dos narradores, oferecem ao historiador interpretações e explicações sobre o social onde se inserem.

Sobre a relação entre Literatura e História, Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes (1989), como já apresentado, diz que,

Pode-se dizer que a história é tão necessária para uma completa apreciação literária, quanto a literatura para um completo conhecimento histórico, para sentir e julgar as relações humanas e sociais, as relações de classe, os costumes, os romances e novelas são instrumentos literários indispensáveis ao historiador. (BERNARDES, 1989, p. 43).

Ou seja, os romances nos oferecem algo além do entretenimento, pois nos dão indícios de tempo vivido, principalmente no caso dos folhetins, que como apresentado, carregam desde a sua criação a proposta de agradar ao público. Existia a possibilidade de o autor modificar a história, que ia sendo produzida ao longo das publicações de acordo com aceitação do público leitor.

No segundo capítulo deste trabalho nos dedicamos ao estudo do feminino enquanto categoria de análise, e refletimos sobre o feminino no século XIX. As reflexões, fruto do esforço investigativo presentes no segundo capítulo, podem ser observadas nos romances presentes no terceiro capítulo, ou seja, os romances ratificam o que afirmamos no capítulo anterior, pois as transformações sociais que o sexo feminino sofria ao século XIX, como a questão da liberdade, da educação feminina, do casamento etc. estão presentes nos romances apresentados no terceiro capítulo.

Temos que as personagens, em especial as femininas encontradas nos romances de folhetim do *Jornal das Senhoras*, agradavam aos membros daquela sociedade, o que nos permite supor indícios de um possível perfil feminino comum, aceito ou desejado para o público consumidor de tais romances. Quando as personagens fugiam de alguma forma ao gosto, observações e notas eram feitas de modo que ficasse claro a não aceitação por parte das redatoras no que dizia respeito a algum comportamento ou fala de personagens, demarcando assim uma postura claramente editorial e não ficcional frente às concepções de moral

feminina. Como podemos observar na nota de rodapé presente no romance *A rosa do sepulcro* em 03 de setembro de 1854, onde se lê; “Não admitimos a absoluta opinião que forma da mulher este personagem do romance” (JORNAL DAS SENHORAS, 03 de setembro de 1854, p. 284). Esta nota marca que havia uma opinião sobre a mulher, e que a fala daquela personagem destoava da opinião das redatoras e conseqüentemente das leitoras do *Jornal das Senhoras*.

Nos dias 08 e 26 de maio de 1853, ao apresentar o romance *A Dama das Camélias*, a redação do *Jornal das Senhoras* demarcou novamente que adaptações eram necessárias, pois a tradução ao pé da letra daquele romance, não lhes parecia apropriada.

Mas aonde nos leva a pena? Não é o elogio da biblio [*sic*], não são belas frases sobre o amor materno que intentamos escrever; queremos, leitora benévola, contar-vos uma história, que achamos em um livreto que nos veio ás mãos. Traduziremos, que nada há de melhor, porque nada há que dê menos trabalho: traduziremos, mas com a liberdade de que usamos, iremos cortando no original o que nos parecer inútil, desenvolvendo o que julgamos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos, que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado. (JORNAL DAS SENHORAS, 08 de maio de 1853, p. 149).

Por vezes trepidamos em dar publicidade á este romance na língua vernácula, porque, sendo a obra escrita dissolutamente, nos pareceu que a sua versão transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos, que saem a lume nesse jornal mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do JORNAL DAS SENHORAS.

Concluimos agradecendo ao tradutor incógnito o valioso presente que nos fez, e recomendando a todos a leitura desta história verdadeira e contemporânea, cuja versão se não é servil, se não traduz palavra por palavra, dificilmente se encontrará no original uma ideia, um pensamento, que no português não tenham a frase equivalente. (JORNAL DAS SENHORAS, 26 de maio de 1853, p. 210 – 211).

A seleção de um determinado romance para fazer parte do corpo de um periódico que se propõe defender uma ideia sobre o feminino demarca um discurso sobre o próprio papel do feminino. Diz-nos sobre o que seria bem aceito na sociedade, pois o jornal precisava ser comprado, precisava ter um público leitor fiel e se este público não concordasse com as representações do feminino presente nos romances de folhetim e com os discursos sobre o feminino presente nas colunas das colaboradoras, o jornal acabaria sem leitor e fracassaria.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRANTES, Elizabeth Souza. *A educação do “belo sexo” em São Luís na segunda metade do século XIX*. 2002, 113f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. IV, v. 85, p. 73, 1965.  
Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_085\\_1965.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_085_1965.pdf)>.  
Acesso em: 30 ago. 2013.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROSO, Liberado. *A Instrução Pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1867.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BERLIN, Isaiah. *O sentido da realidade: estudo das ideias e de sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *O Jornal das Senhoras de 1852 a 1855*. Acervo da seção de obras raras.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BUITONI, Dulcília Schoeder. *Imprensa Feminina*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Mulher de Papel*. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *Mulher de Papel*. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

\_\_\_\_\_. (1951). "The Brazilian family". In: SMITH, T. Lynn & MARCHANT, Alexander (Orgs.). *Brazil: portrait of half a continent*. Nova York: The Dryden Press, 1957.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: CEN, 1976.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger e HANSEN, J. A. Literatura e História. *Revista Topoi*, São Paulo, n.1, p. 197 – 216, 1999.

Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi01/01\\_debate01.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2013.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universidade / UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/revista>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Representação. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.5 n. 11, 1991.

CHIARINI, Ana Maria; PALMA, Ana; TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi (Orgs.). *O Romantismo europeu: antologia bilíngue*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CORRÊA, Mariza *et al.* *Colcha de Retalhos: estudo sobre a família no Brasil*. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

COULANGES, Fustel de. La monarchie franque. Paris: Hachette, 1875-89 apud LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. Direção de Ruggiero de Romano. Enciclopédia Einaudi. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151 – 172, set./dez. 2003.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, Antonio Celso. História e literatura: fronteiras móveis, desafios disciplinares. *Pós - História*, Assis, n. 04, p. 27, 1996.

FONSECA, Gondin da. *Bibliografia do jornalismo carioca (1808 – 1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

FRAGONARD, Jean-Honoré. *Jovem leitora* (1776). Notas sobre leitura. 18 maio 2012.

FRANÇA, Lincoln Menezes de. Hegel, o movimento especulativo do espírito e a história. *Simbio-Logias*, v.3, n. 5, p. 75 – 89, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL/MEC, 1980.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mocambos*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GONÇALVES, M. A.. *Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro*. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo Henrique (Orgs.). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 2, p. 465-514. Coleção Brasil Imperial.

GONDRA, Jose Gonçalves. *Educação poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GRAMSCI, Antonio. Derivações culturais do romance folhetim. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e vida nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n. 1. 1988. p. 5-27.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUILLEN, I. C. M. *O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu*. In: BURITY, J.A. (Org.). *Cultura e identidade: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.105-124.

GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HAHNER, June. *Pobreza e Política*. Os pobres urbanos no Brasil: 1870-1920. Brasília: Ed.UNB, 1989.

HARTOG, François. *O Olhar distanciado*. In: \_\_\_\_\_. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 185 – 201.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830). A filosofia do espírito. Tradução de Paulo Meneses e José Machado (colaboração). São Paulo: Loyola. 1995. V. 3.

HUNT, Lynn. *História, Cultura e Texto*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 1-29.

LE GOFF, Jacques. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. Documento/Monumento. *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros, Direção de Ruggiero Romano. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984, p. 545. v. 1.

Lei n° 1331-A, de 17 de fevereiro de 1854. *Regulamento da Instrução Primária e Secundária da Corte*. Relatório do Ministro do Império, 1854. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em 10 ago. 2014.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A Condição Feminina do Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984.

LOURO, Guaciara Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. p. 443-481.

LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B., BACELAR, Carlos e GRESPAN, Jorge. (Orgs.). *Fontes históricas*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência brasileira (1855-1877)*. São Paulo: Cultrix, 1977. 3 v.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MICHELET, La Sorcière. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a História*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 9 - 54.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

\_\_\_\_\_. *Feminismo e Literatura ou quando a mulher começou a falar*. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *História e Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 13.

PLET - DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l'histoire des intellectuels: les revues. Paris: Cahiers de l'Institut d'histoire du temps present, 1992. p. 126. apud. LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B., BACELAR, Carlos e GRESPAN, Jorge. (Orgs.). *Fontes históricas*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

PRADO JÚNIO, Caio. *Evolução política do Brasil : e outros estudos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.

QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUANET, Maria Helena. *Nacionalismo*. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Ed UERJ. 1999. p. 9-30.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHUMA, Schumacher; BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter.(Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance - folhetim brasileiro*. Brasília: Editora UNB, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1870, p. 110. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=PyxJAAAACAAJ&pg=PA110&dq=Demetrio+Acacio+fernandes+da+Cruz&hl=ptBR&sa=X&ei=r2STVJvwO\\_LjsAT82YLwDg&ved=0CCoQ6AEwAg#v=onepage&q=Demetrio%20Acacio%20fernandes%20da%20Cruz&f=false](https://books.google.com.br/books?id=PyxJAAAACAAJ&pg=PA110&dq=Demetrio+Acacio+fernandes+da+Cruz&hl=ptBR&sa=X&ei=r2STVJvwO_LjsAT82YLwDg&ved=0CCoQ6AEwAg#v=onepage&q=Demetrio%20Acacio%20fernandes%20da%20Cruz&f=false)>. Acesso em: 20 set. 2014.

SIRINELLI, J. F. *Os Intelectuais*. In: Remond, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: FLAMARION, C.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História: Ensaio de teorias e metodologias*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

SOHIET, Rachel. Gênero. Contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas. Desafios às Ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro*. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Memorial, 1994. v. 2.

TELLES, Norma. *Encantações: Escritores, imaginação literária no Brasil, século XIX*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: Mary Del Priori (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto. 2009. p. 410 – 415.

VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivete Maria. A imprensa feminina. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 89-102, jan./dez. 2006.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1978>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

**APÊNDICE A – Lista dos Folhetins**

Romance 1 – <i>Los Mystérios Del Plata</i> .....	141
Romance 2 – <i>O Protetor</i> .....	149
Romance 3 – <i>A Dama das Camélias</i> .....	152
Romance 4 – <i>A louca</i> .....	158
Romance 5 – <i>A Confissão de uma Suicida</i> .....	159
Romance 6 – <i>Uma só paixão e dois casamentos por amor</i> .....	161
Romance 7 – <i>Um amor de mulher</i> .....	162
Romance 8 – <i>A rosa do sepulcro</i> .....	170
Romance 9 – <i>A jarra quebrada</i> .....	172
Romance 10 – <i>A desditosa</i> .....	167
Romance 11 – <i>Jarilla</i> .....	172
Romance 12 – <i>O condescendente</i> .....	177
Romance 13 – <i>Um suicídio por amor</i> .....	179
Romance 14 – <i>Promessa cumprida ou sonho realizado</i> .....	180
Romance 15 – <i>O pobre Matheus</i> .....	182

## APÊNDICE B – Dia a dia do Jornal das Senhoras

<b>Janeiro 1852<sup>37,38</sup></b>		
01/01	Poesias	O pranto da donzela (viuvez)
	Artigos	Aí vou eu (Modas); Modas; A Mulher; Teatros (crítica)
	Romances	Introdução Mistérios Del Plata
	Cartas	As nossas assinantes; O vosso convite (sobre a coluna de modas)
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores <sup>39</sup>	Joanna Paula Manso de Noronha
	Outros	Anúncio
11/01	Poesias	Ultimo dia do ano
	Artigos	Modas; Ao passado e ao presente; Quem eu sou e os meus propósitos; Emancipação moral da mulher; Teatros (crítica)
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	A.; Joanna Paula Manso de Noronha; J. P.
	Outros	-
18/01	Poesias	Meu retrato
	Artigos	Modas; Os reis (sobre o dia de reis); Belas – Artes (crítica); Teatros (critica)
	Romances	Mistérios Del Plata;
	Cartas	As nossas assinantes;
	Partituras	Modinha Brasileira;

<sup>37</sup> Pela Tipografia Parisiense. Rua Nova do Ouvidor, n.20.

<sup>38</sup> Valor da Assinatura por trimestre, 3U000 rs na Corte e 4U000 rs para as províncias.

<sup>39</sup> Mencionaremos apenas as assinaturas presentes ao final dos textos, tal como aparecem.

	Estampas	-
	Autores	R.
	Outros	Anúncio
25/01	Poesias	Lágrimas de amor.
	Artigos	Modas; Declaração sobre as minhas ideias de emancipação moral da mulher; Estudo sobre educação; Teatros.
	Romances	Mistérios Del Plata;
	Cartas	-
	Partituras	Romance para piano
	Estampas	-
	Autores	C.
	Outros	Solilóquio à sombra de uma jabuticabeira.

<b><u>Fevereiro 1852</u></b>		
01/02	Poesias	A minha flor
	Artigos	Modas; Teatros (critica)
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Traje feminino
	Autores	Emilia; Elisa
	Outros	Um episódio em Abril de 1850 no Rio de Janeiro
08/02	Poesias	Então me quer?
	Artigos	Modas
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	Carta resposta ao O Homem; Correspondência de uma assinante; Carta para a redatora
	Partituras	-
	Estampas	-



	Autores	Lina; Franeina.
	Outros	A linguagem das flores; Pensamentos; As semanas (crônica); Post-Escriptum (transcrição de artigo publicado no <i>Jardim das Damas</i> - Pernambuco); Anúncio.
15/02	Poesias	Uma manhã no Cosme Velho; Paródia; O. D. C.
	Artigos	Modas; Estudos sobre educação; Estudo
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Souvenir
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Anália
	Outros	A Semana (crônica); Linguagem das Flores; Um jantar de anos (crônica); Anúncio
22/02	Poesias	Gloza; Canção de amor
	Artigos	Modas
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Lundu para piano
	Estampas	-
	Autores	Estrella; S.; A.
	Outros	Linguagem das Flores; Crônica dos salões
29/02	Poesias	Esperança
	Artigos	Estudos sobre a educação das meninas
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	E.; S. Guimarães

	Outros	A piedade; Bailes do carnaval; Recordações de Viagem (Cuba) <sup>40</sup> ; Anúncio
--	--------	---

<b><u>Março 1852<sup>41</sup></u></b>		
07/03	Poesias	A Mulher;
	Artigos	Modas; Estudos;
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestido
	Autores	Padre J. C. Fernandes Pinheiro; Christina
	Outros	Oração da tarde; Um diálogo doméstico (crônica); Utilidade pública (problemas no bairro do Catete RJ)
14/03	Poesias	Ode ao feliz aniversário de S. M. A Imperatriz; Soneto; Ao dia 14 de março de 1852; Ao fausto natalício de sua Majestade A Imperatriz
	Artigos	-
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Hino dedicado a S. M A Imperatriz do Brasil
	Estampas	-
	Autores	Antonia; Emila C. F. L.; Amélia F. C. T.; Amália C. T. C.
	Outros	Dedicatória comemorativa pelo aniversário da Imperatriz do Brasil; Hino ao fausto dia 14 de março de 1852: aniversário natalício de S. M. A Imperatriz do Brasil; Linguagem das Flores; Pensamentos

<sup>40</sup> Coluna não assinada. Tratam-se de recordações de viagens retiradas do diário da própria autora da coluna. Supomos serem recordações de viagens de Joanna Paula Manso de Noronha.

<sup>41</sup> Pela Tipografia de Santos e Silva Junior. Rua da Carioca nº 32.

21/03	Poesias	A flor do cemitério; Mote
	Artigos	Modas
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	Joanna Paula Manso de Noronha escreve ao governo argentino enviando ao Sr. Dr. Dom Valentim Alsina exemplar do Jornal das Senhora e comunicando que neste, segue o romance histórico Mistérios Del Plata, que trata da ditadura Rosas e da luta Pelo Sr. Dr. Dom Valentim, que é personagem do romance, enfrentada.
	Partituras	-
	Estampas	Modelos de paletós e corpetes femininos
	Autores	Joanna Paula Manso de Noronha; E.; Amélia; Estrella
	Outros	Visita da redatora á Imperial Quinta da Bia Vista; Necessidade da oração; A maledicência; Linguagem das Flores; Anedota; Pensamentos; Crônica Teatral; Baile dos empregados públicos, Anúncio
27/03	Poesias	Hino a Santa Virgem
	Artigos	Modas; As modinhas brasileiras (critica musical); Teatro Provisório
	Romances	Mistérios del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Romance
	Autores	Christina; Estrella; Cleomenenes Messeide
	Outros	Crônicas dos Salões; Recordações de Viagem (Cuba); Linguagem das Flores; Comunicado

<b><u>Abril 1852</u></b>		
04/04	Poesias	A uma jovem paulistana
	Artigos	Modas; Asilo de Santa Teresa (sobre a construção de um asilo para órfãos em Santa Teresa – RJ)
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	As nossas assinantes (dificuldades de ser jornalista)
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de baile
	Autores	Adelaide; Salomon;
	Outros	Amor e a ortografia: episódio doméstico (escrito em Itaguaí em 1827, sobre a importância da leitura); Diário de viagem (Pensilvânia, EUA); Destes há muitos (sobre viagem à França)
11/04	Poesias	Aos meus anos
	Artigos	-
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Sem palavras (Romance para Piano)
	Estampas	-
	Autores	Candilia; A. J. P. C. (12/01/1852, Ilha das Cobras); Bellona
	Outros	Palavras de um pároco a uma noiva; A tarde (pensamentos); Crônica da Semana
18/04	Poesias	Uma jovem mãe
	Artigos	-
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Schottisch
	Estampas	-
	Autores	P. de L.; Bellona
	Outros	Tributo de amizade (Morte de E... – D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo); Pensamentos; A pobre moça (estória); Meu primo em apuros (estória); Crônica da Semana

25/04	Poesias	Dedicado ao I. P. C. F.; Á Exma. Sra. A. M. S. B.
	Artigos	Modas; Estudos;
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Traje para senhora andar em casa
	Autores	Christina; A...; Salomon; Bellona
	Outros	Pensamentos; Crônica da Semana

<b><u>Maio 1852</u></b>		
02/05	Poesias	-
	Artigos	Modas; As irmãs do sacramento (instrução de meninas pobres)
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilette para grande baile <sup>42</sup>
	Autores	Christina;
	Outros	Recordações de viagem (penitenciária na Filadélfia, EUA); Linguagem das Flores; Inconveniente no ônibus; Anedota; Uma passagem (retirada do periódico <i>Illustration</i> em 17/01/1952)
09/05	Poesias	Queixumes do nauta; Meus queixumes; Se eu morresse amanhã
	Artigos	Lição; Fisionomias
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	Il sospiro ( cansoneta italiana)
	Estampas	-

<sup>42</sup> Os toilettes são trajes completos, incluindo cabelos e sapatos. “Para sair os estar em casa, chama-se *toilette* ao traje completo de uma senhora, desde que ela deixa o seu vestuário de quarto , e prepara-se com mais cuidado e esmero. Por isso é bem conhecida e a frase e hoje está em voga – V. Ex. está com um lindíssimo toilette. É ao todo por tanto a que se chama toilette, e não a uma só parte do vestuário.” (JORNAL DAS SENHORAS, 28 novembro de 1852, p. 178).

	Autores	Solomon; C.; Bellona; Manoel Antonio Álvares de Azevedo
	Outros	Uma por outra (anedota); Crônica dos Salões (Sobre a morte de Manoel Antonio Álvares de Azevedo, que deixa sua mãe, leitora do Jornal das Senhoras, D. Maria Luiza de Azevedo e sobre a morte do filho da Exm <sup>a</sup> Viscondessa de Olinda);
16/05	Poesias	-
	Artigos	-
	Romances	-
	Cartas	Carta N. 1 (em resposta a carta enviada);
	Partituras	Barqueiro
	Estampas	-
	Autores	Conde de Mello; Bellona; A. P. da Costa Jubim
	Outros	Um contratempo (estória); Canção a minha aldeia; Crônica da Semana
23/05	Poesias	Descrença; Epigrama a um homem disforme; Epitáfio, Madrigal (traduzido do Italiano) <sup>43</sup>
	Artigos	Modas;
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordado
	Autores	Q. E. O.; A. Augusto de Oliveira; A.; C. Lit.; A.P.
	Outros	As paixões (extraído do diário de um ancião); Pensamentos; Uma louvável conciliação (estória); Modo de governar os homens (ensaio econômico)
30/05	Poesias	Morena e linda
	Artigos	-
	Romances	Mistérios Del Plata

<sup>43</sup> A obra original e o tradutor não são citados.

Cartas	-
Partituras	As lágrimas da amizade
Estampas	-
Autores	Escolástica; P. de L.; Salomon; L de B; Bellona
Outros	Um noivo achado dentro de uma cabeleira (fato verídico em 1786); O duelo das damas (estória); Ditos espirituosos de Fontenelle; Crônica da Semana; Charada

<b><u>Junho 1852</u></b>		
06/06	Poesias	A menina vaidosa;
	Artigos	Modas;
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	Bellona escreveu na Crônica da Semana sobre uma carta em papel cetim, com brasões das armas que recebeu.
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Christina; Panorama; Paula de L.
	Outros	O duelo das damas (estória); Crônica da Semana
13/06	Poesias	Suplica; As trigueirinhas; As senhoras velhas; Meus estudos sobre o caráter e disposições dos magricelas; Minhas observações a respeito dos homens gordos;
	Artigos	Prelúdio (sobre o dia de Santo Antonio); Fé de ofício do glorioso Santo Antonio; Resumo do que disse Lavater e Rousseau sobre as fisionomias e caracteres das mulheres
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilette de noiva
	Autores	Antonio Pinto L...; F.; E. L.; Clarisse
	Outros	Lundu das Moças (cantado a Santo Antonio); Com Licença (ensinando a fazer sonetos, incluindo um mapa para fazer

		sonetos)
20/06	Poesias	-
	Artigos	Lundum das Beatas (sobre beatas e Santo Antonio); Achar um marido num ovo
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	Tributo de afetuosa estima (brincadeira com versos e cartões)
	Partituras	Lumdum das Beatas
	Estampas	-
	Autores	Emilia Constança Ferreira de L.; J. P. Bellona;
	Outros	Achar marido num ovo (estória); Crônica da Semana; Retificação (correção na publicação da Suplica de santo Antonio, publicada no dia 13/06/1852)
27/06 <sup>4445</sup>	Poesias	Versos (na coluna de modas); Contemplei-a e sumiu-se
	Artigos	Modas;
	Romances	Mistérios Del Plata
	Cartas	Carta de Franklin (não foi endereçada ao Jornal das Senhoras, foi nele publicada por seu conteúdo interessante)
	Partituras	-
	Estampas	Saídas de baile (mantas)
	Autores	L. C. A. Junior; (estória); L de B; Salomon, Constança
	Outros	A florinha da fonte; Charada; Pensamentos; Variedades; Uma resposta ao pé da letra; De um Lorde Inglês

<sup>44</sup> O preço da assinatura por semestre passa a ser 6\$000 para a Corte e 7\$000 para as províncias.

<sup>45</sup> A partir deste número e pela primeira vez no Rio de Janeiro, as partituras passaram a ser publicadas em tipos tipográficos.



<b><u>Julho 1852</u></b>		
04/07 <sup>46</sup>	Poesias	Amor eterno;
	Artigos	Modas; descrição da estampa; A poesia
	Romances	Misterios Del Plata
	Cartas	Carta às assinantes comunicando a saída de Joanna Paula da redação e o nome da nova redatora, Violante Atabalipa.
	Partituras	-
	Estampas	Toilette para jantar ou teatro e outro de baile
	Autores	Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco; Christina; E.; F. C. do Amaral; L de B;
	Outros	O manacá; Um pensamento de mãe; Linguagem das flores; Que desapontamento; Aos críticos; Nota de Joanna Paula sobre o seu romance.
11/07	Poesias	-
	Artigos	Modas; Descrição da estampa
	Romances	-
	Cartas	Carta da redação do Jornal das Senhoras solicitando aos correspondentes que indiquem endereço para resposta.
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes para passeio
	Autores	Bellona; Christina; D. J... B...;
	Outros	A verdade e a mentira (novela moral); Uma flor caída; Crônica dos salões
18/07	Poesias	
	Artigos	Os prazeres e vantagens da religião e o Sacerdote (atendendo aos pedidos do Exm. Bispo, extraído de um discurso inglês, traduzido pela redatora em chefe do Jornal das Senhoras); sacerdote; vestido moral das mulheres segundo as cores; Modas;

<sup>46</sup> Joanna Paula Manso de Noronha deixa a redação do Jornal das Senhoras e Violante Atabaliba Ximenes de Bivar e Vellasco assume. Violante é filha do conselheiro Bivar.

	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes para passeio e outro para teatro ou jantar
	Autores	Violante Atabaliba Ximenes de Bivar e Vellasco; D. J... B...
	Outros	Linguagem das flores; A verdade e a mentira (novela moral)
25/07	Poesias	Hino à tarde; Uma linda menina chamada Rosa
	Artigos	O Jornal da Senhoras (intenções)
	Romances	-
	Cartas	Carta do poeta Salomon ao Jornal das Senhoras
	Partituras	Lira do Jornal das Senhoras
	Estampas	-
	Autores	Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; Maria Clementina da Cruz (moça de 15 anos que escreve de Pernambuco); Heloiza; H. C. Stockmeyer (musico)
	Outros	Fragmentos (E L'abbé Constant quem fala a respeito da mulher); (texto sem título sobre amor e ciúme); A esperança; Variedades (extraído, não diz de onde); Crônica da Quinzena <sup>47</sup>

<b><u>Agosto 1852</u></b>		
01/08	Poesias	A muda;
	Artigos	Modas (defesa da acusação da linguagem do jornal não ser de mulher); Descrição da estampa; A Mulher é verdadeiramente filha de Deus; Sentimento religioso
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes de baile
	Autores	Christina; L'abbé Constant; R. em C.; N.; Philadelpho A. Ferreira

<sup>47</sup> A Crônica da Semana, escrita por Bellona, passa a ser a crônica da Quinzena.

		Lima;
	Outros	Um lisonjeiro de salão (estória); A virgem de Van Dick (tradução do francês pela redatora)
08/08	Poesias	A virgem
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A mulher é duas vezes nossa mãe; O amor materno;
	Romances	-
	Cartas	Agradecimento por carta recebida, por não haver autorização, não foi publicada
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes de passeio, outro de baile e outro para meninas pequenas
	Autores	L'abbé Constant; D. C. H. P.; Bellona
	Outros	Lenda da floresta negra; Crônica da quinzena; Anedota verdadeira
15/08	Poesias	O canto do índio; No álbum as Exm. Sra. D. L. E. Nascente
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Digno ato religioso; Devotamente sem limites da mulher; Magnetismo (cura por magnetismo, feita pelo Sr. José Hilário Coelho Teixeira de Miranda)
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes de receber visita em casa e outro de passeio em tempo chuvoso
	Autores	Christina; Lacreteille; M. G. da Rosa
	Outros	A vocação de santa Odila (estória); O sino (estória)
22/08	Poesias	-
	Artigos	Modas; Descrição da estampa
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilette de passeio de campo

	Autores	Christina, Salomon; Bellona
	Outros	O sino (estória); Karolina (novela polaca); Crônica da quinzena
29/08	Poesias	Quando eu gosto de cantar; Despedida de D. Maria de Sousa a seus dois filhos menores
	Artigos	Artigo II
	Romances	-
	Cartas	Educação moral (carta de B. Franklin a John Alleyne, sobre os casamentos prematuros)
	Partituras	Lágrimas da Saudade (valsa)
	Estampas	-
	Autores	D. Maria Clementina da Cruz; Sainte – Beuve; Philadelphia A. Ferreira Lima; José Fachinetti (musico)
	Outros	Madame Rosina Stoltz, em seu benefício na noite de 23 de agosto de 1852; Karolina (novela polaca); noticias da surda e muda que toca piano

<b><u>Setembro 1852</u></b>		
05/09	Poesias	-
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A Mulher perante Deus; crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de passeio e outro de receber em casa
	Autores	Christina; Bellona
	Outros	O cavaleiro branco (lenda irlandesa)
12/09	Poesias	O cego de nascimento;
	Artigos	Modas (para crianças); Descrição da Estampa; A Mulher perante Deus
	Romances	-
	Cartas	Carta relatando como um gago foi curado

	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de passeio para adulto, um para uma menina de 12 anos e outro para receber em casa ou passeio no jardim para adulto
	Autores	Christina; Philadelpho A. Ferreira Lima
	Outros	O cavaleiro branco (lenda irlandesa); Anúncio de exposição de trabalhos de linha realizados pelas alunas da sociedade Amante da Instrução; anuncio do asilo de mendicidade; retificação ao número anterior
19/09	Poesias	Coro; O sorriso; A Emilia; Logogrifo; Conceito
	Artigos	A Mulher perante Deus e o mundo; A origem das carruagens; O dia 7 de setembro e a sociedade harmonia niteroiense (transcrito do diário do Rio); Belas artes; A amizade inútil (tradução); Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de receber em casa e outro de visita de campo
	Autores	Solomon; D. Adelaide P. de L
	Outros	-
26/09	Poesias	A Modéstia
	Artigos	Modas; A Mulher perante Deus e o mundo
	Romances	O Protetor
	Cartas	-
	Partituras	As duas irmãs (schottisch)
	Estampas	-
	Autores	Christina. S...; C. de J; H. C. Stockmeyer (músico)
	Outros	Anedotas; Maneira de conservar no mar a água sempre pura

<b><u>Outubro 1852</u></b>		
03/10	Poesias	Os remorsos;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A Mulher perante Deus e o mundo; Baile do cassino médico; Crônica da quinzena
	Romances	O protetor
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de Senhora e dois meninos
	Autores	Christina; F...; Philadelpho A. Ferreira Lima; Bellona
	Outros	Sobre a morte de Sra. D. Clara Gailard Costa Freire (esposa do Dr. Joaquim da Costa Freire)
10/10	Poesias	Lira a virgem mendicante
	Artigos	A Mulher perante Deus e o mundo; Higiene pública (artigo retirado do Diário do Rio <sup>48</sup> sobre a doença raiva e método de cura)
	Romances	O protetor <sup>49</sup>
	Cartas	Às assinantes
	Partituras	Schottisch
	Estampas	-
	Autores	A.; C. A. de Sá.; Stokmeyer Jr. (musico)
	Outros	Um passarinho mimoso (história)
17/10	Poesias	O bardo; Logogrifo
	Artigos	Modas; Descrição das estampa; As simpatias (fragmento de um álbum); crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de amazona

<sup>48</sup> Não há referência quanto a data onde é possível encontrar o referido artigo no Diário do Rio.

<sup>49</sup> Trata-se de um romance traduzido, no entanto não são mencionados o autor e de qual idioma foi feita a tradução.

	Autores	Christina. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar; Viscondessa de...; Bellona; Adelaide P. de L.
	Outros	Karolina (novela polaca)
24/10	Poesias	Será romântica?
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Emancipação moral da mulher (em resposta a coluna do periódico <i>Novo correio de modas</i> ); A mulher perante Deus e o mundo
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile no campo e outro de passeio
	Autores	Christina; Joanna Paula Manso de Noronha; L. C. d'A ; S...;
	Outros	Karolina (novela polaca); As irmãs de caridade (estória); Anuncio de concerto do Sr. Stokmeyer no teatro de São Januário

<b><u>Novembro 1852</u></b>		
07/11	Poesias	Elegia
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Artigo I; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	-
	Estampas	Dois figurinos de passeio
	Autores	Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; Christina; Ninguém; J.P; D. Maria F. de Barbosa; Bellona
	Outros	Vozes intimas (meditação do dia de finados); Karolina (novela polaca); Anuncio de concerto no teatro S. Pedro de Alcântara, da orquestra do Teatro Provisório e da peça teatral Capuletti e Montecchi
14/11	Poesias	Dionizia;

	Artigos	Emancipação moral da mulher; As irmãs de caridade; Crônica da quinzena; Modas
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois toilettes de passeio
	Autores	Ninguém; Viscondessa de...; Salomon; Bellona; Christina
	Outros	Karolina (novela polaca); Natalia Narishkinn (estória)
21/11	Poesias	Só
	Artigos	Modas; descrição da estampa; A mulher perante a lei
	Romances	-
	Cartas	Joanna Paula Manso de Noronha escreve dando notícias; Carta do Dr. Alsina (Argentina)
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de passeio e outro de ficar em casa
	Autores	Christina; Joanna Paula Manso de Noronha; Valentin Alsina; J.P
	Outros	Natalia Narishkinn (estória); Karolina; Anuncio do periódico <i>O Jardim Poetico</i>
28/ 11	Poesias	A Lua; No álbum de uma Yáyá
	Artigos	Descrição do reino do amor; Itinerário do reino do amor; crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	A estrella da minha vida (modinha)
	Estampas	-
	Autores	***; Philadelpho Augusto ferreira Lima; Salomon; R.M.; Bellona
	Outros	Karolina (novela polaca); Um retrato; Natalia Narishkinn (estória); Pedido de desculpas da redação por não ter dado os cumprimentos ao periódico <i>O Curupira</i> ; Errata



<b><u>Dezembro 1852</u></b>		
05/12	Poesias	A sentida morte da Ilm. <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> D. Francisca cândida da Silva
	Artigos	Modas; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Três figurinos: um de senhora e dois de meninos
	Autores	Christina;
	Outros	Livro de Julia (fragmentos); Karolina (novela polaca); máximas e pensamentos; Anuncio de concerto no salão da Phil' – Euterpe; Anuncio de concerto no teatro de S. Januário; Anuncio sobre o Hospício de Pedro II
12/12	Poesias	Virgem pálida
	Artigos	Um domingo; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; Viscondesa de...; Candida (tradução); Salomon; Bellona
	Outros	Uma desculpa; Livro de Julia (fragmentos); Nobre origem do nome de Figueiredo; Da vingança; Um conjugador holandês
19/12	Poesias	Não posso cantar
	Artigos	Modas; Descrição da estampa
	Romances	Um fato
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Oito figuras, sendo seis senhores e dois criados. Toilettes masculinos
	Autores	Christina; Salomon; C. do R.
	Outros	Livro de Julia (fragmentos); Maximas e pensamentos; o álbum de

		J. P. Á Ela
26/12	Poesias	A tarde; Uma página do álbum D' Armia
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; crônica da quinzena
	Romances	Um fato
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	-
	Estampas	Traje de viúva para passeio e traje de passeio para uma menina e para um menino
	Autores	Violante Atabalopa Ximenes de Bivar e Vellasco; Christina; Philadelpho Augusto Ferreira Lima; J. Albano Cordeiro; I. P.; Bellona; B.P.
	Outros	Nasceu Jesus; O livro de Julia (fragmentos); Nossa mãe; Máximas e pensamentos

<b><u>Janeiro 1853</u></b>		
01/01	Poesias	Um adeus ao ano passado; esperança e ilusão; Canção
	Artigos	Modas <sup>50</sup> ; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois Toilettes de noiva e outro de visita
	Autores	Christina; A...; Por uma jovem de 15 anos; Salomon; A.P. (tradução)
	Outros	Meus cumprimentos; O livro de Julia fragmentos); Acróstico; Máximas e pensamentos; A Louca (estória); Aviso de nova assinatura e necessidade de contato para cancelamento
09/01	Poesias	Quanto te amo;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Apresentação (Nova colunista da

<sup>50</sup> Neste artigo, Christina argumenta sobre um boato sobre o qual alguns homens afirmam que tal artigo de modas seria escrito, na verdade por um homem. “porque os homens ainda continuam a dizer que eu sou homem!... Santo Deus, que aleve tão persistente!” (Jornal das Senhoras, 1853, p. 1).

		Crônica da Quinzena); Crônica da Quinzena;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de amazona e de ir a banhos de manhã
	Autores	Christina; A. J. dos Santos Neves; Délia;
	Outros	O livro de Julia (o gosto pelo estudo); A cidade maldita (legenda Bretã)
16/01	Poesias	O retrato de...
	Artigos	Modas
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	Candinha (valsa)
	Estampas	Molde de corpinho de basquine <sup>51</sup>
	Autores	Salomon; Constança;
	Outros	O livro de Julia (fragmentos); Karolina (novela polaca); Sutileza de argumentos; Anedota; Máxima e pensamentos; Receituários caseiros (pastilhas para desinfetar a respiração e receita para livrar das dores de cabeça)
23/01	Poesias	Uma lágrima dela
	Artigos	Modas, Descrição da estampa; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois toilettes para banho de mar (toilettes ligeiros)
	Autores	Christina; Délia; Viscondessa de...; Archico;
	Outros	Karolina (novela polaca); O livro de Julia (fragmentos); A nobreza da China <sup>52</sup> ; O perigo de falar muito; Receitas (pomada para fazer crescer o cabelo, meio de estancar o sangue do nariz

<sup>51</sup> Saia ampla enfeitada que se mantinha aberta e esticada sobre círculos. Se confunde com uma anquinha e lembra um corselet com alças finalizado por uma saia aberta.

30/01	Poesias	Dá-me um sorriso
	Artigos	Modas; Religião
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Traje de baile de carnaval para um menino e uma menina e outro de baile para senhora (mãe)
	Autores	Chrisrina; M. Frayssinous [?]; Philadelpho Augusto Ferreira Lima
	Outros	Karolina (novela polaca); O livro de Julia (fragmentos); Sinais de beleza; Aneotas; Receitas caseiras (para limpar e conservar os dentes)

<b><u>Fevereiro 1853</u></b>		
06/02	Poesias	Graças ao onipotente; Soneto
	Artigos	O carnaval ou entrudo; Um adeus ao Cosme velho; Marido e Mulher <sup>53</sup> ; Crônica da quinzena;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Três estampas de figurinos de fantasia
	Autores	Christina; J. M. C. M; Amália; J. M. M.; Adelaide P.; Délia;
	Outros	Karolina (novela polaca); Acróstico; O livro de Julia (fragmentos); Superstição (estória); Um fidalgo em trambolhão (estória); Receitas caseiras (Descoberta para afugentar os ratos; Colheres de prata); Aneotas
13/02	Poesias	A Moça o que?
	Artigos	Modas (sobre o carnaval); O carnaval em Andaraí; Os anos de Dona Dorotheia Fortunata de Brito; Jantar na Ponta do Caju ;

<sup>52</sup> Trata-se de extração, no entanto, original e o autor não são citados.

<sup>53</sup> Extraído, não há referencia quanto de onde ou autor.

		Baile de mascaras no Provisório; Descrição da estampa; Educação da Mulher; A Quaresma <sup>54</sup>
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de noiva e outro de passeio
	Autores	Chrisitna; J.; S...; Olympio Chodzko
	Outros	Karolina (novela polaca) <sup>55</sup> ; Máximas e pensamentos
20/02	Poesias	Morena
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; O tribunal das facécias <sup>56</sup> ; O triunfo da natureza; Crônica da quinzena
	Romances	
	Cartas	Carta de uma senhora a sua amiga (Há muitas mães de família);
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio e outro de estar em casa
	Autores	Christina; A. J. Fernandes dos Reis; Viscondessa de...; Eugenia; Délia
	Outros	Um covarde (estória)
27/02	Poesias	Ciosa
	Artigos	Educação da Mulher; Partes que compõem a formosura; Teatros; Moléstia do peito, defluxo, tosses etc.
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	
	Autores	A. J. Fernandes dos Reis; Viscondessa de...; Délia;

<sup>54</sup> Extraído, autor e original não são citados.

<sup>55</sup> Obra, segundo o periódico, de autoria de Olympio Chodzko, traduzida pela redatora em chefe.

<sup>56</sup> Extraído, autor e original não são citados.

Outros	Um covarde (estória); Josefina Beauharnais (primeira mulher de Napoleão); O filho malcriado
--------	---

<b><u>Marco 1853</u></b>		
06/03 <sup>5758</sup>	Poesias	Oh! Não queiras virgem; Os olhos
	Artigos	Influencia da educação da mulher sobre a vida do homem; Meio de ninguém perder nas loterias; Crônica da Quinzena; Teatros; Modas
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa de figurino de passeio
	Autores	Ph. A.; Ernestine Legouve; Salomon; Délia; Christina
	Outros	O covarde <sup>59</sup> ; Pensamentos; Um médico condescendente <sup>60</sup>
13/03	Poesias	Ao aniversário natalício de S. M. Imperatriz do Brasil
	Artigos	Teatros
	Romances	-
	Cartas	Carta às leitoras (sobre o aniversário da Imperatriz)
	Partituras	Flor mimosa do Brasil
	Estampas	-
	Autores	Philadelpho Augusto; M. de Santa Rosa de Lima; S. L. Junior; Sr. Fachinetti (músico); Délia
	Outros	O enterro de uma donzela; Julia de Fenestranges (estória); Máximas e pensamentos; Ataulfo de Compostella (fragmentos); A contradança dos mortos;
20/03	Poesias	Um homem a teu lado; Rondó; Mote; Pensamento de virgem

<sup>57</sup> O artigo "O" é retirado da capa do periódico, grafando-se a partir de então apenas Jornal das Senhoras.

<sup>58</sup> Nova tipografia do Jornal das Senhoras, Tipografia de G. Leuzinger, Ria do Ouvidor nº 36.

<sup>59</sup> Traduzido por C. M.

<sup>60</sup> Extraído da Gazeta Médica

	Artigos	Modas; Toilettas da Imperatriz; Descrição da estampa; Domingo de ramos; Descrição da vida dolorosa; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de Soirée
	Autores	Christina; E. F. F.; Amélia; B. J. B.; Délia;
	Outros	Nota de falecimento da S. A I. Senhora Princesa D. Maria Amélia; Júlia de Fenestranges;
27/03	Poesias	Não quero morrer
	Artigos	Modas; Educação da mulher; Aleluia; A páscoa <sup>61</sup> ; Belezas e costumes femininos
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampas representando costumes de fantasia
	Autores	Christina; J.; Viscondessa de...;
	Outros	Julia de Fenestranges (estória); Máximas e pensamentos

<b><u>Abril 1853</u></b>		
	Poesias	Não quero morrer;
	Artigos	Modas; O baile do Senado Frances; A superstição; Teatros; Crônica da Quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa com vestuário de fantasia de criança
	Autores	Christina; A. J. dos Santos Neves; Délia;
	Outros	Julia de Fenestranges (estória)

<sup>61</sup> Extraído, porém o original não é citado.

10/04	Poesias	O sorriso da criança;
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; A promessa de casamento <sup>62</sup> ; Efeito do casamento sobre a duração da vida <sup>63</sup>
	Romances	-
	Cartas	Correspondência do diário <sup>64</sup>
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Christina; Louis Boivin; Philadelpho Augusto; Viscondessa de...;
	Outros	A Má filha (noveleta);
17/04	Poesias	O sono de Isbelinha
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Gravura de figurinos para grande baile
	Autores	Christina; D. M. de O. Quintana Junior; Gervina P.
	Outros	Um caso (estória); Histórias no ar (estória); Charada
24/04	Poesias	Perdoa-me; A patatiba
	Artigos	Modas; A senhora Stoltz; O Sr. Noronha; Mortalidade (sobre taxa de nascimento e mortalidade)
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Gravura de figurino de baile e de estar em casa
	Autores	Christina; Texto da redatora em chefe; Stephen de La Madelaine; X. y.; Inocêncio Rego; Papoula

<sup>62</sup> Extraído, porém o original não é citado.

<sup>63</sup> Extraído, porém o original não é citado.

<sup>64</sup> “Da correspondência do *Diário do Rio*, remetida de Lisboa com data de 16 de Fevereiro, extraímos a seguinte parte, que nos foi de muito interesse ser dedicada a memória da Sereníssima Princesa a Sra. D. Maria Amélia” (Jornal das Senhoras, 1853, p. 115).



Outros	O negociante de cabelos (estória); Histórias no ar (estória); Logogrifo; As brasileira (coleção de modinhas brasileiras <sup>65</sup> )
--------	---

<b><u>Maio 1853</u></b>		
01/05	Poesias	Desvelos maternos
	Artigos	Modas, descrição da estampa; Crônica da quinzena; Modos de vida
	Romances	-
	Cartas	Carta contendo receita de pomada contra a queda de cabelos
	Partituras	-
	Estampas	Estampa de modelo de lençaria
	Autores	Ephigenia em Aulide; B. J. Borges; A. Collin; Gervina P.; Papoula
	Outros	A especulação (estória); As farinhas de São bento ( <i>Post-Scriptum</i> ); Adivinhação
08/05	Poesias	Dorme; Amor materno <sup>66</sup> ;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de baile
	Autores	Christina; Viscondessa de...; Salomon; Papoula; M. e F.
	Outros	Dois amores <sup>67</sup> ; Histórias no ar (estória); Agradecimento; Adivinhações

<sup>65</sup> Canto de amor; Um beijo por castigo; Amor e morte; A rosa; Não te esqueço e Só ela. Partituras publicadas pelo armazém Sr. Raphael & C.

<sup>66</sup> “Mas aonde nos leva a pena? Não é o elogio da bíblia, não são belas frase sobre o amor materno que intentamos escrever: queremos, leitora benévola, contar-vos uma história, que achamos em um livreto que nos veio às mãos. Traduziremos, que nada há de melhor, porque nada há que dê menos trabalho: traduziremos, mas com a liberdade de que usamos. Iremos cortando no original o que nos parecer inútil, desenvolvendo o que julgamos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos, que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado”. (Jornal das Senhoras, 1853, p. 149).

<sup>67</sup> Extraído, porém o original não é citado.

15/05	Poesias	Não queres que eu pense?
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de grande baile e outro de passeio
	Autores	Inocência Rego; Gervina;
	Outros	Novecentos dólares <sup>68</sup> ; Correio das senhoras (notícias); Charada;
22/05	Poesias	Aos anos do inocente Diogo
	Artigos	Modas; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa com figurino de grande baile e outro de passeio
	Autores	Christina; Amália; M.; L. B.; Papola;
	Outros	O pai juiz e executor de seu filho (estória); O pai indigente <sup>69</sup> ; Pensamentos e anedotas; A estação dos bailes; Anedotas; Correio das senhoras (noticias – apresentação da orquestra regida por Francisco Sá Noronha no Teatro de S. Pedro de Alcântara; Encenação pela primeira vez de o Ditador Rosas e a Mashorca); Logogrifo; Adivinhação
29/05	Poesias	Minha mãe; Pobre flor; Soneto;
	Artigos	Musica; Festa do corpo de Deus; Um ato de heroísmo; O futuro
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	Thereza (valsas)
	Estampas	-
	Autores	L. W.; X. Y.; F. Ribeiro; J. L. N.;

<sup>68</sup> Tradução, porém o original não é mencionado.

<sup>69</sup> Traduzido, o original não é mencionado.

	Outros	O pintor de Paris <sup>70</sup> (estória); História no ar (estória); Correio das Senhoras; Remédio contra a tosse; Charadas
--	--------	---

<b><u>Junho 1853</u></b> <sup>71</sup>		
05/06	Poesias	Segundas canções a Vargesia
	Artigos	Modas e movimento dos salões <sup>72</sup> ; Descrição da estampa
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de faze visita e outro de estar em casa
	Autores	Christina; Eliza (tradutora); A. J. dos Santos Neves; Viscondessa da... (extração); Gervina P.
	Outros	Sophia ou o reconhecimento <sup>73</sup> (estória); Pensamentos; O pobre cego <sup>74</sup> (estória); Charada
12/06	Poesias	O meu rezeda (à Ilma. Sra. D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves
	Artigos	Descrição da estampa; Justiça; Estatística de Paris;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa com figurino de visita e outra estampa de figurino para menina de 9 a 12 anos.
	Autores	Christina; Antonio José dos Santos Neves <sup>75</sup>
	Outros	Minha apresentação (Gervasia se apresenta); O profeta Carmello

<sup>70</sup> Tradução, o original não é citado.

<sup>71</sup> Sra. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves, filha do já falecido Sr. Inocêncio Nunes Pires e casada com o Sr. Antonio José dos Santos Neves, assume a redação do Jornal das Senhoras.

<sup>72</sup> Baile oferecido pela Sra. Viscondessa d'Olinda.

<sup>73</sup> Traduzido por Eliza. Obra e o autor original não são mencionados, bem como o sobrenome de Eliza.

<sup>74</sup> Traduzido pela Viscondessa da..., obra e autor do original não são citados.

<sup>75</sup> Casado com a Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves.

		(noveleta); O prazer de fazer o bem (estória); Anedotas; Modo de lavar rendas e blondes: Modo de restituir o lustro às fazendas lisas; Charadas
19/06	Poesias	A borboleta;
	Artigos	Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	Carta da Viscondessa da... à Christina, autora da coluna de modas.
	Partituras	-
	Estampas	Grande estampa de figurino de homem
	Autores	Christina; Gervina P. S. N.; Gervin (extração)
	Outros	O profeta Carmello (noveleta); O poder da verdade <sup>76</sup> (estória); Fragmentos de um livro santo (extraído); Conta corrente de deve e há de haver (apontamentos de Bucchards); Anedotas; Charada
26/06	Poesias	A minha irmã; Não te esqueça de mim;
	Artigos	Beneficência Imperial; Efeitos saudáveis da ginástica; Teatro lírico
	Romances	-
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	Saudades da minha terra (romance de uma Senhora provinciana, dedicado às suas comprovincianas maranhenses)
	Estampas	-
	Autores	Gervazia Nunezia; Elisa (extração); X. Y.; Viscondessa da...; Estrella; Adelaide P. de S.; Por uma jovem
	Outros	O profeta Carmello <sup>77</sup> (noveleta); As fogueiras de S. João na Bretanha <sup>78</sup> ; Máxima e pensamentos; Logogrifo; Charada; Nota comunicando o fim do semestre e solicitando renovação

<sup>76</sup> Traduzido pela Viscondessa da..., porém autor e título da obra original não são citados.

<sup>77</sup> Extraído, porém original e autor da obra não são citados.

<sup>78</sup> Traduzido pela Viscondessa de ..., porém, autor e título da obra original não são citados.

<b><u>Julho 1853</u></b>		
03/07 <sup>79</sup>	Poesias	O meu cravo e meu amor
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena; Grandeza da alma; Instrumentos de música da Índia; Teatro lirico
	Romances	A Dama das Camélias <sup>80</sup>
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilette de luto e outra de S. M. a Imperatriz dos franceses a cavalo
	Autores	Christina; Antonio José dos Santos Neves; Gervina P. S. N.; Estrella
	Outros	Massa de batata pra uso do toucador (receita caseira); Para que o azeite não dê fumo na luz (receita caseira); Anedota; Aviso de fim do semestre e necessidade de renovar assinatura
10/07	Poesias	A um passarinho
	Artigos	Modas; Descrição da estampa
	Romances	A dama das Camélias; A louca
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa de chapéus e manteletes
	Autores	Christina; C. do R.;
	Outros	Anedotas; Pensamentos; Charadas
17/07	Poesias	Ao chá; minha terra natal; Soneto
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena; Os árabes e

<sup>79</sup> Nova tipografia do Jornal das Senhoras, Rua da Alfândega, nº 54.

<sup>80</sup> “Encetamos hoje a publicação do romance do Sr. Dumas filho, intitulado – A DAMA DAS CAMELIAS. Por vezes trepidamos em dar publicidade á este romance na língua vernácula, porque, sendo a obra escrita dissolutamente, nos pareceu que a sua versão transgredia os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigo, que saem a lume neste jornal mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do Jornal das Senhoras. Concluimos agradecendo ao tradutor incógnito o valiosos presente que nos fez, e recomendamos a todos a leitura desta história verdadeira e contemporânea, cuja versão se não é servil, se não traduz palavra por palavra dificilmente se encontrará no original uma ideia, um pensamento, que no português não tenham a frase equivalente.” (Jornal das Senhoras, 1853,p. 210 211).

		as suas palmeiras <sup>81</sup> ; Coragem e beneficência
	Romances	A dama das Camellias
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de noiva
	Autores	Christina; Salomon; Leandro de Castilho; Por uma infeliz; J. B. A. V.; Gervina P. S. N.; Eliza (extração)
	Outros	Acróstico; Que menino esperto; Anedota; Pensamentos <sup>82</sup> ; Charada
24/07	Poesias	Amanhã por esta hora;
	Artigos	Modas e Descrição da estampa; baile do cassino; Teatro lírico
	Romances	A dama das Camellias
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de menina para a primeira cominhão
	Autores	Christina; D. M. de O. Quintana Junior; Viscondessa da...
	Outros	Margarida (estória); Anedotas; Charada
31/07	Poesias	Não me peças meu amor;
	Artigos	Vantagens do ler; Novo exemplo de magnetismo; crônica da quinzena
	Romances	A dama das Camellias
	Cartas	-
	Partituras	Valsa Tyroliana
	Estampas	-
	Autores	X. Y.; Viscondessa da... (extração); Gervina N. P. dos S. N.; N. Louis (músico)
	Outros	O premio da probidade (estória); Napoleão e o prisioneiro inglez <sup>83</sup> ; Charada

<sup>81</sup> Extraído, porém autor e título original da obra não são citados.

<sup>82</sup> Pensamentos de Joanna Paula Manso de Noronha.

<u>Agosto 1853</u>		
07/08	Poesias	Aventuras de uma rosa
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; O benefício aos madeirenses
	Romances	A dama das Camélias
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa de figurino de passeio e de visita
	Autores	Christina; Maldonado; Viscondessa da...
	Outros	O lenço azul (estória); Um logro completo (estória); Ao Sr. Patrício Ricardo Freire (homenagem); Charada
14/08	Poesias	Recordação;
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Da origem do título de Dom; Um emprego que ainda hoje pode dar muito <sup>84</sup> ; Os graus da embriagues; Crônica da quinzena; As duas Americas, Setentrional e Meridional
	Romances	A dama das Camélias;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de brodados
	Autores	Christina; X. Y.; A...; Viscondessa de...; Eloiza (extração); Gervina N. P. dos S. N.; Bastos; A. J. dos santos Neves
	Outros	Á Rosa; Pensamentos; Adivinhação; Charada
21/08 <sup>85</sup>	Poesias	Genoveva
	Artigos	Modas, Descrição da estampa; Mulheres celebres (letra A); Teatros; As irmãs de caridade
	Romances <sup>86</sup>	A confissão de um suicida

<sup>83</sup> Extraído, porém autor e título da obra original não são citados.

<sup>84</sup> Extraído, porém autor e título da obra original não são citados.

<sup>85</sup> Novo endereço da tipografia do Jornal das Senhoras, Rua do Cano, nº 165.

<sup>86</sup> “Um incidente, que não podemos remediar prontamente, inutilizou os originais do segundo volume do romance – A Dama das Camélias -, e nos priva por ora de publicarmos a continuação deste romance. Mas logo que novos originais estejam prontos, nós prosseguiremos na publicação”. (Jornal das Senhoras, 1853, p. 266).

	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de estar em casa
	Autores	Christina; J. P.; Viscondessa da...; Estrella
	Outros	Nada foi criado sem motivo (lenda alemã); O amor filial da moda; Singular legado de um criminoso; Charada
28/08		
	Poesias	Amor
	Artigos	Mulheres celebres (letra A); Os intrigantes; Crônica da quinzena; Educação;
	Romances	Confissão de um suicida; Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	Estudo para piano
	Estampas	-
	Autores	B. J. B.; X. Y.; Viscondessa da...; Gervina N. P. dos S. N.; P. de L.
	Outros	Charada

<b><u>Setembro 1853</u></b>		
04/09		
	Poesias	Não me esquece <sup>87</sup> ; Vieira de Mattos; ; A***; A bella americana
	Artigos	Modas; Sejam lá imperador da China; As dores de dente; Um fenômeno;
	Romances	A Confissão de um suicida
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilette de cidade
	Autores	Christina; X. Y.; Leonel de Alencar (tradutor); J. A. L.; Dr. Simplório
	Outros	Anedotas; Charada

<sup>87</sup> “Poesia traduzida: é um romance alemão que li no livro – Madame de Tastu -, e que se intitula – Vergis meenicht – ou – Não – me – esquece -, nome de uma florzinha azul” (Leonel de Alencar apud Jornal das Senhoras, 1853, p. 286).



11/09	Poesias	O que resta-me agora; Um canto do proscrito; A uns anos;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	Carta de Bernardo Xavier Pinto de Souza ao Jornal das senhoras, publicada dentro da Crônica da quinzena
	Partituras	-
	Estampas	Ornamentos de toilette
	Autores	Christina; X. Y.; Andrada e Silva; B. J. B.;
	Outros	Meio de obter, sem destilação, a essência de flores odoríferas (receita)
18/09	Poesias	-
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados: Mulheres celebres (A); Origem da palavra pagãos
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de diversos bordados
	Autores	Christina; X. Y.; B. J. Borges;
	Outros	A Violeta; Água balsâmica para tirar a pedra dos dentes e restituir-lhes sua brancura (receita); Resposta de valor; Pensamentos; Charada
25/09	Poesias	Dom Pedro; A Joanna Noronha
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Sacrifícios voluntários entre os Índios; Crônica da quinzena
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Christina; Leandro de Castilho; Viscondessa da...; Adéle Toussaint
	Outros	-

<b><u>Outubro 1853</u></b>		
02/10	Poesias	À duas jovens
	Artigos	Modas; Caxemira; Mitologia dos escoceses antigos; Sovrates Franckil; Teatro lirico
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	Carta de Joanna Paula Manso de Noronha à redação <sup>88</sup>
	Partituras	-
	Estampas	Uma estampa com figurinos de homens
	Autores	Gervazia Nunezia Pires dos Santos Neves; Christina; X. Y.; Viscondessa da...; Bastos
	Outros	Anedotas; Pensamentos
09/ 10	Poesias	Lê
	Artigos	Modas <sup>89</sup> ; Descrição da estampa; Costumes e crenças extravagantes de alguns povos; Patriotismo inglês; Crônica da quinzena
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Toilettes de passeio
	Autores	Christina; X. Y.; Azevedo; Viscondessa da...; L. C. A. J.; Gervina N. P. dos S. N.;
	Outros	O álbum (estória); Marido de quatro mulheres; Pensamentos; Charadas
16/10	Poesias	Se eu fosse um saguisinho
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A primeira parteira; Estatística dos casamentos
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-

<sup>88</sup> “Dignai-vos aceitar fraca homenagem da simpatia que consagro a um Jornal, da redação do qual me afastaram circunstancias alheias da minha vontade”. (Jornal das Senhoras, 1853, p. 313)

<sup>89</sup> Outra pessoa escreveu a coluna de modas no lugar da Christina e pediu para que seu nome não fosse revelado.

	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de estar em casa e receber visita e outro de estar em casa à tarde
	Autores	Christina; X. Y.; Viscondessa de...;
	Outros	O vendedor de vassouras; A coisa mais forte do mundo; Para dar lustro aos cabelos (receita); Anedotas; Charada
23/10	Poesias	Eu amo também
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; O batismo de um indígena; Uma tradição popular; O que é humildade; Fecundidade dos insetos e dos peixes <sup>90</sup> ; Crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Moldes de toucas, mangas e camisinhas
	Autores	Christina; T. C.; Ferreira da Silva; Ferreira da Silva; Augusto Aragão; Lacordaire
	Outros	Os amores de uma criatura barriguda (estória)
30/10	Poesias	Amém; Soneto; Soneto
	Artigos	Modas; Mulheres celebres (letra B); O luto <sup>91</sup>
	Romances	Uma só paixão e dois casamentos por amor
	Cartas	-
	Partituras	Uma peça de música
	Estampas	-
	Autores	Christina; Andrada Machado; Viscondessa da...; D. Francisca
	Outros	O amor de mãe (estória). Receita infalível para extirpar os calos; Modo de curar as verrugas (receita); Charada
<b><u>Novembro 1853</u></b>		
06/11	Poesias	O lugar mal assombrado; Ode ao ilustríssimo Sr. José dos Santo

<sup>90</sup> Extraído da Revista dos Mundos.

<sup>91</sup> Extraído, porem autor e título da obra original não são citados.

		Neves meu muito prezado amigo
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica da quinzena
	Romances	Uma só paixão e dois casamentos
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio e meio toilette de menina
	Autores	Christina; Gervina N. P. dos S. N.; D. Manuelita
	Outros	Charada;
13/11	Poesias	A mãe d'água;
	Artigos	Simão, o marinheiro (sobre naufrago do vapor <i>Pernambucana</i> ); Modas; Descrição da estampa; regras de elegância; Mulheres celebres (letra C); origem das festas de todos os santos
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette para soirée <sup>92</sup> e outro para passeio
	Autores	Gervasia Nunezia; Antonio José dos Santos Neves
	Outros	Os bigodes do capitão (estória)
20/11	Poesias	Mulher ou anjo
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; medicina melodiosa; Modo de bater a porta em Inglaterra; Os calções dos escoceses
	Romances	
	Cartas	
	Partituras	
	Estampas	Um toilette de estar em casa e outro de cidade
	Autores	Christina; F. X. C.; Dr. Gomes de Souza; Viscondessa de...; Estrella
	Outros	A fada do mistério (estória); Alguns rasgos da vida de doutor

<sup>92</sup> Reunião social ou de outro tipo que acontece à noite.

		Swift <sup>93</sup> (estória); Revelação pouco satisfatória para um procurador régio; Anedotas; Charada
27/11	Poesias	Não quero vê-la; A pensativa
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Um ministro de Estado <sup>94</sup> ; Significação de alguns nomes femininos; Crônica da quinzena
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um padrão de moldes e bordados
	Autores	Christina; X. Y.; Costa Carvalho; A. P.; L.
	Outros	O quadro do Hymeneo (estória); Anedota; Charada

<b><u>Dezembro 1853</u></b>		
04/12	Poesias	A minha lira;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A formosura; A Amazona brasileira <sup>95</sup> ; A sociedade Phil'Euterpe
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette se soirée de verão e outro de estar em casa
	Autores	Christina; X. Y.; A. P. da Cunha; Viscondessa da...; M de la M; O Tamoyo
	Outros	Prado fluminense <sup>96</sup> (notícia); Charada

<sup>93</sup> Extraído, porem o original não é citado.

<sup>94</sup> Extraído do *Correio Mercantil*.

<sup>95</sup> Segundo o *Jornal das Senhoras*, trata-se de um artigo extraído de um periódico Frances. No entanto, o periódico original não foi citado.

<sup>96</sup> Notícia retirada do *Correio Mercantil*.

11/12	Poesias	A alcachofra
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Opúsculo Humanitário <sup>97</sup> ; A conformidade; Valor dos pequenos insetos; Crônica da quinzena
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Diversos modelos de toucas, mangas, camisinhas etc.
	Autores	Christina; X. Y.; A. Lima; L.; B. A.
	Outros	Anedota; Charada; Aviso de renovação de assinaturas
18/12	Poesias	
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Esboço humanitário <sup>98</sup>
	Romances	Um amor de mulher
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de soirée
	Autores	Christina; Escolástica P. de L.; D. Carolina
	Outros	Um contraste (estória); Vincenza (estória); A condessa de Orkney; Anedotas; Charada
25/02	Poesias	Adeus
	Artigos	Modas; A noite de natal em Goldberg, na Silesia; Fragmento de um artigo; Maria Stuard <sup>99</sup> ; crônica da quinzena
	Romances	-
	Cartas	Às nossas assinantes <sup>100</sup>
	Partituras	-
	Estampas	Uma estampa com figurinos de cavalheiros
	Autores	G. N. P. dos Santos Neves; Christina; Viscondessa da...; A.

<sup>97</sup> Transcrito do *Liberal*.

<sup>98</sup> Transcrito do *Liberal*.

<sup>99</sup> Extraído, porem o original não é mencionado.

<sup>100</sup> Em cara às assinantes Gervasia Nuneza fala sobre as dividas que contraiu ao assumir a redação.

	Herculano; C.; Viscondessa da...; L.
Outros	Comunicado da morte de Maria II, irmã de D. Pedro II; Anedota; Máximas; Aviso de necessidade de renovação de assinatura

<b><u>Janeiro 1854</u></b>		
01/01 <sup>101</sup>	Poesias	As almas
	Artigos	Modas <sup>102</sup> ; Descrição da estampa; meus cumprimentos ao ano novo; Crônica dos teatros
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de passeio e outro de moça solteira
	Autores	Christina; A.; Andrada e Silva; Leandro de Castilho; E. Z. A.;
	Outros	Derradeiro sonho; Nem sempre é tempo de falar; receita para destruir os bichos da cabeça
08/01	Poesias	Aos anos de Exm. Sra. D. Amalia Guilhermina de Oliveira Coutinho
	Artigos	Modas <sup>103</sup> ; Descrição da estampa; Dia de reis; Crônica dos teatros; Correio dos Salões;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de estar em casa e um de passeio
	Autores	Ritinha; Thereza (tradução); Viscondessa de...; Belmira (tradução); E, Z. A.;
	Outros	Uma história que se passa em Inglaterra <sup>104</sup> (estória); Obra prima anônima (estória); Que maldita criada (estória)

<sup>101</sup> Nova capa.

<sup>102</sup> Na coluna de modas, Christina faz apelo às mulheres solicitando que sustentem o jornal. “Trabalhei como um homem! Costumam [?] me dizer; e eu digo – trabalhei como uma mulher!” (Jornal das Senhoras, 1853, p. 1).

<sup>103</sup> A coluna de modas passa a ser escrita por Ritinha, de 16 anos.

<sup>104</sup> Traduzida de Alphonse Karr – (Les femmes.) (Jornal das Senhoras, 1853, p. 10).

15/01	Poesias	À minha mãe; Uma esquivada oração
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Mulheres celebres (letra C); Crônica dos teatros; Os anúncios dos jornais holandeses; Medicina doméstica <sup>105</sup> ;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de meio luto e outro de passeio
	Autores	Ritinha; Andrada Machado; Os faladores por acenos; E. Z. A.; Viscondessa da...; D. Escolástica P. de L.
	Outros	Remédio para as esfoladuras; Meio de fazer parar os soluços; Charada
22/01	Poesias	A fada
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Caridade e religião; Crônica dos teatros; Correio dos Salões;
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de estar em casa e outro de passeio;
	Autores	Ritinha; X. Y.; L. F. da Veiga; A. N.; E. Z. A.; C.
	Outros	Anedota
29/01	Poesias	Soneto; Soneto;
	Artigos	Mulheres celebres (letra C); A falsa beneficência; Crônica dos teatros;
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	-
	Partituras	Polca Mazurka dos salões de Pariz – <i>La Vogue</i>
	Estampas	-
	Autores	X. Y.; J. A. F. da Cunha; Dom N.; Viscondessa da...; Ponto; P. de

<sup>105</sup> Do *Tresor de La Maison*.



	L.
Outros	Economia doméstica; Charada

<b><u>Fevereiro 1854</u></b>		
05/02	Poesias	A vaidade de um velho
	Artigos	Modas; Descrição da Estampa; Mulheres celebres (letras C e D); Correio dos Salões; Um banquete na corte do Imperador Domiciano; O casamento entre os Tartaros Calmucos
	Romances	A desditosa
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Traje feminino de banho de mar
	Autores	Ritinha; X. Y.; Viscondessa da...; P. de L.
	Outros	Medicina doméstica; Economia doméstica
12/02	Poesias	Amizade e ventura; À minha mãe
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Mulheres celebres; Crônica dos teatros; exemplo de caridade
	Romances	A desditosa
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Ritinha; A. B. Gilirana Costa; Bibllophilo (extração); Viscondessa da...; G. M.; M.
Outros	O Visconde de Launay por M. mo Emile de Girardin (Bibliografia) <sup>106</sup> ; Economia doméstica; Anedotas; Charadas	
19/02	Poesias	Meu amor; Meu último desejo
	Artigos	Modas; Mulheres celebres (letra E); Crônica dos teatro; Correio dos Salões;
	Romances	Um amor de mulher; A desditosa

<sup>106</sup> Extraído, porém autor e título do original não são citados.

	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de fantasia
	Autores	Ritinha; M.; Andrada Machado; Sancho;
	Outros	AS casas Wallerstein e Castell (Anuncio)
26/02	Poesias	Minha lira;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; O carnaval; Mulheres celebres (letra E)
	Romances	Um amor de mulher; A desditosa
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa de figurino de fantasia
	Autores	Ritinha; Alina; L. F. da Veiga
	Outros	Charada

<b><u>Marco 1854</u></b>		
05/03	Poesias	Corina;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Mulheres celebres (letra E); Correio dos salões;
	Romances	A desditosa;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de baile e outro para teatro
	Autores	Ritinha; Demétri Acacio Fernandes da Cruz; Innocencio Rego; Costa Pereira; C.; G. M.
	Outros	A felicidade no céu (estória); A gota d'água; Anedota; Charada
12/03	Poesias	Não digo e outro poema sem título
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Exequias em S. Francisco de Paula; Boletim musical; Boletim dos teatros
	Romances	Um amor de mulher

	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de passeio
	Autores	Ritinha; Alina; X. Y.; C. M; O Tympano;
	Outros	-
19/03	Poesias	Os três botões de rosa; A D. M****
	Artigos	O conselheiro José Clemente Pereira; Modas; Descrição da estampa; Correio dos Salões; Boletim musical; Boletim dos teatros
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de passeio
	Autores	Ritinha; R. P.; V. da S.; C.; Alina; Tympano; G. M.;
	Outros	Ato de majestade; Luiza (estória americana); O acanhado; Bens; Anedotas; Pensamentos; máximas; Charadas
26/03	Poesias	A Nanhã; Descrição da ausência; Soneto
	Artigos	Modas; Boletim musical; Boletim dos teatros; Grande resultado de uma coisa pequena; As bailadeiras dos tempos da Índia;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	Mathilda (peça de música)
	Estampas	-
	Autores	Ritinha; V. da S.; Alina; O Tympano; M.
	Outros	O Rei e o moleiro (estória); o idiota (estória); medicina doméstica; Anedotas; Charada

**Abril 1854**

02/04	Poesias	Tão triste; Pobre;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; O gás; Correio dos salões; Boletim

	musical;
Romances	Um amor de mulher
Cartas	-
Partituras	-
Estampas	Um figurino de baile
Autores	Ritinha; Viscondessa da...; X. Y.; L...; Quintino Bocayuva; C.; Alina;
Outros	Anedotas; Máxima

09/04	Poesias	
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A fabricação do gás para a iluminação extraído pela destilação do carvão mineral; Boletim musical
	Romances	Um amor de mulher;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Estampa com figurinos de baile
	Autores	Ritinha; Viscondessa da...; X. Y.;
	Outros	Exemplo de amor conjugal; Causa da falsa amizade; Máximas
16/04	Poesias	O soldado e a pátria; A flor da sepultura
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Teoria dos olhos; Correio dos salões; Boletim dos teatros
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio e outro de baile
	Autores	Ritinha; Eliza (tradução); Innocencio Rego; D. M. O. Quintana Junior; S.; C.; O Tympano

	Outros	Emma (crônica alemã <sup>107</sup> ); Espírito d'uma resposta a um rei da Pérsia (estória); Um sonho mal interpretado (estória); Máximas; Charada
25/04	Poesias	A mãozinha; Visão
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Minhas distrações; Boletim do teatros; O madrugar é bom para saúde <sup>108</sup>
	Romances	-
	Cartas	Carta da Indígena do Ypiranga
	Partituras	-
	Estampas	Uma estampa com debuxos e bordados
	Autores	Ritinha; Indígena do Ypiranga; M. de A.; Andrade e Silva; O Tympano; Viscondessa da... (tradução); C. B.;
	Outros	Um sonho de minha última noite de solteiro; Devoção de Carlos II e de seus cortesãos; receitas e processos úteis; Máximas; Charadas
30/04	Poesias	Visão
	Artigos	Modas <sup>109</sup> ; Descrição da estampa; Correio dos Salões; Boletim dos teatros
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Modelos de capotes
	Autores	Christina; Leonor G...; C. J. Nunes; A. J. dos santos Neves; C.; O Tympano;
	Outros	O dote de Maria <sup>110</sup> (estória); Um sonho de minha última noite de solteiro; Receitas e processos úteis; Anedotas; Charadas

<sup>107</sup> O título e o autor original não são citados.

<sup>108</sup> Trata-se de uma tradução, porém o título e o autor da obra original não são mencionados.

<sup>109</sup> Christina volta a escrever a coluna de modas.

<sup>110</sup> Trata-se de uma tradução, porém o título e o autor da obra original não são mencionados.

<b><u>Maio 1854</u></b>		
07/05	Poesias	N'um álbum; Improviso
	Artigos	Modas; O baile da Sylphide; Boletim dos teatros
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	O lago das fadas <sup>111</sup> (1ª e 5ª quadrilhas de contradança)
	Estampas	-
	Autores	Christina; Innocencio Rego; Viscondessa da... (tradução)
	Outros	Miranda de Aragão (estória da Inquisição); O visir e a criança <sup>112</sup> ; O carrasco noviço (estória); A certidão de morte (estória)
14/05	Poesias	Arariba
	Artigos	Da musica sagrada e da sua influencia religiosa; Correio dos Salões; Boletim dos teatros;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	O sonho das fadas ( 2ª, 3ª e 4ª quadrilhas de contradança)
	Estampas	-
	Autores	Antonio de Kontski; Leonor G.; O Tympano;
	Outros	Miranda de Aragão (estória da Inquisição); A felicidade entre dois (estória);
21/05	Poesias	-
	Artigos	Raphael Sanzio; A Catedral de Notre Dame de Paris <sup>113</sup> ; Crônica dos Salões; Boletim musical;
	Romances	-
	Cartas	Carta às assinantes
	Partituras	-
	Estampas	-

<sup>111</sup> Trata-se da quadrilha *O sonho das fadas*, que foi primeira mente publicada com o título errado.

<sup>112</sup> Trata-se de uma tradução, porém o título e o autor da obra original não são mencionados.

<sup>113</sup> Extraído, porém autor e obra não são citados.

	Autores	Clarinha; Francina Oscenia; Joanhina
	Outros	Será isto história? (estória); A vida humana; um bom conselho; Miranda de Aragão;
28/05	Poesias	-
	Artigos	Modas (sobre iluminação a gás e a Rua do Ouvidor); Aprestos necessários para pentear uma senhora no século XVIII; Toucados do século XVIII em França <sup>114</sup> ; Correio dos Salões
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Christina; Francina Oscenia; O Benjamin; D. S. I. R. F.
	Outros	Miranda de Aragão (estória); Anedotas; Charada

<b><u>Junho 1854</u></b>		
04/06	Poesias	O solitário; O suspiro mensageiro; Desengano; Confissão
	Artigos	Crônica dos Salões; Boletim musical; Uma súplica
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Innocencio Rego; M. C. de J. M.; Amilie; Francina Oscenia; Joanhina; S. J. R. F.
	Outros	As minhas aventuras na Pérsia; Receitas e processos úteis; Charada
11/06	Poesias	A mimosa sinhá; É sinhá
	Artigos	Crônica dos salões; A harpa; Correio dos salões
	Romances	-

<sup>114</sup> Extraído, porém autor e obra não são citados.

Cartas	-
Partituras	-
Estampas	-
Autores	Francina Oscenia; D.; Mariquinha; O Beijamim
Outros	Miranda de Aragão <sup>115</sup> (estória da Inquisição); Historieta; Anedotas; Decisão de um rústico

18/06	Poesias	A minha lyra
	Artigos	Crônica dos salões; Um casamento chinês;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Francina Oscenia; E. Adelaide da S. Pinto
	Outros	Uma nuvem no céu (estória); A cadeira vazia; Maneira de tirar nodoas do fato de lã.
25/06	Poesias	Escuta; Inocente
	Artigos	Crônica dos salões; Correio dos salões; Boletim teatral
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	Modinha brasileira
	Estampas	-
	Autores	Francina Oscenia; B; Leandro de Castilho; Beijamim; Innocencio Rego; Mademoiselle Brunet
Outros	A noiva do Kynast <sup>116</sup> ; Avisos que prometem; Pensamentos; Logogrifo; Charada; Enigme	

<sup>115</sup> *Monthly - Magazine*

<sup>116</sup> Trata-se de uma tradução e extração, no entanto, autor e título do original não são citados.



<b><u>Julho 1854</u></b>		
02/07	Poesias	Soneto; Os seus olhos; Soneto
	Artigos	Crônica dos salões; Mulheres celebres (letra F)
	Romances	-
	Cartas	Carta às assinantes solicitando renovação de assinatura
	Partituras	Schotisch intitulada Emilia
	Estampas	-
	Autores	Francina Osenia; Eugenia Foa; D. M. C. da Silveira Sequeira
	Outros	A infância de Mozart
09/07	Poesias	Estas mentindo; A varinha de condão
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Boletim musical; Correio dos salões
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Uma estampa de figurino de baile e outra de passeio
	Autores	Christina; B.; D. M. C. da S. Sequeira; Joantina; Beijamim; A. Dupin
	Outros	A encarcerada de Newgate <sup>117</sup> (estória)
16/07	Poesias	O meu segredo; A saudade; Pensativa; Adormecida
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de passeio
	Autores	Christina; Francina Osenia; A. Dupin; D. M. C. da S. Sequeira; Lerack de Sá; Peixinho
	Outros	A encarcerada de Newgate (estória); Minhas distrações Novo modo de pedir uma moça em casamento (estória)

<sup>117</sup> Trata-se de uma estória traduzida, no entanto, não há referência sobre adaptações ou sobre o tradutor.

23/07	Poesias	Ballada
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário para grande reunião, para estar em casa no inverno e outro de passeio
	Autores	Christina; Francina Oscenia; Ayres da Serra de Souto Maior; Joaquina
	Outros	Amor, ciúme e vingança (novela); Anedota; Charada
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Correio dos salões
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de noiva e padrão de bordados
	Autores	Christina; Ayres da Serra de Souto Maior; Beijamim
	Outros	Amor, ciúme e vingança (novela); Minhas distrações; fandango; Charada

<b><u>Agosto 1854</u></b>		
06/08	Poesias	Teu nome
	Artigos	Modas; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de baile
	Autores	Christina; Pereira da Silva; leonor G***; Joséfon
	Outros	Amor, ciúme e vingança (novela); O número oito; Andeotas; Charadas

13/08	Poesias	A órfã e seu anjo; Oremos minha irmã
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões; Mulheres celebres (letra F); Boletim musical
	Romances	A rosa do sepulcro
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de estar em casa e outro de passeio
	Autores	Christina; Francina Oscenia; D. M. C. da Silveira Sequeira; Lerack de Sá;
	Outros	-
20/08	Poesias	Poesia;
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados; Mulheres celebres (letra G); Correio dos salões;
	Romances	A rosa do sepulcro;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Francina Oscenia; Christina; Ayres da Serra de Souto Maior; Beijamim
	Outros	A Felicidade (imitação do espanhol); Charadas
27/08	Poesias	Estrela D'Alva
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; A festa da Glória; Mulheres celebres (letra F)
	Romances	A rosa do sepulcro
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio e outro de estar em casa
	Autores	Christina; B...; D. M. de O. Quintana; Costa Carvalho
	Outros	O artista e o moço rico; o instituto Pio de S. Joaquim; Aniversário do Imperador Napoleão I

<b><u>Setembro 1854</u></b>		
03/09	Poesias	Meu sonho morto; Um pensamento
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Mulheres celebres (letra G); Boletim teatral
	Romances	A rosa do sepulcro
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Uma estampa de figurino de baile e outra de passeio
	Autores	Francina Oscenia; B...; Onnocencio Rego; E. Adelaide da S.Pinto; I. R.
	Outros	Um casamento A'Daguerreotypo; Modo de conhecer pelo pulso a que distancia está a trovoada; Anedota; Charada
10/19	Poesias	Á Laiju
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa
	Romances	A rosa do sepulcro
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois vestuários de passeio
	Autores	Christina; Joséfon
	Outros	Um inseto; O amor perfeito (sobre a flor); Anedotas; Máximas populares; Adivinhação; Charada
17/09	Poesias	Pensas em mim; Noite
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Boletim musical
	Romances	A rosa do sepulcro;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino de passeio
	Autores	Chrisitna; Inocenncio Rego; Joantina
	Outros	Pensamentos; Anedotas; Charada
24/09	Poesias	Eu vi-te

Artigos	Sociedade de S. Vicente de Paula; Belas artes; Correio dos salões
Romances	A jarra quebrada
Cartas	-
Partituras	-
Estampas	Padrão de bordados
Autores	B. Beijamim;
Outros	Minha última noite; Arte de ouvir; máximas; Charadas

<b><u>Outubro 1854</u></b>		
01/10	Poesias	Improviso; No álbum de um poeta; Mote; Noite; A felicidade
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	A jarra quebrada
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de passeio
	Autores	Alina; A. J. dos Santos Neves; L. A. Palmeirim; Dona Augusta de S. P.; Dona Joanna de Noronha; Julieta
	Outros	Frei Luiz de Sousa ; Pensamentos; Charadas
08/10	Poesias	Porque te amo?; Escuta-me;
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Arcádia fluminense
	Romances	
	Cartas	
	Partituras	
	Estampas	Figurino de meninas e de senhora em casa
	Autores	Alina; M. C.; Innocencio Rego;
	Outros	Rosa e tesouro (conto de fada); O amor de uma mulher e o amor de um homem (confrontação); Uma praga dos turcos; Batismo na Russia; Charada
15/10	Poesias	-
	Artigos	Dia 15 de outubro; Crônica dos salões; Descrição da estampa;

		Pequenos abusos; Boletim musical;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de passeio na cidade;
	Autores	Alina; Viscondessa da...; Joantina;
	Outros	A primeira mentira (estória); O amor de uma mulher e o amor de um homem; Anedota
22/10	Poesias	O eco;
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados; pequenos abusos; Boletim musical
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; Elisa (tradução); Aureliano José Lessa; J. R.;
	Outros	A primeira mentira <sup>118</sup> ; Uma historieta; Charada
29/10	Poesias	Coração; Desespero; Alegoria
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de estar em casa e receber visita e outro de passeio
	Autores	Alina; Luiz Augusto Palmeirim; Joséfon; D. N. de L.(tradução)
	Outros	Sina má, bem mal merecida!; Flavio <sup>119</sup> (trecho histórico); Anedotas; Charada

<sup>118</sup> Trata-se de uma obra traduzida, no entanto, autor e título do original não são citados.

<sup>119</sup> Trata-se de uma obra traduzida, no entanto, autor e título do original não são citados.

<b><u>Novembro 1854</u></b>		
05/11	Poesias	Poemas extraídos do periódico <i>Ilustração brasileira</i> ; Simpatia; A rosa perdida; Ai de mim
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuários de estar em casa e outro de passeio
	Autores	Alina; Francisco Ramiro de Assis Coelho; Manoel Joaquim da ilveira; Francisco Ignacio de Carvalho Moreira; Fre Francisco de Monte Alverne; Bispo Chrysopolis; Dr. Antonio Felix Martins; Visconde de Olinda; Barão de Boa Vista; José Maria do Amaral (Ministro do Brasil no Uruguai); General D. Thomaz Guido; Silva Rabello; Innocencio Rego
	Outros	A manta (estória); Charadas
12/11	Poesias	À uma rola; À minha filha
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Correio dos salões; Boletim teatral;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de estar em casa e outro de passeio
	Autores	Alina; Guilhermina Santos; Joséfon; Q.B; Beijamim; Julieta
	Outros	A manta; Charada
19/11	Poesias	Sorte das flores;
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Pequenos abusos; Belas artes
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de soirée e de passeio

	Autores	Alina; Joséfon; Dr. B. A.; B.; Louis Plassa;
	Outros	A manta (estória); Uma noite de luar (estória); Biografia;
26/11	Poesias	A bonina e a rosa; Saudades
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados; O baile – Recreação Pilarense; A roda e a rosa; Modo por que os Índios põem o nome às crianças
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados;
	Autores	Alina; J. M. L. Coelho; M. Emile Girardin
	Outros	O último amor; O cão voador (conto); Charada

<b><u>Dezembro 1854</u></b>		
03/12	Poesias	A jovem mãe; O canto da Andaluza; Mote;
	Artigos	Dois de Dezembro (sobre o aniversário de D. Pedro II); Crônica dos salões; Descrição da estampa; A avareza; Inveja e emulação; desprezo do mundo; Charada
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de receber visita em casa e outro de passeio
	Autores	Alina; Joséfon; R. de Sá; Emile Girardin; Julieta
	Outros	O último amor (estória); O cão voador (conto)
10/12	Poesias	À uma amiga; O lírio; O enjeitado
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; A família
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurino pára senhora estar em casa e de passeio para crianças



	Autores	Alina; D. Francisca Luiza da Costa; Anonymo; J. T. de S. Pimentel; Condessa de Bradi;
	Outros	O último amor(estória); O cão voador (estória); Anedota; Charada
17/12	Poesias	Mistério; A violeta;
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Potichomania <sup>120</sup>
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de fazer visita e outro de estar em casa e receber visita
	Autores	Alina; A. T. de Machado. Emile Girardin
	Outros	O último amor (estória); O cão voador; Anedotas
24/12	Poesias	Ao Deus infante (hino)
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados Comemoração (O Natal); O presépio;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina
	Outros	O último amor; Anedotas; Charadas
31/12	Poesias	Adoração
	Artigos	Despedida ao velho ano; Crônica dos salões; Descrição da estampa; Despedida do ano; O Natal sueco;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Moldes de manteletes

<sup>120</sup> Forma de pintar vasos de vidro ou de cristal.

Autores	Alina; Lopes de Mendonça
Outros	O último amor (estória); Charada; Aviso aos nossos assinantes; A redação do Jornal das Senhoras

<b><u>Janeiro 1855</u></b>		
07/01	Poesias	Os magos; Natus est Jesus
	Artigos	O ano novo; Crônica dos salões; Descrição da estampa; Dia de reis; Boletim musical;
	Romances <sup>121</sup>	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de estar em casa, um de passeio e outro vestuário para menina de um ano.
	Autores	Alina; J. G. de Barros e Cunha; Dr. Symphronio; Corina; G. M.
	Outros	As três noites de natal; Preço de uma mulher africana (estória); Anedotas; Cradas
14/01	Poesias	Mamãe
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de estar em casa
	Autores	Alina. Carolina Coronado; Joséfon; Corina
Outros	As três noite de natal;	
21/01	Poesias	De que me serve a razão?;
	Artigos	Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarila
	Cartas	-

<sup>121</sup> “Esperamos que o vosso espírito fique satisfeito com a leitura dos romances escolhidos que vos oferecemos, originais ou traduzidos, sendo as traduções feitas por uma de nossas distintas colaboradoras que com muita benignidade se dignou tomar sobre si este encargo.” (Jornal das Senhoras, 1854, p. 1)

	Partituras	Elogio musical aos anos de Sua Majestade o Imperador
	Estampas	-
	Autores	Alina; Carolina Coronado; Silva Rabello; Corina; G. M.;
	Outros	As três noites de natal; Charada; Notícia
28/01	Poesias	Lágrimas de sangue; Mote
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados; Educação do sexo feminino; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados;
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Luiz Wilcoq; Baronesa da...; Corina;
	Outros	As três noites de natal; Notícia

<b><u>Fevereiro 1855</u></b>		
04/02	Poesias	Flor de cera; Lembrança
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Boletim musical; Conhecimentos modernos
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de manifetettes [?]
	Autores	Alina; Joséfon; Corina; L. J. de Alvarenga
	Outros	O pior de tudo (estória); O preço de um beijo (estória); Belo dito
11/02	Poesias	A borboleta
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-

	Estampas	Um figurino de estar em casa e outro de passeio
	Autores	-
	Outros	A mulher do negociante
18/02	Poesias	A uma jovem paulistana
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; O carnaval; Boletim musical; Despotismo
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de noiva e outro de passeio
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Salomon; Corina; D. Dorothea
	Outros	A irmã de caridade (estória); Hipérbole (estória); Anedotas; Charadas; Errata
25/02	Poesias	À O...; À um lenço
	Artigos	Crônica dos salões; educação do sexo feminino; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	Nova modinha brasileira
	Estampas	-
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; B. J. B. ...; T. Coquille; Baronesa da...; Joséfon; Corina; M. de Maricá
	Outros	A irmã de caridade (estória); diferentes idades (estória); Máximas e pensamentos

**Março 1855**

04/03	Poesias	Modinha; os olhos da virgem de luto
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Variedades (Da influencia da música); Etiqueta; Não é má peça~Boletim musical
	Romances	Jarilla; O condescendente
	Cartas	-

	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de soirée e outro de estar em casa
	Autores	Alina; F. Gomes da Silva; Tho. G. Filho; Fachinetti; Corina; Joséfon; Lucas José d'Alvarenga
	Outros	Anedota; Máximas e pensamentos; Charada
11/03	Poesias	
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados; Boletim musical; Igualdade
	Romances	Jarilla; O condescendente
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados;
	Autores	Alina; Elisa; Corina
	Outros	Tributo para os mortos (estória)
18/03	Poesias	Ovação poética
	Artigos	Di quatorze de março; Crônica dos salões;
	Romances	Jarilla; O condescendente
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Vestuário de baile
	Autores	Antonio José dos Santos Neves; Alina;
	Outros	-
25/03	Poesias	As flores
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa; Santa Thereza de Jesus; Boletim musical
	Romances	Jarilla;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de receber visita e outro de menino

	Autores	Alina; C. J.; Corina
	Outros	Máximas e pensamentos; Charada

<b><u>Abril 1855</u></b>		
01/04	Poesias	Versos à Santinha
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados;
	Romances	Jarilla; O condescendente
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Azevedo; O triste;
	Outros	Anedotas; Charada
08/04	Poesias	A morte de Judas
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	Jarilla; O condescendente;
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de estar em casa e outro de baile
	Autores	Alina; D. Carolins Coronado; A. Lima; J. J. L. P.; M. de Maricá
	Outros	Variedades (Barbaridades; Agradecimento ministerial; Máximas e pesamentos)
15/04	Poesias	Amor e ela; Ver e morrer
	Artigos	Crônicas dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla;
	Cartas	-
	Partituras	Valsa para piano
	Estampas	-
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; F. Gomes da Silva; Corina; Joséfon; Amélia
	Outros	As almas amorosas (estória); Variedades (Os olhos humanos;

		Dois gigantes; Charadas)
22/04	Poesias	O choro do infante
	Artigos	Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	Canção o Trovador
	Estampas	-
	Autores	Alina; Joséfon; Charles de a Rounat; Corina; Joséfon; M. de Maricá
	Outros	As almas amorosas (estória); Variedades (Os olhos humanos; Dos pigmeus; Máximas e pensamentos; Charadas)
29/04	Poesias	Um dia de saudade
	Artigos	Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	Melodia para piano
	Estampas	-
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; S.; Corina; Napoleão Bonaparte; Manoela E. de C. Peixoto
	Outros	Variedades (Os olhos humanos; Máximas e pensamentos; Charada)

<b><u>Maio 1855</u></b>		
06/05	Poesias	As duas palmeiras; Ele! Somente ele!
	Artigos	Crônica dos Salões;
	Romances	Jarilla
	Cartas	Às nossas assinantes
	Partituras	Uma melodia para piano
	Estampas	-
	Autores	Alina; D. Carolina Caronado; Soares d'Azevedo; Leontina; M. de

		Maricá; Amélia
	Outros	Um suicídio por amor (estória); Variedades (Os olhos humanos; Máximas e pensamentos; Charada)
13/05	Poesias	O retrato de uma cândida
	Artigos	Crônica dos salões;
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de baile e fantasia
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Benvenuto Cellini
	Outros	Um suicídio por amor (estória); Variedades ( Os olhos humanos)
20/05	Poesias	Vida sem vida
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino para soirée ou jantar e outro figurino para baile
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Silva Rabello; B. P.;
	Outros	Um suicido por amor (estória); Variedades (O nariz; Instrumentos rústicos dos russos); Advertência (renovação de assinatura ou cancelamento)
27/05	Poesias	Eu te dei meu amor
	Artigos	Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário para soirée ou jantar e outro para baile
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; I. R.; Eulália M. dos S. Pereira; C. D; M. de Maricá; Joséfon



	Outros	Um suicídio por amor (estória); Variedades (O nariz; Máximas e pensamentos; Charada); Advertência
--	--------	---

<b><u>Junho 1855</u></b>		
03/06	Poesias	Mais um anjo lá no céu
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Joséfon; Frederico Suolh [?]; Isidoro Bourden
	Outros	Os quatro Henriques (estória); Variedades (O nariz; Os costumes)
10/06	Poesias	A uma estrela
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de baile de meninos
	Autores	Alina; D. Carolina Coronada; F. G. da Silva; Corina; Joséfon
	Outros	O púlpito cinzento; Variedade (Órgão da vista; Anedota; Charada)
17/06	Poesias	Dorme?; Soneto; A ausência;
	Artigos	Modas; Crônica dos salões;
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de jantar
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Innocencio Rego; Henri Berthoud;

		Papagayo; M. de Maricá; Cl. Erand
	Outros	Um lance da sorte (estória); Variedades (órgão da vista); Anedota; Máximas e pensamentos
24/06	Poesias	Quem me dera...;
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de baile e outro de luto
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Silva Leal; Eugenio de Mirecourt; Corina
	Outros	História de uma rosa (estória)

<b><u>Julho 1855</u></b>		
01/07	Poesias	Ontem e hoje!
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; Carolina Coronado; Papagayo; P. de L. Innocencio Rego
	Outros	Rossini (Biografia); Variedades (Órgão do ouvido); Arrependimento e explicação; Seda tecida pelas aranhas; Um cão que falava; Anedota; Charada; Aviso
08/07	Poesias	Saudadaes
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de jantar; um toilette de menina e um vestuário de

		menina
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Eugenia de L.; B. G.;
	Outros	O carrasco de a...; Variedades (Órgão do ouvido); A estrela do sul; Uma indigestão de ouro; Máximas e pensamentos; Aviso
15/07	Poesias	
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões; Boletim musical
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de manhã, em casa
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Joséfon; P. de L.
	Outros	Os pupilos da guarda (estória); Variedades (Cinquenta anos depois; Orfã e ófão; Charada)
22/07	Poesias	A saudade roxa
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro vestuário de uma jovem senhora
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Evrad; Papagayo; P de L.
	Outros	Os pupilos da guarda (estória); Variedades (Órgão do ouvido); Anedota; Charada
29/07	Poesias	A virgem do mar
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; O pobre infeliz

	Outros	Os pupilos da guarda (estória); Variedades; Máximas e pensamentos; Charada
--	--------	--

<b><u>Agosto 1855</u></b>		
05/08	Poesias	Soneto; Soneto; Saudade roxa
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	Correspondência
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos com manteletes e chapéus
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Innocencio Rego; Papagayo; Escolástica P. de L.
	Outros	Variedades (Órgão do olfato; Para amor nada é impossível; Anegota; Charada)
12/08	Poesias	A uns anos
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de passeio
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Emilio Marco de Saint – Hilaire; Paulina de L.
	Outros	Os pupilos da guarda (estória); Variedades (Usos e costumes; Charada)
19/08	Poesias	Amor; A leviana
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos com manteletes e chapéus

	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; O pobre infeliz; L. P.; Hector de Coie; Cl. Evrard
	Outros	Um remédio violento (estória); Variedades (Órgão do olfato; Usos e costumes; Charada)
26/08	Poesias	Devaneio; O que amo; Desespero
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; Innocencio Rego; Emilia A. da S. Pinto; O pobre infeliz; escolástica P. de L.
	Outros	Um mendigo enriquecido; Variedades (Do tato; Usos e costumes; Charada biográfica)

<b><u>Setembro 1855</u></b>		
02/09	Poesias	Minhas recordações
	Artigos	Modas; Crônica dos salões; Descrição da estampa;
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Figurinos de passeio
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; E. C. F. de L; Paulina de L.
	Outros	A guerra das janelas (estória); Variedades (Máximas e pensamentos; Charada)
09/09	Poesias	A virgem
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-

	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de jovem entre 17 e 19 anos
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; J. H. C; Joséfon
	Outros	A guerra das janelas <sup>122</sup> ; Variedades (Do tato; Charada)
16/09	Poesias	Uliza, vagueia amor!; Serão saudades;
	Artigos	Modas; Descrição de estampa; Crônica dos salões;
	Romances	-
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um toilette de passeio, um para menina de 7 anos e outro toilette feminino para primeira comunhão
	Autores	Alina; D. Caroliona Coronado; O pobre infeliz; Innocencio Rego; Carlos Nodier
	Outros	Folhas arrancadas de um livro desconhecido; Variedades; Logogrifo
23/09	Poesias	-
	Artigos	Modas; Explicação do padrão de bordados; Crônica dos salões; Sobre a autora do romance D. Carolina Coronado
	Romances	Jarilla
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; D. Carolina Coronado; P. de L.; Carlos Nodier
	Outros	Folhas arrancadas d um livro desconhecido; Variedades (Usos e costumes)
30/09	Poesias	É a alva guia!... Um riso
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	A promessa cumprida ou o sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-

<sup>122</sup> Extraído do jornal *Figoro*.

	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de sair e outro de estar em casa
	Autores	Alina; Joséfon; O pobre infeliz; escolástica P. de L.
	Outros	Variedades (Usos e costumes; Charada geográfica)

<b><u>Outubro 1855</u></b>		
07/10	Poesias	Amanhã; O beijo no ar
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; crônica dos salões
	Romances	A promessa cumprida ou sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de noiva e outro de passeio
	Autores	Alina; Joséfon; D. M. de O. Quintana
	Outros	-
14/10	Poesias	Uma lágrima; Mote
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	A promessa cumprida ou o sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois figurinos de passeio
	Autores	Alina; Joséfon; P. N. B. Ferreira; Papagayo
	Outros	Charadas
21/10	Poesias	O gênio dos tumultos; Uma lágrima
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados;
	Romances	A promessa cumprida ou o sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; Joséfon; Cruz Junior;
	Outros	Charada

28/10	Poesias	Mote
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; crônica dos salões;
	Romances	A promessa cumprida ou o sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio e outro de estar em casa
	Autores	Alina;
	Outros	Charada

**Novembro 1855**

04/11	Poesias	
	Artigos	Modas; descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	A promessa cumprida ou o sonho realizado; O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	-
	Autores	Alina; Joséfon;
	Outros	-
11/11	Poesias	A Exma. Sra. Viscondessa da Estrella
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um vestuário de passeio e outro de menina de 7 anos
	Autores	Alina; Papagayo; Paulina de L.
	Outros	Confissão (Papagayo confessa ser mulher); Charada
18/11	Poesias	Uma lágrima a furto
	Artigos	Crônica dos salões; Explicação do padrão de bordados
	Romances	O pobre Matheus



	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; Joséfon; C. M. P. de L.
	Outros	Charada
25/11	Poesias	-
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Dois figurinos de passeio
	Autores	Alina;
	Outros	Anuncio

<b><u>Dezembro 1855</u></b>		
02/12	Poesias	
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de banho e outro de passeio
	Autores	Alina
	Outros	Variedades (Os azects); Charadas
09/12	Poesias	Um pedido inocente; Maldita seja a hora em que o amei
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões;
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de banho e outro de estar em casa

	Autores	Alina; Papagayo; J. B. Matheus
	Outros	Variedades (Novo método de destruição; Um preso por vontade)
16/12	Poesias	Conselho epigramático e verídico; A memória de uma irmã; Festiva canção
	Artigos	Crônica dos salões; explicação do padrão de bordados;
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Padrão de bordados
	Autores	Alina; Papagayo; L. S. P. Cruz Junior; Inoccencio Rego; C. Nodier
	Outros	Variedades (Folha arrancada de um livro desconhecido); Charadas
25/11	Poesias	A vida
	Artigos	Modas; Descrição da estampa; Crônica dos salões
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	-
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de passeio para menino e outro para menina
	Autores	Alina; J. B. Matheus; Joséfon;
	Outros	Variedades (Bulimia); O moinho cego; Charadas
30/12	Poesias	
	Artigos	Modas; Descrição ad estampa; Crônica dos salões
	Romances	O pobre Matheus
	Cartas	Às nossas assinantes (Até 1857)
	Partituras	-
	Estampas	Um figurino de estar em casa e outro de passeio
	Autores	Alina; J. B. Matheus; A. de Bernard
	Outros	Máximas e pensamentos; Anuncio